

Luís Miguel Faria de Oliveira

O ENSINO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA:
DA INICIAÇÃO À REFLEXÃO



Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Departamento das Ciências de Educação e do Património

março de 2014

Luís Miguel Faria de Oliveira

O ENSINO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA: DA INICIAÇÃO À REFLEXÃO

Relatório de Prática Pedagógica apresentado à Universidade Portucalense Infante D. Henrique para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Marta Abelha
Consultora Científica para a História: Professora Doutora Isabel Freitas
Consultor Científico para a Geografia: Professor Doutor Bruno Martins

Orientadores de Estágio:

Professores: Mónica Costeira e Ricardo Ferreira



Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Departamento das Ciências de Educação e do Património

março de 2014

Resumo

O presente relatório de estágio de Prática Pedagógica no Ensino da História e da Geografia tem como objetivo dar a conhecer a todos os leitores a nossa intervenção educativa, mais concretamente a acção como professor estagiário em duas turmas do Colégio da Trofa, uma do 9º ano e outra do 11º ano de escolaridade durante o ano lectivo de 2012/2013.

Tendo em conta essa intervenção, outro dos objetivos deste relatório é reconhecer a importância da reflexão, pois o professor que pensa e questiona permanentemente sobre as suas práticas está mais aberto à inovação e mais propenso a melhorar os seus saberes e metodologias/estratégias.

De salientar ainda que o presente trabalho, sob a forma de relatório da Prática Pedagógica, é essencialmente uma súmula das atividades inerentes à nossa prática pedagógica no Ensino da História e Geografia. Durante o mesmo serão explanadas todas as atividades desenvolvidas.

Paralelamente, e enquanto documento reflexivo, este relatório procura contribuir para uma consciencialização face aos futuros desafios com que nos depararemos enquanto professores de História e/ou Geografia.

No que diz respeito ao desenvolvimento dos alunos, percebemos a importância na selecção das metodologias e estratégias corretas que irão potenciar o aumento da motivação, participação, auto descoberta e consequente conhecimento dos alunos.

As conclusões apoiam-se num conjunto de dados de observação e de inferências resultantes do decorrer da prática pedagógica.

Fez se também um estudo sobre as metodologias aplicadas pelos professores de História e Geografia, em sala de aula.

Palavras-chave: Prática Pedagógica, Reflexão, Docente Estagiário, Aluno.

Abstract

The present report of the Pedagogical Practice in the teaching of History and Geography aims to describe to all the readers the context associated to its achievement, more exactly, our action as a teacher in two classes of Trofa's College, one of ninth year and another of the eleventh year during the academic year of 2012/2013.

For this purpose, another objective of this report is to recognize the importance of reflection, because the teacher that thinks and questions himself frequently about his practice is more opened to innovation and more able to improve his knowledge and methods.

We have also to emphasize that the present work, while probation report, is essentially a summary of all activities related to Pedagogical Practices in History and Geography teaching. In its development will be described all the activities carried out during the Pedagogical Practice.

At the same way, this is a reflective document, therefore, this study intends to be an awareness towards the future and all the challenges that will be ahead of us as future History and Geography teachers.

In what concerns to the students development, we have realized the importance on selection the right methodologies and strategies that will improve their motivation, participation, self-discovery and consequent knowledge.

The conclusions are the result of a set of observation data and of inferences made during the classes.

There was also a study on the methodologies applied by history and geography teachers in the classroom.

Keywords: Pedagogical Practice Scope, Reflection, Trainee Teacher, Student.

Agradecimentos

O desenvolvimento de um trabalho desta natureza, embora seja de caráter individual, envolve todo um contributo de diversas pessoas, que enriquecem e tornam possível a sua concretização. Neste sentido dirijo os meus sinceros agradecimentos:

Às Professoras Doutoras Marta Abelha e Ana Sílvia Albuquerque, pela sua constante disponibilidade na orientação deste relatório, durante a qual a sua atenção e preocupação, os valiosos conhecimentos científicos transmitidos, as críticas e sugestões oportunas se revelaram uma mais-valia.

À Professora Doutora Isabel Freitas e ao Professor Doutor Bruno Martins, pela sua simpatia e pela forma atenciosa como colaboraram sem hesitar na transmissão de conhecimentos para a parte pedagógica da História e Geografia respetivamente.

Aos Professores da Orientação Tutorial e Seminários, O Professor Doutor José Manuel Tedim, a Professora Doutora Ana Sílvia Albuquerque e o Professor Doutor João Bessa Santos.

Aos Professores Cooperantes do Colégio da Trofa, respetivamente a Professora Mónica Costeira (Geografia) e o Professor Ricardo Ferreira (História), pela acessibilidade, disponibilidade, carinho, confiança e saber demonstrados durante todo o meu estágio pedagógico.

Aos meus colegas de Mestrado, especialmente aos que comigo estagiaram no Colégio da Trofa, a saber: o Alfredo Caseiro, o Tiago Canhota e o José Luís. Não poderia esquecer ainda as minhas colegas Patrícia Martins e Márcia Carvalhido.

E por fim, um agradecimento muito especial, aos meus pais, aos meus irmãos e à Júlia por toda a confiança, carinho, compreensão e incentivo.

“Tenho verificado que as melhores aulas da minha vida surgiram de repente,
por causa de uma palavra, de uma insignificância em que eu não pensara
antes ...”.

Sebastião da Gama (1958, p. 75), *in* Diário.

Introdução	25
Capítulo 1	
1. Descrição do Contexto da prática pedagógica	29
1.1 Caracterização da instituição de acolhimento	29
1.2 Descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição	31
Capítulo 2	
2. Explicitação do plano de Prática Pedagógica em História	35
2.1 Explicitação do plano de Prática Pedagógica em História	35
2.1.1 Cronograma das atividades	35
2.1.2 Caracterização da Turma	37
2.2 Explicitação do plano de Prática Pedagógica em Geografia	41
2.2.1 Cronograma das atividades	41
2.2.2 Caracterização da turma	43
Capítulo 3	
3. Descrição e fundamentação das atividades de Prática Pedagógica	49
3.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História	50
3.2 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia	62
3.3 Participação na escola e relação com a comunidade	75
Capítulo 4	
4. Reflexão crítica fundamentada sobre os resultados de aprendizagem	77
4.1 Avaliação sumativa em História	77
4.2 Avaliação sumativa em Geografia	79
4.3. Estudo – Metodologias de Ensino em História e Geografia	82
4.3.1 A amostra	82
4.3.2 Estudo – Metodologias de Ensino em História	83
4.3.3 Estudo – Metodologias de Ensino em Geografia	98
5. Desenvolvimento profissional docente	120
Conclusão	125
Referências Bibliográficas	129
Anexos	137

Índice de Gráficos

	Página(s)
Gráfico 1 - Idade e sexo dos alunos (9ºB)	37
Gráfico 2 - Proveniência dos alunos (9ªB)	38
Gráfico 3 - Número de irmãos (9ºB)	38
Gráfico 4 - Escolaridade dos pais (9ºB)	39
Gráfico 5 - Disciplinas preferidas dos alunos (9ºB)	39
Gráfico 6 - Disciplinas que os alunos gostam menos (9ºB)	40
Gráfico 7 - Ocupação dos tempos livres (9ºB)	40
Gráfico 8 - Idade e sexo dos alunos (11ºB)	44
Gráfico 9 - Proveniência dos alunos (11ºB)	44
Gráfico 10 - Número de irmãos (11ºB)	45
Gráfico 11 - Escolaridade dos pais (11ºB)	45
Gráfico 12 - Disciplinas preferidas dos alunos (11ºB)	46
Gráfico 13 - Disciplinas que os alunos gostam menos (11ºB)	47
Gráfico 14 - Ocupação dos tempos livres (11ºB)	47
Gráfico 15 - Classificações da pergunta 2 (Teste Sumativo de História - 9ºB)	79
Gráfico 16 - Classificações do Teste Sumativo de Geografia (11ºB)	80
Gráfico 17 - Classificações das perguntas 1.1 e 1.2 (Teste Sumativo de Geografia - 11ºB)	81
Gráfico 18 - Distribuição etária e sexo dos inquiridos em História	84
Gráfico 19 - Distribuição do sexo dos inquiridos em História	84
Gráfico 20 - Distribuição etária dos alunos inquiridos em História	84
Gráfico 21 - Número de irmãos dos alunos inquiridos em História	85
Gráfico 22 - Agregado familiar dos alunos inquiridos em História	86
Gráfico 23 - Retenções verificadas nos alunos inquiridos em História	88
Gráfico 24 - Frequência de estudo dos alunos inquiridos em História	88
Gráfico 25 - Locais de estudo dos alunos inquiridos em História	89
Gráfico 26 - Auxílio no estudo prestado aos alunos inquiridos em História	89
Gráfico 27 - Negativas obtidas pelos alunos inquiridos em História	90
Gráfico 28 - Notas muito boas obtidas pelos alunos inquiridos em História	91
Gráfico 29 - Interesses dos alunos inquiridos pela disciplina de História	92
Gráfico 30 - Temas da História que despertam mais interesse nos inquiridos	93

Gráfico 31 - Razões dos inquiridos para o desinteresse na História_____	94
Gráfico 32 - Temas da História que despertam menos interesse_____	94
Gráfico 33 - Atividades de História realizadas nas aulas dos inquiridos_____	96
Gráfico 34 - Recursos utilizados nas aulas de História segundo os inquiridos_____	97
Gráfico 35 - Utilização das TIC nas aulas de História segundo os inquiridos_____	97
Gráfico 36 - Distribuição etária e sexo dos alunos inquiridos em Geografia_____	99
Gráfico 37 - Distribuição do sexo dos alunos inquiridos em Geografia_____	99
Gráfico 38 - Distribuição etária dos alunos inquiridos em Geografia_____	100
Gráfico 39 - Número de irmãos dos alunos inquiridos em Geografia_____	101
Gráfico 40 - Agregado familiar dos alunos inquiridos em Geografia_____	102
Gráfico 41 - Retenções verificadas nos alunos inquiridos em Geografia_____	103
Gráfico 42 - Frequência de estudo dos alunos inquiridos em Geografia_____	105
Gráfico 43 - Locais de estudo dos alunos inquiridos em Geografia_____	106
Gráfico 44 - Auxílio no estudo prestado aos alunos inquiridos em Geografia_____	107
Gráfico 45 - Negativas obtidas pelos alunos inquiridos em Geografia_____	108
Gráfico 46 - Notas muito boas dos alunos inquiridos em Geografia_____	111
Gráfico 47 - Interesses dos alunos inquiridos pela disciplina de Geografia_____	112
Gráfico 48 - Razões dos inquiridos para o desinteresse na Geografia_____	114
Gráfico 49 - Temas da Geografia que despertam interesse nos inquiridos_____	115
Gráfico 50 - Atividades de Geografia realizadas nas aulas dos inquiridos_____	117
Gráfico 51 - Recursos utilizados nas aulas de Geografia segundo os inquiridos_____	118
<hr/>	
Gráfico 52 - Utilização das TIC nas aulas de Geografia segundo os inquiridos_____	119
<hr/>	

Índice de quadros

Página(s)

Quadro 1 - Aulas leccionadas na disciplina de História _____	35
Quadro 2 - Aulas observadas do Orientador Cooperante de História _____	36
Quadro 3 - Aulas observadas dos colegas de estágio em História _____	36
Quadro 4 - Atividades organizadas no âmbito da História _____	36
Quadro 5 - Reuniões presenciadas no âmbito da disciplina de História _____	36
Quadro 6 - Aulas leccionadas na disciplina de Geografia _____	41
Quadro 7 - Aulas observadas da Orientadora Cooperante de Geografia _____	41
Quadro 8 - Aulas observadas dos colegas de estágio em Geografia _____	42
Quadro 9 - Atividades organizadas no âmbito de Geografia _____	42
Quadro 10 - Reuniões presenciadas no âmbito da disciplina de Geografia _____	42
Quadro 11 - Reuniões de conselhos de Turma e de Departamento _____	43

Lista de anexos

Página(s)

Anexo 1 - Ata reunião Departamento Ciências sociais e Humanas _____	137
Anexo 2 - Ata Conselho de Turma 9ºB _____	139
Anexo 3 - Ata Conselho de Turma 11ºB _____	141
Anexo 4 - Ata da reunião de preparação das regências de História _____	143
Anexo 5 - Plano de aula (primeira aula de História) _____	144
Anexo 6 - <i>Powerpoint</i> utilizado na primeira aula de História _____	148
Anexo 7 - Ficha formativa utilizada na primeira aula de História _____	154
Anexo 8 - Correção e respectivos critérios utilizados na ficha formativa _____	157
Anexo 9 - Resultados da ficha formativa _____	162
Anexo 10 - Grelha de observação de sala de aula _____	163
Anexo 11 - Ata da reunião pós primeira aula observada de História _____	164
Anexo 12 - Plano de aula (segunda aula de História) _____	166
Anexo 13 - <i>Powerpoint</i> utilizado na segunda aula de História _____	170
Anexo 14 - Palavras cruzadas utilizadas na segunda aula de História _____	173
Anexo 15 - Atividade de avaliação formativa de História _____	174
Anexo 16 - Correção e respetivos critérios da actividade de avaliação _____	175
Anexo 17 - Resultados do instrumento de avaliação _____	177
Anexo 18 - Grelha de observação de sala de aula _____	178
Anexo 19 - Ata da reunião pós segunda aula observada de História _____	179
Anexo 20 - Ata da reunião de preparação das regências de Geografia _____	182
Anexo 21 - Plano de aula (primeira aula de Geografia) _____	183
Anexo 22 - <i>PowerPoint</i> utilizado na primeira aula de Geografia _____	186
Anexo 23 - <i>Quiz</i> utilizado na primeira aula de geografia _____	191
Anexo 24 - Correção do <i>Quiz</i> _____	193
Anexo 25 - Resultados do <i>Quiz</i> _____	195
Anexo 26 - Grelha de observação de sala de aula _____	196
Anexo 27 - Ata da reunião pós primeira aula observada de Geografia _____	197
Anexo 28 - Plano de aula (segunda aula de Geografia) _____	199
Anexo 29 - <i>PowerPoint</i> utilizado na segunda aula de Geografia _____	202
Anexo 30 - Ficha formativa utilizada na segunda aula de Geografia _____	207

	Página(s)
Anexo 31 - Correção e respectivos critérios utilizados na ficha formativa	211
Anexo 32 - Resultados da ficha formativa	218
Anexo 33 - Grelha de observação de sala de aula	219
Anexo 34 - Ata da reunião pós segunda aula observada de Geografia	220
Anexo 35 - Materiais utilizados na Exposição “Semana da Europa”	222
Anexo 36 - Parte do PeddyPaper utilizado na exposição	223
Anexo 37 - Fotos tiradas num dos dias da exposição	224
Anexo 38 - Imagens do documentário exibido no âmbito do 25 de abril	225
Anexo 39 - Teste de Avaliação Sumativo de História	226
Anexo 40 - Classificações obtidas no Teste Sumativo de História (9ºB)	230
Anexo 41 - Teste de Avaliação Sumativo de Geografia	231
Anexo 42 - Classificações obtidas no Teste de Avaliação Sumativa de Geografia	233
Anexo 43 - Questionário de História aplicado a duas turmas	234
Anexo 44 - Questionário de Geografia aplicado a três turmas	238

Lista de abreviaturas

Principais abreviaturas usadas durante este relatório:

CT – Colégio da Trofa

EUA – Estados Unidos da América

INE - Instituto Nacional de Estatísticas

PAA - Plano Anual de Atividades

PEC - Projeto Educativo do Colégio

PCC - Projeto Curricular do Colégio

PCT - Projeto Curricular de Turma

PP – *Microsoft PowerPoint®*

RI - Regulamento Interno

RTE – Redes Transeuropeias

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UE – União Europeia

UPT - Universidade Portucalense

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

INTRODUÇÃO

A realização do presente relatório insere-se no âmbito do Mestrado em Ensino da História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Secundário, da Universidade Portucalense. Este Relatório é o culminar deste Mestrado e o seu título é: “O ensino da História e Geografia: da iniciação à reflexão”. A escolha deste tema deveu-se à nossa séria ambição em sermos um bom professor no futuro exercício desta profissão. Possuímos legítimas pretensões em sermos bons profissionais, atualizados cientificamente, nos recursos e estratégias/metodologias a empreender na sala de aula, sem nunca esquecermos a componente humana e afetiva.

Na nossa opinião, para que um determinado professor realize um trabalho com qualidade é necessário também, para além dos aspetos referidos anteriormente, que este possua uma forte componente crítica e reflexiva. No entanto, essa componente reflexiva deverá ser efectiva, genuína e constante. A respeito disto, Philippe Perrenoud refere: “Todos nós reflectimos na acção e sobre a acção, e nem por isso nos tornámos profissionais reflexivos. É preciso estabelecer a distinção entre a postura reflexiva do profissional e a reflexão episódica de todos nós sobre o que fazemos.” (2002, p. 13).

Assim, um dos objectivos deste relatório é reflectirmos efectivamente sobre a nossa prestação durante a Prática Pedagógica. Estamos no entanto perfeitamente conscientes de que “... não é possível fazer tudo na formação inicial, principalmente quando ela se limita a um ou a dois anos de formação profissional” (Clerc, 1995, citado por Perrenoud (2002, pp. 16-17). Concordámos perfeitamente com o autor, ainda mais porque este estágio se desenvolve num hiato temporal bem mais reduzido, mais concretamente, um semestre. Assim, a nossa atenção durante o mesmo esteve centrada em não abranger “um pouco de tudo”, mas em realizarmos escolhas, renunciarmos com ponderação e definirmos prioridades. A nossa atuação durante esta Prática Pedagógica baseou-se em muito na próxima afirmação de Perrenoud, que refere: “A formação de bons professores tem a ver, acima de tudo, com a formação de pessoas capazes de evoluir, de aprender de acordo com a

experiência, reflectindo sobre o que gostariam de fazer, sobre o que realmente fizeram e sobre os resultados de tudo isso.” (*ibidem*, 2002, p. 17).

Escolhemos este tema pois consideramos ainda que a formação inicial tem de preparar o futuro professor para reflectir sobre a sua prática, para criar modelos e para desenvolver a sua capacidade de observação, análise, metacognição e metacomunicação.

Procurámos ainda evitar erros que poderão surgir de alguma cegueira resultantes da falta de lucidez, experiência e método. Alguns profissionais têm a habilidade de rejeitar a responsabilidade por tudo aquilo que não dá certo, culpando os outros, atribuindo a culpa ao inesperado ou à ausência de sorte; outros, ao invés, acusam-se de todas os erros batendo incessantemente no peito reconhecendo perante tudo e todos a sua culpa. Nenhum destes comportamentos, que tentámos evitar durante este importante período, contribuem para uma real e efectiva prática reflexiva, já que nenhuma delas provoca um verdadeiro trabalho de análise correta e verdadeira.

Saliente-se ainda o facto de que inúmeras actividades desenvolvidas no estágio foram pensadas e desenvolvidas conjuntamente, num espírito de, colaboração, cooperação e entreaajuda, entre todos os colegas do núcleo de estágio, nomeadamente os professores Luís Oliveira, Alfredo Almeida, Tiago Canhota e José Oliveira.

A Prática Pedagógica em contexto de escola foi acompanhado pela orientadora pedagógica, professora doutora Marta Abelha, pela orientadora científica para a História, professora doutora Isabel Freitas, pelo orientador científico para a Geografia, professor doutor Bruno Martins, e pelos orientadores cooperantes na escola, para a História, o professor Ricardo Ferreira e para a Geografia, a professora Mónica Costeira.

O apoio e disponibilidade de todos estes orientadores foi fundamental e imprescindível para o sucesso desta formação.

Saliente-se agora também que o presente relatório tem como objetivos para este ciclo de estudos, e conforme definido nas normas regulamentares da Universidade Portucalense (2013):

- Adquirir e desenvolver competências no âmbito do desempenho docente na área da História e da Geografia;

- Aprofundar conhecimentos nas áreas científicas de História e de Geografia;
- Adquirir conhecimentos e competências nas áreas das didáticas específicas;
- Iniciar a prática profissional e obter formação em áreas fundamentais para o exercício da docência;
- Conhecer a escola, os seus atores e a comunidade envolvente;
- Aplicar o campo da ética e da deontologia profissional no exercício pessoal do serviço público de educação e ensino;
- Demonstrar capacidades investigativas, de pesquisa e problematização nas áreas de Ensino de História e Geografia;
- Conceber e desenvolver projetos educativos que, sustentados em processos de monitorização e avaliação, contribuam para a eficácia do Ensino de História e Geografia;
- Conceber projetos pedagógicos para integração de tecnologias educativas nas práticas educativas do Ensino de História e Geografia;
- Desenvolver atitudes práticas que permitam fazer do processo de ensino e de aprendizagem um campo de investigação permanente;
- Desenvolver a capacidade de reflexão do professor sobre a prática docente, consciencializando decisões, condutas e dilemas.

De todos estes objectivos que pretendemos alcançar, sendo que todos eles assumem óbvia e vital importância, destacamos especialmente o último. Para o atingir iremos descrever e refletir sobre o nosso desempenho ao longo da Prática Pedagógica. Essa reflexão será realizada e focalizada na nossa prestação enquanto docente estagiário que lecionou um total de quatro aulas observadas a duas turmas (9ºB e 11º B). Essa reflexão incidirá na selecção das estratégias utilizadas na leccionação dessas mesmas aulas, na escolha dos recursos e na análise dos resultados obtidos através da avaliação formativa e sumativa.

Em suma, procuraremos assim realizar um balanço ao trabalho desenvolvido. Para tal, iremos numa fase inicial, descrever as nossas expectativas no que concerne à Prática Pedagógica. Numa segunda fase, iremos descrever as diferentes tarefas realizadas e os recursos utilizados na

sala de aula para, numa terceira e última fase, refletirmos sobre as opções adotadas e resultados alcançados.

Além da introdução e da conclusão, este trabalho é composto ainda por quatro capítulos. O primeiro capítulo faz referência à Descrição do Contexto da Prática Pedagógica, mais concretamente, a caracterização da instituição de acolhimento e a descrição das minhas funções enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição Colégio da Trofa (CT).

O capítulo 2 faz referência à Explicitação do Plano de Prática Pedagógica em Geografia e História. Neste âmbito iremos detalhar o cronograma de atividades e o diagnóstico de necessidades para ambas as disciplinas e respectivas turmas.

Em relação ao Capítulo 3, Descrição e Fundamentação das Atividades de Prática Pedagógica, iremos proceder a uma descrição das regências e fundamentar as escolhas tomadas durante as mesmas. Este capítulo conta ainda com uma explanação detalhada da nossa participação no Colégio e respetiva relação com a comunidade escolar.

Por fim, o quarto Capítulo incide fundamentalmente na realização de uma reflexão crítica fundamentada sobre os resultados da aprendizagem. Para além disso, iremos ainda proceder à análise e fundamentação dos dados obtidos a partir da implementação de um questionário a cinco turmas do CT. O objectivo deste questionário é aferirmos sobre a utilização de diversas metodologias de ensino no âmbito das disciplinas de História e Geografia.

Por fim, realizaremos a auto-avaliação e respectiva reflexão a todo o trabalho desenvolvido na Prática Pedagógica.

CAPÍTULO 1

1. Descrição do Contexto da prática pedagógica

1.1 Caracterização da instituição de acolhimento¹

A nossa Prática Pedagógica teve a duração total de 120 horas e foi realizada no âmbito do curso de Mestrado em Ensino da História e Geografia que decorreu no ano letivo 2012/2013 na instituição CT (Colégio da Trofa).

O núcleo de estágio era composto pelos professores estagiários Luís Oliveira, Alfredo Caseiro, José Luís da Silva Oliveira, e Tiago Canhota. Por sua vez os professores cooperantes foram os professores Ricardo Ferreira (História) e Mónica Costeira (Geografia).

Tendo em conta a referida Instituição de Acolhimento, devemos referir que os elementos presentes para a sua caracterização reportam-se ao ano lectivo de 2012/2013, e foram recolhidos a partir da:

- Análise de vários documentos internos da escola, dos quais se destacam o Projeto Educativo do Colégio (PEC), o Regulamento Interno (RI), e o Plano Anual de Atividades (PAA);
- Observação direta na escola através do contacto estabelecido com a comunidade escolar, principalmente, com os docentes cooperantes e restantes pares.

O CT está situado na Rua Rainha Santa Isabel, em pleno centro da cidade da Trofa. Da leitura do PEC, salienta-se a data da sua fundação, o ano de 1963, mais concretamente, o dia 7 de outubro. Segundo a sua página institucional², por esta altura assumiu a designação de Externato Nossa Senhora das Dores. Em 2008, com a passagem da posse do Colégio da Diocese do Porto para a firma Colégio da Trofa Lda., este passou a ter a designação pela qual ainda hoje é conhecido – Colégio da Trofa.

¹ A autorização para identificação do Colégio, foi diferida no mês de maio de 2013. Todos os elementos presentes nesta caracterização reportam-se ao ano letivo de 2012/2013, e foram recolhidos a partir da:

- Análise de vários documentos internos do Colégio, dos quais se destacam:
- O Projeto Educativo;
- O Regulamento Interno;
- O Plano Anual de Atividades;
- A Observação direta no Colégio e do contacto estabelecido com a comunidade escolar, principalmente, com os professores cooperantes.

² <http://www.colegiodatrofa.pt/> (consultado pela primeira vez a 02/03/2013)

Na fase inicial, o ex-Externato Nossa Senhora das Dores era detentor do Alvará nº 1808 passado pelo Ministério da Educação. Este Alvará autorizava a lecionação, em regime de Paralelismo Pedagógico, para a educação pré-escolar e os 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico. Desde o ano letivo de 2008/2009, o CT é detentor da Autorização Definitiva de Funcionamento DREN/Nº 228, de 1 de abril de 2009 para a Educação Pré-Escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundário.

Com a entrada dos novos proprietários, este Colégio sofreu profundas alterações nas suas infraestruturas físicas e também na oferta curricular disponibilizada. No Ensino Secundário registou-se a abertura de dois novos cursos, o curso de Ciências e o curso de Tecnologias e Ciências-Económicas.

A partir de 20 de dezembro de 2010, conforme ofício nº S/23091/2010 de 29/12/2010, foi renovado o Paralelismo Pedagógico aos 1º, 2º, 3º Ciclos e Secundário por um período de cinco anos, com efeitos a partir do ano letivo de 2009/2010 até final do ano letivo de 2013/2014.

A Constituição da República Portuguesa, a Lei de Bases do Sistema Educativo e os normativos emanados do Ministério da Educação são as traves mestras e referenciais da ação educativa do CT.

Uma das principais premissas deste Colégio é “... promover um ensino e educação de excelência, que a todos valorize e enriqueça. A disciplina, o rigor, o trabalho, o respeito e o prazer são os ingredientes insubstituíveis e incontornáveis que pretendem promover”. Neste contexto, os resultados escolares, nomeadamente ao nível do Ensino Secundário, são uma preocupação especial. No ranking das melhores Escolas Secundárias no ano letivo 2012/2013, e tendo como referência o site do Jornal público³, o Colégio da Trofa (CT) ocupou o nonagésimo primeiro lugar, num total de 612 escolas.

O conjunto de disciplinas, que constituem a matriz curricular dos diferentes níveis de ensino ministrados no Colégio está dividido por vários departamentos, tais como: o Departamento Curricular de Ciências Experimentais, que inclui as disciplinas Ciências da Natureza, Biologia, Geologia, Ciências Físico-Químicas, Física e Química; o Departamento Curricular de Línguas, que abrange as

³ <http://www.publico.pt/rankings-das-escolas/2013/secundario> (consultado em 20/11/2013)

disciplinas de Português, Inglês, Francês e Espanhol; o Departamento Curricular de Artes com as disciplinas de Educação Visual, Educação Visual e Tecnológica, Educação Tecnológica, Desenho, Geometria Descritiva e Educação Musical; o Departamento das Ciências Sociais e Humanas, que engloba as disciplinas de História, História e Geografia de Portugal, Economia, Geografia, Direito, Filosofia e EMRC (Educação Moral Religiosa e Católica); o Departamento das Ciências Exatas com as disciplinas de Matemática, MACS (Matemática Aplicada às Ciências Sociais), Tecnologias da Informação e Comunicação e também a disciplina de Aplicações Informáticas; o Departamento de Educação Física que inclui apenas a disciplina de Educação Física e por fim o Departamento Não Curricular, da qual fazem parte as disciplinas de Área de Projeto, Estudo Acompanhado e Educação Cívica.

O CT está implantado numa área total de cerca de 7 000 m² e dispõe de várias valências, das quais se destacam: a Mediateca/Biblioteca; o Auditório Polivalente; a Cantina em Self-Service equipada com o mais moderno equipamento hoteleiro; o Bar; os Laboratórios de física e química, Ciências Naturais/Biologia e Informática; o Pavilhão Desportivo; o Recinto Desportivo polivalente exterior; as 24 Salas de Aula; os Computadores com acesso à internet em todas as salas, os Laboratórios e Mediateca; os Serviços de Reprografia; a Horta Pedagógica e espaços de lazer específicos para os alunos da pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. De futuro irá ainda ser construída uma piscina, encontrando-se o projecto já aprovado.

Frequentaram o CT no ano letivo 2012/13, o número total de 608 crianças/alunos. Por sua vez, o número de docentes que lecionou no referido ano foi de 59 profissionais. O Colégio conta ainda com um psicólogo, 4 trabalhadores administrativos e 11 outros trabalhadores não docentes.

1.2 Descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição

As funções que desempenhámos enquanto professor estagiário encontram-se devidamente descritas no cronograma de atividades de estágio,

pelo que não procederemos para já considerações sobre a sua descrição. Todas as atividades vão sendo explicadas e justificadas ao longo deste estudo, mais particularmente no terceiro capítulo.

Enquanto estudantes da Prática Pedagógica possuímos a perfeita noção de que as sociedades modernas exigem por parte de todos os protagonistas ligados ao ensino que estes realizem um trabalho sério e dedicado.

A respeito dos desafios colocados a todos os intervenientes no processo de ensino e aprendizagem, Grilo refere:

“(…) as áreas da educação e da formação são talvez aquelas em que o desafio ganha maior dimensão, dado que a qualidade dos recursos humanos a formar no futuro e a requalificação dos recursos existentes constituem, seguramente, factores decisivos para a consolidação do modelo ou dos modelos onde se inserem as referidas mudanças estruturais” (2002, p. 44).

A este desafio referido pelo ex. Ministro da Educação, Marçal Grilo⁴, o CT dedica especial atenção. Esta instituição de Ensino Privado tenta preparar da melhor forma possível os seus alunos para o futuro. Para tal, é referido no PEC que todos têm regras a cumprir, sejam alunos, professores, ou funcionários. Para Direção do CT o cumprimento dessas regras são essenciais para que se possa promover um ensino e uma educação de excelência, que a todos valorize e enriqueça.

Assim, enquanto estagiários nesta instituição tornou-se necessário saber o que é esperado de um professor e quais os seus deveres inserido nesta instituição. Da análise dos artigos 69º e 70º do Regulamento Interno (RI), salientam-se de seguida os pontos mais importantes. Segundo o artigo 69º do RI, ser professor do CT é:

“... ser competente ao nível científico, pedagógico e humano – disciplinador, dedicado, empenhado; ser assíduo e pontual; ser leal ao Projeto Educativo; colaborar com os demais agentes educativos na melhoria das práticas pedagógicas, revelando um espírito colegial essencial à eficiência e eficácia no exercício das suas funções; ser criativo, inovador e disponível para a mudança e

⁴ Marçal Grilo é Licenciado (1966) e doutorado (1973) em Engenharia Mecânica pelo Instituto Superior Técnico e ocupou o cargo de Ministro da Educação no XIII Governo Constitucional de 28 de Outubro de 1995 a 25 de Outubro de 1999.

desenvolvimento das suas práticas pedagógicas; estar permanentemente atualizado científica e pedagogicamente; ser profissional na sua prática científica e pedagógica.

Depois de sabermos quais as expectativas exigidas a um docente do CT, convém ter em mente quais são os objectivos desta Prática Pedagógica. Assim, e segundo o definido na ficha da unidade curricular da UPT, pretende-se com a Prática Pedagógica:

- Formar a capacidade de reflexão do professor sobre a prática, consciencializando decisões, condutas e dilemas;
- Desenvolver a capacidade do professor de tomar decisões fundamentadas e de resolver problemas profissionais;
- Conhecer os documentos oficiais da instituição acolhedora da Prática Pedagógica;
- Caracterizar a instituição acolhedora da Prática Pedagógica e o público-alvo;
- Integrar a equipa de trabalho da instituição acolhedora da Prática Pedagógica;
- Planificar e realizar as atividades de Prática Pedagógica;
- Revelar responsabilidade e empenho no desenvolvimento das tarefas de Prática Pedagógica;
- Aplicar os conhecimentos e competências obtidos nas unidades curriculares do curso de mestrado;
- Desenvolver a capacidade de compreensão e de resolução de problemas em situações novas e não familiares em contextos alargados e multidisciplinares.

No que concerne às aulas propriamente ditas, gostaríamos de enumerar alguns aspetos que consideramos fundamentais para o sucesso do ensino e da aprendizagem. Um primeiro aspeto passa pela escolha dos recursos a adotar. Esta escolha é fundamental para conseguirmos a motivação dos alunos. Tentamos estimular os discentes utilizando para tal recursos apelativos, bem construídos e esteticamente bem conseguidos, pertinentes e actualizados ao nível dos conteúdos. Para alcançar estes propósitos recorreremos às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e a alguns recursos

audiovisuais. É comum dizer-se que *uma imagem vale mais do que mil palavras*. Estando consciente de que o recurso às imagens não significa necessariamente o sucesso no ensino e aprendizagem, a sua correta utilização é, ainda assim, um importante auxílio na gestão, aumento da motivação e consequentemente correta assimilação dos conteúdos por parte dos discentes.

A nossa ação baseou-se em grande medida na procura e seleção de materiais que despertassem as mentes e curiosidades dos alunos e ao mesmo tempo contribuíssem para a retenção e compreensão de conteúdos.

Para além disso, procurámos sempre preparar-nos convenientemente no que concerne aos conhecimentos a transmitir. Fomos rigorosos e diversificados nas fontes de informação e conteúdos seleccionadas, com o intuito de construirmos recursos cientificamente apropriados e interessantes.

Finalmente, e não menos importante, pautámos sempre a nossa conduta com o intuito de fomentarmos o espírito crítico dos alunos com quem tivemos a oportunidade de privar. Pretendemos sempre fornecer aos alunos as ferramentas para que eles próprios pudessem também abordar os desafios de forma confiante, sistemática e pertinente.

Durante toda a Prática Pedagógica procurámos ainda adotar uma conduta que fosse ao encontro dos objectivos estipulados pela UPT para este Mestrado.

CAPÍTULO 2

2. Explicitação do plano de Prática Pedagógica

2.1 Explicitação do plano de Prática Pedagógica em História

2.1.1 Cronograma das atividades

Os professores estagiários do núcleo de estágio do CT propuseram-se a assistir às aulas dos dois orientadores cooperantes, num total de seis sessões de sessenta minutos; prestar o serviço de regência em duas turmas, no nosso caso, nas turmas 9ºB e 11ºB, num total de quatro aulas de sessenta minutos; assistir às aulas dos colegas do núcleo de estágio, quatro sessões de sessenta minutos; participar nas reuniões de pré e pós observação de aulas; elaborar documentos associados à prática docente (planificações, planos de aula, etc); refletir sobre as aulas observadas e dinamizar pelo menos duas atividades.

No que diz respeito à disciplina de História, o núcleo de estágio do CT foi recebido pelo Professor Ricardo Ferreira numa reunião inicial onde foram definidos procedimentos importantes para o normal funcionamento da Prática Pedagógica. Nesta reunião, entre outros assuntos abordados, foram reveladas as turmas a leccionar na disciplina de História, bem como os respectivos horários das aulas a ministrar e a observar dos colegas de estágio e do Professor Cooperante. Foi ainda realizado pelo Professor Cooperante uma detalhada descrição da turma, assim como dos conteúdos que cada estagiário iria abordar nas suas regências.

Com esta informação conseguimos atempadamente planear todas as nossas atividades. As mesmas podem ser visualizadas nos seguintes quadros:

Quadro 1: Aulas lecionadas na disciplina de História

Aulas lecionadas					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
História	04/04/13	14.20h	307	60min	Aula com o 9ºB
	09/04/13	08.20h	307	60min	Aula com o 9º B

Quadro 2: Aulas observadas do Orientador Cooperante de História

Aulas observadas do Orientador Cooperante					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
História	02/04/13	08:20	307	60min	Aula com o 9ºB
	18/04/13	14:20	307	60min	Aula com o 9º B
	23/04/13	08:20	307	60min	Aula com o 9º B

Quadro 3: Aulas observadas dos colegas de estágio em História

Aulas observadas dos colegas de estagio					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
História	02/05/13	16:30	307	60min	Aula com o 9ºA
	09/05/13	16:30	307	60min	Aula com o 9º A

Quadro 4: Atividades organizadas no âmbito da disciplina de História

Participação na Escola e relação com a comunidade – Atividades				
	Atividades	Sala	Duração	Observações
História	Exibição do documentário editado pelos estagiários e exibido em celebração do dia 25 de abril.	Auditório	90min	Atividade aberta a todo o Colégio até a capacidade da sala esgotar

Quadro 5: Reuniões presenciadas no âmbito da disciplina de História

Reuniões de História					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Reunião de abertura	22/03/13	17:00	Multimédia	60min	Apresentação do núcleo de estágio. Elaboração do Plano de Estágio.

R.Pré-aulas observadas	27/03/13	17:00	Sala dos professores	30min	-----
Reunião pré-aulas observadas	09/04/2013	07:50	Sala dos professores	30 Min	-----
Reuniões pós aulas observadas	04/04/13	17:00	307	60min	-----
	09/04/13	17:00	307	60min	
Reunião Final	08/06/13	12:30	Multimédia	60min	Auto e heteroavaliação

2.1.2 Caracterização da turma⁵

Para além de uma exaustiva caracterização da turma, na reunião inicial com o Professor Cooperante, o Dr. Ricardo Ferreira, procedemos ainda a um diagnóstico das necessidades e respectiva planificação das atividades a desenvolver na turma⁶ em que se iria desenvolver a Prática Pedagógica.

Tal como referido anteriormente, a turma que nos foi atribuída para a leccionação das regências da disciplina de História foi a turma 9º B. Esta era construída por 20 alunos: 13 rapazes e 7 raparigas com idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos.

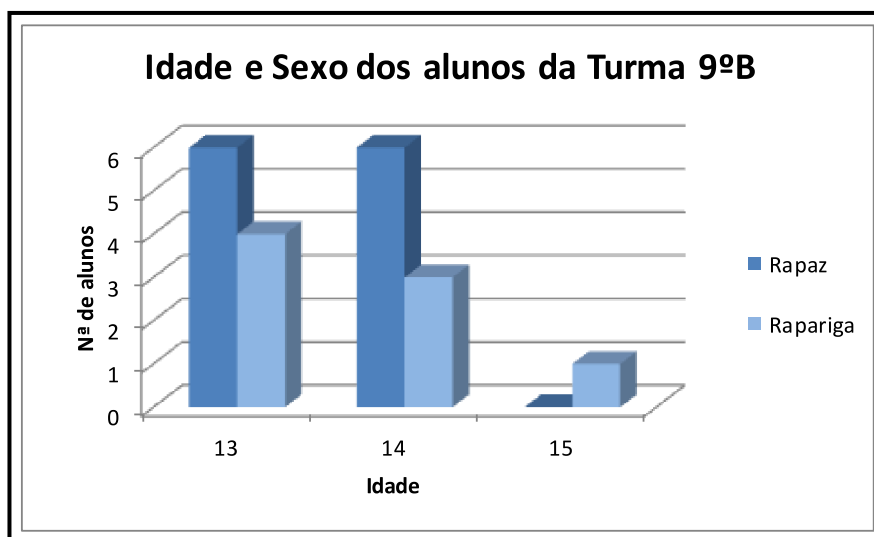


Gráfico 1: Idade e sexo dos alunos da Turma 9ºB

⁵ A caracterização dos alunos da turma foi feita a partir da consulta e análise do Projeto de Turma (PCT).

⁶ Por questões de sigilo são ocultadas quaisquer referências às turmas e aos nomes dos alunos. A ordem dos alunos é apresentada de forma aleatória.

À exceção de uma aluna, que estava a repetir o 9º ano de escolaridade, todos os restantes encontravam-se pela primeira vez a frequentar este ano.

Apesar de existirem ainda algumas dúvidas, as preferências dos alunos na altura para o Ensino Secundário orientavam-se, na sua grande maioria, para os cursos de Ciências e Tecnologias e Ciências Socioeconómicas.

A turma apresentava um comportamento e aproveitamento muito satisfatórios, tratando-se de alunos muito motivados, interessados e com bons resultados escolares.

Relativamente à sua proveniência, os alunos encontravam-se distribuídos pelos concelhos da Trofa, Famalicão, Santo Tirso, Porto e Vila do Conde.

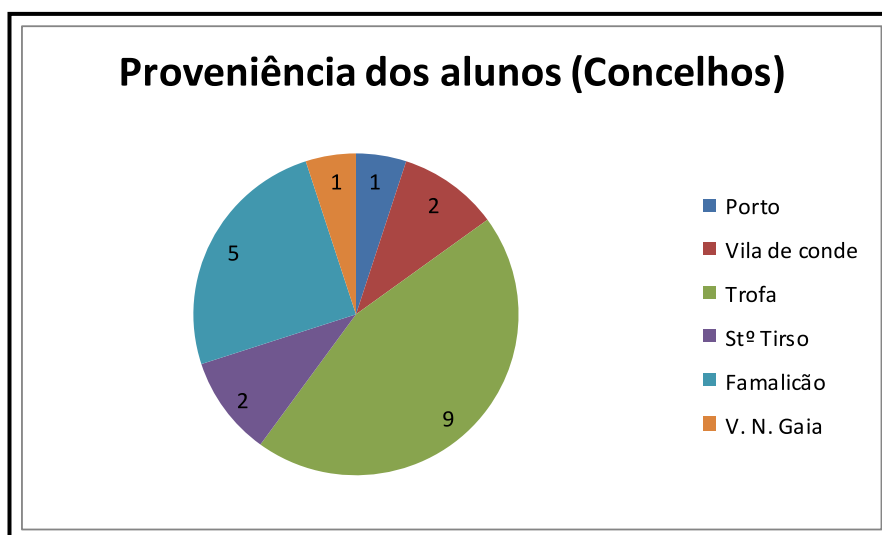


Gráfico 2: Proveniência dos alunos (9ªB)

Para conhecermos melhor os alunos procurámos ainda inteirar-nos também sobre o seu meio familiar. Em relação ao número de irmãos, existia uma grande percentagem de alunos com apenas um (70%).

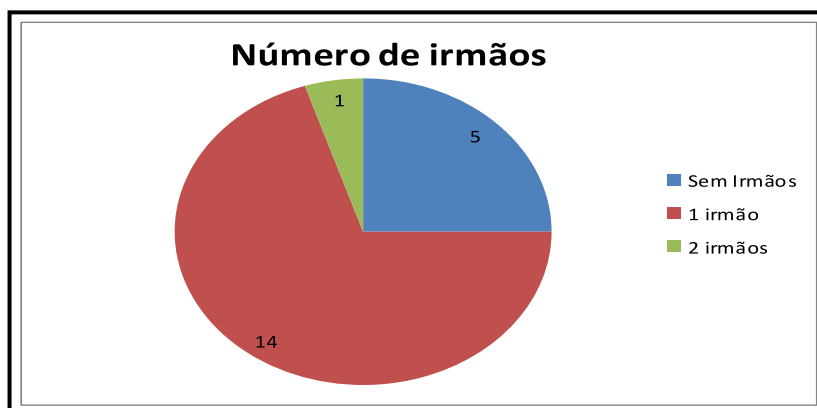


Gráfico 3: Número de irmãos dos alunos (9ªB)

Relativamente à escolaridade dos pais, refira-se o grande número de progenitores com o 12º ano de escolaridade (14 indivíduos) e licenciados (6).

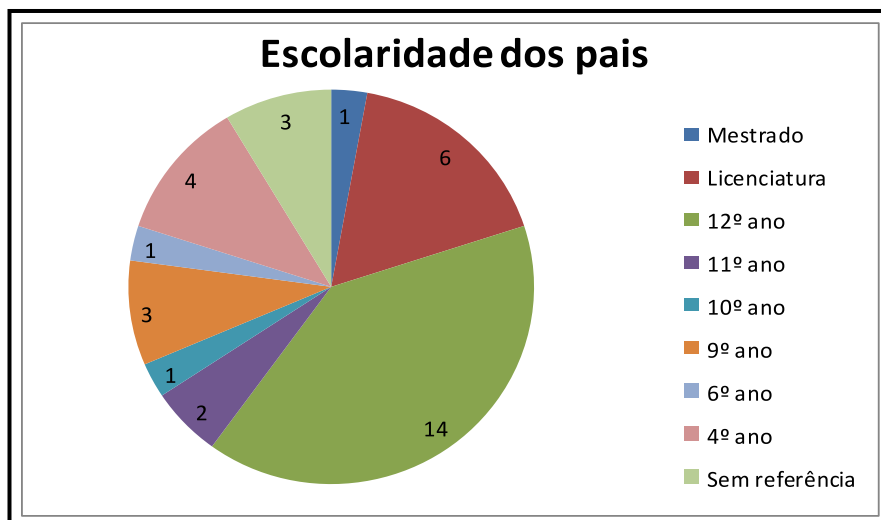


Gráfico 4: Escolaridade dos pais (9ºB)

No que diz respeito às suas profissões, enfatiza-se o elevado número de empresários (8) e comerciantes (8). Para além destas, podíamos enumerar ainda actividades como: cabeleireiros, farmacêuticos, empreiteiros, juristas, entre outras.

No tocante à vida escolar dos alunos, destaca-se o grande número de discentes que escolheram a disciplina de Educação Física como sendo a disciplina preferida. Em segundo lugar surgia a disciplina de História com 5 escolhas.

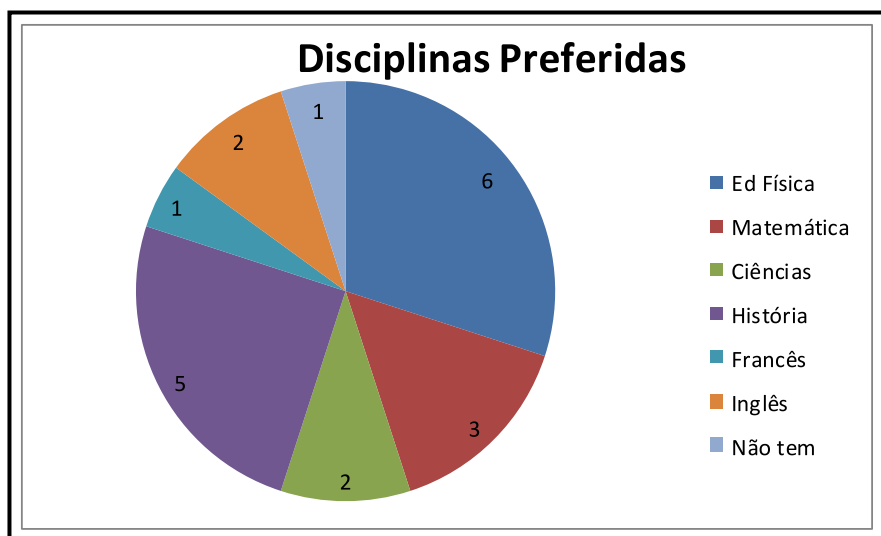


Gráfico 5: Disciplinas preferidas dos alunos (9ºB)

As disciplinas de Português, Matemática, Inglês, e Filosofia foram referidas pelos alunos como sendo as disciplinas de que menos gostavam. Assumia a liderança a disciplina de Português (8 escolhas), seguida de Matemática (6) e de Inglês (4).

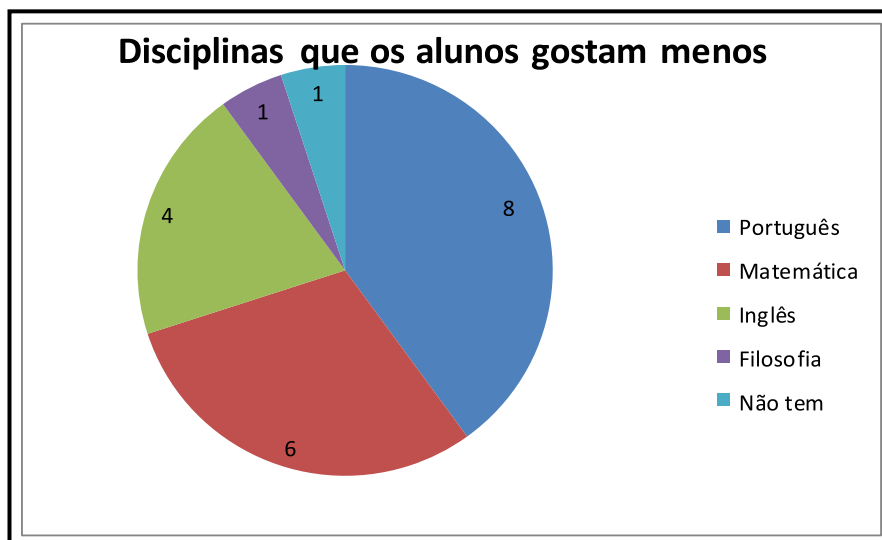


Gráfico 6: Disciplinas que os alunos gostam menos (9ºB)

Também fizemos o levantamento da ocupação dos tempos livres. Neste sentido, destacava-se o elevado número de alunos que referiram passar grande parte dos seus tempos livres a praticar desporto (11 escolhas). Refira-se ainda que 5 alunos não responderam a esta questão.

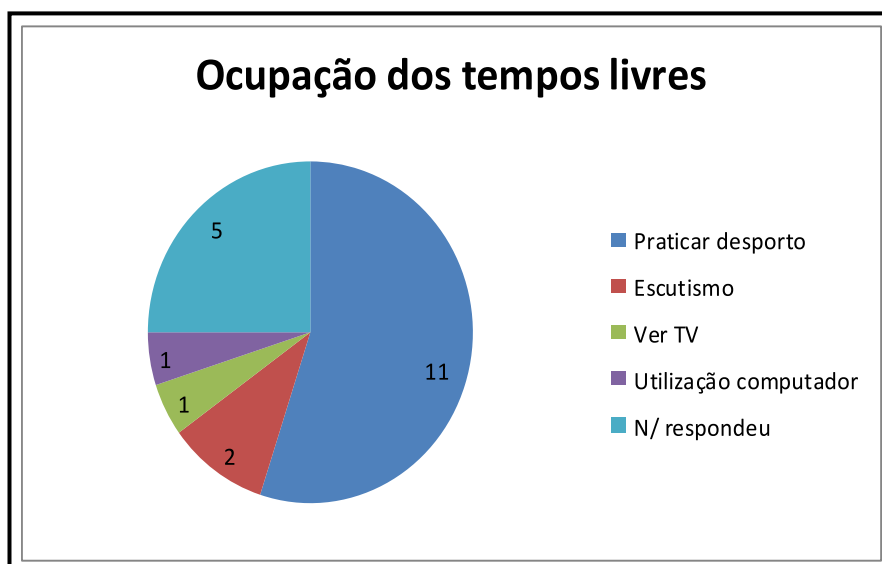


Gráfico 7: Ocupação dos tempos livres (9ºB)

2.2 Explicitação do plano de Prática Pedagógica em Geografia

2.2.1 Cronograma das atividades

À semelhança da disciplina de História, também a Geografia este processo iniciou com uma reunião realizada no dia 22 de março de 2013. Nesse mesmo dia, o Núcleo de Estágio de Geografia do CT foi recebido pela Professora Cooperante, Mónica Costeira. Nesta primeira reunião foram acertados alguns detalhes importantes para o normal funcionamento da Prática Pedagógica, tais como, a turma onde seriam leccionadas as aulas dos quatro professores estagiários, bem como os respectivos horários. Foi ainda empreendido pela Professora Cooperante uma detalhada descrição das turmas, assim como dos conteúdos programáticos que cada estagiário iria abordar nas suas aulas.

Com esta informação conseguimos atempadamente prever e planear as atividades a desenvolver na disciplina de Geografia. Essas atividades podem ser resumidamente visualizadas nos seguintes quadros:

Quadro 6: Aulas leccionadas na disciplina de Geografia

Aulas leccionadas					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Geografia	12/04/13	08.20h	Multimédia	60min	Aula com o 11ºB
	19/04/13	08.20h	Multimédia	60min	Aula com o 11º B

Quadro 7: Aulas observadas da Orientadora Cooperante de Geografia

Aulas observadas da Orientadora Cooperante					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Geografia	08/04/13M	09:25	Multimédia	60min	Aula com o 11º B
	22/04/13M	08:20	Multimédia	60min	Aula com o 11ºB
	24/04/13M	08:20	Multimédia	60min	Aula com o 11º B

Quadro 8: Aulas observadas dos colegas de estágio em Geografia

Aulas observadas dos colegas de estágio					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Geografia	03/04/13	08:20	Multimédia	60min	Aula com o 11ºB
	17/04/13	08:20	Multimédia	60min	Aula com o 11º B

Quadro 9: Atividades organizadas no âmbito de Geografia

Participação na Escola e relação com a comunidade – Atividades				
	Atividades	Localização	Duração	Observações
Geografia	Organização da Exposição: “Semana da Europa”	Átrio de receção do Colégio	De 06 a 10 de maio	Atividade aberta a todo o Colégio

Quadro 10: Reuniões presenciadas no âmbito da disciplina de Geografia

Reuniões de Geografia					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Reunião de abertura	22/02/13	17:00	Multimédia	60min	Apresentação do núcleo de estágio. Elaboração do Plano de Estágio.
Reunião pré-aulas observadas	28/03/13	17:00	Sala dos Professores	30min	-----
Reunião pré-aulas observadas	19/04/13	07:50	Sala dos professores	30min	-----
Reuniões pós aulas observadas	12/04/13	17:00	Multimédia	60min	-----
	19/04/13	17:00	Multimédia	60min	
Reunião Final	08/06/13	13:30	Multimédia	60min	Auto e heteroavaliação

Quadro 11: Reuniões de Conselhos de Turma e de Departamento

Reuniões de Conselhos de Turma e de Departamento					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
<u>Conselhos de Turma</u>	16/03/13	12:00 – 11ºB ⁷	104	90min	Convocadas pelos Diretora de Turma do 9ºB e 11ºB
		16:00 – 9ºB ⁸	107	90min	
<u>Reunião do Departamento de Ciências Sociais e Humanas</u> ⁹	03/04/13	19:00	106	90min	Convocada pela Coordenadora de Departamento

Todas estas reuniões realizadas no âmbito da disciplina de Geografia tiveram como principais objectivos promover as tarefas didáticas, aplicar estratégias de diferenciação pedagógica adequadas ao público-alvo e a implementação de estratégias que permitissem aprendizagens significativas, capazes de promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Nestas ocasiões aproveitámos ainda para discutir aspectos relacionados com a avaliação. Essa só teria sentido se regulasse o processo de ensino e de aprendizagem. As tarefas ao nível da avaliação propostas para as reuniões passaram pela discussão, construção e posterior reflexão dos instrumentos aplicados nas aulas.

2.2.2 Caracterização da Turma¹⁰

As informações veiculadas pela Professora Cooperante foram importantes para procedermos ao diagnóstico das necessidades e planificação das atividades a desenvolver na turma¹¹11ºB.

Esta turma era constituída no ano lectivo 2012/2013 por 19 alunos, dos quais 3 eram raparigas e 16 rapazes. Esta informação sistematizada pode ser visualizada no gráfico número 8. Refira-se ainda que nenhum aluno estava a

⁷ Vide anexo 2 (Ata Reunião Conselho de Turma 9ºB)

⁸ Vide anexo 3 (Ata Reunião Conselho de Turma 11ºB)

⁹ Vide anexo 1 (Ata da Reunião de Departamento)

¹⁰ A caracterização dos alunos da turma foi feita a partir da consulta e análise do Projeto de Turma.

¹¹ Por questões de sigilo são ocultadas quaisquer referências às turmas e aos nomes dos alunos. A ordem dos alunos é apresentada de forma aleatória.

repetir o ano e nenhum discente registava alguma retenção até ao momento no seu percurso académico.

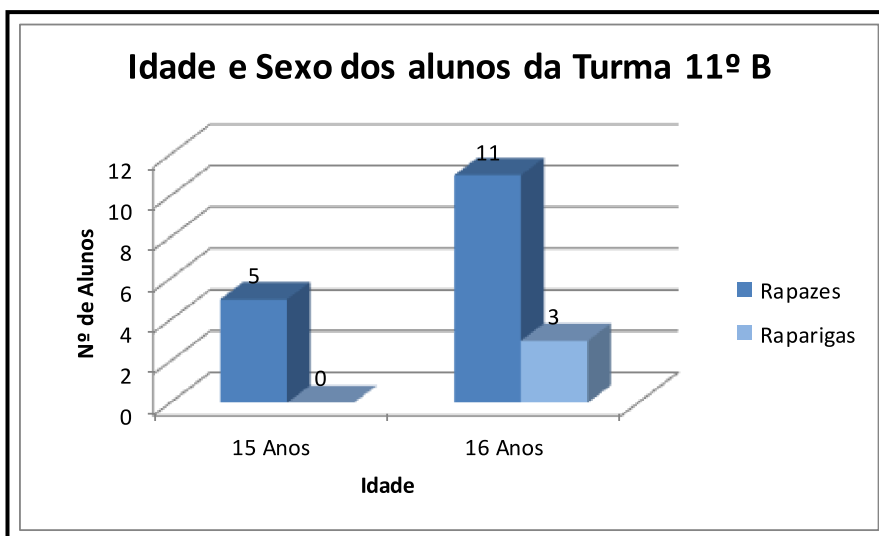


Gráfico 8: Idade e sexo dos alunos (11ºB)

Das informações recolhidas a turma apresentava um comportamento e aproveitamento geral satisfatórios. Contudo, foi referido a imaturidade e alguma falta de responsabilidade de um pequeno grupo de alunos, o que se refletia numa atitude nem sempre atenta e concentrada na sala de aula.

As idades dos alunos, até 31 de agosto de 2013, estavam compreendidas entre os 15 e os 16 anos. A média era de 16 anos.

Relativamente à sua proveniência escolar, 15 já frequentavam o CT no ano letivo anterior e 4 eram provenientes de outros estabelecimentos de ensino.

Em relação ao local onde vivem, os discentes encontravam-se distribuídos pelos concelhos da Trofa, Famalicão, Santo Tirso, Porto e Maia.

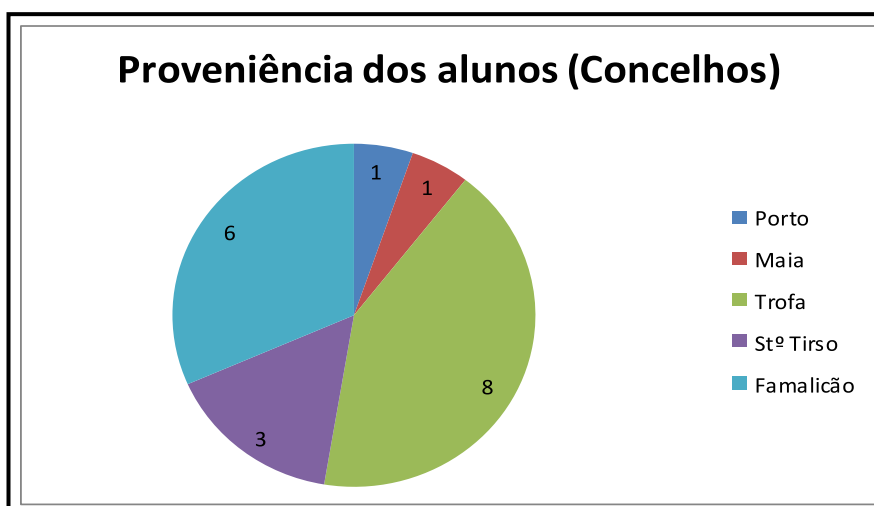


Gráfico 9:
Proveniência dos
alunos (11ºB)

No que alude ao ambiente familiar, mais concretamente ao número de irmãos, verificava-se uma grande percentagem de alunos com apenas um (42,1%). Salienta-se ainda que cinco alunos não têm qualquer irmão e outros cinco têm 2 irmãos com quem vivem.

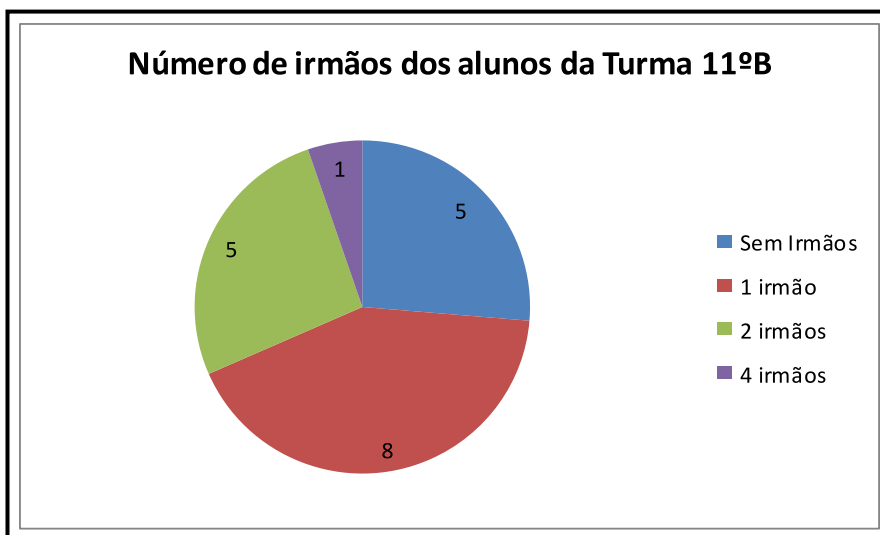


Gráfico 10: Número de irmãos (11ºB)

Tendo em consideração agora a escolaridade dos pais, ressalva-se o grande número de progenitores detentores do 12º ano de escolaridade, Licenciaturas e Mestrados. No total, o número de pais com o 12º ano ou mais é de 23 indivíduos.

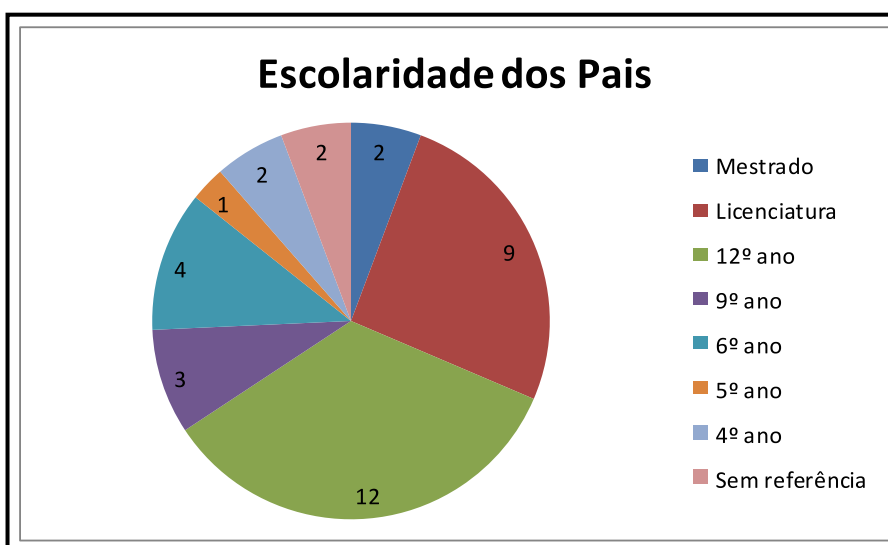


Gráfico 11: Escolaridade dos pais (11ºB)

A nível profissional destacava-se o número de empresários (5 ocorrências), professores (4) e domésticas/comerciantes, ambas com três. Podemos ainda enumerar outras profissões como: enfermeiros, economistas, vendedores, escriturários, contabilistas, entre outras.

No que diz respeito ao futuro escolar dos discentes, todos pretendiam ingressar no Ensino Superior. As suas preferências orientavam-se no sentido de escolherem cursos como: Gestão (8 alunos); Economia (5); Direito (1) e Desporto (1). Encontram-se ainda indecisos 4 alunos.

No que concerne ao referido ano letivo, um grande número de alunos escolheram por seis vezes a disciplina de economia como sendo a disciplina preferida. Em segundo lugar surge a disciplina de Educação Física (5).



Gráfico 12: Disciplinas preferidas dos alunos (11ºB)

Por sua vez, no lado oposto, as disciplinas de Português, Matemática, Filosofia e Inglês foram referidas pelos alunos como sendo as disciplinas menos preferidas. No primeiro lugar foi referenciada a disciplina de Português, com 8 escolhas, em segundo a disciplina de Matemática, com 6, a disciplina de Inglês (4) e por fim a disciplina de Filosofia com uma referência. No gráfico número 13 podemos constatar isso mesmo. Desse mesmo gráfico salienta-se o facto das disciplinas estruturantes de Português e Matemática ocuparem os dois primeiros lugares.



Gráfico 13: Disciplinas que os alunos gostam menos (11ºB)

Tendo em conta agora os tempos livres dos alunos, e considerando os alguns parâmetros (ver televisão; ouvir música; ver filmes; praticar alguma atividade desportiva e ler), a maior parte referiu passar os tempos livre a ouvir música, praticar desporto e ver TV (16 escolhas cada um).

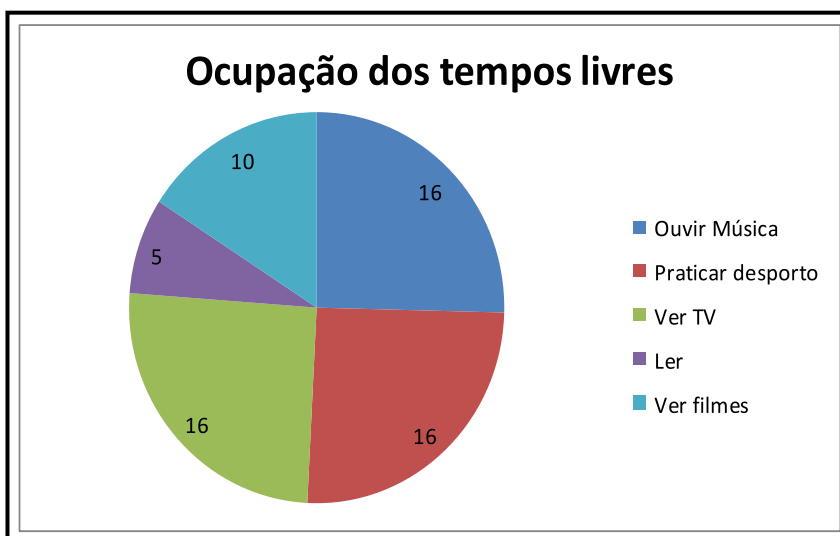


Gráfico 14: Ocupação dos tempos livres (11º B)

Em jeito de síntese, tratava-se de uma turma que apresentava um comportamento e aproveitamento satisfatórios, em que nenhum aluno registava alguma retenção até ao momento e onde todos os alunos pretendiam ingressar no Ensino Superior preferencialmente em cursos como: Gestão, Economia, Direito e Desporto. Economia era ainda a disciplina preferida da maioria.

CAPÍTULO 3

3. Descrição e fundamentação das atividades de Prática Pedagógica

Para realizar uma análise rigorosa, o professor estagiário nunca pode deixar de considerar que é, por si só, um elemento estranho que vem intrometer-se na leccionação dos conteúdos e nas relações já estabelecidas e muitas vezes consolidadas que cada turma tem já com o seu professor. Cada mudança que advém da entrada do professor estagiário, ainda que de curta duração, não deixa de ser um potencial foco desestabilizador e susceptível de gerar alteração de comportamentos dos alunos ou, pelo menos, de alguns deles.

Na perspectiva do estagiário, importa sublinhar que, segundo vários autores, o estágio reveste-se "... como um dos momentos mais importantes do desenvolvimento profissional dos jovens candidatos." (Caires & Almeida, 2003, p.145).

Na verdade, e como já tivemos oportunidade de ir enunciando, tal momento poderá ser visto como uma verdadeira oportunidade para criarmos e recriarmos valências a diversos níveis, desde o pedagógico ao académico, passando pela dimensão afetiva, pela formação deontológica, e pela parte reflexiva de todo este processo.

Deste modo, e tendo presente toda esta multiplicação de tarefas (nem sempre facilmente perceptíveis e, sobretudo, destrincháveis entre si), tentaremos descrever e fundamentar as várias atividades inerentes à Prática Pedagógica em História e em Geografia.

Importa ainda referir que, em contexto de sala de aula, tentámos incluir e trabalhar as várias dimensões do "eu": o "eu" professor, enquanto docente não profissionalizado; o "eu" aluno; o "eu" *professor investigador e reflexivo* (Schön, 1983) e, por último, o "eu" enquanto estagiário. Assim, tentamos refletir sobre o *saber-fazer* adquirido enquanto lecionámos, conjugando essas práticas com as teorias que aprendemos na UPT, ou nos trabalhos que fomos desenvolvendo ao longo do mestrado.

3.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História

A primeira aula de História - 9ºano

Dia 04 de Abril de 2013

Planificação

Ainda nas aulas de Mestrado da UPT fomos tendo contacto com um conjunto de modelos e planificações de aula¹². O modelo escolhido, para além das informações básicas como a turma, o ano a leccionar, a data e o sumário, contém ainda a situação-problema da aula, que constitui uma espécie de desafio para a mesma, a ser respondido, por exemplo, no final da aula; e as questões orientadoras, que são o fio condutor dos próprios conteúdos e estratégias da mesma. Além deste enquadramento geral, o plano de aula inclui ainda as metas a atingir, os conteúdos temáticos, os indicadores de aprendizagem, as experiências de aprendizagem, que passam pelas estratégias para a aula e pelos recursos a utilizar, e a respetiva avaliação.

No processo de planificação das aulas lecionadas no âmbito da Prática Pedagógica, definimos os recursos, os conteúdos de ensino, as tarefas e as estratégias adequadas ao processo de ensino e aprendizagem. Por fim, foram ainda previstas formas de avaliar esse mesmo processo.

Antes das duas regências, o núcleo de Estágio de História experienciou uma reunião¹³ com o Professor Cooperante para a preparação das mesmas. Depois de elaborada a respetiva planificação¹⁴ a mesma foi analisada e discutida posteriormente na reunião de preparação da regência¹⁵.

A nossa primeira aula da formação Pedagógica ocorreu no dia 04 de abril de 2013 na disciplina de História. Esta regência foi subordinada ao tema “O Antagonismo dos dois Blocos – A Guerra Fria” e teve a duração de 60 minutos.

O seu começo registou-se às 14h 20 e estiveram presentes, para além dos alunos da Turma 9º B, o Professor Cooperante de História, Ricardo Ferreira e o colega de estágio Alfredo Caseiro.

¹² O modelo para a planificação das aulas escolhido está conforme as indicações e foi sendo construído nas aulas no âmbito do mestrado, na Universidade Portucalense, Porto.

¹³ Vide anexo 4

¹⁴ Vide anexo 5

¹⁵ A reunião pré aula observada teve lugar no dia 27/03/2013 pelas 17:00.

Os objetivos para esta aula passavam por compreender que os Estados Unidos da América (EUA) se afirmaram, durante a 2ª Grande Guerra, como a maior potência mundial, relacionando ainda essa ascensão e o auxílio americano à Europa com a intenção de mitigar o avanço da influência comunista no velho continente. Para além disto, pretendia-se ainda explicar em que condições se verificou a expansão do Socialismo e o alargamento da influência soviética na Europa e na Ásia; compreender ainda que a Guerra Fria resultou fundamentalmente das tendências hegemónicas das duas grandes potências, dando origem à formação de blocos militares e, por fim, identificar alguns dos principais confrontos que ocorreram durante este período.

A questão estruturante/desafio definida para esta regência era a seguinte: Que características distinguiam os dois blocos antagónicos e simultaneamente potenciaram o surgimento da Guerra Fria?

Realização

Neste separador vamos proceder a uma descrição, ainda que resumida, da regência propriamente dita. Em relação à disciplina de História, a grande interrogação que nos colocámos foi a de sabermos como ensinar esta disciplina? Cândida Proença, citada por Couto (2013, p. 20) responde:

“...o ensino tradicional da História limitava-se a uma sucessão narrativa de datas, nomes e factos que o aluno tinha que memorizar. As coisas mudaram.
(...) Devemos de preferência ensiná-los a pensar. Ora tal posição conduz-nos ao ensino de uma História inteligível, conceptual, em que o aluno manipula dados, compara, aprecia, formula hipóteses e procura conclusões.
(...) O aluno irá, pois, aprender como se faz a História. Esta aprendizagem
(...) contribui decisivamente para a sua formação cívica como futuro cidadão
(...) ao mesmo tempo que o prepara para a aquisição de uma cultura histórica operatória(...).”

Esta foi uma das preocupações que evidenciámos, não leccionar a disciplina baseando-nos meramente num carácter informativo, mas sim acentuando também o seu sentido formativo. Pretendemos desenvolver as competências gerais dos alunos através das três competências específicas: o

tratamento de informação/utilização das fontes, a compreensão histórica (temporalidade, espacialidade e contextualização) e a comunicação.

Esta disciplina, como refere Barca (2004), deve facultar aos alunos a prática de construir, com base na evidência constantemente analisada, as suas próprias concepções sobre a realidade. Na perspectiva construtivista deve-se favorecer as aulas que compreendam um aglomerado de actividades conducentes à investigação, que abarquem o trabalhar com fontes primárias e secundárias, que englobem períodos de reflexão, discussão e momentos de síntese.

Tendo sempre em conta estas asserções, a referida aula começou previamente com a preparação de todos os recursos e prosseguiu com a nossa apresentação e posterior escrita do sumário no quadro. Posto isto, realizamos um *Brainstorming* para aferir que conceitos possuíam os alunos sobre a Guerra Fria. Através do *Brainstorming* fiquei a saber que os alunos estavam familiarizados com este conceito.

Para a difusão dos conteúdos recorri à projeção de um ficheiro em *PowerPoint® (PP)*. Este ficheiro contava com diversas fotos e *cartoons* para serem analisados e ainda dois pequenos vídeos, um sobre a implosão de uma Bomba de Atómica e outro sobre o Muro de Berlim.

Na parte final da aula foi construído um mapa concetual para consolidação de conhecimentos e foi ainda realizada uma pequena revisão à matéria anteriormente exposta.

Quando faltavam sensivelmente 15 minutos para o final da aula, foi proposta a realização de uma pequena ficha formativa. Esta foi a forma de avaliar a aquisição dos conteúdos. As referidas fichas foram recolhidas quando a aula terminou. Por fim, foi ainda facultado o endereço na internet de uma *timeline*¹⁶ que fizemos com os acontecimentos mais importantes da Guerra Fria e respectivas datas. Tal como havia sido combinado anteriormente, a correção da ficha formativa foi realizada pelo Professor Cooperante. Ficámos na aula a presenciar a correcção da mesma e verificámos que, de uma forma geral, os alunos conseguiram efectivamente adquirir os conteúdos estruturantes da aula.

¹⁶ Este friso cronológico pode ser consultado em: http://www.tiki-toki.com/timeline/entry/75216/O-Mundo-Sado-da-Guerra/#vars!date=1945-09-04_17:24:00!

Recursos utilizados

Os recursos utilizados nesta aula foram um ficheiro *PP*¹⁷, um mapa conceitual, 2 vídeos¹⁸ e um friso cronológico.

No caso específico do *PP*, a sua utilização apresenta uma mais-valia, uma vez que este recurso permite estruturar uma apresentação, tornando-a mais eficaz. Este recurso permite ainda uma melhor gestão da duração de uma aula, tornando simultaneamente as apresentações mais interessantes. Este recurso permite e proporciona uma melhor compreensão dos conteúdos, comparativamente às aulas tradicionais, facilitando ainda o ato de tirar apontamentos e de enfatizar os pontos-chave de um determinado conteúdo.

O recurso ao *PP* é sustentado num trabalho de investigação sobre a sua utilização em situações de aprendizagem. Simpson, Pollacia, Speers, Willis e Tarver (2003), citados por Couto (2013, p. 73) realizaram uma investigação baseada na análise de um questionário. Os resultados demonstraram que os alunos concordam ou concordam bastante com as questões que a seguir se enumeram:

- “1. Ver imagens ajuda-me a entender as ideias.*
- 2. Cor ou imagens aumenta o meu interesse pelos conteúdos.*
- 3. Eu entendo melhor a aula quando são apresentados slides do PowerPoint.*
- 4. O texto do PowerPoint é grande o suficiente para ler.*
- 5. Longas passagens do texto (3 linhas ou mais) do slide do PowerPoint são fáceis de ler.*
- 6. A iluminação na sala de aula é adequada o suficiente para anotações quando é usado o PowerPoint.*
- 7. O ritmo da aula, quando é usado o PowerPoint, é apropriado.*
- 8. Os problemas técnicos com as apresentações em computador são perturbadores.*
- 9. A minha sala de aula está equipada com um quadro interativo para que o professor possa escrever nos slides durante a aula.*
- 10. O uso do quadro interativo por um professor durante uma apresentação em PowerPoint torna-a mais eficaz.*

¹⁷ Vide anexo 6

¹⁸ Os vídeos podem ser visualizados: <http://www.youtube.com/watch?v=AnwTEkZ716U> (Consultado em 20/03/2013)
<http://www.youtube.com/watch?v=FkiMxt2yHzY> (Consultado em 20/03/2013)

11. *Em geral, eu prefiro aulas com apresentações em PowerPoint relativamente às aulas tradicionais.*”

Este estudo enfatiza bem a utilidade deste recurso. Para além do *PP*, recorreremos ainda à utilização do Mapa Concetual. Esta técnica foi inicialmente desenvolvido numa investigação conjunta de Noval e D. Gowin que se basearam na teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel. A utilização do Mapa Concetual¹⁹ visa essencialmente organizar o conhecimento na mente dos alunos, uma vez que este permite dirigir a atenção do estudante para um conjunto de ideias estruturantes e organiza-as. Os autores Ontoria, Ballesteros, Cuevas, Gialdo, Cómez, Martin, Molina, Rodriguez e Vélez, referem que a sua utilização vai de encontro à aprendizagem significativa de Ausubel uma vez que: “... é centrada no aluno e atenta ao desenvolvimento de destrezas não se conformando apenas com a repetição memorística da informação” (1994, p. 27).

Com a sua realização pretendeu-se atribuir o protagonismo ao aluno, à atenção e aceitação que se presta aos seus conhecimentos e ao aumento do seu êxito na aprendizagem.

Decidimos também projetar dois vídeos, um sobre a implosão de uma Bomba de Atómica e outro sobre o Muro de Berlim. A inclusão de imagens animadas e sua respetiva análise, segundo Kossoy citado por Dias (2012), permitem detalhar e relacionar o conteúdo da imagem nos seus elementos icónicos formativos, o assunto é registado e é também perfeitamente situado no tempo e no espaço, além de correctamente identificado.

Tal como refere Kossoy, a utilização da imagem ajuda a situar o aluno no tempo e no espaço, facilita a compreensão, e na nossa opinião, atrai o aluno, aproximando a sala de aula do quotidiano, das linguagens e comunicação das sociedades urbanas. O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, e entretenimento, que passa impercetivelmente para a sala de aula.

¹⁹O “mapa concetual” é uma técnica criada por Joseph Novak, que o apresenta como “estratégia” método e recursos esquemático. Como método o construção de mapas concetuais ajuda os estudantes e educadores a captar o significado dos materiais que se vão aprender.

No primeiro vídeo, o objetivo era fazer com que os alunos pudessem perceber a magnitude e a força destrutiva de uma Bomba Atômica e, com isso, igualmente refletirem no porquê dos dois blocos se recearem mutuamente. O segundo vídeo, sobre o Muro de Berlim, abordava imagens reais da época, mais concretamente de pessoas a tentarem passar da República Democrática para a República Federal Alemã. Este vídeo mostrava ainda o clima de ansiedade e de medo que se vivia na altura e era ainda acompanhado com uma música legendada da banda alemã – *Scorpions*, mais concretamente a música *Wind of Change*. A sua letra reporta-nos muito para os acontecimentos ligados a esta época histórica.

A utilização da música no ensino é defendida por muitos autores, um deles é Maria Santamaria Alonso (2000) citada por Moleiro, (2011, p.13) que afirma, o empenho e a motivação dos estudantes aumentarão quando estes sentirem que “... têm a liberdade, mas também a responsabilidade, de comentar uma canção, e que as suas opiniões são relevantes e tidas em conta na dinâmica da aula.”

A exibição do segundo vídeo foi um sucesso, de tal modo que quando terminou foi pautado com uma salva de palmas por parte dos alunos.

Avaliação das aprendizagens

Para percebermos a importância da avaliação no processo de ensino e aprendizagem podemos citar Roldão que define o ato de avaliar como “um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução” (2004, p. 41).

Com este desígnio em mente, no início da aula realizámos um *Brainstorming* e propusemos a interpretação de um *cartoon*. Estas propostas tiveram como objetivo aferir as ideias prévias dos alunos. Efetuámos estas actividades pois nunca considerámos os alunos como sendo “tábuas rasas” desprovidas de conhecimento. Os mesmos possuem competências que devem ser aproveitados, estimulados e fomentadas constantemente. Através do *Brainstorming* e interpretação do *cartoon* descobrimos que os alunos

conheciam a existência da Guerra Fria e também a existência de dois grandes blocos antagônicos, liderados por EUA e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) respetivamente.

Já na parte final da aula propusemos a resolução de uma ficha formativa²⁰. A sua respetiva correção²¹ encontra-se em anexo.

Em relação aos resultados²² obtidos, dos 20 alunos, apenas dois obtiveram resultados negativos, a saber, 41% e 45% respetivamente. Em oposição a esta situação, 55% dos alunos obtiveram nível quatro, enquanto que o nível 5 foi atribuído a 25% dos discentes. O nível três registou a percentagem de 10% e igual percentagem foi ainda atribuída ao nível 2.

De realçar ainda que a questão número 2.1 da ficha formativa foi colocada na ficha de Avaliação Sumativa da disciplina de História pelo Professor Cooperante.

Para além de tudo isto, procedemos ainda à avaliação das atitudes na sala de aula através de uma grelha de observação²³. Relativamente aos parâmetros analisados e avaliados, a adequação da participação foi o que evidenciou piores resultados, isto porque um pequeno grupo de três alunos não participou tanto na aula como os restantes colegas, ainda que devidamente interpelados e estimulados. Nos restantes parâmetros a avaliação é muito satisfatória.

Já no final da tarde o Núcleo de Estágio de História voltou novamente a reunir-se²⁴ para a avaliação da regência. Nessa reunião foi referido pelo Professor Cooperante, Ricardo Ferreira, que "... o professor estagiário Luís Oliveira foi retroagindo no processo, avaliando as aprendizagens dos alunos de forma construtiva e motivadora". Referiu ainda que "... o professor estagiário interpretou os sinais verbais e não-verbais dos alunos, intervindo de forma ajustada às suas necessidades".

Por fim, foi ainda referido que através da realização de sínteses, o professor estagiário incentivou a consolidação das aprendizagens, comunicando de forma clara, com uma postura agradável e descontraída, que motivou a participação espontânea dos alunos.

²⁰ Vide anexo 7

²¹ Vide anexo 8

²² Vide anexo 9

²³ Vide anexo 10

²⁴ Vide anexo 11

A segunda aula de História - 9ºano

Dia 09 de Abril de 2013

Planificação

Lecionamos a segunda aula de História no dia 09 de abril. Esta regência foi subordinada ao tema: “A Recusa da Dominação Europeia – os Primeiros Movimentos de Independência”. O seu princípio ocorreu às 08h20, e à semelhança da aula anterior, também neste caso foi elaborada antecipadamente a planificação²⁵ e foi realizada ainda a respectiva reunião de pré-aula observada²⁶.

Mais uma vez dedicámos especial atenção a esta tarefa. Como nos diz Arends, a planificação de qualquer tipo de atividade proporciona melhores resultados, que podem mesmo ser resultados inesperados e surpreendentes. A autora refere ainda “(...) que o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e actividades não direccionadas” (1995, p.45).

Segundo ainda a *teoria da Aprendizagem Significativa*²⁷, o conhecimento prévio dos alunos é determinante para a reinterpretação dos factos, o que, no caso do ensino da História, pode tornar-se ainda mais relevante (Ausubel, 2003).

Na planificação, os objetivos estabelecidos para esta aula passavam por identificar os territórios coloniais existentes no final da II Guerra Mundial; explicar os fatores que contribuíram para o desenvolvimento do processo de descolonização; identificar os países que se libertaram da dominação colonial na primeira década do pós-guerra; distinguir os diferentes tipos de lutas de libertação levadas a cabo nesses países e identificar os principais líderes dos movimentos de independência.

A questão problema formulada na planificação foi: Que motivos levaram as colónias a lutar pela independência das metrópoles europeias e de que forma a conseguiram?

²⁵ Vide anexo 12

²⁶ A reunião pré-aula observada da segunda regência de História ocorreu no dia 09/04/2013 pelas 07:50.

²⁷ Segundo a teoria da Aprendizagem significativa, os novos conhecimentos que se adquirem relacionam-se com o conhecimento prévio que o aluno possui.

Realização

Iniciamos a aula com a realização de um *Brainstorming* para aferir as ideias prévias dos alunos sobre o Colonialismo.

Posto isto, foi projetado um ficheiro em *PP* que continha 19 diapositivos. No terceiro *slide* era proposto aos alunos a análise e interpretação de 4 figuras. Estas figuras permitiram ainda fazer a contextualização da matéria. No diapositivo seguinte foram projetados dois mapas com os impérios coloniais português e britânico. O objetivo desta informação era fazer com que os alunos percebessem a magnitude de determinados impérios coloniais, abrangendo grandes áreas e diferentes continentes.

Seguidamente, foi projetado um diapositivo que explicava que, com o fim da segunda Guerra Mundial, apareceram alguns fatores que contribuíram para o surgimento dos processos de descolonização. Os diapositivos seguintes abordavam mais pormenorizadamente alguns desses fatores. Ainda neste contexto foram referenciados alguns dos rostos das elites contestatárias nos países colonizados, tais como, Gandhi, Sukarno, entre outros.

Logo após foi referido que a luta pela liberdade e pela autodeterminação dos países colonizados assumiu duas vias, a pacífica e a violenta. Foram fornecidos 4 exemplos de outros tantos países para cada um dos casos.

Com a aula a decorrer conforme o planeado, procedeu-se a uma análise mais pormenorizada à vida de uma personalidade envolvida nos movimentos de emancipação - a vida de Gandhi. O diapositivo número treze continha uma *timeline* com as datas e acontecimentos mais marcantes na vida desta importante personagem histórica.

Por fim, foi ainda interpretado um mapa com as duas fases do processo de descolonização, primeiramente mais intensa na Ásia e depois na África.

Já na parte final da aula foi proposto aos alunos a realização de um exercício de palavras cruzadas.

Nos últimos dez minutos da aula, os alunos redigiram um pequeno texto de 10 linhas sobre os movimentos de independência. Neste texto os alunos deveriam responder às questões: Que motivos levaram as colónias a lutar pela independência e de que forma a conseguiram?

Recursos utilizados

O processo de ensino e aprendizagem exige cada vez mais dedicação por parte do professor, para que este consiga tornar a temática mais dinâmica, eficiente e motivadora. Hoje, o ensino em contexto escolar não deve estar confinado apenas ao manual escolar, pois o uso exclusivo do mesmo não permite que o aluno compreenda de forma clara as dinâmicas dos diferentes conteúdos ministrados. Perante isto, existe a necessidade da utilização de outros recursos didáticos que auxiliem o ensino.

Sobre esta temática Ferreira, citado por Couto refere que “numa sociedade cada vez mais exigente, e com um ensino escolar em que o modelo expositivo deve ser evitado, o professor deve ser criativo e flexível no processo de estruturação da aula” (2013, p.41).

Assim sendo, o uso de novas tecnologias pode ser um recurso pedagógico fundamental, além do livro escolar. Não estamos com isto a retirar importância ao manual escolar, até porque concordamos inteiramente com Moreira (2004) quando este refere que o manual de História constitui a base de estudo para o aluno, e de trabalho para o professor. O autor refere ainda que o discente deve aprender a explorar e utilizar as fontes históricas que lhe são propostas no mesmo, explorando-as não só ao nível do seu conteúdo, mas cruzando-as entre si.

Estabelecida esta importante ressalva, para além do manual escolar, utilizamos para esta aula os seguintes recursos: um ficheiro *PP*,²⁸ composto por várias fotos, cartoons, documentos, um mapa concetual, um exercício na forma de palavras cruzadas e uma *timeline*. Mais uma vez, e pelas mesmas razões adiantadas anteriormente recorreremos ao *PP* como recurso principal da aula.

Salientámos ainda para esta aula a realização de um exercício sob a forma de palavras cruzadas²⁹. Foi um momento especialmente bem conseguido, uma vez que enquanto colocavam em prática os conhecimentos adquiridos, os alunos também disfrutavam de um momento lúdico. No final do tempo

²⁸ Vide anexo 13

²⁹ Vide anexo 14

estabelecido para a sua realização, os discentes foram chamados ao computador para fazerem a sua correção.

Outra atividade proposta foi o estudo, ainda que de forma muito superficial, a alguns dos momentos mais marcantes da vida de Ghandi. Um olhar sobre a vida e feitos de personalidades históricas poderá ser extremamente interessante e estimulante para os alunos. A respeito disto, Bezerra refere: “ O sujeito histórico é o verdadeiro construtor da História” (2004, p. 45). No entanto, esta autora ressalva ainda que tem de se perceber que a trama histórica não se focaliza nas ações individuais, mas antes no embate das relações sociais. Tivemos em consideração este facto e enquadrámos devidamente a vida de Mahatma Ghandi na sua época.

Avaliação das aprendizagens

No que concerne à avaliação dos alunos, no início propusemos a realização de um *Bainstorming* e a interpretação de um *cartoon*. Estas propostas tiveram como objetivo aferir as ideias prévias dos alunos. Assim ficamos a saber que os alunos conheciam a existência do colonialismo e de grandes impérios coloniais e interpretaram corretamente os conceitos de senhor colonial e escravo.

Na parte final da aula realizamos um exercício em forma de palavras cruzadas com alguns dos conceitos estruturantes abordados na aula.

Por fim, os alunos redigiram um pequeno texto³⁰ onde deveriam responder às questões estruturantes da aula. Os critérios de correção³¹ dessa atividade avaliativa formativa encontram-se nos anexos. Bloom, Hastings e Madaus, citados por Pacheco in Barreira, Boavida, e Araújo (2006, p.97), consideram que a avaliação formativa tem por função: “(...) fornecer um duplo feedback, ao aluno e ao professor, relativamente ao progresso daquele ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de localizar as suas dificuldades de forma a possibilitar a seleção de técnicas alternativas de recuperação”. Os mesmos autores (idem, 98) citando Abrecht referem:

³⁰ Vide anexo 15

³¹ Vide anexo 16

“... avaliação formativa não é uma verificação de conhecimentos; é antes o interrogar-se sobre um processo, é o refazer do caminho percorrido para refletir sobre o processo de aprendizagem em si mesmo alertando o aluno para eventuais lacunas ou falhas de percurso, levando-o, deste modo, a buscar - ou nos casos de menor autonomia, a solicitar - os meios para vencer as dificuldades”.

Voltando à atividade avaliativa proposta, todos os alunos entregaram os seus textos e todos obtiveram bons resultados³². De uma forma geral, as respostas estavam bem estruturadas, sem erros ortográficos, sem erros de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia, ou com pequenos erros esporádicos, cuja gravidade não implicou a perda de inteligibilidade e/ou de sentido. As respostas estavam ainda bem fundamentadas, e de uma forma geral, os alunos conseguiram recorrer a uma linguagem muito específica da disciplina de História para fundamentarem as suas argumentações.

Para que a avaliação fosse ainda mais efectiva e completa efetuámos ainda o preenchimento de uma grelha de observação de aula³³. Mais uma vez o comportamento e a motivação foram excepcionais.

Face ao anteriormente exposto, fazemos um balanço muito positivo do desenvolvimento da nossa atividade letiva e não lectiva nas duas regências da disciplina de História. Almejámos sempre melhorar o sucesso educativo dos alunos e assumimos os nossos deveres profissionais com ética, sentimento, exigência e responsabilidade.

Nos anexos com o número 19 encontra-se a ata³⁴ da reunião pós aula observada. Dessa reunião salienta-se que o Orientador Cooperante, Ricardo Ferreira, referiu que “... se tratou de uma aula muito bem estruturada e com muita substância o que permitiu que os alunos adquirissem os conhecimentos”. Salientou igualmente que “O professor estagiário apresentou conteúdos, metodologias e materiais de ensino diversificados e adequados à turma/alunos. Outra informação digna de realce foi a utilização dos *cartoons* que serviram para apresentar a situação-problema e introduzir o tema da aula.

³² Vide anexo 17

³³ Vide anexo 18

³⁴ Vide anexo 19

3.2 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia

A primeira aula de Geografia - 11ºano

Dia 12 de Abril de 2013

Planificação

Para Lambert & Balderstone (2000) o professor de Geografia deve seguir um conjunto de princípios condutores para as várias estratégias que implementa nas suas aulas, entre a qual destacamos, a exposição, questionamento, jogos e simulações, resolução de problemas, tomadas de decisão e também o desenvolvimento de pensamento crítico.

Com estes pressupostos e intenções em mente, a nossa primeira aula de Geografia foi subordinada ao tema: “A distribuição espacial das Redes de Transportes: A Rede Ferroviária”. Este tema está inserido na Unidade Didáctica: “A população, como se movimenta e comunica”. À semelhança das regências de História, também no caso de Geografia realizámos uma reunião³⁵ de preparação da regência. A ata³⁶ da referida reunião encontra-se em anexo.

Esta regência durou 60 minutos e o seu início deu-se às 08h 20. Estiveram presentes, para além dos alunos da Turma 11º B, a professora Cooperante de Geografia, Mónica Costeira, e dois colegas de estágio, a saber: os colegas Alfredo Caseiro e José Luís Oliveira.

A referida aula foi previamente pensada e planificada³⁷ com todo o cuidado. Para além disso, foi ainda alvo de análise por parte do núcleo de estágio e pela Professora Cooperante.

Os objectivos estabelecidos passavam essencialmente por conhecer a distribuição espacial das redes de transporte ferroviário no território português.

A situação problema que pretendia ver devidamente colocada e respondida pelos alunos era: Como se encontra distribuída espacialmente a rede de transporte ferroviário no território português?

³⁵ A reunião de preparação da primeira regência da disciplina de Geografia ocorreu no dia 28/03/2013 pelas 17:00

³⁶ Vide anexo 20

³⁷ Vide anexo 21

Realização

Antes de dar início à aula propriamente dita, fizemos uma vez mais a nossa apresentação. Depois de escrevermos o sumário no quadro, começamos por realizar um *Brainstorming* para tentar aferir os pré-requisitos dos alunos a respeito da rede ferroviária nacional e da sua distribuição. Os alunos foram sensíveis ao facto da distribuição da rede e dos meios de transporte serem desiguais. Com os pré-requisitos diagnosticados iniciei a projeção de um ficheiro em *PP*. Neste ficheiro, o primeiro diapositivo mostrava uma notícia retirada do *site* do Jornal de Notícias. Esta notícia, cujo título era: “Acidente na Linha do Tua faz um morto e 25 feridos³⁸” tinha como objetivo fazer com que os alunos refletissem na disparidade dos meios ferroviários disponíveis no litoral do país em contrapartida com a falta de meios e a precariedade das linhas ferroviárias do interior de Portugal. Tanto no *Brainstorming*, como na análise da notícia, os alunos forneceram um bom *feedback*. Estes cooperaram nas atividades propostas e referiram a disparidade dos meios do litoral para o interior. Fizeram ainda referência à diferença no volume de passageiros transportados e ao constante desmantelamento de algumas linhas do interior. Ainda a este respeito um aluno oportunamente referiu como exemplo a Linha do Tua.

De seguida, a aula prosseguiu com a análise a três gráficos, um sobre a estrutura da via larga, outro sobre a extensão total da via por regiões e um terceiro gráfico, que abordava a percentagem de vias duplas nas diferentes regiões do país (Norte, Centro, Lisboa e Alentejo). Estes gráficos foram retirados do manual da disciplina (Lopes, 2011, p. 241).

Posteriormente foi projetado um diapositivo com duas imagens, uma da estação do Rossio e outra da antiga Estação Ferroviária de Parada de Gonta (Distrito Viseu). Mais uma vez objetivo era mostrar a discrepância de meios e do número de utilizadores transportados por comboio.

Nos diapositivos seguintes foram abordadas outras características da rede ferroviária nacional, tais como, a sua estrutura (rede principal, complementar e

³⁸ Notícia retirada do site do JN disponível em: http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Bragan%E7a&Concelho=Mirandela&Option=Interior&content_id=983080 (Acessado a: 21/03/2013)

secundária) e a distribuição espacial. Neste propósito, um diapositivo continha uma questão que era a seguinte: “Qual a razão para a distribuição espacial da rede ferroviária ser muito reduzida a norte do rio Douro?”. A razão de ser desta pergunta, que saiu em exames nacionais anteriores, era fazer com que os alunos refletissem nas condições do relevo, que é especialmente pronunciado a norte do Rio Douro. Outro fator que os alunos referiram, respondendo ainda à mesma questão, foi a pouca concentração de população nessa zona em comparação com os grandes centros urbanos do litoral.

Posto isto, e com os alunos a participarem de forma genuína e interessada, foi projetado um mapa com as ligações ferroviárias internacionais.

De seguida a aula prosseguiu com a análise a dois documentos, um relativo ao ano de 2007 e outro referente ao ano de 2011. Estes documentos mostravam a redução da extensão da rede ferroviária em Portugal compreendida neste período. O referido diapositivo continha ainda a seguinte questão: Quais as principais razões para a atual diminuição da extensão da rede de caminhos-de-ferro em Portugal? A esta pergunta os alunos responderam corretamente, apontando as causas mais importantes, tais como, os elevados custos de manutenção, a redução do número de passageiros em algumas linhas, o incremento do transporte rodoviário, etc.. Estas respostas dadas pelos alunos deixaram o mote para o próximo diapositivo que abordava os desafios para a rede ferroviária. Também este diapositivo continha uma questão, a saber: Quais as potencialidades que o comboio em Portugal pode e deve rentabilizar? Depois dos alunos abordarem a questão e terem dado boas respostas, foi projetado um diapositivo com a importância do metro e analisada uma notícia cujo título era: “Metro do Porto afasta seis mil carros da cidade”³⁹. O objetivo deste diapositivo era realçar a importância do metro no aumento da mobilidade nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, permitindo ainda a sua utilização ganhos significativos na duração do tempo da viagem, melhorias significativas na questão ambiental (qualidade do ar, redução no consumo de combustíveis fósseis, etc.), ganhos a nível económico, etc..

Por fim, abordou-se a rede de alta velocidade. A respeito deste tema foram apresentados os benefícios da inclusão de Portugal na rede de Velocidade

³⁹ Notícia retirada do site: www.apambiente.pt de 2007 (Acessada a: 25/03/2013))

Europeia. Posto isto, foi proposto aos alunos um pequeno confronto de ideias subordinado ao tema: TGV: uma oportunidade perdida?

Nesta pequena troca de ideias os alunos manifestaram a sua opinião tendo em conta os benefícios do TGV para Portugal, em contraponto com o grande investimento necessário para a sua implementação.

Já na parte final da aula, e quando faltavam sensivelmente 15 minutos para o seu fim, foi proposto a realização de um *Quiz*, utilizando o programa informático *Hotpotatoes*. Esta foi a forma de avaliar a aquisição dos conteúdos. O *Quiz* foi previamente impresso, e quando faltavam apenas 5 minutos para o final da aula foram recolhidas as respostas. Por fim, foram chamados alguns alunos ao computador para resolverem as perguntas múltiplas escolhendo as respetivas opções que se encontravam projetadas.

Recursos utilizados

Para esta aula, alguns dos recursos utilizados contemplaram mais uma vez o auxílio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Segundo Santos (2003) as TIC permitem fomentar a interação, a comunicação e tornam mais apelativa e dinâmica a apresentação dos conteúdos. Para este autor, com o advento das TIC a comunicação pode fluir com maior rapidez e eficácia.

O principal objetivo da utilização da informática foi proporcionar um ensino baseado na descoberta, na discussão, na simulação e em constantes interações entre professor e alunos.

Para a primeira aula de Geografia, os recursos utilizados foram o *PP*⁴⁰ e um *Quiz* elaborado no programa informático *Hotpotatoes*. A escolha do *PP* deveu-se, mais uma vez, ao facto de ser uma ferramenta que fornece um infindável manancial possibilidades (quer ao nível de cores mais apelativas, apresentação de vídeos, imagens e gráficos) e ao mesmo tempo possibilitar a captação durante mais tempo da atenção dos alunos.

Os diapositivos deste manual eram visualmente muito apelativos, bem formatados e estruturados. Este ficheiro estava repleto de, mapas, notícias e fotografias alusivas à rede ferroviária nacional.

⁴⁰ Vide anexo 22

Tal como referido recorreremos à fotografia durante a aula. Para Mussoi (2008):

“... a fotografia constitui um importante recurso didático, podendo contribuir na formação dos conceitos geográficos básicos e no entendimento das relações sócio-espaciais, à medida que desperta no aluno o desejo de aprender através da linguagem visual”.

A fotografia é um recurso valioso quando usado correctamente no ensino da Geografia pois permite que os alunos interpretem a paisagem, fortalecendo a percepção visual do espaço que observam, enquadrando essa mesma imagem nesse espaço.

O outro recurso utilizado foi um *Quiz*⁴¹ elaborado no programa *Hotpotatoes*.⁴² O *Quiz* é outra ferramenta muito útil pois permite a avaliação dos conhecimentos de uma forma informal e divertida. As perguntas que compoñham o mesmo foram retiradas de anteriores exemplares de exames nacionais.

Avaliação das aprendizagens

Consciente de que a avaliação é fundamental no processo de ensino e aprendizagem, tivemos sempre a preocupação de apresentar para cada aula dois instrumentos avaliativos, na maior parte das vezes sob a forma de ficha formativa e grelha de observação de sala de aula. Dedicámos especial atenção às actividades de avaliação, pois consideramos que a mesma constitui-se como o principal instrumento de regulação da prática pedagógica.

Procedemos num primeiro momento à avaliação diagnóstica. Segundo Hadji (1994) e com o qual concordámos, a avaliação diagnóstica é importantíssima pois permite orientar/adaptar as estratégias pedagógicas, sendo portanto uma avaliação centrada nos saberes e/ou competências considerados como pré requisitos para as futuras aprendizagens.

Como instrumento de avaliação diagnóstica utilizámos o *Brainstorming*. A “tempestade de ideias” para Antão (2001) é uma técnica muito rica e pode

⁴¹ Vide anexo 23

⁴² Programa desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa e desenvolvimento do Centro de Informática da Universidade de Victória, Canadá.

revelar-se um ótimo meio para introduzir e abordar certos temas gerais ou centrais.

Com a realização desta atividade compreendemos que os alunos efetivamente possuíam a ideia que a linha férrea em Portugal é extremamente díspar no que concerne aos meios, distribuição e número de utilizadores.

Para além da avaliação diagnóstica, no decorrer da aula tive a preocupação de frequentemente colocar questões aos alunos para obter *feedback* relativamente à assimilação dos conteúdos abordados. Procedemos igualmente à avaliação formativa. A avaliação formativa é entendida como o reflexo sobre o processo de aprendizagem em si mesmo, como uma forma de levar o aluno a repensar e a refletir sobre o seu percurso de conhecimento, de forma a alertá-lo, para possíveis falhas no seu trajeto. Cortesão citado por Cardoso (2004, p. 23) afirma que “A avaliação formativa desempenha um papel fundamental na reorientação do processo de ensino/aprendizagem (na sala de aula ou no processo de desenvolvimento do currículo).”

A mesma autora (*ibidem*, p.23) refere que a avaliação formativa, ao contrário da sumativa, não se destina aos pais e Escola, mas essencialmente ao professor e aluno, assumindo deste modo um caráter informativo.

Promovemos ainda um pequeno debate de ideias sobre o TGV. De início pretendia-se apenas uma troca de ideias, no entanto, essa intenção inicial transformou-se num pequeno debate, ainda que sem papéis definidos e sem preparação prévia.

Foi um momento particularmente rico na obtenção de *feedback* por parte dos alunos, uma vez que a sua participação foi, de uma forma geral, muito positiva, construtiva e ativa. Utilizei esse *feedback* para me auxiliar no preenchimento de alguns pontos da grelha de observação.

Durante este pequeno debate, e de uma forma um pouco inesperada, vários alunos assumiram uma postura favorável relativamente à implementação do TGV, enquanto que outros eram absolutamente contra. Estabeleceu-se uma dinâmica muito interessante, com momentos de intensa troca de opiniões.

A linguagem é o principal meio de comunicação entre professores e alunos e é também através dela que representamos, para nós mesmos e para os outros, os nossos pensamentos. Piéron & Sarmiento (1996), salientam a

linguagem como processo de adquirir conhecimento, e por isso, destaca que o diálogo é fulcral nas práticas pedagógicas.

Nesta acesa exposição de ideias assumimos, sem que nada o fizesse prever, a posição de moderador. Sem o tempo desejado para nos alongamos, entregámos as fotocópias com o exercício do *Quiz*. A sua correção⁴³, realizada já na parte final da aula, resultou em mais num momento bem conseguido, uma vez que projetámos o exercício na tela com o recurso ao computador. Com este ato, os alunos assumiram mais uma vez o foco central de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Outro dado extremamente animador foram os resultados⁴⁴ obtidos. A classificação mais baixa situou-se nos 16 valores. Em várias questões a percentagem de respostas corretas foi de 100%, como é o caso das perguntas de escolha múltipla do *Quiz* números 1, 2, 4, 8, 9 e 10.

Convém ainda referir que algumas destas perguntas foram retiradas de anteriores exames nacionais.

Para além de tudo isto, procedemos ainda à avaliação das atitudes⁴⁵ através do preenchimento de uma grelha de observação.

Por fim, e para culminar um dia proveitoso, o núcleo de estágio juntou-se mais uma vez para a reunião pós aula lecionada. Nessa reunião foi referido pela Professora Cooperante que se tratou de uma aula com muita substância. Referiu ainda que a aula correu muito bem, tendo destacado a boa organização de cada um dos momentos didáticos. Com efeito, foi referido ainda que: “O professor estagiário começou por explicar aos alunos como iria decorrer a aula, o que se considerou muito positivo, pois cativou o interesse dos mesmos.” A Professora Mónica salientou ainda: “A excelente qualidade gráfica do *PowerPoint* apresentado, com documentos interessantes e bem adequados aos conteúdos. A elevada qualidade dos documentos motivou a curiosidade, reflexão e participação espontânea dos alunos, a partir de um diálogo que se desenvolveu de forma clara e eficaz.”

Outras informações desta reunião podem ser consultadas na respectiva ata⁴⁶.

⁴³ Ver anexo 24

⁴⁴ Ver anexo 25

⁴⁵ Ver anexo 26

A segunda aula de Geografia - 11ºano

Dia 19 de Abril de 2013

Planificação

A segunda regência ocorreu no dia 19 de abril e foi subordinada ao tema: “A Inserção nas redes Transeuropeias”. O seu início ocorreu às 08:20 minutos e assistiram a Professora Cooperante e o colega de estágio José Luís Oliveira.

À semelhança da primeira aula de Geografia, também esta foi devidamente planeada e planificada⁴⁷. Esta planificação foi discutida, alvo da atenção e escrutínio por parte do Núcleo de Estágio do CT e da docente Cooperante.

Antes da referida aula iniciar reunimo-nos mais uma vez com a Professora Cooperante para a habitual reunião de pré-aula observada⁴⁸.

Para esta aula foram estabelecidos como principais objectivos: discutir a inserção das redes de transporte nacionais nas redes europeias e referir as vantagens do uso do transporte multimodal.

Por sua vez, a Situação Problema/desafio era a seguinte: Quais as possibilidades e desafios para Portugal tendo em conta a sua participação nas Redes Transeuropeias?

Realização

Iniciámos a aula com a projeção de um ficheiro em *PP*. O primeiro diapositivo fazia referência ao fenómeno da globalização. Para reforçar este facto, chamamos a atenção dos alunos para alguns pormenores, como por exemplo, a roupa que vestiam, a música que ouviam, os filmes que viam, etc..

De seguida, a aula prosseguiu com a importância que Espanha assume para Portugal economicamente e no combate à periferia geográfica em que a Península Ibérica se encontra relativamente ao “coração da Europa”. Para tal foi projetado um diapositivo que continha três gráficos, um com as Importações/exportações portuguesas em 2010, outro que abordava especificamente o destino dessas exportações (Espanha assumia o primeiro lugar com a percentagem de 26%) e um terceiro gráfico, referente à

⁴⁶ Ver anexo 27

⁴⁷ Ver anexo 28

⁴⁸ A reunião de pré aula observada teve lugar no dia 19/04/2013 pelas 07:50.

proveniência das importações portuguesas. Mais uma vez, o país vizinho assumia a liderança, com 22,5%.

Com esta análise, para os alunos foi facilmente constatável a importância do país vizinho. Essa importância em termos futuros deverá passar pelo incremento das relações comerciais entre ambos os países e pelo estabelecimento de uma estreita ligação e uma concertada política de transportes para ambos os países combaterem a periferia geográfica da Península Ibérica.

Posto isto, foram analisados dois mapas retirados do manual da disciplina (Lopes, 2011). Um destes mapas era referente à Distribuição de Transportes de Mercadorias, segundo corredores preferenciais, e outro relativo à Rede Ibérica de Alta Velocidade.

Analisada a situação ibérica, iniciou-se uma breve resenha ao tratado de Roma, à Política Comum de Transportes e ao Tratado de *Maastricht*.

Depois desta brevíssima resenha, o diapositivo seguinte continha uma pergunta que era a seguinte: Quais serão os problemas que a Política Comunitária dos Transportes tenta solucionar?

Os alunos conseguiram identificar alguns dos problemas da Política Comunitária dos Transportes, e com isso, perceberam também os seus objetivos. Algumas das respostas fornecidas pelos alunos foram: o elevado congestionamento (principalmente rodoviário), a tendência para o aumento da poluição e dependência do petróleo, a disparidade de meios e recursos a nível europeu, a baixa aposta na intermodalidade, etc..

Para reforçar a preocupação da UE em inverter alguns dos problemas referenciadas pelos alunos, foi exposto e analisado um caso concreto. Este caso reporta-se à adoção de autocarros movidos a hidrogénio em doze cidades europeias que entraram neste projeto financiado pela UE. O Porto foi a cidade portuguesa escolhida. Com iniciativas experimentais como esta, e outras semelhantes, pretende-se fomentar a utilização de meios de transporte mais limpos e diminuir simultaneamente a dependência do petróleo nos estados membros.

Por esta altura a aula prosseguia a bom ritmo e os alunos participavam com interesse e espontaneidade.

Seguidamente foram abordadas as Redes Transeuropeias (RTE) e os desafios estabelecidos para o ano de 2050 a nível de transportes no espaço europeu. Neste contexto, e como um dos objetivos é o de banir gradualmente dos centros das cidades os veículos poluentes, foi projetada uma notícia⁴⁹ que fazia referência ao facto de que até ao ano de 2020, a Câmara de Londres pretende proibir veículos poluentes no seu centro.

Depois de referida a notícia foi projetado um mapa com a sinalização dos Corredores estruturantes multimodais a nível europeu e explicado o conceito de multimodalidade. A este respeito foi visualizado um pequeno vídeo⁵⁰ sobre os principais problemas europeus no que concerne à mobilidade. A parte final do mesmo apontava para o futuro da Europa a nível de transporte e mostrava como serão as futuras plataformas intermodais europeias.

Por fim, e quando faltavam quinze minutos para o fim da aula, foi proposto aos alunos a realização de uma pequena ficha formativa. Esta ficha era integralmente composta por questões que tinham saído em versões anteriores dos exames nacionais.

Não havendo tempo para fazer a correção da mesma, uma vez que tinha terminado a hora destinada à nossa aula, a Professora Cooperante iniciou e finalizou a sua correção, como tinha sido previamente estabelecido. Antes de sair da sala entreguei à professora Mónica dois exemplares corrigidos da ficha.

Recursos utilizados

Nesta segunda aula de Geografia utilizei novamente o recurso informático *PP*⁵¹ para me auxiliar na transmissão dos conteúdos. À semelhança do utilizado na primeira aula, também este continha vários recursos, como um pequeno vídeo, várias fotos, mapas, notícias e documentos para análise.

Iniciámos a aula com uma alusão oral ao dia a dia dos alunos tendo com isso o intuito de realizar um paralelismo com a globalização. Grande parte destes alunos ouve as mesmas músicas; veste as mesmas marcas; ou então conhece-as, vê os mesmos filmes; as mesmas séries; etc.. Tentámos assim sensibilizar os alunos para o facto de que alguns dos produtos que

⁴⁹ Notícia retirada do site: <http://www.transportesemrevista.com/>. (Acessado a 25/03/2013)

⁵⁰ Vídeo retirado do site: http://ec.europa.eu/news/transport/110328_pt.htm (Acessado a 23/03/2013).

⁵¹ Vide anexo 29

usavam/consumiam no seu dia-a-dia tinham sido importados e eram provenientes de vários locais europeus ou mundiais. Para que esses bens cheguem ao seu destino é necessário, por vezes, um complexo sistema de transportes.

Durante a aula uma das várias atividades propostas aos alunos foi a leitura e interpretação de três notícias e a interpretação de vários gráficos e mapas, como por exemplo, o mapa sobre o Índice de acessibilidade na UE a 27 por modo rodoviário e o mapa sobre as autoestradas marítimas, ambos retirados igualmente do Manual da disciplina. Este tipo de atividades tem todo o sentido, uma vez que a visualização e interpretação de mapas permite mais facilmente a perceção e interpretação dos dados. Este aspeto assume ainda uma importância maior uma vez que se tratam de alunos de Geografia.

Utilizámos ainda a projeção de um vídeo editado pela Comissão de Transportes da União Europeia. Este recurso começava com alguns problemas sobejamente conhecidos dos transportes europeus, tais como, filas de trânsito, confusão nas estações, os transportes lotados e sem condições, etc.. Numa fase final, o referido vídeo mostrava o que se pretende para o futuro. Neste sentido abordava as novas plataformas intermodais, onde facilmente se irá aceder a um meio de transporte diferente num mesmo local, ou então muito perto deste. Por fim, fazia ainda referência aos meios de transporte mais modernos, às novas infraestruturas rodoviárias, marítimas aéreas, etc..

A utilização deste vídeo teve como intuito estimular os sentidos dos alunos e mostrar como serão, segundo a Comissão Europeia, as plataformas intermodais do futuro. A utilização do vídeo é, segundo Maria do Céu Melo (2004) facilitador e ou promotor do pensamento crítico e metacognitivo dos alunos e dos professores. Segundo esta autora o seu uso pedagógico deveria ser ainda mais aproveitado e incrementado.

Já Antão (2001, pág 41) refere que se refletirmos sobre o sucesso de determinados programas televisivos nos nossos alunos, facilmente percebemos que "... temos à mão um ótimo trunfo didático que pode ir até onde o professor, por si só, não pode".

Avaliação das aprendizagens

Para o autor Carlos Ferreira “ A avaliação das aprendizagens sempre constituiu uma das principais funções exigidas pela sociedade à escola, (2007, p. 12). A este respeito, Zabalza vai ainda um pouco mais longe, referindo que “a escola é o mundo da avaliação) (1995, p. 14).

A avaliação exigida à escola rege-se por normas de excelência, que, sendo um produto criado socialmente, encontram-se determinadas em documentos oficiais, nomeadamente nos normativos da avaliação, nos conteúdos programáticos, nos objectivos do ano e nas competências de ensino.

Assim, e tendo em conta esta aula em particular, no início da mesma realizamos um *Brainstorming* para auscultar as ideias prévias dos discentes. À semelhança da aula anterior, incidimos especial atenção à avaliação diagnóstica. Estamos plenamente conscientes de que a avaliação diagnóstica “... tem como função principal a localização do aluno, isto é, tenta focalizar a instrução, através da localização do ponto de partida mais adequado” (Bloom, Hastings e Madau, 1983, p. 97, citado por Ferreira, 2007, p. 24).

É por esta ordem de ideias que considerámos muito importante esta avaliação, pois esta tarefa permite ao professor averiguar os conhecimentos prévios dos alunos, as suas expectativas, as suas concepções sobre o tema a leccionar, sobre a escola, sobre a aprendizagem e ainda conhecer as atitudes dos alunos, os seus interesses e necessidades

Focalizando-nos na nossa aula de Geografia, a Avaliação Diagnóstica forneceu-me um *feedback* interessante sobre os pré-conceitos que os alunos possuíam sobre a inserção de Portugal nas Redes Transeuropeias. Assim sendo, sobre esta temática, descobri que esses conhecimentos prévios eram um pouco deficitários. Para muitos alunos o conceito de Rede Transeuropeia não era especialmente conhecido e mesmo depois de explicado, não lhe era atribuída grande importância. Por tudo isto, era extremamente importante sensibilizar os alunos para esta temática. Tendo este objectivo bem presente, no decorrer da aula, e consoante a matéria era exposta, coloquei questões para perceber se os conteúdos estavam a ser realmente absorvidos. Pretendi sempre que os alunos aprendessem de forma significativa e se envolvessem no seu próprio processo de ensino e aprendizagem.

Como forma de avaliação entregamos aos alunos uma ficha formativa.⁵²

Para Ferreira, a função da avaliação formativa tem como principais premissas a informação dos vários intervenientes no ato educativo sobre o processo de ensino e aprendizagem (2007).

Este exercício formativo era composto por 11 questões que focavam os conteúdos estruturantes da aula. Este método de avaliação foi planeado para avaliar os alunos preparando-os ao mesmo tempo para o exame nacional, uma vez que tive a preocupação, de mais uma vez, incluir um grande número de questões que saíram nos exames nacionais anteriores. A respetiva correção⁵³ desta ficha pode ser analisada nos anexos. Os resultados⁵⁴ foram muito positivos e podem ser analisados mais pormenorizadamente nos anexos com o número 32. A nota mais reduzida foi de 14, enquanto que a nota mais elevada registou a cotação total, isto é, 20 valores. A média registada foi de 16 valores.

Mais uma vez para avaliar o comportamento e atitudes dos alunos, recorreremos a uma grelha de observação⁵⁵. Esta grelha reflete o bom comportamento dos alunos patenteado durante a aula.

Já no final da tarde o núcleo de Estágio de Geografia voltou novamente a juntar-se para a reunião⁵⁶ de observação e avaliação. Nessa reunião foi referido pela Orientadora Cooperante, Mónica Costeira, que se tratou de uma aula muito bem estruturada. Com efeito, a Professora Cooperante começou por destacar a rigorosa seleção dos documentos apresentados, bem como a excelente qualidade gráfica do *PP*. Referiu ainda:

“Apesar do diaporama ser bastante extenso, não impossibilitou o professor de efetuar a leitura e interpretação profunda dos documentos apresentados, tendo incentivado a participação espontânea dos alunos. Destaca-se particularmente a utilização de curiosidades que despertaram a sua atenção, como por exemplo, notícia da limitação de veículos no centro de Londres, bem como a informação relacionada com os autocarros movidos a hidrogénio no Porto.”

⁵² Vide anexo 30

⁵³ Vide anexo 31

⁵⁴ Vide anexo 32

⁵⁵ Vide anexo 33

⁵⁶ Vide anexo 34

3.3 Participação na escola e relação com a comunidade

Pretendemos desde o início desta importante e marcante etapa na vida de qualquer docente entrosar-nos no quotidiano do Colégio. A respeito da importância da inclusão dos estagiários na escola que os acolhe, Sanches, citados por Carlinda (2007), referem que o estágio é: "...um momento particular de socialização na profissão docente pelas expectativas, entusiasmo e receio que os estagiários vivenciam...." (2007, p. 236)

Assim, para além do relacionamento estabelecido com toda a comunidade escolar, facto que foi extremamente proveitoso e enriquecedor, desenvolvemos também, em parceria com os colegas do Núcleo de Estágio de História e Geografia, diversas actividades, das quais salientamos uma exposição subordinada à Europa e a visualização de um Documentário alusivo ao 25 de abril.

Atividade 1: Exposição Semana da Europa

A primeira actividade constava já do Plano Anual de Atividades (PAA) e foi organizada conjuntamente com a Professora Mónica Costeira e a turma do 11º B. Esta exposição denominada de "Semana da Europa" foi devidamente enquadrada na Semana Europeia que decorreu de 6 a 10 de maio.

Para a sua realização foi proposto aos alunos que efetuassem uma pesquisa sobre o projeto europeu. Para a realização desta tarefa foi-lhes dado um guião com os temas a pesquisar. Após a recolha e compilação da informação foram elaborados diversos materiais, entre os quais um *PP* com a informação recolhida.

Ainda no âmbito desta exposição, foi igualmente organizada uma mostra sobre as características identificadoras de cada país. Posto isto era necessário ainda promover esta actividade, e com esse intuito foram elaborados diversos materiais como cartazes, folhetos, certificados de participação, entre outros⁵⁷. No âmbito da exposição, foi ainda desenvolvido um *PeddyPaper*⁵⁸ subordinado à UE. Esse material foi construído pelos alunos. Coube ainda aos discentes

⁵⁷ Vide anexo 35

⁵⁸ Vide anexo 36

serem anfitriões dos colegas, convidando-os a ver a exposição e participar nas diversas atividades contempladas. Como não poderia deixar de ser, também estivemos presentes nesta atividade⁵⁹, cativando e incentivando todos os alunos a participar.

Os objetivos que se pretendiam alcançar com a realização desta atividade passavam por proporcionar à comunidade escolar uma aproximação geográfica à UE e aprofundar o conhecimento sobre as diferentes etapas da sua construção salientando também as particularidades de cada país membro.

Atividade 2: Evocação do 25 de abril de 1974

Por sua vez, no âmbito da disciplina de História, o núcleo de estágio do CT promoveu o visionamento de um vídeo sobre o 25 de Abril⁶⁰. Este vídeo, editado pelos quatro estagiários, retrata o surgimento do Estado Novo e termina com a eclosão do 25 de Abril.

Esta atividade contou com a colaboração do Professor Cooperante da turma 9º B, o professor Ricardo Ferreira.

Para a sua realização, e aproveitando-se a comemoração da efeméride, levou-se a cabo uma recolha de material sobre o acontecimento. Após a recolha e compilação da informação, produziu-se um vídeo onde era apresentada uma caracterização do Estado-Novo, suas personalidades, motivos que levaram à Revolução e as conseqüentes mudanças produzidas na sociedade portuguesa. O vídeo, guarnecido com legendas, foi exibido no ecrã do átrio do CT.

Para além disso, promovemos ainda o visionamento do filme “Capitães de abril”. O uso de documentários, dada a sua vertente lúdica, motiva não só o desejo de aprendizagem mas também o interesse pela investigação e crítica da sociedade (Barbosa, 2008).

⁵⁹ Vide anexo 37

⁶⁰ Vide anexo 38

CAPÍTULO 4

4. Reflexão crítica fundamentada sobre os resultados de aprendizagem

4.1 Avaliação sumativa em História

Neste quarto capítulo vamos incidir a nossa análise e posterior reflexão sobre os resultados da avaliação sumativa aplicada às turmas 9ºB e 11ºB.

Segundo Hadji (2001, p. 31) a avaliação sumativa “... visa medir e classificar os resultados das aprendizagens obtidos pelos alunos (incide essencialmente no domínio dos resultados). Exprime-se quantitativamente pela atribuição de uma determinada nota”. Neste sentido, Gimeno Sacristán (1993) citado por Ferreira (2007, p. 31) afirma que a avaliação sumativa “... faz referência ao juízo final global de um processo que terminou e sobre o qual se emite uma valoração final”.

Efetivamente a avaliação sumativa é o culminar de toda uma sequência dedicada ao ensino de conteúdos e, é igualmente o quantificar desses resultados, tornando-os compreensíveis aos olhos de toda a comunidade escolar.

No que concerne à disciplina de História, a pergunta seleccionada para fazer parte do teste sumativo⁶¹ era subordinada à interpretação de várias fontes sobre a Guerra Fria, mais especificamente o plano Marshall.

As vantagens da aposta no recurso à interpretação de fontes no processo de ensino e aprendizagem é, segundo Felgueiras, citado por Couto (2013, p.44), a de:

“possibilitar uma História mais real, o envolvimento do aluno, o trabalho, quer individual quer de grupo, a transferência de competências para diferentes domínios do real, o pensamento independente (...). A partir dos documentos podem-se formular pequenas induções e inferências, através de questões postas ao aluno e cuja resposta se obtém das fontes. Esta resposta, surgida da questão apresentada, da curiosidade ou da dificuldade da análise é, em pequena escala, uma (re) descoberta”.

⁶¹ Vide anexo 39

Ainda numa análise teórica, e segundo Hilary Cooper (1992), citado por Couto (2013, p. 44):

“(...) é impossível aprender História sem aprender o processo pelo qual os historiadores constroem a História”. Por isso as crianças devem desde muito cedo ser ajudadas a desenvolver as suas ferramentas cognitivas, o que passa, no caso da História, pela resolução de exercícios de inferência e atividades (...)tal como o historiador, o aluno aprenderá a construir as suas explicações históricas, uma vez que é chamado a um contacto concreto e ativo com a fonte histórica.”

A nossa questão estava incluída no grupo 2, mais concretamente no ponto 2.1 do referido teste sumativo. Essa pergunta era a seguinte:

Fazendo referência aos autores e respetivos textos das fontes 2 e 3, refere quais eram os principais objetivos do plano Marshall?

A Ficha de Avaliação Sumativa idealizada pelo Professor Ricardo em parceria com os estagiários do Núcleo de estágio estava cotada para 100 valores e era composta por 14 questões.

A nossa questão foi cotada para 10 valores e a média de resultados obtidos foi de 8,35 valores. Saliente-se que 10 alunos obtiveram a classificação máxima, ao passo que um aluno obteve a classificação de 4 valores (nota mais baixa). Nos anexos, podemos verificar o quadro⁶² com a totalidade das classificações obtidas

Decidimos ainda efetuar uma análise mais aprofundada aos resultados da nossa questão inserida no teste sumativo. Os resultados evidenciam o sucesso na implementação das estratégias escolhidas na sala de aula. Neste caso concreto, a pergunta “obrigava” os alunos a recorrerem à análise de dois documentos, e com isso, descreverem quais os principais objetivos do plano Mashall. À semelhança da ficha formativa, também no Teste de Avaliação Sumativa os resultados foram extremamente positivos. De seguida encontra-se um gráfico com as classificações da nossa pergunta.

⁶² Vide anexo 40

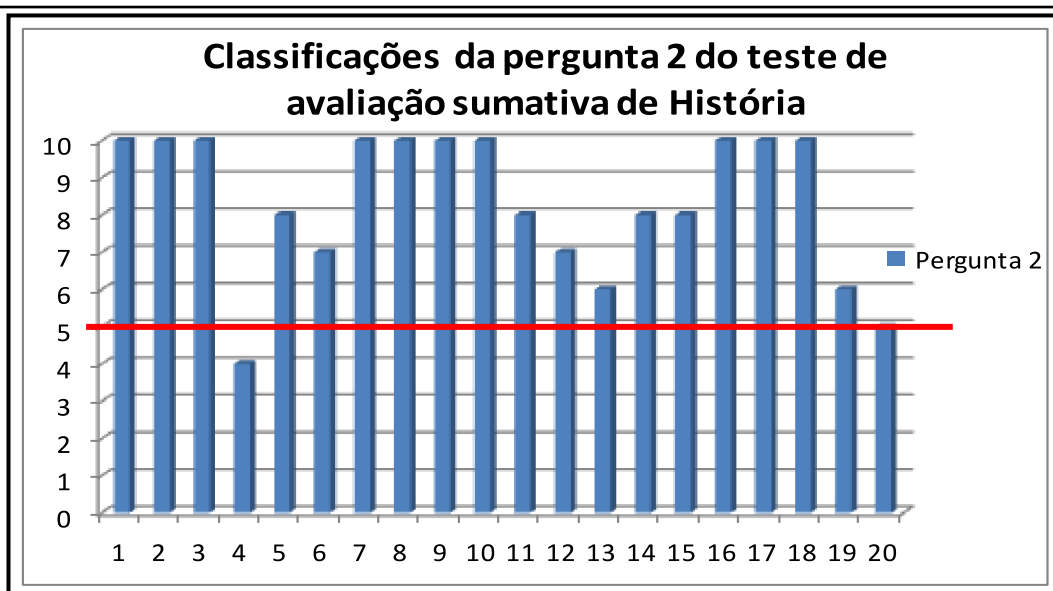


Gráfico 15: Classificações da pergunta 2 (Teste Sumativa de História - 9ºB)

Salvaguarda-se ainda que os resultados globais deste foram, também eles muito positivos, uma vez que a média de classificações foi de 73,1 em 100 valores, registando-se apenas uma negativa.

4.2 Avaliação Sumativa em Geografia

Como anteriormente foi referido neste relatório, o Teste Sumativo de Geografia continha igualmente uma pergunta elaborada e utilizada por nós na ficha formativa.

A referida pergunta foi utilizada no 5º mini teste da disciplina⁶³, mais concretamente no Grupo 2 que se subdividia nas alíneas 1.1 e 1.2. Podem ser visualizados na íntegra os resultados do Teste Sumativo no gráfico número 16. Vamos incidir especial atenção nas colunas verdes e roxas, uma vez estas são as classificações das nossas perguntas incorporadas na Ficha de Avaliação Sumativa da Professora Cooperante, Mónica Costeira.

Tal como referido anteriormente, este miniteste era composto por quatro questões e cotado para 48 valores (10+10+14+14).

As notas obtidas pelos alunos foram, de uma forma geral, muito positivas. Ainda assim, registaram-se três alunos com classificações de e abaixo dos 22 valores (suficiente). Essas três classificações foram de 18 e 22 valores respectivamente.

⁶³ Vide anexo 41

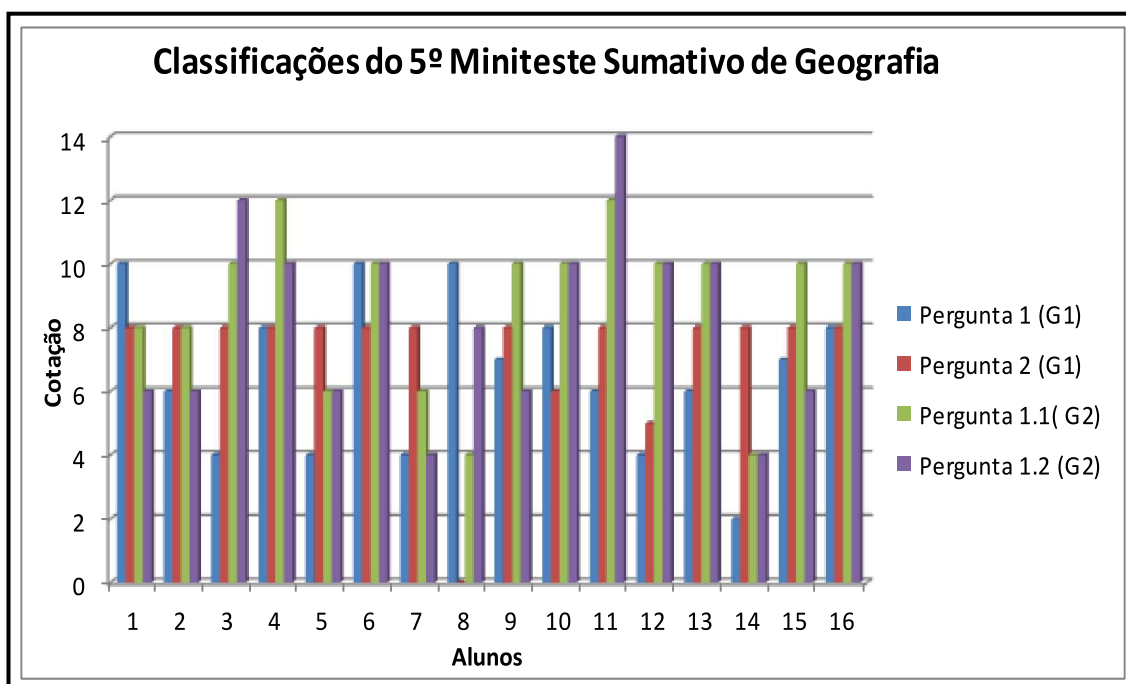


Gráfico 16: Classificações do Teste Sumativo de Geografia (11ºB)

Tal como referido a nossa questão dividia-se em duas alíneas. A primeira questionava sobre o incremento do transporte marítimo e as suas vantagens face ao transporte rodoviário. A segunda alínea abordava o incremento do transporte marítimo e as vantagens da multimodalidade que este meio de transporte pode permitir e fomentar.

1.1 Explique o incremento do transporte marítimo proposto pela UE, considerando:

- as desvantagens do transporte rodoviário;
- as vantagens da multimodalidade.

Por sua vez, a questão 1.2 abordava a importância que o Porto de Sines poderá vir a ter na economia da região e também a nível internacional.

1.2 Explícite a importância que o porto de Sines poderá vir a ter, direta ou indiretamente:

- na economia regional;
- na economia internacional.

Cada uma destas questões tinha a cotação de 14 valores. A média⁶⁴ obtida pelos alunos na pergunta 1.1 foi de 8,75 valores e na pergunta 1.2 foi de 8,25 em 14 valores.

⁶⁴ Vide anexo 42

Registaram-se na pergunta 1.1. como notas mais baixas as classificações 4 valores, (por duas vezes) e 6 valores (igual número de vezes). A classificação mais elevada obtida na pergunta 1.1 foi de 12 valores (2 registos).

Por sua vez na pergunta 1.2, na nota mais baixa foi de 4 valores (duas ocorrências). Registam-se ainda a preocupante obtenção de 6 valores por parte de cinco alunos.

De seguida segue o respectivo gráfico com as notas obtidas pelos alunos nestas duas questões.

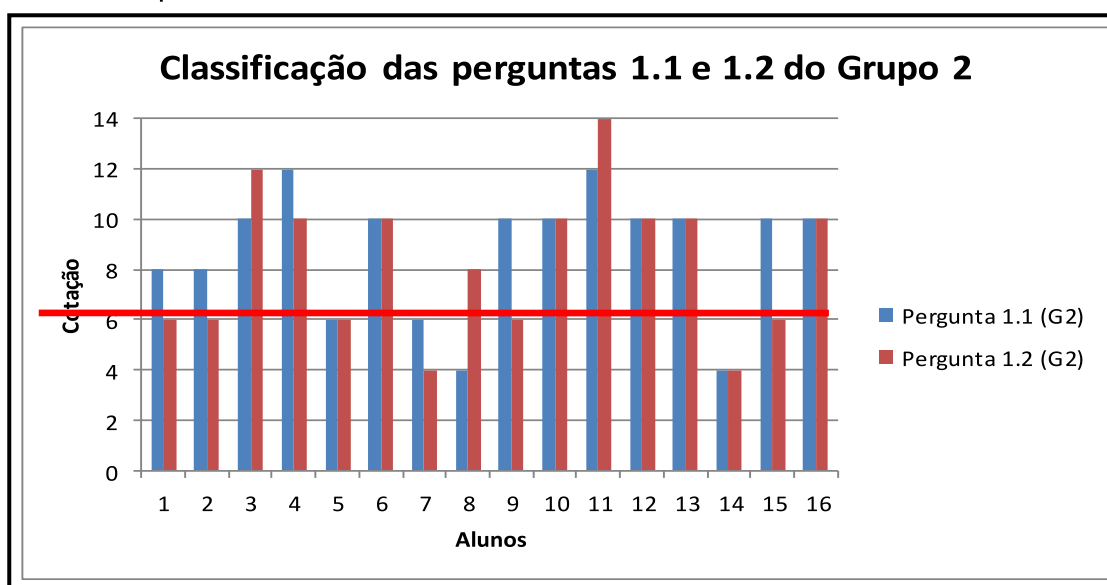


Gráfico 17: Classificações da perguntas 1.1 e 1.2 (Teste Sumativo de Geografia - 11ºB)

Perante estes resultados longe de serem brilhantes, tentámos perceber o que poderá ter estado na sua génese. Para que esta reflexão tenha sentido nos resultados das questões que diziam respeito às aulas por nós lecionadas, importa referir que existiu um ligeiro desfasamento entre a leção dos conteúdos (início de abril) e o momento formal de avaliação do terceiro período (início de junho). Para além disso, após verificação da grelha de resultados, constatou-se ainda que os alunos que obtiveram os piores resultados são aqueles que desde o início do ano lectivo evidenciam também as piores notas na disciplina de Geografia.

O desinteresse pela disciplina e o facto de estes alunos revelarem uma maior apetência para a área económica podem também ter contribuído para estes resultados.

Ainda assim, deverá ser registado que as notas mais elevadas nas duas questões atingiu a cotação de 26 valores em 28 possíveis. Para além disso, registre-se ainda a obtenção de 22 valores por parte de dois alunos e de 20 valores por parte de 5 discentes.

4.3 Estudo - Metodologias de Ensino em História e Geografia

Neste ponto vamos incidir essencialmente a nossa atenção numa vertente investigativa, mais concretamente na análise e reflexão de um questionário aplicado a cinco turmas do CT. O objetivo deste questionário, que assumia duas formas diferentes, um vocacionado para a disciplina de História⁶⁵ e outro para a disciplina de Geografia⁶⁶, visava essencialmente refletir sobre a lecionação da Geografia e da História na Escola actual.

4.3.1 A amostra

Após a construção formal do questionário, aplicámo-lo através de uma técnica de amostragem por conveniência, visto que, o estudo foi confinado apenas às turmas dos Professores Cooperantes.

O questionário, de administração direta, foi estruturado em duas partes; a primeira relativa a uma caracterização pessoal do aluno inquirido, e uma segunda parte relativa às opções metodológicas no âmbito do ensino das disciplinas de História e Geografia. A primeira parte consistia na recolha de elementos como a idade, sexo, informações sobre o agregado familiar e percurso escolar (retenções, hábitos de estudo e níveis obtidos). Através da segunda parte, recolheram-se as ideias dos participantes relativamente aos temas da disciplina de História e Geografia que despertam maior e menor interesse aos alunos, a utilização de tecnologias na sala de aula, bem como quais as estratégias mais utilizadas pelos professores nas disciplinas de História e Geografia e respectiva frequência.

⁶⁵ Vide anexo 43

⁶⁶ Vide anexo 44

A tarefa de preenchimento do questionário foi apresentada aos alunos com uma breve explicação sobre os seus objetivos e estrutura.

Para este estudo foi escolhido o inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados. Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), citados por Silva (2006, p. 116), o uso de questionários “...é um método de recolha de dados muito frequentemente utilizado e adequado, quando este é destinado ao conhecimento de opiniões, atitudes e práticas de uma dada população.”

Neste estudo foram administrados questionários a três turmas de Geografia (turma 1 – 11º ano composta por 26 alunos; turma 2 – 9º ano com um total de 24 alunos; turma 3 – 9º ano constituída por 23 alunos) e a duas turmas de História (turma 1 – 9º ano com 18 alunos; turma 2 – 7º ano constituída por 18 alunos).

4.3.2 Estudo - Metodologias de Ensino em História

Com a sua administração pretendemos aferir mais sobre: i) quais as metodologias de ensino que os alunos afirmam ser mais utilizadas pelo professor de História em contexto de sala de aula; ii) quais os temas de História preferidos iii) se os alunos gostam ou não da disciplina de História e quais as razões subjacentes a esse gosto ou não e iv) quais as tecnologias de informação e comunicação mais utilizadas pelo professor.

Obtivemos um total de 36 questionários devidamente preenchidos no conjunto das duas turmas em que o aplicámos. De seguida irá proceder-se à análise dos gráficos obtidos.

4.3.2.1 Idade e Sexo

No sentido de apurarmos a representatividade da amostra, elaborou-se numa primeira análise, três gráficos representativos do perfil dos alunos (sexo e idade), apresentando-se a respetiva frequência absoluta (gráfico 18) e relativa (gráfico 19 e 20).

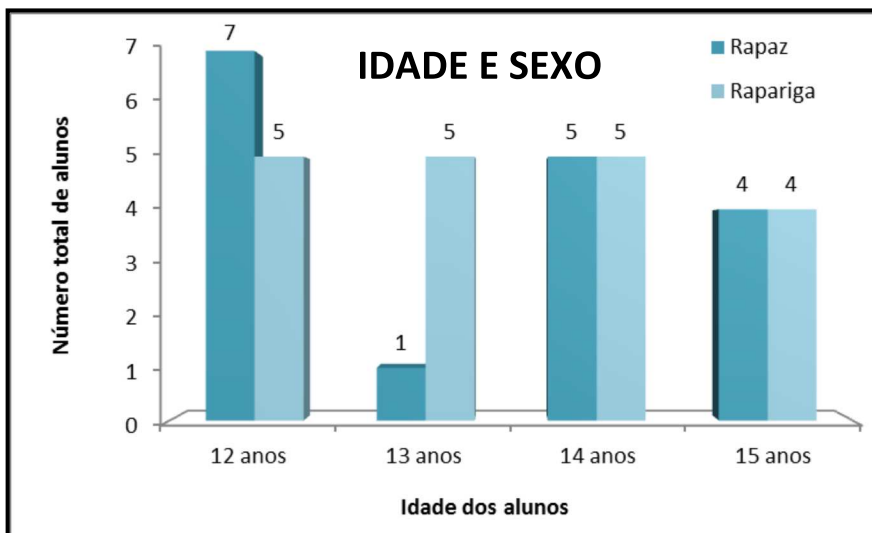


Gráfico 18 - Distribuição etária e sexo dos alunos inquiridos em História

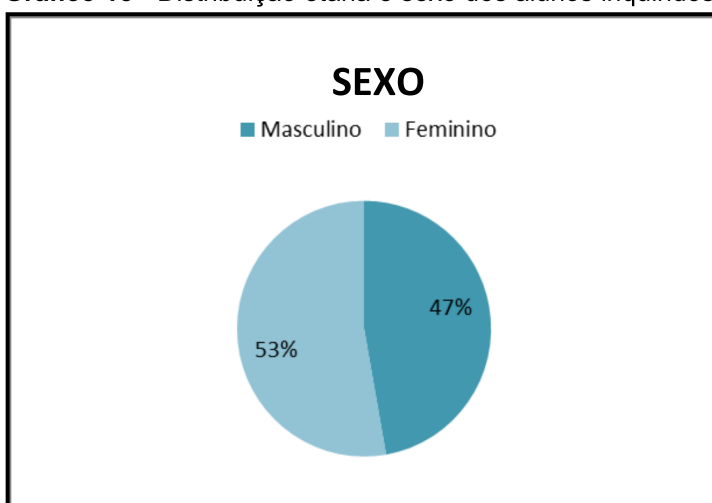


Gráfico 19 - Sexo dos inquiridos em História

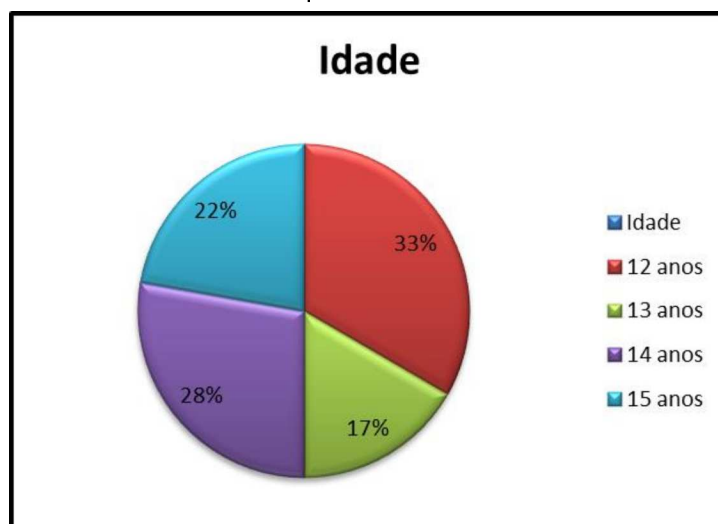


Gráfico 20 - Distribuição etária dos alunos inquiridos em História

No respeitante à variável Sexo, podemos constatar que predominam os respondentes do sexo feminino, com 19 elementos, constituindo 53% do total da amostra. Por sua vez, o sexo masculino, com 17 alunos, representa 47% do total da amostra.

No que concerne à análise da variável Idade, podemos constatar, com a leitura dos Gráficos 18 e 20, que existem 12 alunos com 12 anos de idade, constituem 33% do total da amostra (7 do sexo masculino e 5 do sexo feminino), 10 alunos com 14 anos de idade que correspondem a 28% da amostra (5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino), 8 alunos com 15 anos de idade, que constituem 22% do total da amostra (4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino), e 6 alunos com 13 anos que compõem 17% da amostra (1 do sexo masculino e 5 do sexo feminino).

4.3.2.2 Composição do agregado familiar

Para análise da composição do agregado familiar construíram-se os seguintes gráficos (gráficos 21 e 22).

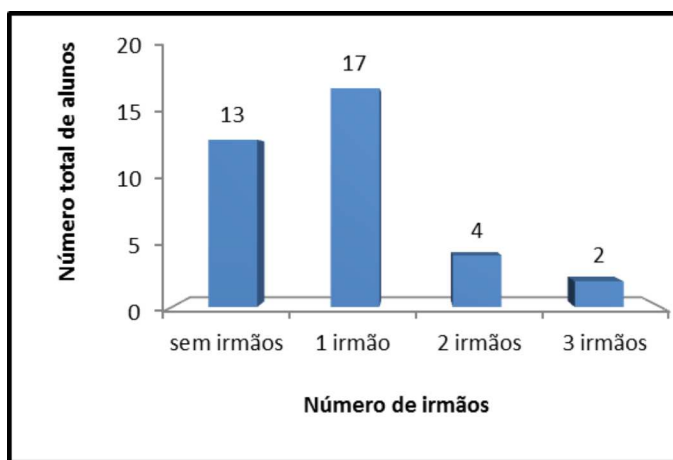


Gráfico 21 - Número de irmãos dos alunos inquiridos em História

Da análise deste gráfico concluímos que a maioria dos inquiridos tem apenas um irmão (17) e que 13 não têm nenhum seguido de 4 alunos que têm dois e por fim 2 alunos que têm 3 irmãos. Verifica-se a tendência para a diminuição do número de filhos por família, predominando as famílias com apenas 1 ou 2 filhos.

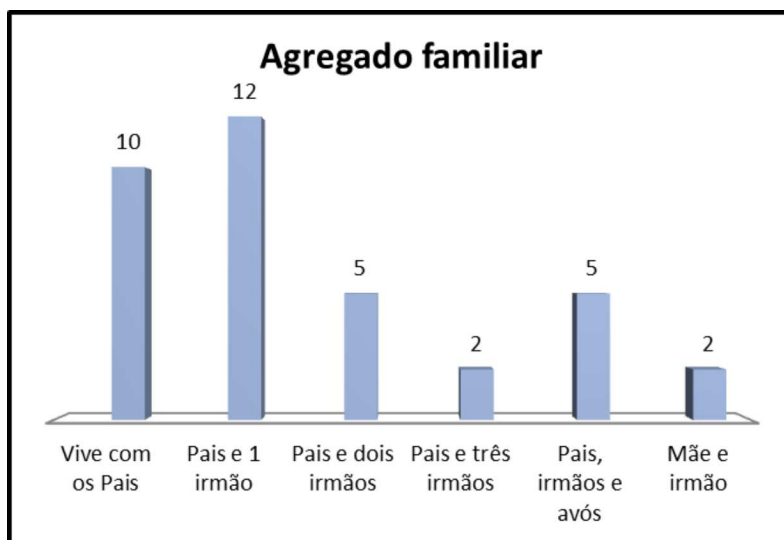


Gráfico 22 - Agregado familiar dos alunos inquiridos em História

Ao observarmos o gráfico 22, que nos ilustra a composição do agregado familiar da amostra, podemos concluir que a maioria dos alunos das 2 turmas de História em estudo (12 alunos em 36) vive com os pais e um irmão, seguida de 10 alunos cujo agregado familiar é composto apenas pelos pais. Menos representativos são os agregados familiares compostos pelos pais e dois irmãos (apenas 5 alunos) e pelos pais, irmãos e avós (5 alunos). Mãe e irmão e pais e três irmãos registam apenas dois alunos a referirem ser essa a composição do seu agregado familiar.

4.3.2.3 Retenção

Por retenção entende-se a situação em que um aluno se mantém no mesmo nível de ensino durante um ano adicional, em vez de avançar para um nível superior juntamente com os respetivos pares da mesma idade (Brophy, 2006).

O indicador que traduz o insucesso escolar refere-se aos fracos resultados escolares dos alunos, correspondendo as taxas de insucesso à percentagem de alunos que ficam retidos no ano de escolaridade que frequentam face ao total de alunos matriculados nesse mesmo ano, devido à incapacidade de o aluno atingir os objetivos globais definidos para cada ciclo de estudos (Eurydice, 1995).

Ao observarmos o gráfico 23 verificamos que a totalidade dos alunos nunca ficou retida em nenhum ano letivo, durante o seu percurso escolar até ao presente. Desta forma concluímos que nestas duas turmas de História a taxa de insucesso escolar é inexistente. Podemos relacionar o facto de estes alunos apresentarem uma taxa de insucesso escolar nula, com a instituição de ensino em si, bem como com a sua visão que aposta num ensino personalizado e atualizado. Para além da disciplina, o rigor, o trabalho, o respeito e o prazer que caracterizam a educação de excelência praticada no Colégio considerámos que existem duas vertentes na instituição para além do referido, que contribuem para esta taxa de sucesso escolar, sendo elas as atividades extracurriculares proporcionadas e a valorização da formação contínua dos professores.

A propósito da frequência de atividades extracurriculares, (Eccles & Barber, 1999; Mahoney & Stattin 2000; Fredricks & Eccles, 2005; Melman et al., 2007) defendem que a participação nesse tipo de atividades traz benefícios ao nível da auto-estima, diminuindo a depressão. Existem, ainda, evidências de que os adolescentes que praticam atividades extracurriculares apresentam um maior e mais significativo envolvimento na escola (Marsh, 1992, referido por Simão, 2005; Fredrickes & Eccles, 2005), contribuindo assim para um maior nível de motivação, para um baixo nível de absentismo e para resultados escolares mais favoráveis (Marques, 2002, citado por Simão, 2005).

Para além disto devemos salientar ainda o facto de grande parte destes alunos pertencerem a famílias estruturadas e financeiramente estáveis. A respeito da importância da família para o sucesso escolar do discente Formosinho enfatiza que é impossível negar a relação entre facilidades, dificuldades e a origem social dos alunos. Este autor refere mesmo que: “O papel da família no aproveitamento escolar dos alunos é um dos factores extracurriculares com bastante mais influência no sucesso escolar que os factores escolares” (1978, pág. 180).

Esta afirmação é interessante e na actualidade em que vivemos assume ainda uma relevância maior. Com a crise económica actual, uma família bem estruturada em todos os domínios, inclusivamente no financeiro, poderá ser um factor muito importante na obtenção de sucesso escolar por parte dos alunos.



Gráfico 23 - Retenções verificadas nos alunos inquiridos em História

4.3.2.4 Frequência, local de estudo e auxílio no estudo

Como já foi referido, muitos dos problemas de aprendizagem derivam da ausência de estudo e de estratégias inapropriadas. Assim, para análise da frequência de estudo dos alunos que compõem a amostra, elaborou-se o gráfico seguinte (gráfico 24).



Gráfico 24 - Frequência de estudo dos alunos inquiridos em História

É possível verificar pelo gráfico 24 que uma percentagem muito baixa (3%, correspondente a um aluno apenas) dos alunos inquiridos tem o hábito de estudar diariamente. Por ventura, neste caso concreto, alguns alunos poderão ter omitido, pois pensamos que este número pode ser maior.

É importante que o aluno organize uma rotina diária de estudo, facto que

contribuirá de forma positiva para o seu desempenho escolar, pois tal como defende Piazzzi & Pierluigi (2009), o aluno que tem uma rotina de horas de estudos verifica que o seu rendimento escolar aumenta, tornando-se mais participativo e consciente das suas possibilidades.

O gráfico seguinte mostra os locais onde os alunos habitualmente estudam.

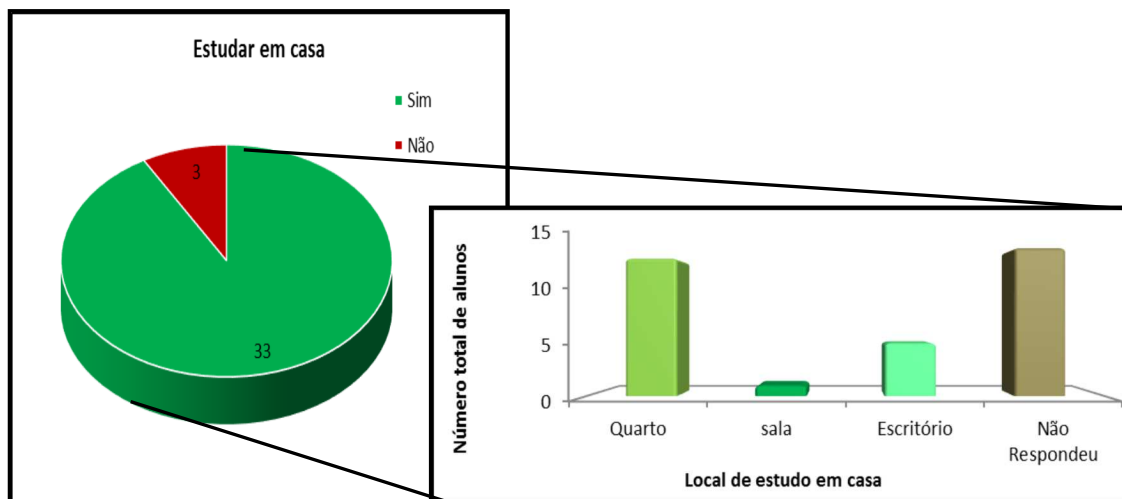


Gráfico 25 - Local de estudo dos alunos inquiridos em História

A partir da análise do gráfico 25 conclui-se que a maioria dos alunos estuda em casa (92%). Estes 33 indivíduos, quando questionados sobre qual a divisão da casa em que habitualmente estudam, 13 referiram ser no quarto, 5 no escritório e 1 afirma estudar na sala, ao passo que 14 inquiridos não responderam.

Por forma a caracterizar o auxílio no estudo que os alunos respondentes neste estudo têm, criou-se o gráfico número 26.

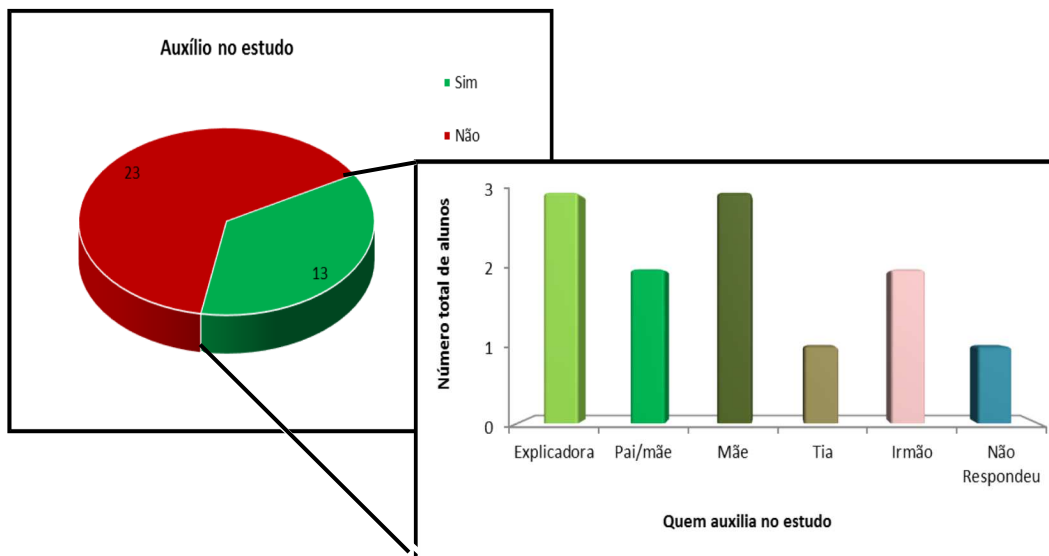


Gráfico 26 - Auxílio no estudo prestado aos alunos inquiridos em História

Da leitura deste gráfico conclui-se que 64% dos alunos inquiridos (23 em 36 indivíduos) afirmam não ter auxílio no estudo enquanto 36% refere receber auxílio (13 em 36). Destes 36%, que correspondem a 13 alunos, 4 referem que esse auxílio é prestado por uma explicadora, 3 dizem que é a Mãe, 2 referem ser o Pai/Mãe, e outros 2 dizem ser os irmãos. Por fim um aluno diz que essa ajuda é dada pela tia, e outro não respondeu.

Nesta amostra (ao contrário do que acontece na disciplina de Geografia analisada de seguida) verifica-se já alguma da tendência observada tanto em Portugal como no resto do mundo, relativamente à crescente procura de auxílio ao estudo feito por explicadores.

4.3.2.5 Aproveitamento Escolar

Com o objetivo de percebermos o nível de (in)sucesso escolar⁶⁷ dos alunos da disciplina de História, inquiridos no presente estudo, procedemos à elaboração e análise dos gráficos abaixo (gráficos 27 e 28).

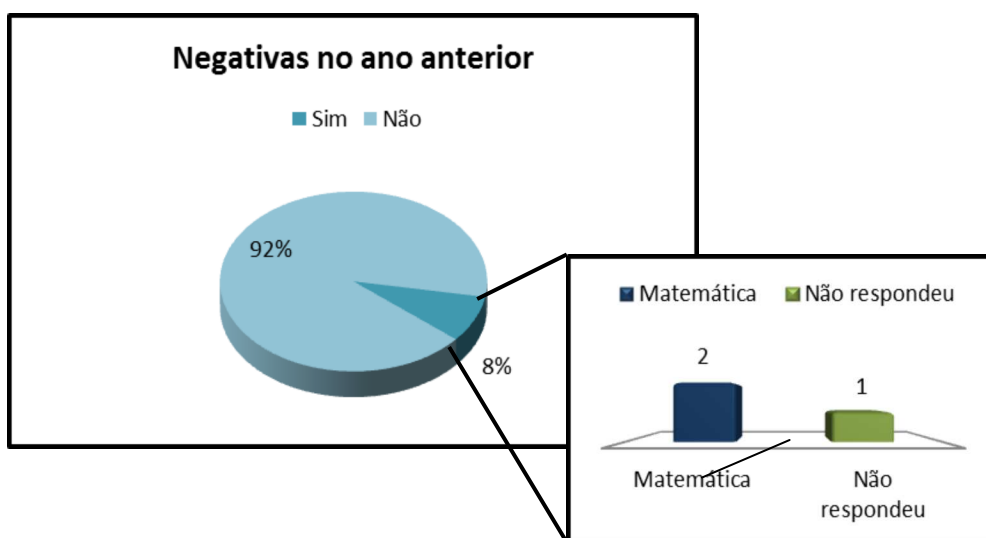


Gráfico 27 - Negativas obtidas pelos alunos inquiridos em História

Da análise do gráfico podemos concluir que a maioria dos alunos (92%) não obteve nenhuma nota negativa no ano letivo anterior, sendo que 8% refere ter obtido notas negativas. Destes 8% (que correspondem a 3 dos 36 alunos) 2

⁶⁷ Recordamos a definição de insucesso escolar proferida pela Eurydice como sendo “a incapacidade que o aluno revela de atingir os objetivos globais definidos para cada ciclo de estudos” (1995, p. 47).

afirmam ter obtido nível negativo na disciplina de Matemática, à exceção de um aluno que não respondeu.

Tal como aconteceu na disciplina de Geografia, analisada à frente, também aqui o resultado está de acordo com o panorama português no que diz respeito ao insucesso à disciplina de Matemática.

Para inferir acerca do nível de sucesso escolar dos alunos inquiridos, bem como quais as disciplinas em que se verifica esse mesmo sucesso, obteve-se o gráfico que se segue (número 28). Da análise do mesmo verificámos que uma grande percentagem dos alunos (86%) afirma ter obtido notas com nível 5, sendo que apenas 6% afirma não ter obtido esse nível. Não responderam a esta questão 3 alunos, o que corresponde a 8%. Relativamente à questão sobre qual a disciplina em que obtiveram essas notas, a maioria dos alunos não respondeu (22 alunos em 31). Dos alunos que responderam (9 em 31) 5 referiram ter notas com nível 5 a todas as disciplinas, seguida da disciplina de História (3) e por fim a disciplina de Inglês, com apenas 1 registo.

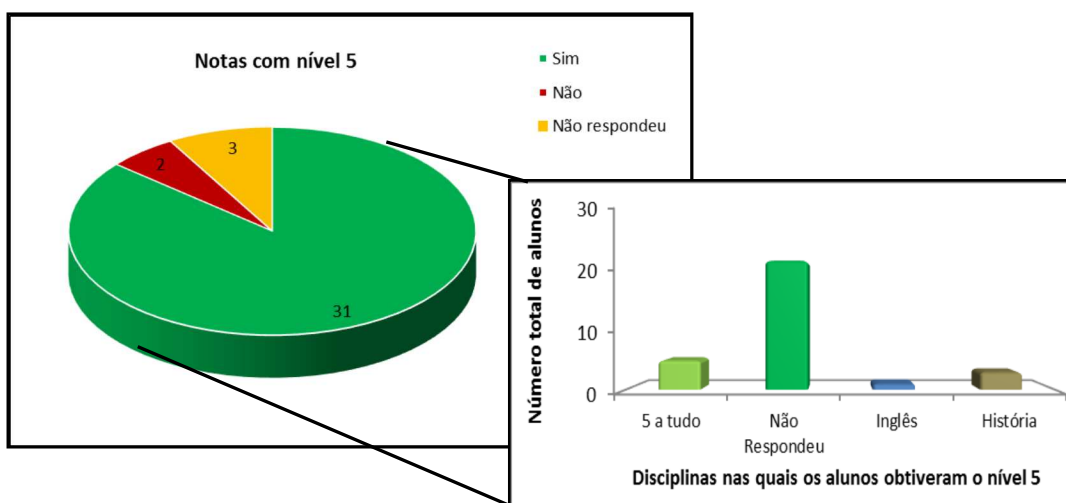


Gráfico 28 – Notas muito boas obtidas pelos alunos inquiridos em História

4.3.2.6 Interesse pela disciplina de História

Seguidamente analisaremos o interesse dos inquiridos pela disciplina de História. A este respeito do José Mattoso defende:

“(...) o que interessa não é gostar da História mas estar convencido que sem ela não se pode compreender o mundo em que vivemos (...). É a História que nos habitua a descobrir a relatividade das coisas, das ideias, das crenças e das

doutrinas, e a detetar por que razão, sob aparências diferentes, se repetem situações análogas, se reproduz a busca de soluções parecidas ou se verificam evoluções paralelas. O historiador está sempre a descobrir no passado longínquo e recente o mesmo e o outro, a identidade e a variância, a repetição e a inovação (...)." (1999, p.14-17).

Esta afirmação de José Mattoso é extremamente interessante. Realmente a História é importante demais para ser uma disciplina da qual se gosta ou não, acima de tudo, o ensino de história permite-nos conhecer a realidade e reproduzir as transformações pelas quais as sociedades passam. A formação social de cada povo é fundamentada na sua História, o seu tempo histórico passado e presente são essenciais para compreendermos a formação estrutural dessa civilização e do mundo.

Com o objetivo de entendermos os motivos que despertam o interesse/desinteresse dos alunos pela disciplina de História elaboraram-se os gráficos apresentados de seguida (gráficos 29, 30, 31 e 32).

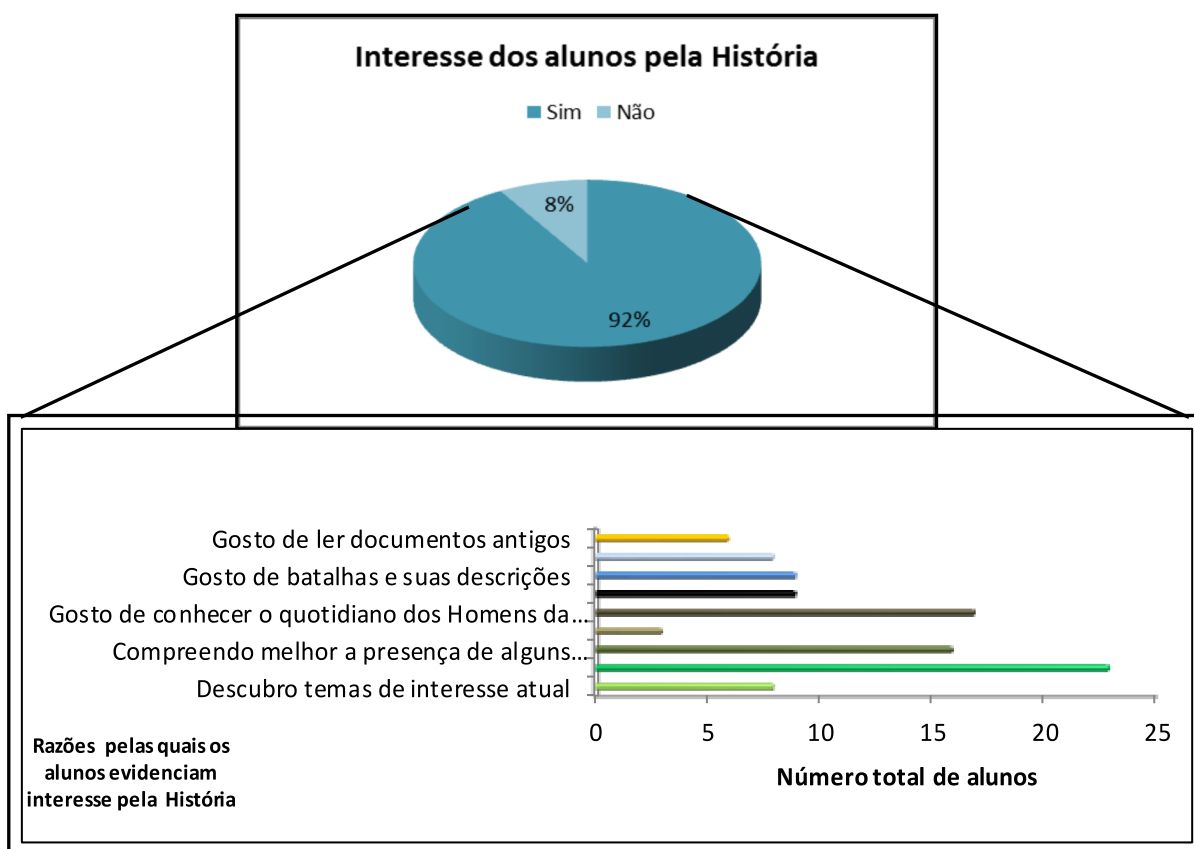


Gráfico 29 - Interesses dos alunos inquiridos pela disciplina de História

Da análise do gráfico 29, observamos que 92% dos alunos revela ter interesse pela disciplina de História, contra apenas 8% que afirmam o contrário. Das razões pelas quais os alunos evidenciam interesse por esta disciplina, podemos referenciar como principais motivos descritos: *Valorizo o que Aconteceu no Passado* (23,2%), *Gosto de conhecer o quotidiano dos Homens da História* (17,2%) e *Compreendo Melhor a Presença de Alguns Monumentos* (16,1%). O motivo com menor expressão foi *Conheço homens e mulheres importantes* (4%).

Relativamente aos temas que despertam mais interesse, podemos concluir pela análise do gráfico 30, que existem dois temas que se destacam por serem apontados por um maior número de alunos, que são: a *Idade Média* (23,2%) e os *Descobrimientos* (21,2%).

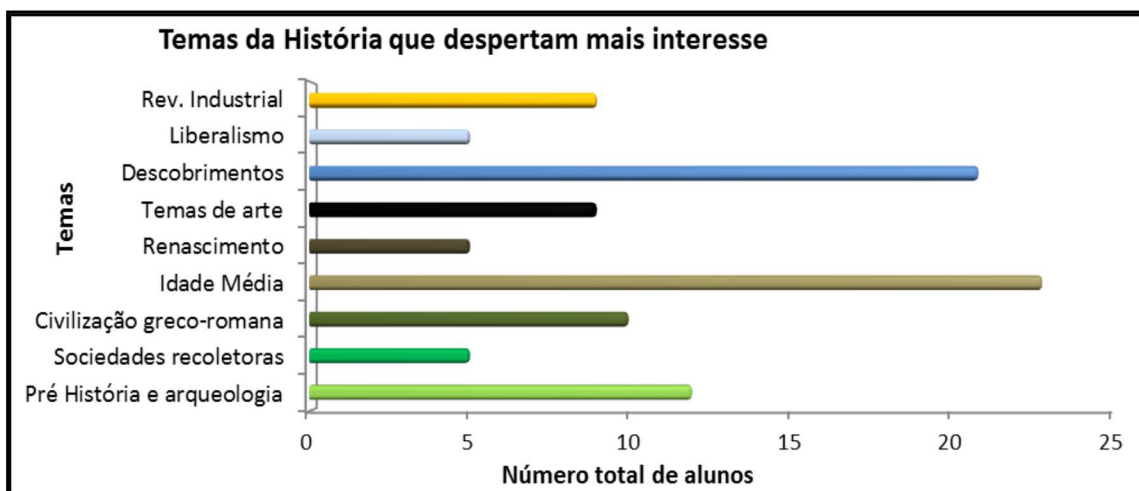


Gráfico 30 – Temas da História que despertam mais interesse nos inquiridos

Da análise do próximo gráfico, concluímos que as razões pelas quais os alunos não evidenciam interesse pela História são: *Os temas são Muito Teóricos ou Pouco Úteis* (33,3%) e *A História obriga a muita memorização* (33,3%). De acordo com Ferreira (1999, p.140), citado por Carvalho (2012, p. 15), o ensino da História continua a ser "... predominantemente factual, trabalhando com as tendências narrativas e positivistas, tornando-se, dessa forma, para os alunos um ensino desinteressante, confuso, anacrónico, burocratizado e repetitivo". Esta infeliz associação ainda se encontra muito associado à disciplina de História.

Sabemos que o Professor de História está confrontado com o ensino de um vasto programa, mas, cabe-lhe também o papel de ser mediador entre o aluno e a disciplina, adaptando as aulas às motivações e expectativas dos discentes.

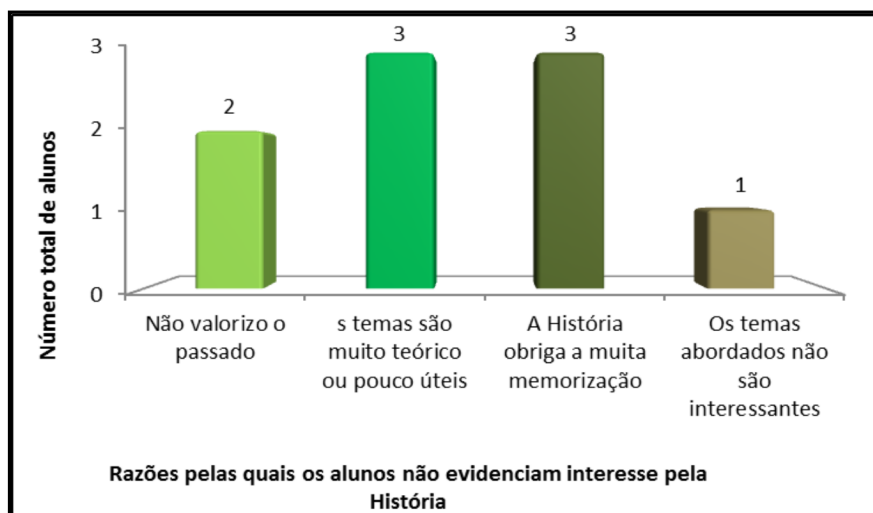


Gráfico 31 - Razões dos inquiridos para o desinteresse na História

A partir do gráfico 32 percebemos que os temas que despertam menos interesse são o *Renascimento* e os *Temas de Arte*, ambos com a igual percentagem de 22,2%.

Não nos espanta muito estes resultados, uma vez que normalmente os discentes evidenciam algum desagrado por estes temas. Para combater isto, é importante que o professor lance constantemente desafios aos seus alunos. Como afirma Maria Felisbela Martins (2011, p. 127) "... emerge a importância de os professores se tornarem cada vez mais autónomos, tomarem decisões, refletirem sobre as suas próprias práticas." Por exemplo, quando o docente estiver a abordar *Temas Relacionados com Arte* porque não realizar uma visita virtual a Museus como o Prado, o Louvre ou o Reina Sofia?

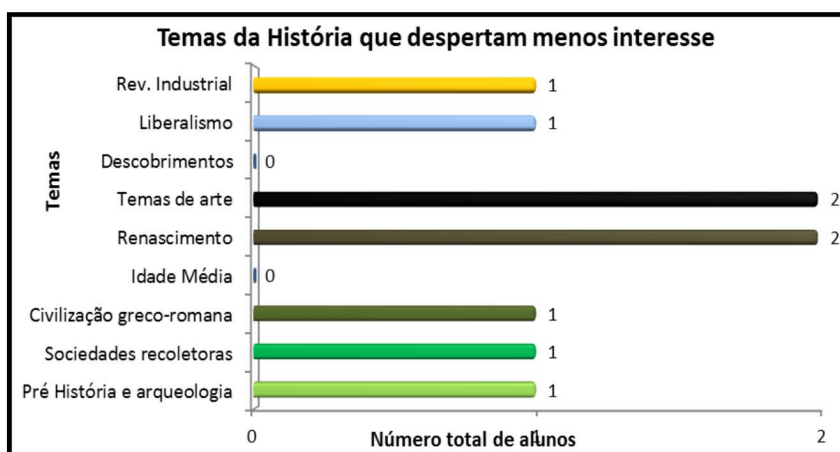


Gráfico 32 – Temas da História que despertam menos interesse

Relativamente às atividades realizadas na sala de aula, e pela análise do gráfico seguinte (33) conclui-se que essas atividades foram: a *Realização de Resumos*, a *Exposição da Matéria pelo Professor* e a *Interpretação de Imagens*. As atividades menos realizadas em contexto de sala de aula foram: a *Realização de Representações Teatrais*, a *Construção de Dicionários de Conceitos*, a realização de *Debates nas Aulas* e a *Interação com Objetos Históricos*.

No que concerne à Realização de representações teatrais, o resultado é compreensível, pois trata-se de uma estratégia que envolve uma maior preparação, quer a nível estrutural quer a nível de aptidão do professor, a que se associa uma carga letiva da disciplina longa e exigente. Ainda assim é óbvio que a aprendizagem por esta estratégia é extremamente gratificante e tem reconhecido valor. A este propósito Hauer (2005, p. 243) refere:

“O uso da linguagem teatral é positivo pois atua como facilitador da aprendizagem por permitir ao aluno a ruptura com sua posição passiva e recetiva de informações. Ora, pretendemos demonstrar através da categoria da “Atividade” que alunos com participação ativa na construção do conhecimento, tal como as permitidas pelo trabalho com teatro, alcançam resultados melhores.”

“Além do papel ativo do aluno, pensamos que a atividade teatral consegue despertar nos alunos um maior interesse, o que também se relaciona com resultados melhores”.

A realização de “Debates nas aulas” foi também referido pelos alunos como sendo uma actividade que nunca realizaram. Tal prática também representa uma alternativa para os professores que buscam soluções mais criativas e motivadoras para as suas aulas, tornando os alunos capazes de reconhecer as afirmações contraditórias e aquelas que dão suporte às afirmações (Balbino, Vicari, Landgraf, Santos, & Oliveira, 2013).

Outra actividade extremamente gratificante, e que os alunos afirmaram como nunca terem realizado nas suas aulas é a “Interação com objectos históricos”. A utilização da arqueologia na escola, segundo Antas (1999), leva a

que os alunos se sintam mais motivados a aprender e a desenvolver métodos de trabalho e novos conhecimentos, aliando, desta forma, a teoria à prática.

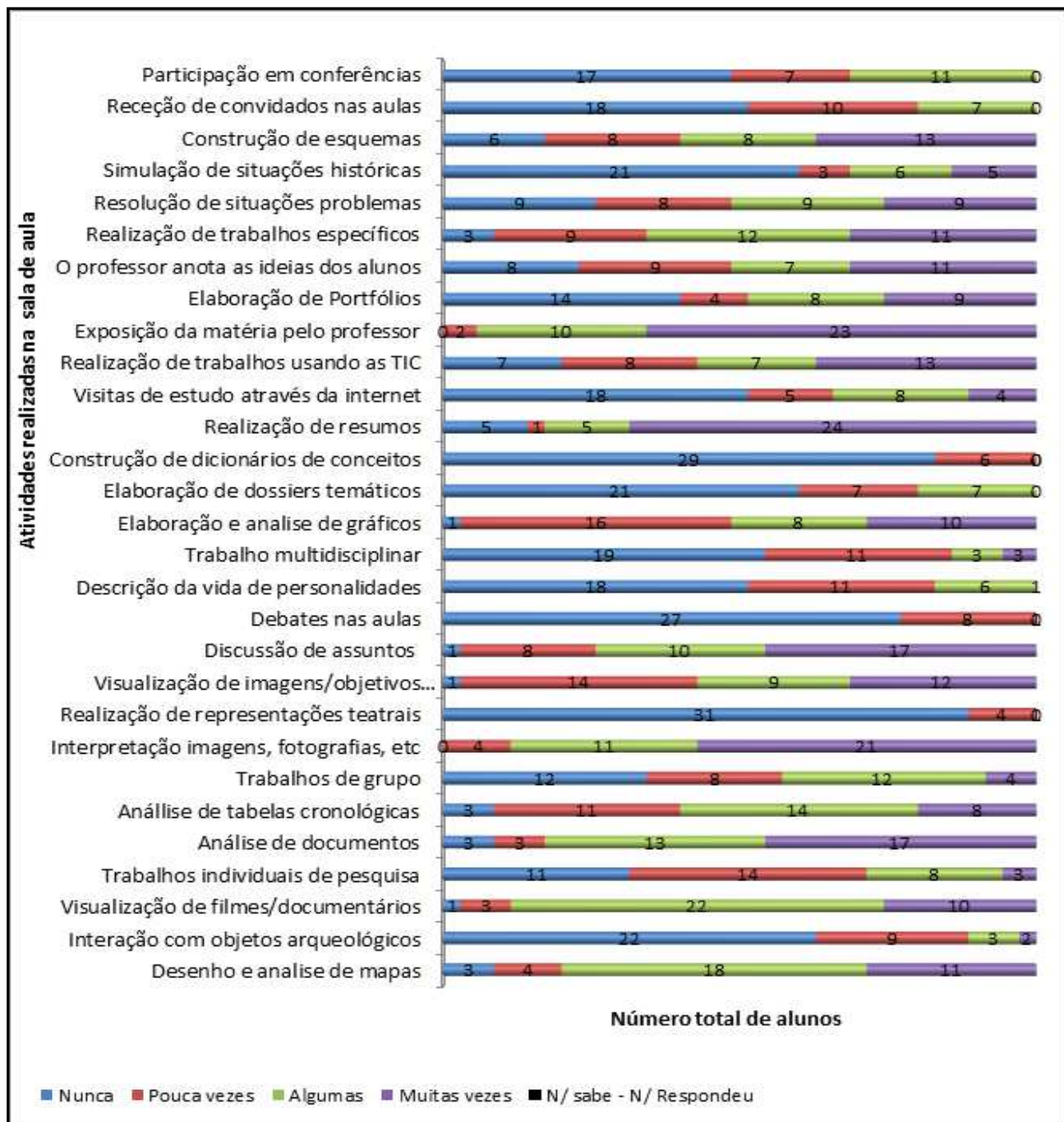


Gráfico 33 – Atividades de História realizadas nas aulas dos inquiridos

4.3.2.7 Recursos Utilizados

Ao longo deste Relatório por diversas vezes fizemos alusão à importância da utilização das TIC para tornar as aulas mais interessantes e estimulantes, tanto na lecionação para o professor como na aprendizagem para o aluno. De

seguida procede-se à análise de diversos gráficos obtidos a partir das respostas dadas pelos alunos quando questionados acerca da utilização das TIC e sobre quais os recursos utilizados nas aulas de História.

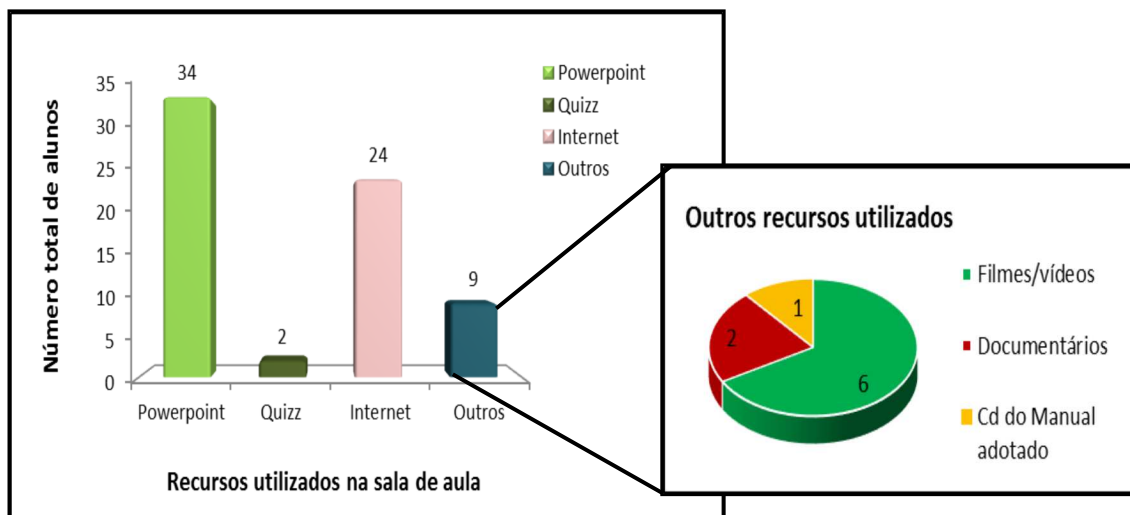


Gráfico 34 - Recursos utilizados nas aulas de História segundo os inquiridos

Relativamente aos recursos utilizados, neste caso em particular da disciplina de História, verificamos pela análise no gráfico 34 que o recurso mais utilizado é o *Microsoft PP*, seguido da Internet. O recurso ao Quiz tem menos significado, sendo ainda contemplado o recurso a outros meios como Filmes/Vídeos, Debates e “E-mails com imagens de sensibilização”.

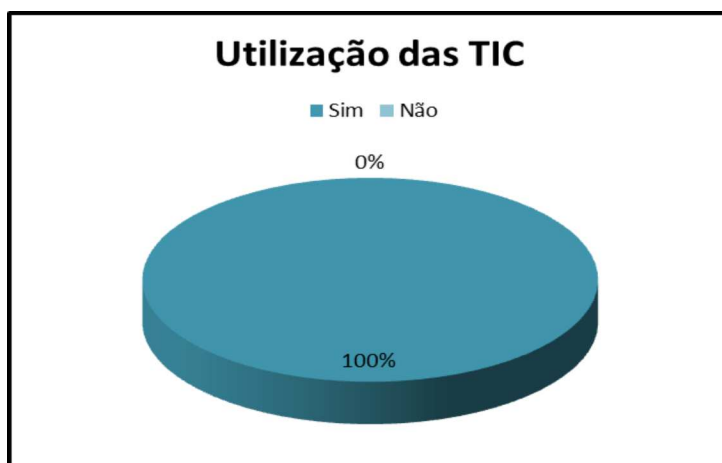


Gráfico 35 - Utilização das TIC nas aulas de História segundo os inquiridos

Quando questionados acerca da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), nas aulas de História, a totalidade dos alunos (100%)

respondeu afirmativamente (gráfico 35). Com agrado verificámos que os alunos salientam que os professores utilizam as TIC na sala de aula.

A ausência de motivação dos alunos é uma realidade com a qual os professores se deparam, e que interfere na qualidade das aprendizagens. No entanto, a aplicação de tecnologias na sala de aula pode contribuir para melhorar os níveis de motivação e o interesse dos alunos.

O recurso a estas tecnologias é capaz de tornar as práticas pedagógicas mais inovadoras, mais motivadoras e eficazes. Sendo que na sociedade atual, os jovens são os seus principais e naturais utilizadores, as tecnologias podem ser utilizadas no ensino como meio capaz de facilitar o acesso ao conhecimento, e de ser o motor da interatividade no processo de ensino e de aprendizagem.

A este respeito Hargreaves afirma que:

“(...) mais do que quaisquer outros profissionais, espera-se que os professores construam comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam as capacidades que permitem a inovação, a flexibilidade e o empenhamento na mudança” (2003, p.23).

Outro aspeto interessante é a utilização cada vez mais frequente da Internet na sala de aula. Gonçalves (2003) realizou um estudo onde analisa o modo como os alunos do 9.º ano interpretam fontes históricas com recurso à internet. As conclusões apresentadas demonstraram que os alunos souberam interpretar as fontes disponíveis na internet, para a construção do seu conhecimento histórico. *“Os alunos demonstraram maior objetividade na seleção das ideias e na aplicação da nova informação que lhes foi fornecida.”* (idem, p. 234). O autor do estudo afirma, ainda, que a internet é detentora de um vasto e diversificado recurso pedagógico para o processo de ensino e aprendizagem da História.

4.3.3 Estudo – Metodologias em Ensino da Geografia

Do questionário aplicado às três turmas da disciplina de Geografia obtivemos um total de 73 respostas. Tal como foi realizado para a disciplina de História, também no caso de Geografia, iremos analisar os dados obtidos.

4.3.3.1 Idade e Sexo

No sentido de se apurar a representatividade da amostra elaborou-se, numa primeira instância, três gráficos representativos do perfil dos alunos (sexo e idade), apresentando-se a respectiva frequência absoluta (gráfico 36) e relativa (37 e 38).

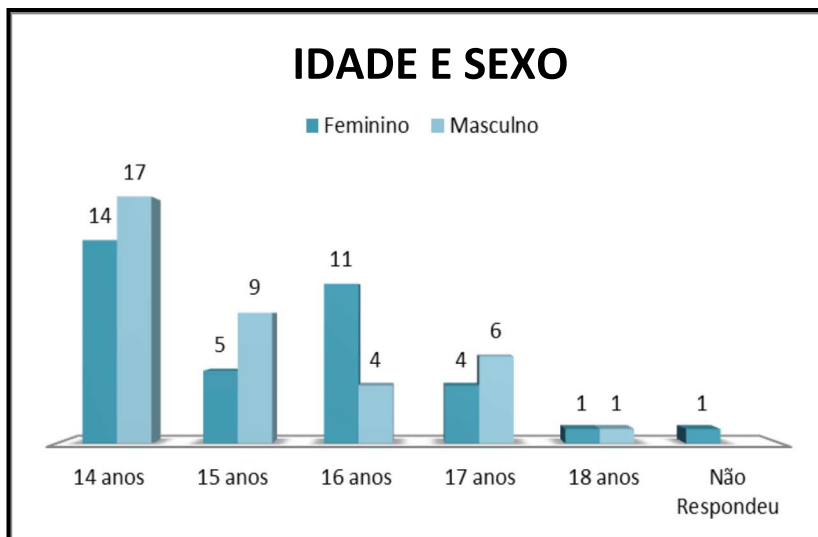


Gráfico 36 - Distribuição etária e sexo dos alunos inquiridos em Geografia.

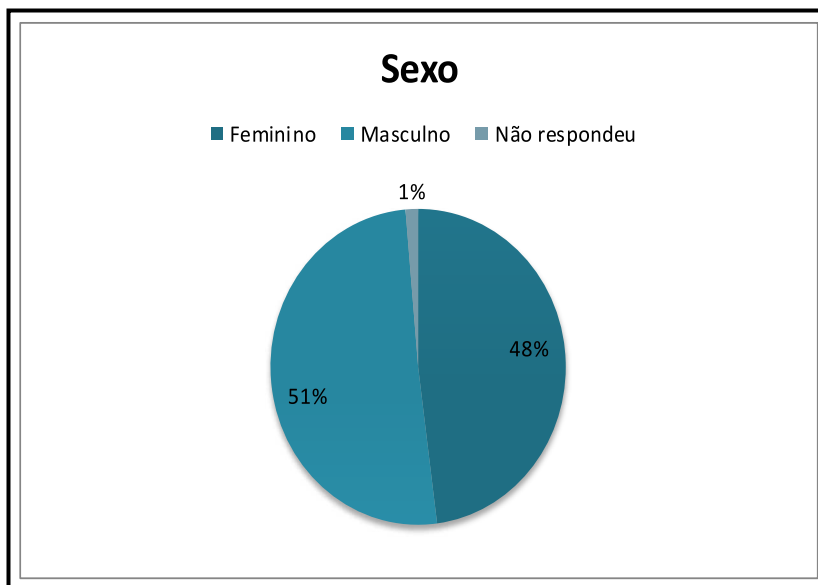


Gráfico 37 – Sexo dos alunos inquiridos em Geografia

No respeitante à variável Sexo, podemos depreender que predominam os respondentes do sexo masculino, com 37 elementos, constituindo 51% do total da amostra, porém, o sexo feminino, com 35 alunas, representa 48% do total

da amostra, verificando-se uma diferença de apenas dois alunos, entre sexos. Recorde-se que num inquérito não se obteve resposta neste campo.

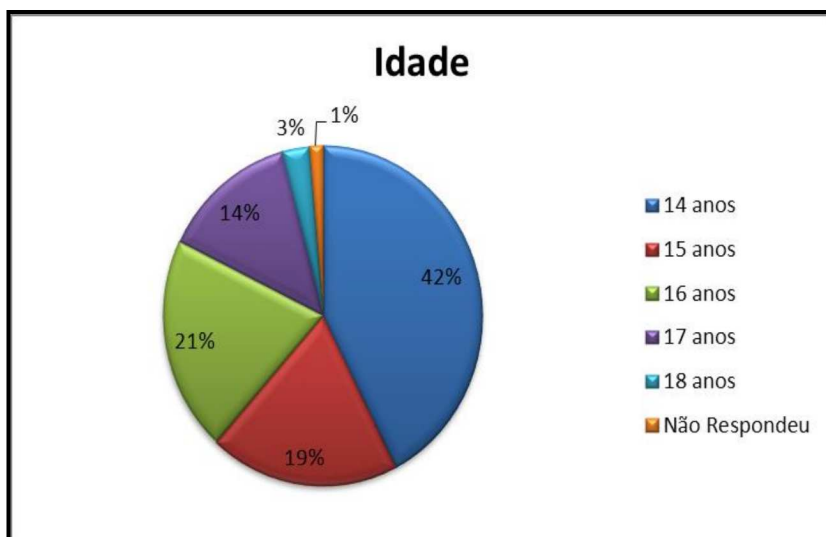


Gráfico 38 – Distribuição etária dos alunos inquiridos em Geografia

No que concerne à análise da variável Idade, podemos constatar, com a leitura dos Gráficos 36 e 38, que existem 31 alunos com 14 anos de idade, constituindo 42% do total da amostra (17 do sexo masculino e 14 do sexo feminino), 15 alunos com 16 anos de idade que correspondem a 21% da amostra (4 do sexo masculino e 11 do sexo feminino), 14 alunos com 15 anos de idade, que constituem 19% do total da amostra (9 do sexo masculino e 5 do sexo feminino), 10 alunos com 17 anos que compõem 14% da amostra (6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino) e 2 alunos com 18 anos que constituem apenas 3% da amostra (1 do sexo masculino e outro do sexo feminino). Recorde-se que um aluno não respondeu a esta questão.

4.3.3.2 Composição do agregado familiar

Nos dias de hoje assiste-se, numa sociedade pluralista como a nossa, a coexistência de diferentes tipos de família. Deixámos de ter o predomínio do modelo de família tradicional, observando-se o aumento do número de famílias monoparentais, famílias recompostas e de uniões de facto, tendo-se vindo a verificar também uma diminuição do número de filhos por família.

A relação entre a família e escola, apesar de serem duas instituições de extrema importância no desenvolvimento educacional do aluno, uma vez que estas duas instituições dividem a responsabilidade de socialização e educação dos mais jovens, nem sempre tem sido fácil (Mah, Gonçalves & Garcia, 1999). Segundo Hill & Craft (2003), seja na escola, seja em casa, o envolvimento parental está associado a melhorias no comportamento escolar, melhorias nas competências sociais e académicas, tendo sido verificado por Anjo (1997) que a dimensão média das famílias onde se verificava insucesso escolar era de 5,7 pessoas, sendo o rendimento das mesmas, normalmente baixos. Anjo conclui com este estudo que o insucesso escolar está, desta forma, relacionado a famílias mais numerosas e com escassos recursos económicos.

Para análise da composição e tamanho do agregado familiar dos 73 alunos que compõe as três turmas de Geografia em estudo, construíram-se os gráficos apresentados abaixo (39 e 40).

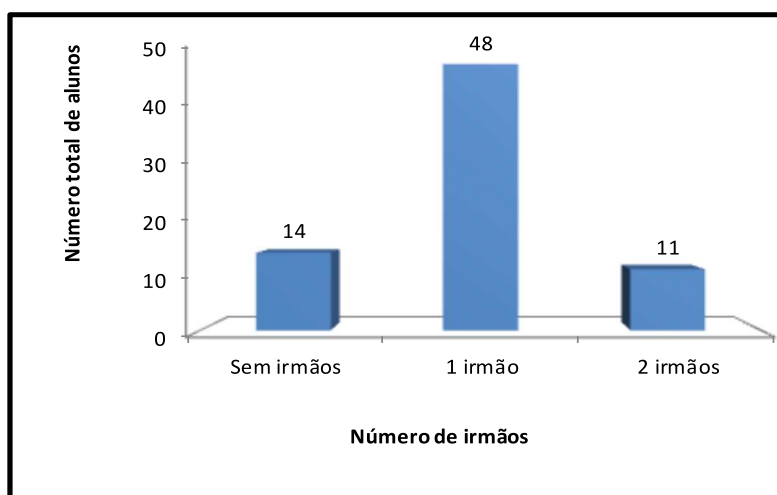


Gráfico 39 – Número de irmãos dos alunos inquiridos em Geografia

Da análise do gráfico anterior concluímos que a maioria dos inquiridos tem apenas um irmão (48 alunos), 14 não têm irmãos, seguido de 11 alunos com dois. Mais uma vez se verifica a predominância para as famílias de pequena dimensão. A nova condição da mulher e o facto de se conseguir prestar mais atenção a cada progenitor, se estes forem poucos, são alguns dos argumentos mais verificados e usados nas sociedades ricas para que este cenário se verifique. Este facto é confirmado através de uma notícia publicada no *site*

institucional do Jornal DN.⁶⁸ Esta notícia refere ainda que os portugueses casam-se menos e cada vez mais tarde.

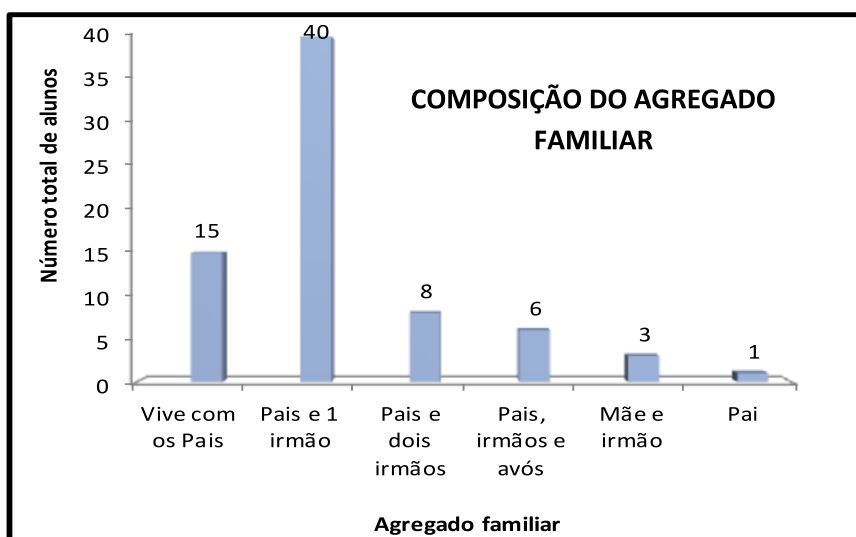


Gráfico 40 – Agregado familiar dos alunos inquiridos em Geografia

Ao observarmos o gráfico 40, que nos ilustra a composição do agregado familiar da amostra, podemos concluir que a maioria dos alunos das 3 turmas de Geografia em estudo (40 alunos em 73) vive com os pais e um irmão, seguida de 15 alunos cujo agregado familiar é composto apenas pelos pais. Menos representativos são os agregados familiares compostos pelos pais e dois irmãos (apenas 8 alunos), pelos pais, irmãos e avós (6 alunos), mãe e irmão (3 alunos) e somente pai com apenas um aluno.

4.3.3.3 Retenção

Desta forma, e tal como foi referido para as duas turmas de História, utilizando a percentagem de retenção⁶⁹ verificamos através do gráfico 41 que a maioria dos alunos (96%) nunca ficou retida em nenhum ano letivo, durante o seu percurso escolar até ao presente. Apenas 4%, o que corresponde a 3 alunos num total de 73 inquiridos, ficaram retidos. Destes últimos, dois não responderam à questão sobre qual o ano em que ficaram retidos, e um refere que ficou retido no 4º ano de escolaridade. Desta forma, utilizando a

⁶⁸ http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3377408&page=-1 (Consultado em 27/03/2013)

⁶⁹ Recordamos Brophy (2006) que entende retenção por uma situação em que um aluno se mantém no mesmo nível de ensino durante um ano adicional, em vez de avançar para um nível superior juntamente com os respetivos pares da mesma idade.

percentagem de retenção para classificar o insucesso escolar, concluímos que nestas três turmas a taxa de insucesso escolar é muito baixa.

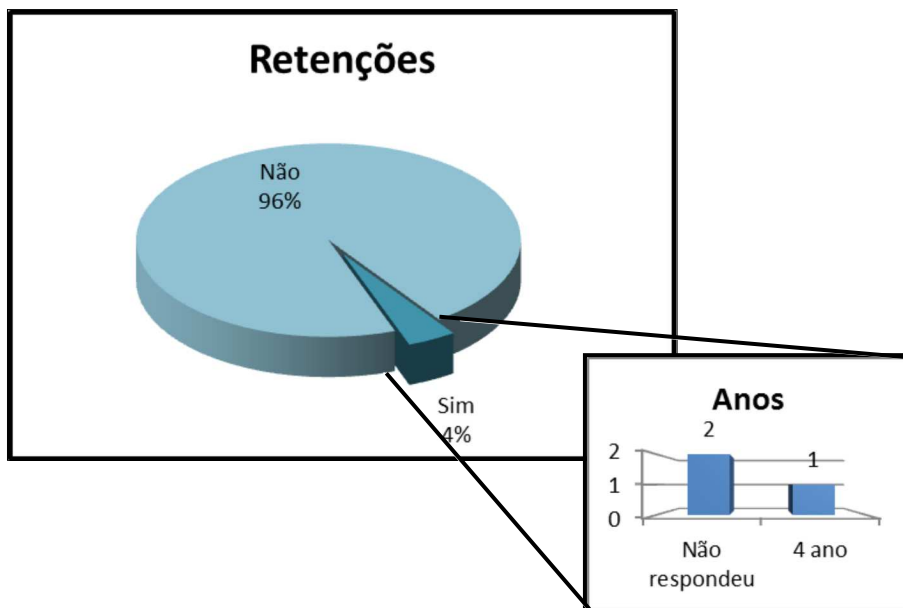


Gráfico 41 – Retenções verificada nos alunos inquiridos em Geografia

Podemos relacionar o facto de estes alunos apresentarem uma taxa de insucesso escolar muito baixa com a instituição de ensino em si, bem como com a sua visão (ensino muito personalizado e atualizado, promovendo-se uma educação de excelência). Para além da disciplina, o rigor, o trabalho, o respeito e o prazer que caracterizam a educação de excelência praticada no Colégio considero que existem duas vertentes na instituição para além do referido, que contribuem para esta taxa de sucesso escolar, sendo elas, as atividades extracurriculares e a valorização da formação contínua dos professores.

Exemplos de atividades curriculares desenvolvidas no Colégio são a natação, Inglês, música (piano e guitarra), dança criativa, futebol entre outras. Estudos recentes provam que a participação em atividades extracurriculares traz benefícios ao nível da autoestima, diminuindo a depressão; há relatos de diminuição de queixas físicas; de melhoria dos relacionamentos com os pares, com os professores e com a família; desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, para além da redução de comportamentos de risco (Eccles & Barber, 1999; Mahoney & Stattin 2000; Fredricks & Eccles, 2005; Melman et al., 2007). Há evidências de que os adolescentes que praticam atividades extracurriculares apresentam um maior e mais significativo envolvimento na

escola (Marsh, 1992, referido por Simão, 2005) contribuindo assim para um maior nível de motivação, para um baixo nível de absentismo e para resultados escolares favoráveis (Marques, 2002, citado por Simão, 2005). A motivação escolar é determinante para a qualidade da aprendizagem e do rendimento escolar, pois um aluno motivado mostra-se empenhado no processo de aprendizagem escolar, persistindo rumo aos seus objetivos mesmo perante tarefas exigentes (Guimarães & Boruchovitch, 2004). As “atividades extracurriculares são consideradas como parte integrante da responsabilidade de uma escola, para proporcionar uma educação equilibrada (...)” (Shulruf, Tumen & Tolley, 2008 pp. 418-426).

A temática da formação contínua dos professores é muito valorizada no Colégio e na qual se procura envolver, uma vez que se considera que a formação contínua é já uma necessidade premente, tendo em conta a velocidade a que se dá o desenvolvimento científico, técnico, tecnológico e social. No caso dos professores, esta afirmação confirma-se, de modo particular, porque a escola, sendo um espelho da sociedade onde se insere, não pode ficar alheada de tudo o que se vai descobrindo e fazendo a favor de uma maior dignidade do indivíduo e do cidadão. Segundo Jesus, “... a formação contínua também se revela imprescindível para o desenvolvimento e realização profissional do professor se for concebida segundo uma perspetiva relacional, colocando os professores em situação de colaboração orientadas para a análise de problemas concretos.” (2000, p.337).

A este propósito Simão, Flores, Morgado, Forte e Almeida afirmam que o sucesso da formação contínua de professores “depende da capacidade das escolas se envolverem na conceção e desenvolvimento coletivo de projetos de formação que respondam às suas necessidades e que permitam encontrar respostas aos problemas com que se deparam no seu dia-a-dia.” (2009, p.64).

4.3.3.4 Frequência, local de estudo e auxílio no estudo

A elaboração de um horário de estudo tem como objetivo a materialização de um estudo diário por forma a motivar o aluno a estudar um pouco todos os dias, promovendo uma utilização apropriada e eficaz do tempo, funcionando ao mesmo tempo como instrumento de autorregulação e autocontrolo da

organização dos estudos. Muitos dos problemas de aprendizagem derivam da ausência de estratégias de estudo e/ou uso inapropriado dessas estratégias e também por falta de estudo.

A prática correta está em estudar um pouco todos os dias. Será muito produtivo para o aluno distribuir o número de horas que estuda na véspera dos testes pelos dias de estudo ao longo do período. Com o hábito saudável de estudar com uma certa regularidade, o aluno dificilmente acumulará muitas matérias difíceis para compreender.

Para que se consiga fazer isso com sucesso, deve organizar o seu mapa de estudos, reservando, por exemplo, uma hora de estudo diário para determinada disciplina. Após ter assistido às aulas, deverá rever, fixar e fazer os exercícios indicados pelo professor, antes da próxima aula. Assim, ao organizar uma rotina diária de estudo o aluno garante o seu bom desempenho escolar.

A respeito disto Piazzzi refere que: “...quando o sujeito tem as horas de estudo, ele começa a perceber que seu rendimento aumenta e assim, começa a tornar-se um aluno mais participativo, mais consciente de suas possibilidades. Como consequência, a possibilidade de evasão escolar diminui.” (2009, p. 78).

É no entanto importante também não esquecer que se deve conciliar esta rotina diária de estudo com os compromissos sociais, como por exemplo, as atividades extracurriculares, brincar, ouvir música, praticar desporto, etc..

Para análise da frequência de estudo dos alunos que compõem a amostra, elaborou-se o gráfico seguinte (gráfico 7).



Gráfico 42 – Frequência de estudo dos alunos inquiridos em Geografia

É possível verificar que nenhum aluno inquirido neste estudo tem o hábito de estudar diariamente. Mais uma vez, e tendo em consideração estes alunos em particular, achámos um pouco questionável esta percentagem. Poderá haver aqui alguma relutância em afirmarem que estudam diariamente.

Relativamente ao local de estudo, segundo uma pesquisa compilado pela jornalista do *New York Times*,⁷⁰ Benedict Carey (2010) e publicado no site institucional deste jornal, vários psicólogos experimentais defendem que poderá ser benéfico não estudar sempre no mesmo local, sendo recomendável que o estudante mude, por vezes, de lugar:

“... muitos dos cursos para ensinar a estudar insistem que os alunos encontrem um local específico, uma sala de estudo ou um canto sossegado da biblioteca para trabalhar. A investigação [científica atual] concluiu o contrário. Numa experiência clássica realizada em 1978, os psicólogos concluíram que os universitários que estudam uma lista de 40 palavras em dois quartos – um sem janelas e desarrumado, outro moderno e com vista para o pátio – obtiveram melhores resultados que aqueles que estudaram as palavras duas vezes no mesmo quarto. Vários estudos posteriores confirmam a conclusão.”

O gráfico seguinte (43) preconiza os locais onde os alunos afirmam habitualmente estudar.

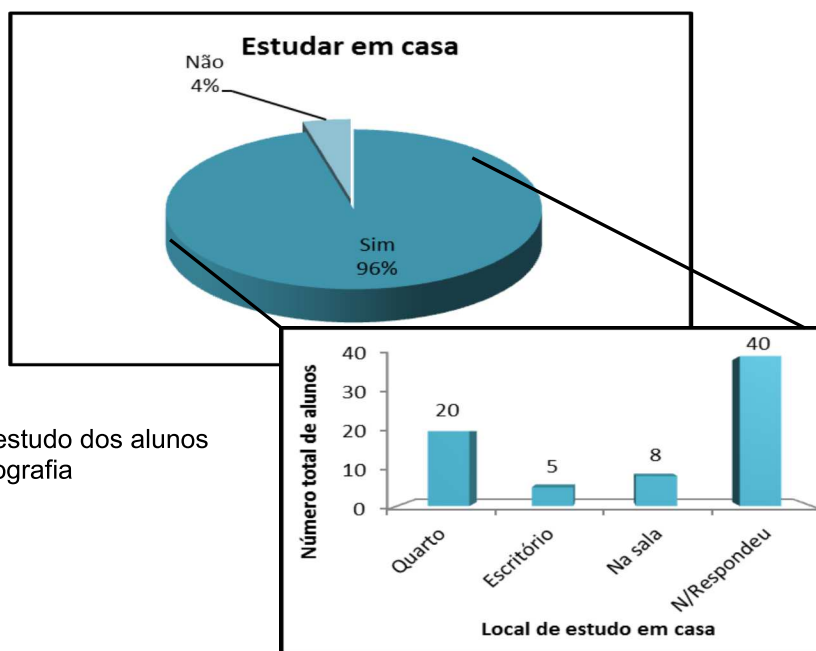


Gráfico 43 - Local de estudo dos alunos inquiridos em Geografia

⁷⁰ Informação retirada do site: http://www.nytimes.com/2010/09/07/health/views/07mind.html?_r=0 Consultado no dia 07/01/2014

A partir da sua análise conclui-se que a maioria dos alunos inquiridos afirma estudar em casa (96%). Destes, quando questionados sobre qual a divisão da casa em que estudam, não responderam 40 alunos, 20 alunos referiram estudar no quarto, 8 dizem estudar na sala e 5 estudam no escritório.

No que diz respeito ao auxílio no estudo, muitos psicólogos consideram recomendável que, por vezes o aluno aprenda e estude com outros, em vez de estudar sozinho, uma vez que assim poderá observar outras formas, maneiras de organizar o estudo, materiais, estratégias e práticas de abordagem das matérias.

Temos assistido ainda em Portugal e também no mundo, ao fenómeno das explicações. As implicações das explicações são muito significativas quer para a aprendizagem quer para a vida futura, no sentido em que os alunos provenientes de famílias com mais recursos e conseqüentemente com acesso mais facilitado a explicações são capazes de ter mais sucesso na escola. Por outro lado, alunos de famílias com fracos recursos e que não recebem tais benefícios poderão ter mais probabilidades de insucesso escolar e de desistência da escola mais cedo.

Por forma a caracterizar o auxílio no estudo que os alunos inquiridos neste estudo têm, construiu-se o gráfico abaixo (gráfico 9).

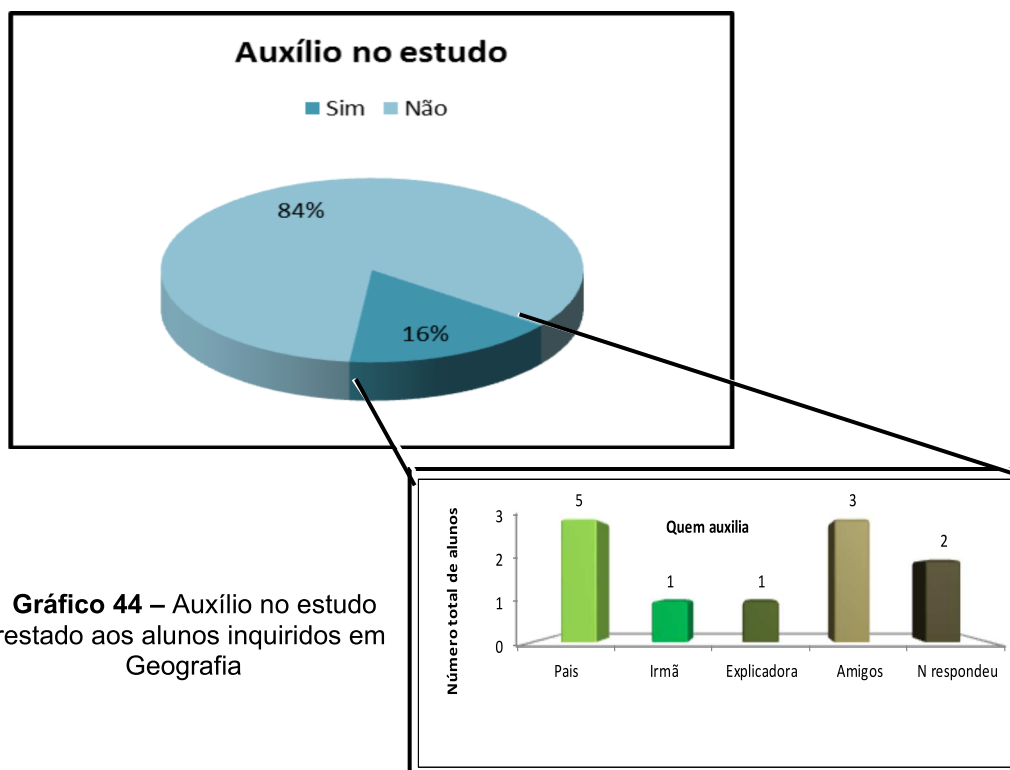


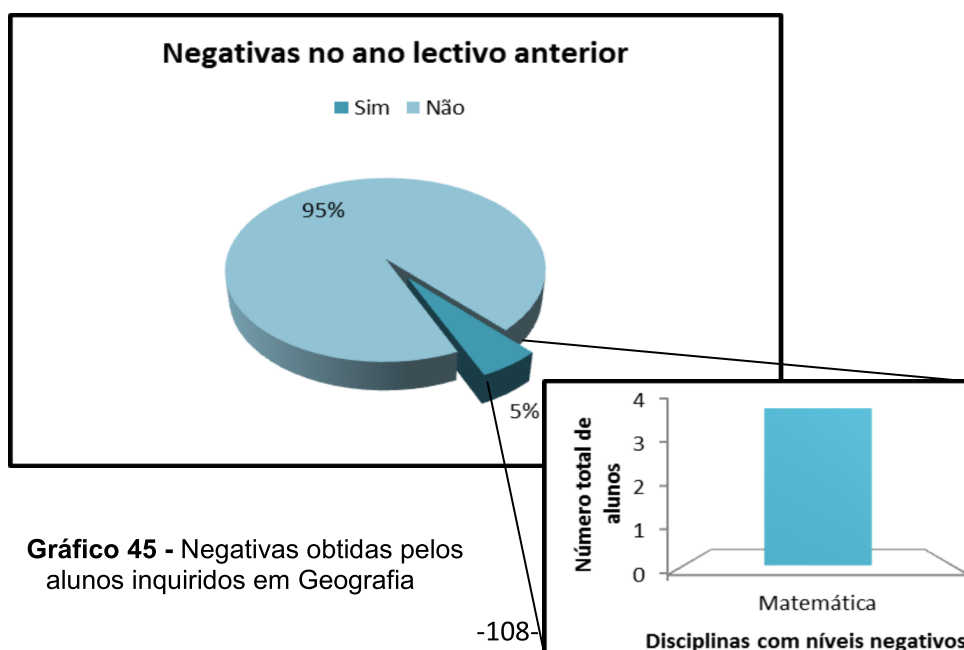
Gráfico 44 – Auxílio no estudo prestado aos alunos inquiridos em Geografia

Da leitura do gráfico anterior conclui-se que 84% dos alunos inquiridos afirma não ter auxílio no estudo enquanto 16% refere o oposto. Destes 16%, que correspondem a 12 alunos, 4 referem que esse auxílio é prestado pelos pais, 3 dizem que são os amigos que os auxiliam e 2 não responderam. Por fim um aluno diz que essa ajuda é dada pela irmã, outro afirma que o auxílio é fornecido pelo pai e um inquirido refere recorrer a uma explicadora. Assim nesta amostra não se verifica a tendência observada tanto em Portugal como internacionalmente, da crescente procura de auxílio ao estudo feito por explicadores. Provavelmente poderá haver alguma relutância dos alunos em admitirem que têm explicações. Na nossa opinião o número de alunos que recorrem a esse auxílio poderá ser maior.

4.3.3.5 Aproveitamento Escolar

Como já foi referido acima, o insucesso escolar é definido como “... a incapacidade que o aluno revela de atingir os objetivos globais definidos para cada ciclo de estudos” (Eurydice, 1995, p. 47). Este insucesso é particularmente traduzido pela obtenção de uma nota negativa a cada disciplina no final do ano letivo. No entanto, a par do insucesso escolar também existem em Portugal inúmeros casos de sucesso escolar, com vários alunos que obtêm notas acima da média.

Com o objetivo de perceber o nível de (in)sucesso escolar dos alunos inquiridos da disciplina de Geografia, no presente estudo, procedemos à elaboração e análise dos gráficos abaixo (45 e 46).



Da análise do gráfico número 45 podemos concluir que a maioria dos alunos (95%) não obteve nenhuma nota negativa no ano letivo anterior, sendo que 5% refere ter tido pelo menos uma nota negativa no referido ano. Destes 5% todos afirmam ter sido à disciplina de Matemática que obtiveram a nota negativa. Este resultado está de acordo com o panorama português no que diz respeito ao insucesso a esta disciplina. Já em 1988 Barros afirmava que a Matemática era uma das causas de prejuízo, tantas vezes irreparável, para muitos estudantes no mundo e, em particular, Portugal.

O insucesso na disciplina de Matemática é um problema reconhecido por todos e que tem feito parte do dia-a-dia de alunos e professores portugueses. A professora Rosa Silva afirma que a grande causa do insucesso escolar em Matemática está:

“... relacionada com a falta de interesse e motivação por parte dos alunos, assim como pela falta de empenho e estudo. Porém, os professores referem outras causas, ainda relacionadas com o aluno, centradas nas convicções sobre a Matemática, na indisciplina e na falta de pré-requisitos” (Silva, 2004, p. 8)

Como já foi referido anteriormente, no nosso caso, existem felizmente muitos relatos de sucesso escolar, que incluem um grande manancial de disciplinas. Para inferir acerca do nível de sucesso escolar dos alunos inquiridos, bem como as disciplinas em que se verifica esse mesmo sucesso, obteve-se o gráfico 46. Da sua análise verificamos que uma grande percentagem dos alunos (81%) afirma ter notas superiores a 18 ou nível 5 (dependendo do ano de escolaridade em que se encontram), sendo que apenas 16% diz ter notas inferiores a 18 ou nível 5. Apesar da maioria dos alunos não ter respondido à questão sobre qual a disciplina em que obtiveram essas notas, dos respondentes, a disciplina em que mais alunos obtiveram notas muito boas foi a disciplina de Inglês, com 11 registos. Existem 9 alunos que referem ter tido este aproveitamento escolar nas disciplinas de Ciências Físico-Químicas, Geografia e Educação Física. Oito alunos afirmam ter ainda

estas notas a Matemática. As restantes disciplinas têm números menos representativos.

Este sucesso deve-se ao ambiente de estudo onde prima a excelência, uma vez que no Colégio procura-se, para além da taxa de sucesso elevada dos alunos da instituição nos exames, que eles tenham uma boa formação pessoal e social, um pensamento reflexivo e replicador em novas situações e saibam trabalhar em equipa. No entanto não podemos descartar deste sucesso o ambiente familiar característico destes alunos, uma vez que grande parte dos pais destes alunos são pessoas com profissões de relevo e com habilitações literárias elevadas.

Existem estudos que têm demonstrado que os pais com capital cultural mais elevado são mais capazes de “descodificar as práticas e as políticas escolares” (Mclaren e Dyck, 2002, p. 5) podendo, portanto, dar mais e melhor assistência aos seus filhos na vida académica escolar e doméstica. González (2001) estudou a influência dos fatores sócioeconómicos no rendimento escolar a partir de uma amostra de alunos de 41 países, concluiu que, “... no conjunto de países avaliados, o nível de estudos dos pais condiciona os resultados dos seus filhos na escola” (2001, p. 12).

Também Livingstone e Stowe (2001) e Simões *et al.* (1999) chegam a conclusões semelhantes relativamente a uma amostra significativa de alunos portugueses quando identificam a influência das habilitações do pai e da mãe no prosseguimento de estudos. Estes autores mencionam que “cerca de 25% dos alunos cujas habilitações do pai e/ou da mãe correspondem ao ensino básico, não pretendem prosseguir os estudos, contra cerca de 4% dos alunos cujos pais possuem como habilitação o ensino superior” (Simões *et al.*, 1999, p. 64).

A respeito disto, outro autor vem confirmar esta tese. Savater afirma que:

“...as crianças sempre passaram muito mais tempo fora da escola que dentro dela..... Antes de entrarem em contacto com os seus professores já experimentaram amplamente a influência educativa do seu ambiente familiar e do seu meio social, que continuará a ser determinante – quando não decisivo – ao longo da maior parte do ensino primário.” (2006, p.63)

A assimilação das características do seu grupo social faz com que o indivíduo se torne membro funcional de uma comunidade, assimilando a cultura que lhe é própria.

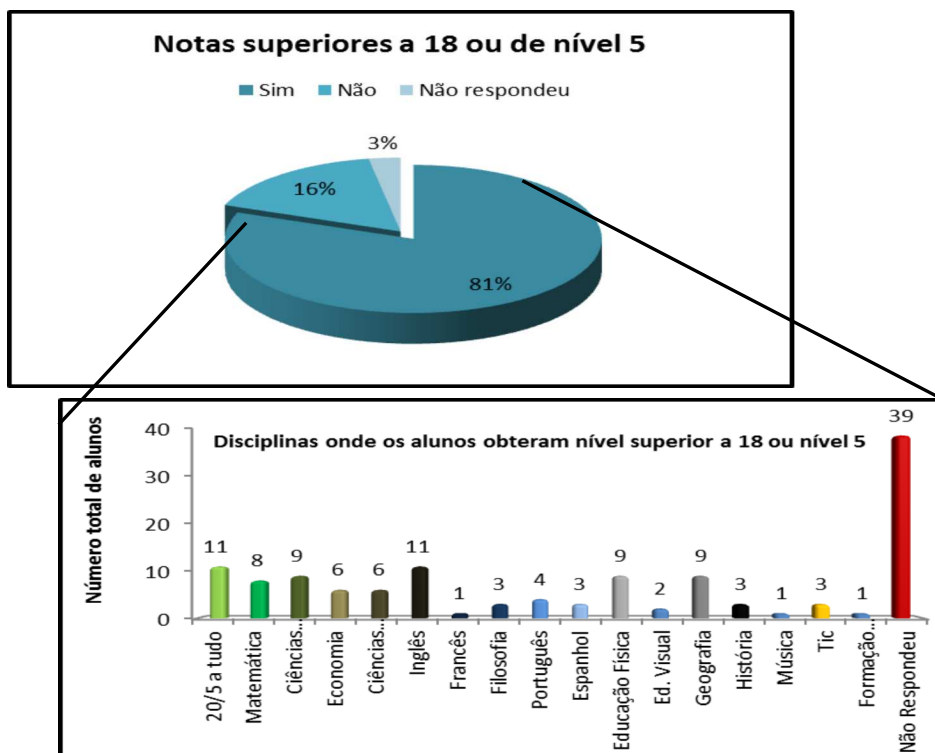


Gráfico 46 - Notas muito boas obtidas pelos alunos inquiridos em Geografia

4.3.3.6 Interesse pela disciplina de Geografia

Devido à importância da Geografia, os conhecimentos nesta disciplina são actualmente fundamentais para o quotidiano das pessoas. Esta fantástica disciplina permite-nos ser capazes de ler e interpretar mapas, saber como evoluem e estão distribuídas as populações; compreender as relações espaciais; conhecer o clima e os recursos naturais, distinguir os diferentes meios de transportes, identificar aspectos relacionados com a EU, entre muitos outros conteúdos. Segundo Castrogiovanni (1999, p.58):

“A Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenómenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento”

Com o objetivo de entendermos os motivos que despertam o interesse/desinteresse dos alunos pela disciplina de Geografia elaboraram-se os gráficos 47, 48, 49 e 50 depois de analisadas as respostas.

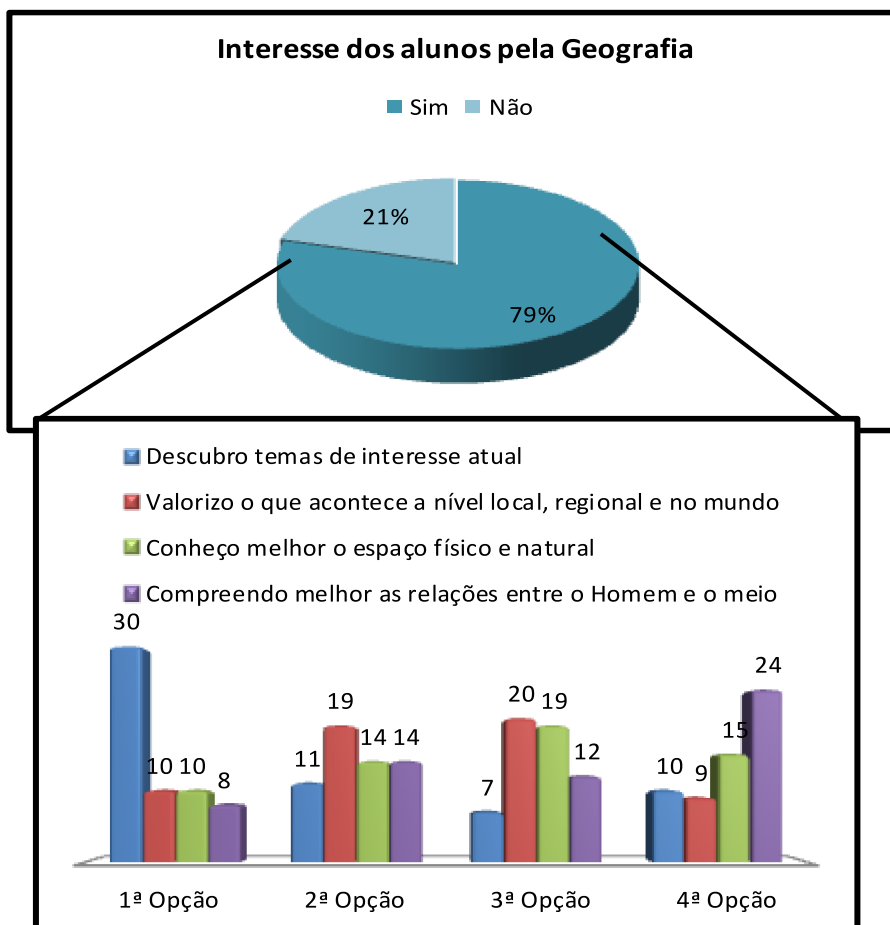


Gráfico 47 - Interesse dos alunos inquiridos pela disciplina de Geografia

Da análise do gráfico 47, observamos que 79% dos alunos revela ter interesse pela disciplina de Geografia, contra apenas 21% que afirma o contrário.

Segundo as autoras Lemos e Carvalho, "... o interesse/motivação dos alunos, é, um facto decisivo na eficácia de uma aula." Reforçam esta ideia afirmando: "Nesta perspectiva a motivação dos alunos desempenha um papel fundamental quer no aumento da eficácia do ensino quer na avaliação da qualidade do ensino de um professor" (2002, p. 77).

No entanto as referidas autores defendem ainda que gerir a motivação para a aprendizagem é uma das tarefas mais difíceis da profissão docente.

Concordámos com esta afirmação, pois no ensino da Geografia os conteúdos são por vezes muito extensos, obrigando, muitas das vezes, o professor a ser um mero expositor, sem tempo para a organização e implementação de outras actividades mais interactivas e motivadoras.

As razões elencadas pelos alunos sobre os temas que mais despertam interesse na Geografia são: “Descubro temas de interesse atual” como primeira opção para 30 alunos e como 4ª opção para apenas 10 alunos. Os motivos “Valorizo o que acontece a nível local, regional e no mundo” e “Conheço melhor o espaço físico e natural” têm sempre valores próximos nas 4 opções, sendo o motivo “Compreendo melhor as relações entre o Homem e o meio” o que tem menos alunos a apontarem-no como razão principal para o interesse pela disciplina, com apenas 8 alunos a referirem-no como 1ª opção e 24 a indicarem-nos como 4ª opção.

Dias (2002) afirma que a complexidade e diversidade do mundo em que vivemos torna o conhecimento geográfico imprescindível para a educação de todos os indivíduos. Para o autor, nenhuma outra área do conhecimento pode dotar melhor os alunos da competência de saber e pensar o espaço, imprescindível tanto para o exercício da cidadania responsável, como para a aprendizagem ao longo da vida e a integração plena das pessoas no mundo moderno.

Callai afirma que através da Geografia as pessoas aprendem a ler o mundo por meio da leitura do espaço e aponta três motivos para se ensinar Geografia:

“... para conhecer o mundo e obter informações a seu respeito; para analisar e tentar explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem, as causas que deram origem às formas resultantes das relações entre sociedade e natureza e para a formação do aluno-cidadão, fornecendo-lhe condições para que seja realmente construída a sua cidadania”. (2005, pág. 228)

Através da Geografia, para além do desenvolvimento da aptidão para pensar geograficamente, isto é, integrar num contexto espacial os vários elementos do lugar, região e Mundo, os alunos compreenderão melhor as desigualdades entre os espaços geográficos, a inter-relação entre estes e tomarão mais consciência dos problemas provocados pela intervenção do

Homem no meio ambiente, dando também aqui a Geografia um contributo importante da educação para a cidadania, nomeadamente no âmbito da educação ambiental.

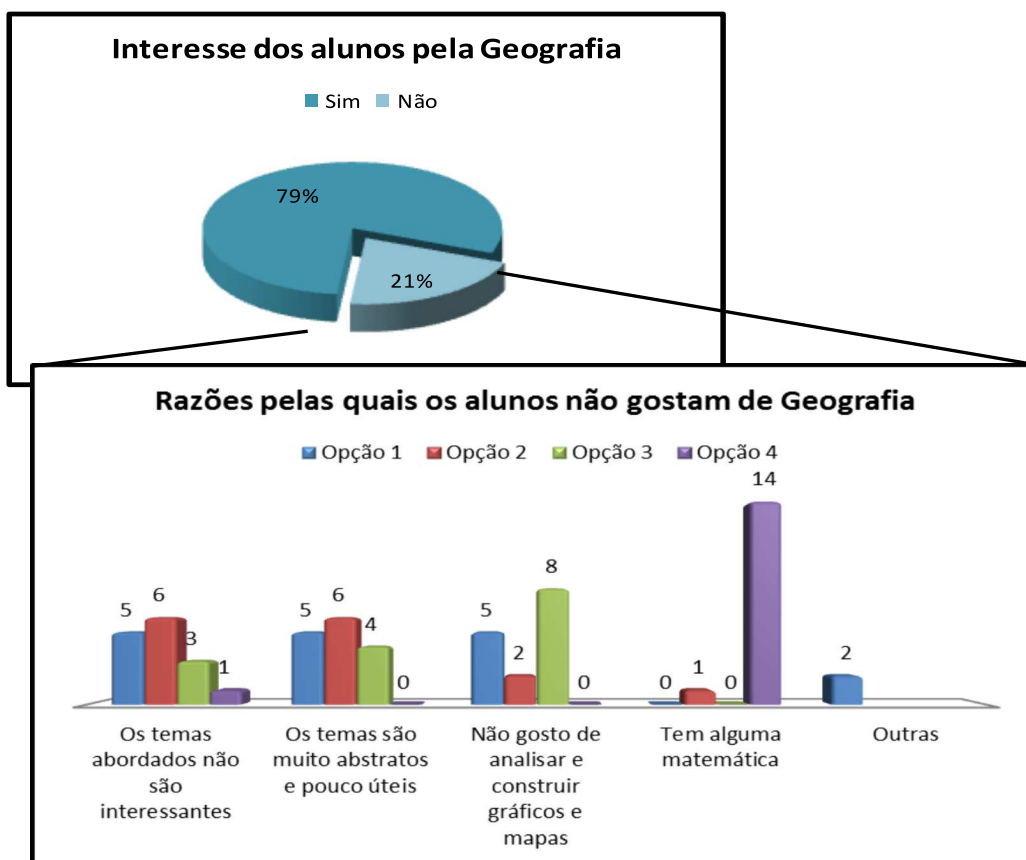


Gráfico 48 - Razões dos inquiridos para o desinteresse na Geografia

Observando o gráfico 48 apenas 21% dos inquiridos diz não ter interesse por esta disciplina. Os conteúdos: *Os temas abordados não são interessantes*; *Os temas são muito abstratos e pouco úteis* e *Não gosto de analisar e construir gráficos e Mapas*, têm valores semelhantes como 1ª opção, com 5 escolhas cada, apresentando também valores semelhantes como 2ª opção. De salientar que o motivo *Tem alguma Matemática*, é apontado apenas como 4ª opção por 14 alunos e referida apenas por 1 como 1ª opção.

Apesar de a percentagem de alunos que revela ter desinteresse ser consideravelmente mais baixa do que os que referem ter interesse, importa tentar perceber porque é que esta situação se verifica. Apesar de neste trabalho os alunos apontarem várias razões, provavelmente o motivo para esta falta de interesse ou desmotivação, pode estar no contexto das próprias aulas

de Geografia, onde em muitos casos, o professor somente transmite conhecimento, não levando em consideração as experiências dos alunos que são fundamentais para interligar o conteúdo com a realidade. Aulas unicamente expositivas e cópias de livros didáticos podem influenciar de maneira negativa a aprendizagem, fazendo com que os alunos percam o hábito de refletir. Este fenômeno poderá ser revertido com iniciativas para recuperar o interesse dos alunos pela disciplina, sendo que, para isto acontecer é necessário que haja motivação de ambas as partes envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. A motivação faz com que as pessoas criem objetivos e se esforcem para que eles se tornem realidade, a aprendizagem não é exceção.

Segundo Moraes (2007, p. 7) citando Burochovitch e Bzuneck (2004) “A motivação tornou-se um problema em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem.”

Quando questionados acerca dos temas da disciplina que despertam mais interesse, destacamos os conteúdos: *Cidades, População e Ambiente e Recursos Naturais*, uma vez que são estes os mais escolhidos pelos alunos como primeira, segunda e terceira opções. Os temas que aparecem como 8ª opção na ordem de preferência são: o *Relevo* (19 alunos), a *Vegetação* (com 17 alunos) e a *Agricultura/Pescas* (12 alunos) - gráfico 49.

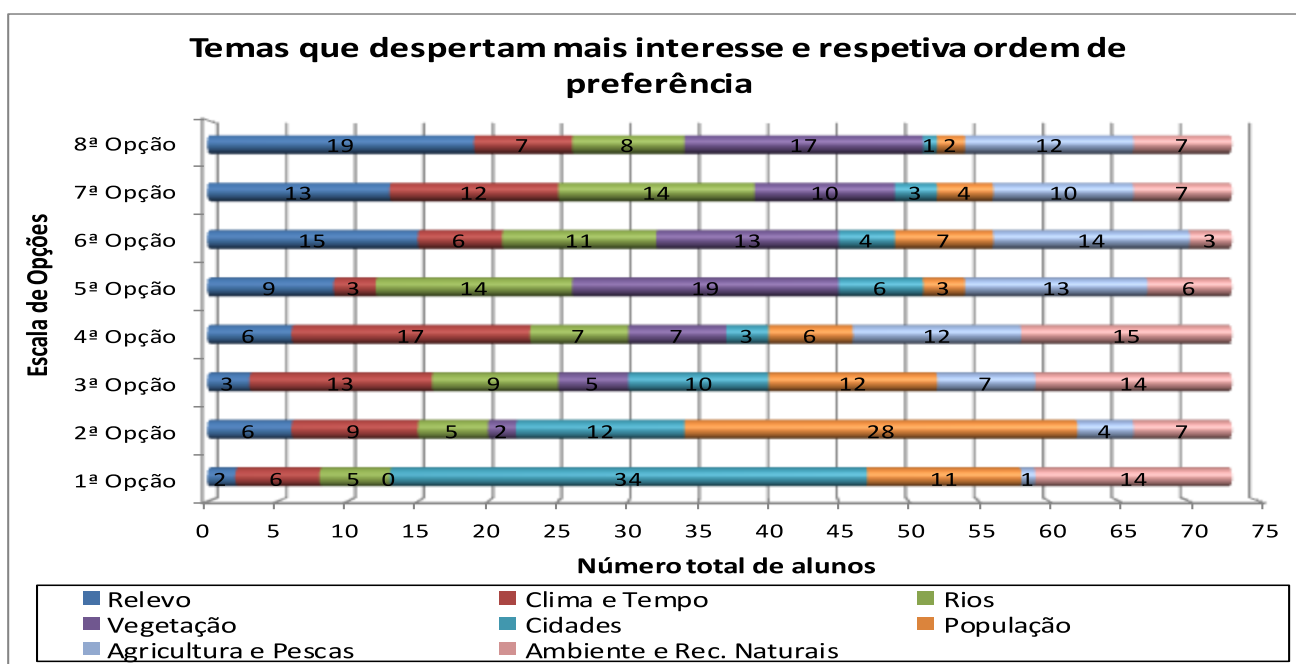


Gráfico 49 - Temas da Geografia que despertam mais interesse nos inquiridos

Relativamente às atividades realizadas na sala de aula, e pela análise do gráfico 50 conclui-se que as atividades que os alunos respondentes afirmam os professores mais realizarem na sala de aula (ordenadas por ordem decrescente) são: *Exposição da matéria pelo professor, Discussão de assuntos, Realização de trabalhos usando as TIC, Interpretação de imagens, fotografias, etc, Realização de resumos e Desenho e análise de Gráficos*. Por sua vez as atividades menos realizadas são: (também ordenadas por ordem decrescente) *Receção de Convidados nas Aulas, Visitas de estudo Através da Internet, Elaboração de Dossiers Temáticos, Participação em Conferências, Elaboração de Portfólios e Trabalho Multidisciplinar*.

Preocupa-nos o facto do trabalho multidisciplinar aparecer em último lugar segundo as opiniões dos alunos. As equipas multidisciplinares podem e devem ser um dos lugares de produção de sentidos novos para o trabalho educativo. A multidisciplinaridade é aqui entendida como a reunião das disciplinas curriculares em que cada área do conhecimento coloca sua visão sobre determinado tema. Assim, num trabalho multidisciplinar cada professor leciona uma temática diferente, com metodologias próprias, porém com o mesmo objetivo, o de fazer o aluno perceber que os temas escolhidos podem ser vistos em épocas diferentes, sob diferentes perspetivas.

Existe um esforço visível de alguns dos professores em romper com a prática tradicional do ensino, tentando cativar e despertar o interesse do aluno pela disciplina. Porém, em muitos casos este esforço ainda é insuficiente (tal como verificamos acima a atividade realizada na sala de aula com maior expressão é a *Exposição da matéria pelo professor*), sendo assim necessário maior empenho por parte de todos que constituem a Comunidade Escolar.

Cabe a cada docente explorar ao máximo os recursos disponíveis para que as aulas despertem o gosto de estudar e aprender contribuindo assim para a formação de cidadãos críticos e empenhados em entender a realidade do mundo que os rodeia. O recurso a materiais didáticos diversificados apresenta finalidades várias, uma delas todavia, é a de "... criar uma orientação no sentido de facilitar a aquisição do conhecimento." (Alves & Morais, 2006, p. 336).

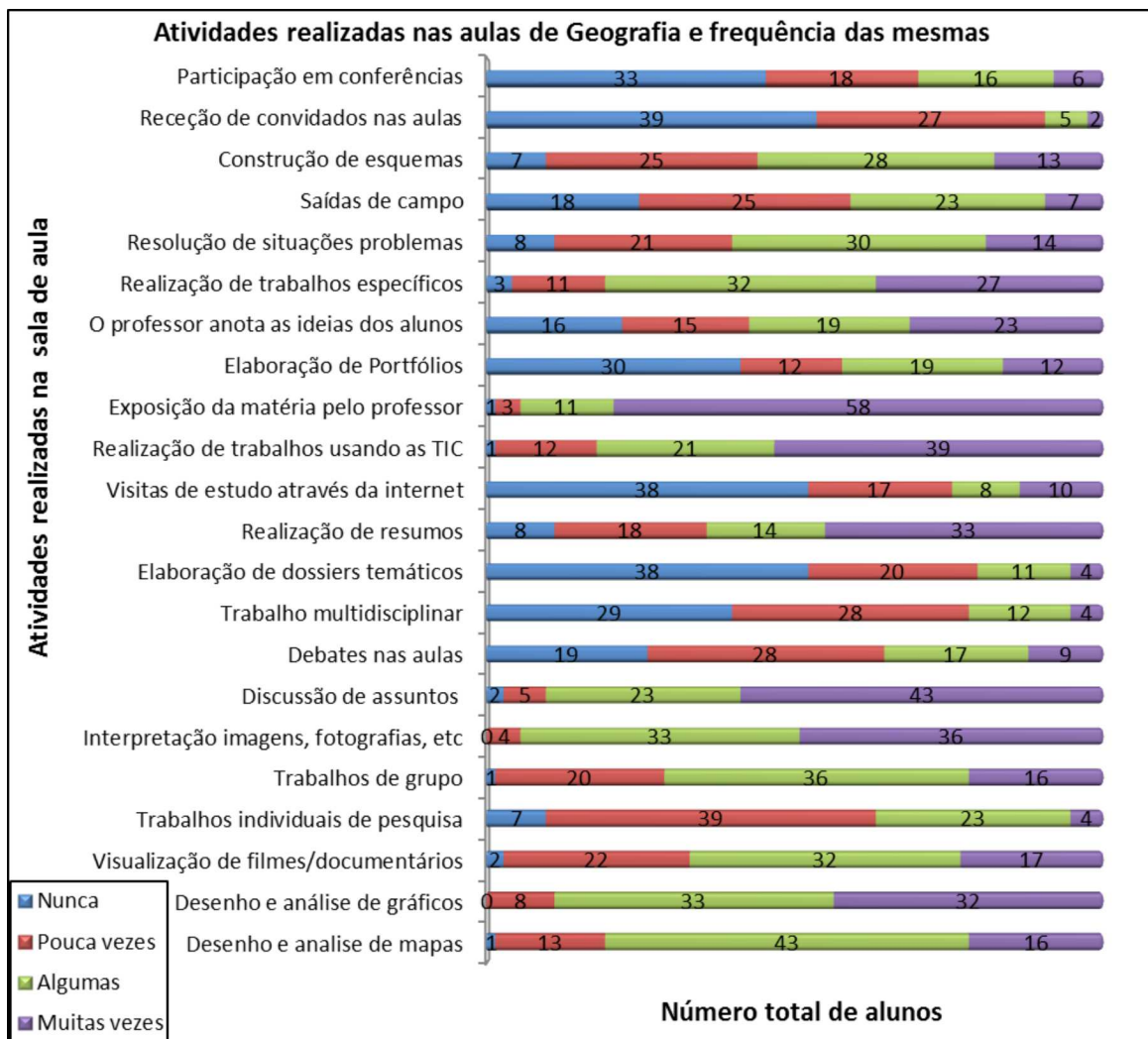


Gráfico 50 – Atividades de Geografia realizadas nas aulas dos inquiridos

4.3.3.7 Recursos utilizados

Hoje em dia sabe-se que a utilização das TIC potenciam a organização e planificação das atividades, podendo também rentabilizar as aprendizagens. As teorias construtivistas e vários estudos, apresentam vantagens no que toca à aprendizagem através das TIC, tais como, o incremento da criatividade e interpretação de conteúdos; a colaboração e cooperação; o controlo, decisão e reflexão; variedade de recursos multimédia a utilizar; o reforço do trabalho, após as aulas; a prévia preparação para posterior debate presencial; a intervenção e orientação diária do professor; a interatividade na resolução de problemas; a autogestão da aprendizagem; entre outros.

No entanto, para que isto seja possível, as TIC deverão ser usadas com inteligência. É ainda necessário a adaptação dos professores a esta realidade

em constante mutação, sendo vital uma alteração do perfil profissional do professor, das suas atitudes e uma atualização constante de conhecimentos. Assim os professores deverão preparar-se para utilizar as TIC, aceitando como incontestável que a interatividade e o multimédia obrigam a uma nova pedagogia, em que a criança/jovem está no centro da aprendizagem, podendo ainda estas tecnologias contribuir também para a promoção do papel do professor, na sua tarefa de ensinar, libertando-o em parte, do ensino tradicional e do método expositivo.

As TIC devem despertar nos alunos a capacidade de investigação, a iniciativa e o espírito crítico, bem como rentabilizar e potenciar as capacidades comunicacionais de professores e alunos.

Compete ao professor a criação de ambientes de aprendizagem motivadores, implementando estratégias, modelos e práticas, onde as TIC constituam uma parte integrante.

De seguida procede-se à análise dos gráficos obtidos a partir das respostas dadas pelos alunos quando questionados acerca da utilização das TIC e sobre quais os recursos utilizados nas aulas de Geografia (51 e 52).

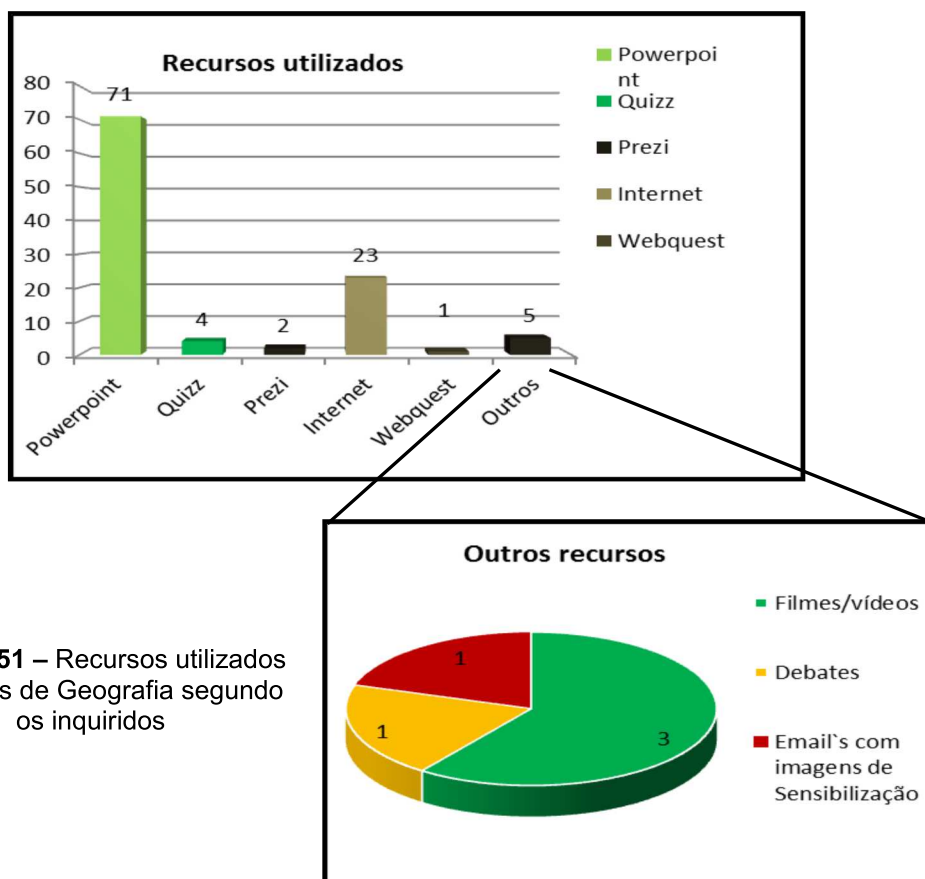


Gráfico 51 – Recursos utilizados nas aulas de Geografia segundo os inquiridos

Relativamente aos recursos utilizados pelos professores no ensino, neste caso em particular da Geografia, verificamos pela análise no gráfico que o recurso mais utilizado é o *Microsoft Power Point*, seguido da *Internet*. O recurso ao *Quiz*, *Prezi* e *Webquest* têm menos significado, sendo ainda referido o recurso a outros meios como *Filmes/Vídeos*, *Debates* e “*E-mails com imagens de sensibilização*”, também estes com números pouco significativos.

A Internet tem vindo a assumir uma crescente importância nas aulas e na autonomia de estudo dos alunos. O uso da Internet, em experiências com projetos educativos em todos os níveis de ensino, revela que tal recurso origina ambientes de aprendizagem muito diferentes das tradicionais aulas presenciais, no que se refere aos papéis dos professores e alunos, ao fluxo das informações, ao grau de autonomia e participação dos alunos e ao desenvolvimento de competências complexas como as que envolvem a resolução de problemas (Padilha, 2000; Moran, 1997). A rapidez e aceleração de informações da internet proporcionam prazer e motivam o aluno a procurar nela uma maneira de absorver o conhecimento. Estudar e aprender nos dias de hoje, sem o recurso à internet, dificulta o estudo pela própria dinâmica das informações.

Quando questionados acerca da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), nas aulas de Geografia, a totalidade dos alunos (100%) respondeu afirmativamente.

São inúmeros os benefícios do recurso às novas tecnologias – “o fácil acesso a documentos validados, a actualização da informação, a motivação desencadeada pelo recurso ao som/ imagem “... é, efetivamente, o computador aquele que melhor se adapta à construção de percursos individualizados” (Braga, 2004, p.23).



Gráfico 52 – Utilização das TIC nas aulas de Geografia segundo os inquiridos

5. Desenvolvimento profissional docente

A realização da Prática Pedagógica foi sem dúvida essencial para a nossa formação, tanto a nível profissional como pessoal. A Prática Pedagógica proporciona ao professor estagiário uma aprendizagem social, profissional e cultural. A Prática Pedagógica é o culminar dos dois anos de aprendizagem e tem um propósito fundamental – o de culminar e completar a formação inicial através do contacto com os professores em exercício, devidamente inseridos numa Escola, no nosso caso particular, o CT. Em relação a este Colégio penso ter conseguido entrosar-me rapidamente e adaptar-me, sempre consciente de que cada escola tem uma “personalidade própria”, única, com um universo social, económico, político, e cultural, que a diferencia de todas as outras.

A Prática Pedagógica é ainda é um passo fundamental na evolução e formação do futuro docente, pois trata-se de um processo trabalhoso, exigente, e sujeito a observação por e respetiva avaliação por parte dos orientadores. Marques (2003, p. 34) afirma que “Uma das formas mais eficazes de promover o desenvolvimento profissional dos professores é permitir que eles observem as aulas dos outros com regularidade”.

Aproveitámos a Prática Pedagógica para adquirirmos um conjunto de conhecimentos e experiências fundamentais para o nosso desenvolvimento enquanto professores e que serão certamente úteis no futuro. Além de todas as competências desenvolvidas, esta oportunidade de formação a que tivemos acesso, forneceu-nos um conjunto de perspetivas e ideais a ter sempre presentes, ao longo da nossa futura carreira.

Pensámos ainda que com o trabalho desempenhado ao longo deste período conseguimos alcançar os objectivos exigidos nesta etapa. Foram diversas, enriquecedoras e significativas as aprendizagens assimiladas, bem como as competências desenvolvidas e adquiridas, e que virão com toda a certeza beneficiar o nosso conhecimento sobre a realidade escolar.

Apesar de tudo isso, também foram encontradas algumas dificuldades em todo este processo, fundamentalmente resultantes de alguma falta de experiência e maturidade.

Em relação à heteroavaliação, ao longo deste relatório fomos procedendo a algumas considerações evocadas quer pelos Professores Cooperantes, quer pelos colegas de estágio. O *feedback* fornecido em todas as avaliações foi sempre muito positivo. De uma forma geral foi referido que os nossos recursos estavam bem elaborados e as aulas bem planeadas e conseguidas. Foi referido ainda que evidenciamos um domínio claro dos conteúdos abordados.

Pensámos ainda ter praticado durante a Formação Prática Pedagógica uma forte componente reflexiva.

Um professor reflexivo é, segundo John Dewey (1989), um professor que deverá possuir três grandes características, a mente aberta; responsabilidade e entusiasmo. Combinamos estas três características durante o período em análise. Revelámos ter mente aberta em vários aspectos, como o relacionamento com os alunos e na reflexão constante que desencadeámos durante esta etapa. Esta faceta permitiu que não assumíssemos nada como verdade absoluta, permitindo a reflexão e conseqüente melhoria continua. Fomos também responsáveis na realização das tarefas que nos propusemos alcançar e nas tarefas de pensar, realizar e refletir sobre essas mesmas atividades. Por fim, irradiamos entusiasmo durante a Prática Pedagógica. Foi com muita vontade e paixão que aceitámos este desafio e o cumprimos. Obviamente vivenciámos momentos de insegurança, nervosismo e dúvida, mas, sinceramente, a vontade de leccionar e de mostrar o que tínhamos elaborado para os alunos, superou tudo isso.

Já muito se falou em reflexão, no entanto para que esta seja possível e efetiva é necessário recorrermos ao pensamento crítico. Para Halpern, citado por Tavares e Vieira (2000) o pensamento crítico é o uso das capacidades cognitivas. Através da sua utilização conseguirmos aumentar a probabilidade de conseguirmos alcançar os nossos objetivos. O pensamento crítico é intencional, racional e dirigido para uma meta. Para crescer profissionalmente, o professor tem de tornar-se um crítico e reflexivo, procurando incessantemente alternativas para os seus dilemas, formulando os seus próprios juízos, escolhas e decisões que o conduzam a uma prática reflexiva. Para que isso aconteça é fundamental também que se criem condições nas escolas. O trabalho colaborativo é também importante no processo reflexivo.

A criação de um bom ambiente, que favoreça o desenvolvimento dos professores, e o trabalho cooperativo é um fator importante também na promoção de uma cultura de responsabilidade e exigência.

A reflexão é um processo mental que se desencadeia perante um problema, dificuldade ou dilema, por forma a que o professor crie soluções criativas gradualmente construídas que comprova, reformula ou rejeita. Estrela (1997) defende que um bom professor tem obrigatoriamente de refletir, não se limitando a aplicar receitas, mas a inventar soluções criativas, de modo a construir um capital de conhecimentos através da experiência e da reflexão que faz sobre ela.

Assim, segundo Dewey entende-se como prática reflexiva aquela que “não consiste numa série de passos ou procedimentos a serem usados pelos professores”, mas antes como “um modo holístico de conhecer e responder aos problemas” (1998, p.77).

Para Meirieu (1996), citado por Perrenoud (2002, p.18), o profissional reflexivo só pode ser formatado por meio de uma prática reflexiva graças a essa fórmula paradoxal; “Aprender fazendo a fazer o que não se deve fazer”.

Esta afirmação é extremamente interessante, pois só aprendendo com os nossos erros podemos melhorar efectivamente a nossa prestação como docentes.

Relativamente à nossa Prática Pedagógica o que aprendemos e não voltaríamos a repetir passa essencialmente por sermos um pouco mais selectivos na informação a transmitir, isto é, temos que cingir-nos mais aos conteúdos programáticos da aula sem entrarmos em pormenores. Para uma regência de 60 minutos, por vezes exagerei um pouco no número de diapositivos do *PP* e no número de actividades a propor. Em parte esta atitude pode ser justificada pelo nosso desejo em transmitir o máximo de informação possível, mas na verdade esta intenção acaba por ser contraproducente, uma vez que é transmitida informação em excesso. Salvaguarda-se também que depois da primeira regência este aspeto menos positivo foi sendo corrigido. A gestão do tempo efectivo de aula é decididamente algo a melhor no futuro. Este foi efectivamente o ponto menos favorável da nossa prestação enquanto professores estagiários. Salienta-se que ainda assim os planos de aula foram

cumpridos na sua totalidade, ainda que por diversas vezes a correção dos instrumentos avaliativos tenha sido realizado pelos Professores Cooperantes. Para além disso, realçámos o elevado nervosismo patenteado em algumas regências.

Ainda assim conseguimos adotar uma postura onde predominava a autoridade democrática, facilitadora da aquisição de conhecimentos.

Ao nível científico não nos foram apresentadas quaisquer lacunas e no que concerne ao aproveitamento, reparámos que os alunos interiorizaram bem os conhecimentos transmitidos, facto que se evidencia nas diversas grelhas de avaliação formativa e sumativa de ambas as turmas.

CONCLUSÃO

Terminada a Prática Pedagógica, o balanço geral realizado aponta para o facto de pensarmos ter conseguido atingir todos os pressupostos, sem exceção, não sendo ainda de descurar alguns pontos que, provavelmente, só a maturidade e a experiência nas áreas disciplinares em causa os poderão corrigir.

Neste processo, colocámos todo o nosso empenho, dedicação e estudo na concretização dos objetivos propostos. Esta realidade só foi ainda possível devido à extraordinária colaboração, empenho e generosidade, na partilha de materiais e saberes, entre todos os colegas da prática pedagógica, Professores Cooperantes do Colégio e Orientadores da Universidade.

Em todas as aulas, os recursos utilizados caracterizaram-se pela sua grande aplicabilidade e diversidade. A título de exemplo, recorremos ao manual da disciplina, mapas, imagens, filmes, documentos escritos, palavras cruzadas, *quiz* (através do programa informático *HotPotatoes – Ferramentas Web 2.0*), perguntas de escolha múltipla, *timelines*, etc..

A utilização de todos estes recursos refletiu-se na participação espontânea e interessada dos alunos e no seu entusiasmo para com as actividades propostas.

Assim concluímos que é desejável a adoção de recursos nas Práticas Pedagógicas do ensino da História e Geografia, desde que usados com sapiência e aplicabilidade. Durante este relatório desenvolvemos alguns desses mesmos recursos, no entanto, mais poderia ser feito ainda, como o recurso ao *Prezi*, à criação de *e-Portfólios*, de uma *webquest*, de um *site* ou *blogue*, de *vokis*, de *podcasts*, de grupos *Google®*, de *Yahoo®*, ou através das ferramentas Web 2.0⁷¹, etc..

No entanto para a aplicação destes recursos, será necessário um conjunto de condições no âmbito dos recursos materiais e humanos, nomeadamente: a existência de computadores nas salas de aulas; ligação estável à internet com cobertura *wireless*; técnicos especializados para apoio e manutenção

⁷¹ **Web 2.0** é um termo popularizado a partir de 2004 pela empresa americana O'Reilly Media^{®1} para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a "Web como plataforma", envolvendo *wikis*, aplicativos baseados em *folksonomia*, redes sociais e Tecnologia da Informação.

atempada; formação constante dos professores nas TIC; total conhecimento das orientações programáticas para eficiente aplicação das tecnologias; maior disponibilidade de tempo para a aplicação de todos os procedimentos necessários; adesão, empenho e motivação da maior parte dos alunos; e conhecimento de outras ferramentas complementares, como por exemplo, internet, construção de sites, etc..

Para além da utilização das TIC, o professor de História e Geografia pode ainda recorrer a um diversificado número de actividades a realizar na sala de aula, como por exemplo, a visualização de filmes/documentário, a construção de dossiers temáticos, a realização de visitas de estudo, de representações teatrais (por exemplo, uma batalha), recurso a testemunhos na primeira pessoa (exemplo, antigos combatentes na Guerra do Ultramar), entre outras.

Também nestes caso é necessário por vezes uma grande quantidade de materiais/recursos e tempo, o que nem sempre é viável, no entanto, quando realizadas estas actividades compensam muito na motivação e interesse que despertam nos alunos e até mesmo na comunidade escolar.

Em relação às estratégias, existem modelos de ensino centrados no professor, nomeadamente o expositivo, a instrução direta e o ensino de conceitos, e centrados nos alunos, tais como a aprendizagem cooperativa, a aprendizagem baseada em problemas e discussão em sala de aula.

Durante a nossa prática pedagógica não nos cingimos apenas à vertente meramente expositiva. Tentámos sempre usar o método expositivo aliando o mesmo com outros métodos, através do recurso às TIC, num ambiente de aprendizagem estruturado, selecionado e onde os alunos assumiram, por diversas vezes, o centro do processo de ensino e aprendizagem.

Recorremos com frequência às aprendizagens desenvolvidas anteriormente, existindo para tal diversos momentos nas aulas onde se apresentavam e contextualizavam os temas e se recolhia o *feedback* dos alunos.

Privilegiámos ainda a aplicação das teorias que aprendemos na UPT, que em conjugação com as nossas vivências/experiências enquanto professor não profissionalizado num passado recente, permitiram o aprimorar das concepções

e idealizações sobre a arte de bem ensinar. Este facto gerou um sentimento de auto-realização e felicidade.

Referimos ainda com plena convicção que este período se traduziu num enriquecedor momento de reflexão em todos os domínios, desde o pensar no que fazer e refletir sobre o que foi realmente feito. Na verdade, tratou-se de uma excelente oportunidade para pensar nas opções, ações, e conseqüentes reacções, e mais importante do que tudo isto, como se poderão aperfeiçoar. Pretendemos com isso orientar o nosso trabalho para uma reflexão crítica sobre a prática.

De futuro pretendemos ser um profissional reflexivo, aliando essa prática constante a uma formação contínua nas áreas diagnosticadas como sendo as mais débeis e merecedoras de atualização. Segundo Nóvoa (1992, p. 67)

"A formação contínua de professores assume uma importância crucial. Por aqui pode passar um esforço de renovação, com conseqüências para os programas de formação inicial, o estatuto da profissão, a mudança das escolas e o prestígio social dos professores".

O reconhecimento da importância da formação contínua como complemento da formação inicial parece ser consensual em vários autores. Esta é também a nossa perspectiva.

Pensamos ter ainda conseguido descrever com rigor as estratégias e recursos utilizados, para além dos resultados obtidos com a sua implementação. Procedemos ainda a uma autoavaliação consciente e consentânea com a nossa real prestação.

Por todas estas razões, gostaríamos de afirmar com toda a convicção de que esta Prática Pedagógica realizada no CT foi muito enriquecedora no que concerne à aquisição/desenvolvimento das aprendizagens para a lecionação de aulas nas disciplinas de História e Geografia. Foi sem dúvida inolvidável este período que se caracterizou pelo grande crescimento que desencadeou na nossa pessoa.

Ainda em relação ao futuro, gostaríamos de nos debruçar mais aprofundadamente sobre esta temática, realizando, quem sabe, um estudo mais aprofundado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, M. (2011). *Insucesso na Matemática: As percepções dos alunos e as percepções dos professores*. Dissertação de mestrado, Universidade Portucalense Infante D. Henrique. Porto, Portugal.
- Alves, C., Morais, C. (2006). Recursos de apoio ao processo de ensino e aprendizagem da matemática. In I. Vale, T. Pimentel, A. Barbosa, L. Fonseca & P. Canavarró (Orgs.), *Números e álgebra na aprendizagem da matemática e na formação de professores*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação – Secção de Educação Matemática, pp. 335 – 349.
- Anjo, M. (1997). Insucesso Escolar: dupla exclusão - o Insucesso Escolar no saber e na praxis em saúde. *Intervenção Social, n.º11/12*, pp. 129-132.
- Antão, J.A. S (2001). *Comunicação na sala de aula*. Porto: Edições Asa, p. 43.
- Antas, M. N. (1999). Clubes de arqueologia nas escolas portuguesas. *O Arqueólogo Português, 17*, pp. 215-223.
- Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa, São Paulo: McGraw-Hill, p.45.
- Ausubel, D. P. (2003). *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma perspectiva cognitiva*. Lisboa: Plátano Editora.
- Balbino, A., Vicari, D., Landgraf, E., Santos, F., & Oliveira, J. (2013). *O uso do debate como técnica no ensino de Geografia*. Retirado em julho, 7 de 2013 de: <http://ensinodegeografiaportugal.blogspot.pt/2012/06/o-uso-dodebate-como-tecnica-no-ensino.html>
- Barbosa, Alexandre *et al.* (2008). Os quadrinhos no ensino de Geografia In *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 3 ed..
- Barca, Isabel. (org.) (2004). *Para uma educação histórica de qualidade*. Actas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica, Braga.
- Barreira, A.; Moreira, M. (2010) *Sinais da história 9*, Lisboa, Edições Asa.1.
- Barreira, C., Boavida, J., & Araújo, N. (2006). Avaliação formativa: Novas formas de ensinar e aprender. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, pp. 96-132.
- Bezerra, H. G. (2004). *Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos*. São Paulo, Contexto, 2ª Ed..
- Braga, Fátima *et al.* (2004). *Planificações Novos Papéis, Novos Modelos*. Porto: Edições ASA.

- Brophy, J. (2006), *Grade Repetition*, Paris/Brussels, The International Institute for Educational Planning (IIEP) and The International Academy of Education (IAE).
- Caires, S. & Almeida, L. S. (2003). *Vivências e percepções dos estágios pedagógicos: estudo com alunos de licenciaturas em ensino*, *Psico-USF*, Volume 8, n.º 2,, jul./dez. pp. 145-153. Retirado em março, 24 de 2013 de: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v8n2/v8n2a06.pdf>.
- Callai, H. C. (2005). *Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental*. Campinas, Cadernos Cedes, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/agosto 2005.
- Cardoso, V. M. P. (2004) *Cenários de prática pedagógica: Observação e reflexão como construção de saberes*. Covilhã, Universidade da Beira Interior, p. 23.
- Carey B (2010) *Forget What You Know About Good Study Habits*. The New York times. Retirado em janeiro, 7 de 2014 de: http://www.nytimes.com/2010/09/07/health/views/07mind.html?_r=0
- Carvalho, P. (2012). *Hábitos de estudo e a sua influência no rendimento escolar*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal, p.15.
- Castro, C., J., Alves, B. (2010) *Descobrir a História 9*, Porto, Porto Editora.4.
- Castrogiovanni, A. C.; Goulart, L. B. (1999). A questão do livro didático em geografia: Elementos para uma análise. In: *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: UFRGS/AGB, p. 58.
- Couto, C. M. (2013). *O Ensino da História: Metodologias em aula*. Tese de Mestrado, Departamento das Ciências de Educação e do Património, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, Portugal.
- Dewey, John (1989). *Cómo pensamos. Nueva exposición de la relación entre pensamiento reflexivo y proceso educativo*. Barcelona: Ediciones Paidós, pp. 35-77.
- Dias, A. (2002). *Para Quê Ensinar Geografia: as Dimensões do Ensino da Geografia*. Lisboa, Edições Colibri, 2002, pp. 83-84.
- Dias, A. I. (2012). *A fotografia no ensino da História*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Eccles, J. S. & Barber, B. L. (1999). *Student council, volunteering, basketball or marching band: What kinds of extracurricular involvement matters?* Journal of Adolescent Research, 14(1), pp.10-43.

- Estrela M. T. (1997). *Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora, pp. 7-20.
- Eurydice, (1995). *A luta contra o insucesso escolar: um desafio para a construção europeia*. Lisboa: Departamento de Programação e Gestão Financeira do Ministério da Educação e do Programa Educação para Todos, Lisboa, p. 47.
- Felgueiras, M. L. (1994). *Pensar a História, Repensar o seu ensino*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira C. A. (2007). *A Avaliação no quotidiano da Sala de Aula*. Porto: Porto Editora, pp.12-27.
- Ferreira, E. C. (2010). *O uso dos audiovisuais como recurso didático*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 17.
- Formosinho, J. (1978). *A igualdade em educação*. Braga: Universidade do Minho, p. 180.
- Fredricks, J. A. & Eccles, J. S. (2005). Developmental benefits of extracurricular involvement: Do peer characteristics mediate the link between activities and youth outcomes? *Journal of Youth and Adolescence*, 34(6), pp. 507-520.
- Gama, Sebastião (1958). *Diário*. Lisboa, Ática, 9ª ed..
- Gonçalves, R. (2003). A aprendizagem da História na sociedade de informação. *Para uma educação histórica de qualidade. Atas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica* (pp. 203-232). Braga: Universidade do Minho.
- González, Daniel Santín (2001). *Influencia de los factores socioeconómicos en el rendimiento escolar internacional: hacia la igualdad de oportunidades educativas*. Retirado em março, 12 de 2013 de: <http://eprints.ucm.es/6725/1/0101.pdf>
- Graça, M. (2012). *Escrever para aprender História - um estudo no 7º ano de escolaridade*. Aveiro: Universidade de Aveiro, p. 33.
- Grilo, M. (2002) *Desafios da educação – Ideias para uma política educativa no século XX*. Lisboa, Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda., p. 44.
- Guimarães, S. E. R; Boruchovitch, E. (2004). *O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: Uma perspetiva da teoria da autodeterminação*. Psicologia: Reflexão e Crítica, pp. 143-150.
- Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo – Das intenções aos instrumentos*. Porto: Porto Editora.

- Hadji, C. (2001). *Avaliação desmistificada*. Porto Alegre: Artmed.
- Hargreaves, A. (2003). *O ensino na Sociedade do Conhecimento*. Porto: Porto Editora.
- Hauer, R. M. (2005). *Linguagem teatral e aquisição de conteúdos escolares: Uma perspectiva cultural e histórica*. Curitiba: Universidade Federal do Panamá.
- Hill, N. & Craft, S. (2003). Parent-School Involvement and Performance: Mediated Pathways Among Socioeconomically Comparable African American and Euro-American Families. *Journal of Educational Psychology*, vol. 95, nº1, p. 74-83.
- Jesus, S. (2000). *Motivação e Formação de Professores* (1ª ed). Coimbra: Quarteto Editora.
- Lambert, D. & Balderstone, D. (2000). *Learning to Teach Geography in the Secondary School*. Oxon: RoutledgeFalmer.
- Lemos, M. S., Carvalho, T. R. (2002) *O aluno na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Livingstone, D. W. E Stowe, Susan (2001). Class and University Education: Intergenerational patterns in Canada. *The Research Network for New Approaches to Lifelong Learning (NALL) Working Paper*, p. 36.
- Lopes, A.; Carvalho, M. (2011). *Horizontes*. Porto: Porto Editora.4, p. 241.
- Mah, S., Gonçalves, A. & Garcia, O. (1999). Jovens e Idosos: Contextos. Interações e Redes de Suporte. *Intervenção Social nº20*, p. 57-78.
- Mahoney, J. L. & Stattin, H. (2000). Leisure activities and adolescent antisocial behavior: The role of structure and social context. *Journal of Youth Adolescents*, 23(2), pp.113-127.
- Marques, R. (2003). *Motivar os professores*. Lisboa: Presença, p. 34.
- Martins, M. F. (2011). *O currículo nacional de Geografia no Ensino Básico. Da concepção e do prescrito à configuração do vivido*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, p.127.
- Mattoso, J. (1999). *A Função Social da História no Mundo de Hoje*. Lisboa, Coleções Estudos/Reflexões, 2 AP.H. p. 14-17.
- Mclaren, Arlena Tigar e Dick, Isabel (2002). I don't feel quite competent here': Immigrant mothers' involvement with schooling. Research on Immigration and Integration in the Metropolis. *Working Paper Vancouver Centre of Excellence nº 02-12*, p.5.

- Melman, S., Little, S. G. & Akin-Little, K. A. (2007). Adolescent overscheduling: The relationship between levels of participation in scheduled activities and self-reported clinical symptomology. *The High School Journal*, 90(3), pp. 18-30.
- Melo, M. C. (2004). Supervisão do Ensino da História: natureza e objetos. In Barca, I. (org.). *Para uma Educação Histórica de Qualidade – Atas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, p. 87-100.
- Moleiro, M. S. (2011). *A exploração da canção na aula de Espanhol como Língua Estrangeira*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Moraes, C. R. (2007). Motivação do aluno durante o processo de ensino aprendizagem. IN: *Revista eletrónica de Educação*. Ano I, N.º. 01, ago/dez..
- Moran, J. M. (1997). Como utilizar a Internet na educação. In: *Revista Ciência da Informação*, vol. 26, maio-agosto 1997, pp. 146-153.
- Moreira, M. G. (2004). *As fontes históricas propostas no manual e a construção do conhecimento histórico*. Braga: Universidade do Minho, p. 48.
- Mussoi, A. B. (2008). *A Fotografia como recurso didático no Ensino de Geografia*. Retirado em março 15, 2013 de: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/785-2.pdf>
- Neves, C. (2013). *Famílias tardias e pequenas mas com entreatajuda*. Retirado em março 27, 2013 de: http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3377408&page=-1
- Nóvoa, A. (1992). *A Reforma Educativa Portuguesa: questões passadas e presentes sobre a formação de professores*. Lisboa: Educa, pp. 57-69.
- Ontoria A., et al. (1994). *Mapas conceituais - uma técnica para aprender*. Rio Tinto: Edições Asa, 1ª Edição, p. 27.
- Padilha, M. A. (2000). O fazer pedagógico em ambientes virtuais de estudo: contribuições para a educação a distância. Curitiba, In: *Congresso da Sociedade Brasileira de Computação*, p. 22.
- Perrenoud, P. (2002). *A prática reflexiva no Ofício do Professor Profissionalização e Razão Pedagógica*. Porto Alegre: Artmed Editora, p. 13-17.
- Piazzi, P. (2009). *Ensinando inteligência*. São Paulo: Aleph, Coleção Neuropedagogia; 1. ed), p.78.

- Piéron, M., & Sarmiento, P. (1996). *Formação de professores: aquisição de técnicas de ensino*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Portugalense, U. (27 de fevereiro de 2013). *Normas regulamentares do 2º ciclo de estudos em Ensino da História e Geografia no 3º ciclo do ensino básico e no secundário*. Retirado em junho, 5 de 2013, de: http://www.uportu.pt/siaa/Regulamentos/Normas_Regulamentares_2Ciclo_Historia_Geografia.pdf
- Roldão, M. (2004). *Gestão do currículo e avaliação de competências – As questões dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Santos, E. O. (2003). Articulação de saberes na EAD online: por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem In *Silva M. Educação online*. São Paulo, Loyola, pp. 227-230.
- Savater, F. (2006) *O valor de Educar*. Lisboa: Dom Quixote.
- Schön, D. A. (1983). *The reflective practioner: how professionals think in action*. London: Temple Smith.
- Shulruf, B., Tumen, S. & Tolley, H. (2008). Extracurricular activities in school, do they matter? *Children and Youth Services Review*, 30, pp. 418-426.
- Silva, I. V. (2006). *Educação para os valores em sexualidade: Um estudo com futuros professores e alunos do 9º ano de escolaridade*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, p. 116.
- Simão, A., Flores, M., Morgado, J., Forte, A. & Almeida, T. (2009). Formação de Professores em contextos colaborativos. Um projeto de investigação em curso. *Sísifo-Revista de Ciências de Educação nº8*, p. 64.
- Simão, R. I. P. (2005). *A relação entre atividades extracurriculares e o desempenho académico, motivação, autoconceito e autoestima dos alunos*. Monografia de Doutoramento, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Simões, A., Santos, Dulce, A.; Abrantes J.; Abrantes e Luís J. (1999). *Procura de formação de nível superior no concelho de Viseu*. Viseu: Instituto Superior Politécnico de Viseu, p. 64.
- Tavares T. C., Vieira, R. M. (2000). *Promover o pensamento crítico dos alunos: Propostas concretas para a sala de aula*. Porto, Porto Editora, p. 25.
- Zabalza, M. (1995). *Diseño y desarrollo curricular* (6ª ed.). Madrid: Narcea, pp. 12-14.

Documentos de autónoma do colégio

Colégio da Trofa (2012/2013). *Projeto Curricular de Turma*.

Colégio da Trofa (2012/2013). *Projeto Curricular de Escola*

Colégio da Trofa (2012/2013). *Plano Anual de Atividades*.

Colégio da Trofa (2012/2013). *Projeto Educativo*

Colégio da Trofa (2012/2013). *Regulamento Interno*

WEBGRAFIA

<http://www.publico.pt/rankings-das-escolas/2013/secundario> (consultado em 20/11/2013)

<http://www.colegiodatrofa.pt/> (consultado pela primeira vez a 02/03/2013)

<http://www.youtube.com/watch?v=AnwTEkZ716U> (consultado em 20/03/2013)

<http://www.youtube.com/watch?v=FkiMxt2yHzY> (consultado em 20/03/2013)

http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Bragan%E7a&Concelho=Mirandela&Option=Interior&content_id=983080 (consultado em 21/03/2013)

http://ec.europa.eu/news/transport/110328_pt.htm (consultado em 23/03/2013)

www.qren.pt (consultado em 25/03/2013)

www.refer.pttes (consultado em 25/03/2013)

http://www.tiki-toki.com/timeline/entry/75216/O-Mundo-Sado-da-Guerra/#vars!date=1945-09-04_17:24:00! (elaborado em 25/03/2013)

<http://www.transportesemrevista.com> (consultado em 25/03/2013)

www.stcp.pt (consultado em 26/03/2013)

http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3377408&page=-1

(Consultado em 27/03/2013)

http://www.nytimes.com/2010/09/07/health/views/07mind.html?_r=0 Consultado no dia 07/01/2014

ANEXOS

Anexo 1 – Ata reunião Departamento Ciências sociais e Humanas

Núcleo de Estágio de História e Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique
(Colégio da Trofa)



Ata número seis

----- Aos três dias do mês de abril de dois mil e treze, pelas dezanove horas reuniu o núcleo de estágio de História e Geografia, no âmbito do mestrado em ensino da História e da Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, do Colégio da Trofa, na reunião do departamento de ciências sociais e humanas, sob a presidência dos respetivos orientadores cooperantes, com a presença dos seguintes elementos:-----

INTERVENIENTES	NOME	ASSINATURAS
Orientador cooperante	Mónica Costeira	<i>Mónica Costeira</i>
Orientador cooperante	Ricardo Ferreira	<i>Ricardo Ferreira</i>
Professor estagiário	Alfredo Almeida	<i>Alfredo Almeida</i>
Professor estagiário	Tiago Canhota	<i>Tiago Canhota</i>
Professor estagiário	José Luís Oliveira	<i>José Luís Oliveira</i>
Professor estagiário	Luís Miguel Oliveira	<i>Luís Miguel Oliveira</i>

----- Verificada a presença de todos os elementos, deu-se início à reunião com a apresentação da seguinte ordem de trabalhos: -----

----- Ponto um: Cumprimento das planificações. -----

----- Ponto dois: Análise do aproveitamento. -----

-----Ponto três: Definição das equipas de trabalho para a elaboração de matrizes e das provas de equivalência à frequência. -----

----- No que respeita ao primeiro ponto da ordem de trabalhos todos os docentes declararam estarem a cumprir as planificações.-----

----- Dando seguimento à reunião e no que concerne ao segundo ponto da ordem de trabalhos, foi pedido aos docentes que fizessem uma breve análise e reflexão sobre o trabalho desenvolvido bem como os resultados obtidos. Assim, relativamente ao ensino básico, os professores declararam que os resultados estão de acordo com o esperado. No ensino secundário, todos os professores declararam também que os resultados estão dentro do expectável. Tendo em conta os resultados, os professores manifestaram a importância de manter as estratégias delineadas, nomeadamente nas disciplinas que serão sujeitas a exame nacional no final do ano.-----

----- Relativamente ao terceiro e último ponto da ordem de trabalhos, o coordenador

Núcleo de Estágio de História e Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique
(Colégio da Trofa)

informou os docentes sobre as equipas de trabalho que foram organizadas com vista à elaboração de matrizes e provas de equivalência à frequência para o ensino básico e secundário, assim como os respetivos prazos de entrega. Todos os professores foram informados relativamente aos coadjuvantes dos exames nacionais, sendo que, na disciplina de Filosofia foi destacado o professor xxxx; para a disciplina de Geografia a professora xxxxx; para a disciplina História o professor xxxx e na disciplina de Economia o professor xxxxx.-----

----- E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada nos termos da lei. -----

O Secretário: Alfalo José António Casimiro de Almeida

Os Presidentes / Orientadores Cooperantes: Alfonso Furtado Luís Carlos Costa

Visto em: 3 / 4 / 13

Anexo 2 – Ata Conselho de Turma 9ºB

Núcleo de Estágio de História e Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique
(Colégio da Trofa)

**Ata número três**

----- Aos dezasseis dias do mês de março de dois mil e treze, pelas dezasseis horas reuniu o núcleo de estágio de História e Geografia, no âmbito do mestrado em ensino da História e da Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, do Colégio da Trofa, na reunião de avaliação do conselho de turma do nono ano turma B, sob a presidência da respetiva diretora de turma, com a presença dos seguintes elementos:-----

INTERVENIENTES	NOME	ASSINATURAS
Orientador cooperante	Ricardo Ferreira	<i>Ricardo Ferreira</i>
Professor estagiário	José Luís Oliveira	<i>José Luís Oliveira</i>
Professor estagiário	Luís Miguel Oliveira	<i>Luís Miguel Oliveira</i>

-----Deu-se início à reunião na presença de todos os professores que compõem o Conselho de Turma e do Coordenador Doutor Alfredo Almeida, dando-se cumprimento à seguinte ordem de trabalhos:-----

-----Ponto Um: Cumprimento de planificações. -----

-----Ponto Dois: Análise global da turma: balanço do aproveitamento e comportamento geral da turma. -----

----- Ponto Três: Análise individual dos alunos. -----

-----Ponto Quatro: Outros assuntos. -----

-----Relativamente ao primeiro ponto da ordem de trabalhos, a Diretora de Turma, começou por fazer o ponto da situação relativamente ao cumprimento das planificações previstas para cada uma das disciplinas, tendo-se verificado que estão a ser cumpridas.-----

-----Dando seguimento ao segundo ponto da ordem de trabalhos, procedeu-se então a uma reflexão sobre o comportamento e aproveitamento da turma, tendo-se concluído que ambos são satisfatórios. -----

-----No cumprimento do terceiro ponto da ordem de trabalhos, procedeu-se à avaliação individual dos alunos e registaram-se os níveis e as menções qualitativas na Pauta, nos Registos Biográficos e nos Registos de Avaliação dos alunos a enviar aos respetivos Encarregados de Educação. A avaliação baseou-se nos documentos oficiais emanados pelo Ministério da Educação e nos normativos definidos pela assessoria pedagógica deste estabelecimento de ensino para o ano letivo de dois mil e doze e dois mil e treze, respeitando, igualmente, as

Núcleo de Estágio de História e Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique
(Colégio da Trofa)

competências gerais e específicas para cada uma das disciplinas em consonância com o currículo nacional.-----

-----A avaliação individual teve em conta o desempenho dos alunos ao longo do primeiro período, tendo cada caso sido discutido detalhadamente. Algumas propostas mereceram especial ponderação pelo Conselho de Turma e encontram-se descritas de seguida. -----

----- Assim: -----

----- à disciplina de Espanhol, os alunos números xxx, xxx, e xxx, xxx, subiram de nível três para quatro pelo desempenho positivo registado ao longo do período; -----

----- ao aluno número xxx, xxx, à disciplina de Inglês o Conselho de Turma atribuiu a classificação de quatro pelo empenho e dedicação revelados; -----

----- ao aluno número xxx, xxx, a xxx, a Assembleia considerou a atribuição de classificação de cinco pela crescente dedicação do aluno face à disciplina; -----

----- ao aluno número xxx, xxx, o Conselho de Turma deliberou pela atribuição de classificação de cinco à disciplina de Geografia, pela sua crescente evolução. -----

-----No que diz respeito ao ponto quatro da ordem de trabalhos informou-se os presentes que no final do período serão afixados os quadros de honra e de mérito, premiando os alunos com as melhores classificações, alunos que tenham apenas níveis cinco e menções “Satisfaz Bem”, e com as melhores atitudes, respetivamente. -----

----- No quadro de honra estarão os alunos números xxx, xxx xxx, xxx, xxx, xxx, xxx e xxx, xxx. -----

----- Para o quadro de mérito foi selecionada a aluna número xxx, xxx. -----

----- As professoras de Língua Portuguesa e Matemática fizeram um balanço das aulas de apoio individualizante, reiterando o que já haviam frisado em reuniões anteriores, isto é, que os alunos têm sido assíduos, trabalhadores, interessados e colaborantes. Estas docentes referiram que têm sentido progressos claros nalguns alunos. -----

----- Durante o segundo período, na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, a turma participou na atividade “Amigo Secreto”, com motivação e empenho. -----

-----E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual se lavrou a presente ata, que depois de lida e aprovada, vai ser assinada nos termos da Lei. -----

O Secretário: Aquel por boche Com de Alentejo

O Presidente / Orientador Cooperante: Rui José Rodrigues Ferreira

Visto em: 16 / 3 / 13

Anexo 3 – Ata Conselho de Turma 11ºB

Núcleo de Estágio de História e Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique
(Colégio da Trofa)

**Ata número dois**

----- Aos dezasseis dias do mês de março de dois mil e treze, pelas doze horas reuniu o núcleo de estágio de História e Geografia, no âmbito do mestrado em ensino da História e da Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, do Colégio da Trofa, na reunião de avaliação do conselho de turma do décimo primeiro ano turma B, sob a presidência da respetiva diretora de turma, com a presença dos seguintes elementos:-----

INTERVENIENTES	NOME	ASSINATURAS
Orientador cooperante	Mónica Costeira	<i>Mónica Costeira</i>
Professor estagiário	Alfredo Almeida	<i>Alfredo Almeida</i>
Professor estagiário	Tiago Canhota	<i>Tiago Canhota</i>
Professor estagiário	José Luís Oliveira	<i>José Luís Oliveira</i>
Professor estagiário	Luis Miguel Oliveira	<i>Luis Miguel Oliveira</i>

----- Verificada a presença de todos os elementos constituintes do Conselho de Turma, deu-se início à reunião constatando-se que os programas das várias disciplinas estão a ser cumpridos conforme foram planificados no início do ano letivo. Verificou-se igualmente que todos os professores entregaram os testes de avaliação corrigidos, dentro do prazo de quinze dias estipulado para o efeito. -----

-----Em seguida procedeu-se à análise individual dos alunos, tendo sido analisadas as médias das classificações obtidas. A Diretora de Turma solicitou a confirmação das propostas de classificação para o segundo período letivo que, depois de devidamente ponderadas e analisadas, de acordo com os critérios gerais e específicos de avaliação, foram homologadas pelo Conselho de Turma e registados nos documentos para o efeito.-----

----- A avaliação individual teve em conta o desempenho dos alunos ao longo do primeiro e segundo períodos, tendo cada caso sido discutido minuciosamente. Algumas propostas mereceram especial ponderação pelo Conselho de Turma e encontram-se descritas de seguida. -----

----- O Conselho de Turma decidiu atribuir à aluna número xxx, xxx, a classificação de quinze valores na disciplina de Matemática, pelo empenho e responsabilidade demonstrados na disciplina. -----

Núcleo de Estágio de História e Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique
(Colégio da Trofa)

----- A aluna número xxx; xxxx apresenta uma subida acentuada na disciplina de Filosofia. Tal facto deve-se ao trabalho persistente da aluna, que se refletiu na melhoria dos seus resultados nos testes de avaliação escrita. Da mesma forma, verificou-se uma subida acentuada na disciplina de Inglês em resultado do maior empenho que a aluna revelou pela disciplina. Em relação à disciplina de Matemática, a subida acentuada deveu-se ao trabalho regular e sistemático realizado pela aluna, que solicitou com mais frequência o apoio da professora para o esclarecimento de dúvidas. Na disciplina de Educação Física verificou-se igualmente uma subida acentuada pelo empenho que a aluna manifestou na superação de obstáculos, trabalhando de forma regular e persistente. -----

----- O Conselho de Turma decidiu atribuir ao aluno número xxx, xxx, a classificação de dezasseis valores na disciplina de Matemática, pelo esforço e persistência demonstrados tendo realizado todas as tarefas de forma regular e sistemática. -----

----- Posteriormente fez-se uma abordagem sobre o comportamento e aproveitamento geral da turma, tendo-se considerado ambos globalmente satisfatórios. No entanto, salientou-se que alguns alunos necessitam de melhorar a concentração na sala de aula e reforçar hábitos e métodos de estudo, a fim de potencializarem as suas capacidades. -----

----- O Conselho de Turma considerou que se devem manter as estratégias delineadas anteriormente, nomeadamente os contactos regulares com os Encarregados de Educação, informando-os da situação escolar dos seus educandos. Além disso, a turma continuará a beneficiar de uma aula de reforço de sessenta minutos a Matemática, a fim de possibilitar aos alunos a sistematização dos conhecimentos adquiridos, através da realização de exercícios de consolidação e esclarecimento de dúvidas. -----

----- E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada nos termos da lei. -----

O Secretário: Alfco por Roberto Com de A. M.

O Presidente / Orientador Cooperante: Luís de Costa

Visto em: 16 / 3 / 13

Anexo 4 – Ata da reunião de preparação das regências de História

Núcleo de Estágio de História e Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique
(Colégio da Trofa)



Ata número quatro

----- Aos vinte e sete dias do mês de março de dois mil e treze, pelas dezassete horas reuniu o núcleo de estágio de História e Geografia, no âmbito do mestrado em ensino da História e da Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, do Colégio da Trofa, na reunião de preparação das regências de história, sob a presidência do respetivo orientador cooperante, com a presença dos seguintes elementos:-----

INTERVENIENTES	NOME	ASSINATURAS
Orientador cooperante	Ricardo Ferreira	<i>Ricardo Ferreira</i>
Professor estagiário	Alfredo Almeida	<i>Alfredo Almeida</i>
Professor estagiário	Tiago Canhota	<i>Tiago Canhota</i>
Professor estagiário	José Luís Oliveira	<i>José Luís Oliveira</i>
Professor estagiário	Luís Miguel Oliveira	<i>Luís Miguel Oliveira</i>

----- Verificada a presença de todos os elementos, deu-se início à reunião com a apresentação da seguinte ordem de trabalhos: primeiro ponto – planificação do trabalho a desenvolver; segundo ponto – preparação das regências. -----

----- Em relação ao primeiro ponto foi novamente apresentada, analisada e sujeita a ajustes, a planificação de todas as atividades a desenvolver no presente estágio. -----

----- De seguida, cada um dos professores estagiários apresentou as planificações, materiais e recursos a utilizar nas respetivas aulas, tendo o professor cooperante dado as devidas orientações no que toca às estratégias, métodos e técnicas a utilizar nas mesmas, de forma a tonar eficaz e eficiente todo o processo de ensino e aprendizagem.-----

----- Os temas, conteúdos, recursos e demais informações a serem lecionados e utilizados por cada um dos professores estagiários encontram-se devidamente registados nas planificações e demais instrumentos de trabalho para os quais se remete na íntegra.--

---- E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada nos termos da lei. -----

O Secretário: *Alfredo Almeida*

O Presidente / Orientador Cooperante: *Ricardo Ferreira*

Visto em: 27 / 3 / 13

Anexo 5 - Plano de aula (Primeira aula de História)**PLANO DE AULA**

Disciplina: História

Unidade Temática K1- O Mundo Saído da Guerra.

Subtema: Reconstrução e Política de blocos

Ano 9º Turma B

DATA: 04/04/2013

Aula nº: 49

Professor observado: Luís Miguel Oliveira

Professor Cooperante: Ricardo Ferreira

Conceito-chave e situação-problema / desafio**Situação Problema:** Caracterizar cada um dos dois blocos antagônicos e os fatores que levaram ao surgimento da Guerra Fria.**Questão estruturante/desafio:** Que características distinguiram os dois blocos antagônicos e simultaneamente potenciaram o surgimento da Guerra Fria?**Conceito chave:** Guerra Fria; Bipolarização, antagonismo, capitalismo, socialismo.**Metas de aprendizagem a desenvolver na aula****Compreensão temporal:**

1. O aluno utiliza unidades/convenções de datação para relacionar e problematizar a relevância de personalidades, acontecimentos, processos e interações em diversos tempos.
2. O aluno interpreta cronologias comparadas que sejam significativas para compreender a história da humanidade, relacionando a história nacional com a história europeia e mundial.
3. O aluno reconhece a complexidade das ideias de mudança e continuidade em história, integrando noções sobre diferentes ritmos de evolução (longa, média e curta duração, evolução e rutura) e múltiplas perspectivas sobre sentidos de mudança (progresso, declínio, ciclo) e permanência (estabilidade, inevitabilidade).

Interpretação de Fontes:

6. O aluno interpreta fontes diversificadas para, com base nelas e em conhecimentos prévios, inferir leituras historicamente válidas e abrangentes sobre o passado.

Compreensão Histórica Contextualizada:

7. O aluno apresenta uma síntese sobre acontecimentos, processos e períodos de diversas sociedades do passado, integrando várias causas (motivações de protagonistas individuais ou coletivos, condicionalismos materiais e humanos) e consequências, em diversas dimensões

históricas para relacionar a história nacional, europeia e mundial.

8. O aluno aplica terminologia e conceitos substantivos (essenciais para a compreensão histórica), tornados significativos ao longo da abordagem das temáticas em estudo.

9. O aluno reconhece a diversidade, quer de interesses, culturas e ideologias quer de experiências interculturais, e avalia motivações e razões dos intervenientes em situações históricas (pacíficas, de tensão ou conflituais) e respetivas consequências.

Comunicação em história:

12. O aluno comunica as suas ideias em história, por escrito (em narrativas, relatórios de pesquisa, pequenos ensaios e respostas breves) e oralmente (em debates e diálogos de grande e pequeno grupo).

Esquema conceptual para a aula



Informação nova / conteúdos

<p>Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)</p>	<p>Aferir as ideias prévias dos alunos através de um <i>brainstorming</i> e através da interpretação de um cartoon (avaliação diagnóstica). O cartoon utilizado para análise encontra-se em anexo. As ideias prévias dos alunos, segundo matérias abordadas anteriormente, poderão ir no sentido de os alunos conhecerem a existência da Guerra Fria e a existência de dois grandes blocos antagónicos liderados por EUA e URSS.</p>
<p>Conceitos novos</p>	<p>Bloco Ocidental/Bloco Oriental Capitalismo Liberal Socialismo/Comunismo Plano Marshall/Comecon NATO/Pacto de Varsóvia</p>

Objetivos de aprendizagem

- Compreender que os EUA se afirmam, durante e após a guerra, como a maior potência mundial, relacionando o auxílio americano com as dificuldades económicas da Europa e o receio do avanço da influência comunista;
- Explicar em que condições se verificou a expansão do socialismo e o alargamento da influência soviética na Europa e na Ásia;
- Compreender que a «guerra fria» resultou, fundamentalmente, das tendências hegemónicas das duas grandes potências, dando origem à formação de blocos militares;
- Identificar alguns confrontos que ocorreram nesse contexto.

Sequenciação a dar à aula: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias**Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos:****Método expositivo/dedutivo.**

Identificação das ideias prévias: interpretação de um cartoon e realização de um Brainstorming.

Apresentação dos conteúdos novos através de um Powerpoint.

Durante a apresentação irei recorrer à prática independente; (colocação de questões abertas para aferir a compreensão dos conteúdos)

No powerpoint utilizarei documentos para análise, vídeos e cartoons que possibilitem a comparação das posições antagónicas dos blocos e determinados acontecimentos que permitam reconstituir o ambiente político do pós-guerra.

Prática controlada: No final irá ser apresentado um mapa concetual com a estruturação dos conteúdos e será realizado um resumo aos conteúdos estruturantes.

Por fim, irá ser disponibilizado um endereço na internet com um friso cronológico onde estarão datados cronologicamente os principais acontecimentos da guerra fria e será distribuída uma ficha formativa para resolução. A sua correção será realizada na aula seguinte do professor cooperante.

Estratégias cognitivas:

Contextualização (Identificação do período a ser lecionado);

Relação da informação nova com elementos visuais (Powerpoint: imagens, mapas e documentos escritos para análise);

Registo de notas (professor no quadro/aluno no caderno diário);

Síntese através de um mapa concetual e um resumo da matéria lecionada

Recursos / Fontes

Recursos:

Computador com acesso à internet, projetor multimédia e colunas;

Manual e caderno diário;

Quadro;

Ficha formativa.

Fontes:

Amaral, C.; Castro, J. e Alves, B. (2010) Descobrir a História 9, Porto, Porto Editora.4

Barreira, A.; Moreira, M. (2010) Sinais da história 9, Lisboa, Edições Asa.1.

<http://www.youtube.com/watch?v=AnwTEkZ716U> (consultado em 20/03/2013)

<http://www.youtube.com/watch?v=FkiMxt2yHzY> (consultado em 20(03/2013)

http://www.tiki-toki.com/timeline/entry/75216/O-Mundo-Sado-da-Guerra/#vars!date=1945-09-04_17:24:00! (criado em 25/03/2013)

Avaliação intercalar

Avaliação empírica;

Conhecimento adquirido na aula – feedback. Estes dados serão recolhidos através de perguntas durante a aula e através da correção da ficha formativa (ver em anexo);

Domínio das atitudes - empenho e interesse. Estes dados serão recolhido através de grelhas de observação (em anexo).

Diferenciação pedagógica

Realização de uma ficha formativa em pares onde os exercícios serão distribuídos pelos alunos de acordo com as dificuldades demonstradas pelos mesmos, tendo como objetivo consolidar as competências e os conhecimentos adquiridos e permitir a superação das dificuldades demonstradas individualmente. Assim sendo, os alunos que evidenciam mais capacidades irão fazer par com aqueles que revelam o oposto.

Esta diferenciação será ainda realizada oralmente, nas questões colocadas aos alunos.

Avaliação final

Ficha formativa.

Grelhas de observação.

(Questões a colocar na ficha de avaliação)

Sumário

O antagonismo dos dois blocos – a Guerra Fria.

Anexo 6 - Powerpoint utilizado na primeira aula de História



Ano letivo: 2012/2013
 Disciplina: História
 Unidade: K1 – O Mundo Saído da Guerra
 Tema: Reconstrução e Política de Blocos
 Escola: Colégio da Trofa
 Turma: 9º B
 Docente estagiário: Luis Oliveira

abril 2013

K1 – O Mundo Saído da Guerra Reconstrução e Política de Blocos



BALANÇO DA II GUERRA MUNDIAL

É verdadeiramente impossível exprimir por palavras ou por números todos os sacrifícios exigidos por esta guerra atroz, todas as perdas em vidas humanas, todo o sofrimentos, todas as misérias, todas as destruições. Foi uma catástrofe incomensurável. (...)

Carl Grimberg (1969) – História Universal do Mundo, volume 20



Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

BALANÇO DA II GUERRA MUNDIAL PARA A EUROPA

1945 FIM DA II GUERRA MUNDIAL → VITÓRIA DOS ALIADOS



- Cidades, indústrias, transportes totalmente destruídos
- Cerca de 60 milhões de mortos
- Todos os aparelhos produtivos e militares destruídos
- Faltam matérias primas

Custos desta vitória para a Europa



Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

CONSEQUÊNCIAS DA II GUERRA MUNDIAL

- Derrota do nazismo e do fascismo
- Criação ONU (Procura de novos caminhos para a paz)
- Divisão da Alemanha (e da cidade de Berlim) em 4 zonas de ocupação
- Alterações no mapa político Mundial

Duas superpotências emergem no panorama internacional



Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

BALANÇO DA II GUERRA MUNDIAL

EUA

- Indústria intacta, reforçam o poder militar e económico.
- Única potência a possuir armamento nuclear.
- Principal fornecedor de bens, logo o maior credor.
- Grandes reservas de ouro, que levam o dólar a ser o único ponto de referência no mercado mundial.
- Criação de duas importantes instituições financeiras: FMI (Fundo Monetário Internacional) e BIRD (Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento) na conferência de Bretton Woods. Define-se um novo sistema financeiro baseado no dólar.



Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

BALANÇO DA II GUERRA MUNDIAL




URSS

- Apesar de ter ficado com a estrutura econômica danificada pela guerra, efetuou um esforço de reconstrução econômica associado à produção de armamento,
- A expansão da ideologia socialista nos países do Leste europeu e, mais tarde, na China, impuseram a URSS como a 2ª grande potência mundial.
- Existência de grandes quantidades de recursos naturais, sobretudo minerais.

Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 7

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria





Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria



O que nos diz o cartoon?

Legenda: Cartoon britânico sobre a luta entre os líderes da URSS, Krushev, e dos EUA, Kennedy, 1962.

Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 9

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Guerra Fria

Guerra Fria foi a designação atribuída ao conflito político-ideológico entre os Estados Unidos (EUA), (URSS), compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991).

Durante esse período, o mundo inteiro tornou-se palco desta tensão e de constantes conflitos, sempre à beira de um confronto total que afinal as duas superpotências, receando-se mutuamente, não ousavam desencadear.



Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 10

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Terminada a Segunda Grande Guerra, o panorama mundial passou a ser dominado pelas duas potências que haviam contribuído de forma importante para a vitória dos Aliados – os Estados Unidos da América e a União Soviética. O confronto entre estas duas potências não tardou a mostrar-se inevitável. Ambas disputavam o domínio de importantes posições estratégicas e estavam dispostas a lutar pelo triunfo da sua ideologia política – os Americanos pelo capitalismo liberal e os Soviéticos pelo socialismo.




Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Qual a diferença entre o Capitalismo Liberal dos EUA e o Socialismo/Comunismo da URSS?




Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 12

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Capitalismo Liberal VS Comunismo/socialismo

1 - O capitalismo é um sistema económico em que os meios de produção e distribuição são de propriedade privada e com fins lucrativos.

2 - O governo não tem controlo sobre os mercados (*laissez faire*);

3 - É necessário "liberdade política para a sua aplicação" .

4 - Para muitos o capitalismo favorece fenómenos como a alienação social, desigualdade económica, desemprego e instabilidade económica.

1 - O comunismo (no latim *communis* - comum, universal) é uma ideologia política e socioeconómica que pretende promover o estabelecimento de uma sociedade igualitária sem classes sociais e apóinda baseada na propriedade comum e no controlo dos meios de produção e da propriedade em geral.

2 - O planeamento geral, não deve tomar em consideração as necessidades e vontades dos consumidores. Deverá ser o governo a decidir o que falta ao povo e o que este precisa.

Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 13

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria



As tensões iniciaram-se com o estabelecimento dos regimes comunistas no Leste da Europa. Logo em 1945, Churchill acusava a URSS de fazer descer uma "cortina de ferro" sobre a Europa ocidental.

Esta era apenas uma linha imaginária, ao contrário do Muro de Berlim, que mais tarde, em 1961, se constituiu numa barreira física, sendo o mais conhecido exemplo desta política isolacionista.

Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 14

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Este período foi ainda caracterizado pela corrida ao armamento, sobretudo armas nucleares e pela intensa espionagem através da CIA (EUA) e o KGB (URSS) ex.: fórmula da bomba atómica.



Espionagem



Corrida ao espaço



ARMAMENTO

Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 15

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Com a corrida às armas nucleares, O clima de tensão agravou-se. Em 1949, a URSS conseguiu produzir a bomba atómica. Dois anos depois, os EUA fabricavam a primeira bomba de hidrogénio (500 vezes mais potente que a bomba de Hiroshima) e a URSS não tardou igualmente a possuí-la. O mundo tremeu com o medo de um confronto nuclear.

[Vamos agora visualizar um pequeno vídeo Sobre a bomba de hidrogénio](#)




Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 16

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

PLANO MARSHALL

Em 1947, os Estados Unidos da América propuseram o Plano Marshall, um plano de auxílio aos países europeus cuja economia fora desmantelada pela guerra.

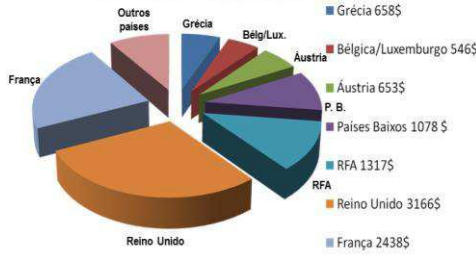
O Plano Marshall instituído pelos EUA resultou num incrível crescimento económico para os países europeus envolvidos. A produção industrial cresceu cerca de 35% e a produção agrícola superou os níveis dos anos anteriores à guerra.



Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 18

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

PLANO MARSHALL



País	Valor (milhões de dólares)
Grécia	658\$
Bélgica/Luxemburgo	546\$
Áustria	653\$
P. B.	1078 \$
RFA	1317\$
Reino Unido	3166\$
França	2438\$
Outros países	1023\$

Legenda: Ajudas do Plano Marshall em milhões de dólares – Este programa de recuperação económica para a Europa foi aceite por 17 países, mas recusado pela URSS. Portugal foi um dos contemplados com cerca de 50 milhões de dólares.

Fonte: Barreira, A.; Moreira, M (2010) Sinais da História 9, Lisboa, Ed. Asa 1.

19

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

PLANO MARSHALL

Será que o objetivo deste plano era apenas ajudar aos países europeus, ou teria outras intenções escondidas? O que acham?



Reconstrução e Política de Blocos
Prof. Estagiário: Luis Oliveira

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

PLANO MARSHALL

RESPOSTA:
Objetivos:

- Criar condições para a reconstrução económica e a estabilidade económica dos países europeus;
- Evitar a expansão do comunismo;
- Aumentar o vínculo e dependência dos países europeus aderentes para com os Estados Unidos, principalmente através das relações comerciais.
- Todos os produtos utilizados na reconstrução deveriam ser americanos

Para saber mais: Imagem do secretário de estado dos Estados Unidos, George Marshall: idealizador do Plano Marshall



Cartaz Alemanha oriental sobre o Plano Marshall. "Passagem livre para o plano Marshall"



Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

COMECON





Em resposta, a URSS empreendeu uma política de consolidação do bloco comunista. Em 1949, foi criado o **Conselho de Ajuda Económica Mútua**, que estabelecia a coordenação dos planos económicos dos países membros e a ajuda financeira da **URSS** aos seus aliados. Era a resposta ao Plano Marshall desenvolvido pelos **Estados Unidos**. A **União Soviética** assegurava assim um importante mercado, favorecendo o seu próprio crescimento económico.

Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

A NATO foi criada em 1949, no contexto da Guerra Fria, com o objetivo de constituir uma frente oposta ao bloco socialista.

Objetivos da NATO:

- Contenção da expansão da URSS;
- Manutenção da Alemanha Ocidental controlada pelo sistema de segurança;
- Assunção da liderança norte-americana no bloco ocidental;

Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Se a NATO foi uma aliança militar empreendida pelos EUA no bloco Ocidental, o que terá sido o Pacto de Varsóvia, instituído em 14 de maio de 1955?



Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

PACTO DE VARSÓVIA

O **Pacto de Varsóvia** foi uma aliança militar formada pelos países socialistas do Leste Europeu e pela União Soviética. O tratado correspondente foi firmado na capital da Polónia, Varsóvia, e estabeleceu o alinhamento dos países membros com Moscovo, estabelecendo um compromisso de ajuda mútua em caso de agressões militares



OBJETIVOS:

- Estabelecia o compromisso de prestar auxílio imediato em caso de agressão a qualquer um dos membros;
- Foi o principal instrumento de hegemonia militar da URSS;

Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Principais Crises e Conflitos da Guerra Fria



Guerra da Coreia (1950-1953)

Crise dos Mísseis em Cuba 1962

Guerra do Vietname (1962-1975)

Reconstrução e Política de Blocos
Prof. Estagiário: Luis Oliveira

26

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

O Muro de Berlim

A construção do muro de Berlim começou na madrugada de 13 de agosto de 1961.

Em 28 anos de história, do que se conhece, registou 80 mortos e cerca de 4 mil evasões.



Para saber mais:

Comprimento: 155 quilómetros

Instalações: 3012 torres de vigia, 20 bunkers, 127 quilómetros de arame farpado

Vigilância: sete regimentos com 1000 a 1200 soldados.

Reconstrução e Política de Blocos
Prof. Estagiário: Luis Oliveira

27

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Vamos agora visualizar um pequeno vídeo sobre o Muro de Berlim



Reconstrução e Política de Blocos
Prof. Estagiário: Luis Oliveira

28

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Fim da Guerra Fria

Após a morte de **Estaline** houve uma melhoria nas relações entre os blocos, iniciando-se um período marcado pela coexistência pacífica. Os dois blocos concordaram em não participar em conflitos regionais nas áreas sob sua influência e em iniciar o desarmamento. Um dos pontos altos desta coexistência pacífica foi a **queda do muro de Berlim**.




Josef Stalin (18 dez 1879 - 5 mar 1953). Secretário-geral do P.C. da URSS e do Comité Central a partir de 1922 até a sua morte, sendo o líder soberano.

Muro de Berlim: A 9 de setembro de 1989 foi derrubado.

Reconstrução e Política de Blocos
Prof. Estagiário: Luis Oliveira

30


O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Fim da Guerra Fria

- 1985 - Mikhail Gorbachev é eleito Secretário-Geral do PC da URSS

Gorbachev implementa várias reformas:

- Conduzem ao desmembramento da URSS
- Abertura à economia de mercado
- Liberdade de expressão
- Afirmação da democracia



Mikhail Gorbachev (Nasceu a 2 mar de 1931): Ex-secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética de 1985 a 1991. As suas tentativas de reforma conduziram ao final da Guerra Fria e, ainda que não tivesse esse objetivo, terminou com o poderio do Partido Comunista no país, levando, até mesmo à dissolução da União Soviética.

Reconstrução e Política de Blocos
Prof. Estagiário: Luis Oliveira

31

O Antagonismo dos dois Grandes Blocos - a guerra Fria

Fim da Guerra Fria

Os EUA reforçam o seu poder e influência a nível Mundial como sendo a grande superpotência



Reconstrução e Política de Blocos
Prof. Estagiário: Luis Oliveira

32



O Mundo Saído da Guerra

Agora já sabemos que...

- 1 - A participação dos EUA e da URSS na 2ª Guerra Mundial conduziu os aliados à vitória e transformou estas duas nações em superpotências. A Europa estava enfraquecida devido à destruição provocada pela guerra, tendo assim perdido muito do seu poder e influência.
- 2 - Os modelos de política, economia e sociedade propostos pelos EUA (liberalismo democrático) e pela URSS (socialismo marxista-leninista) eram muito diferentes e assumiram-se como antagónicos. Ambos desenvolveram esforços no sentido de desenvolver a sua ideologia nos diferentes continentes.

34

O Mundo Saído da Guerra

Agora já sabemos que...

- 3 - Para assegurarem a sua defesa, os blocos criaram organizações militares: a NATO, liderada pelos EUA, e o Pacto de Varsóvia, liderado pela URSS. A "corrida ao Armamento" nuclear, levada a cabo pelos dois blocos, tornou-se numa ameaça permanente à paz mundial.
- 4 - A escalada militar permanente e o perigo de uma guerra nuclear levou, mais tarde, os líderes dos dois blocos à adoção de medidas para um desarmamento progressivo, desenvolvendo assim uma política de coexistência pacífica.

35

O Mundo Saído da Guerra

Estamos agora preparados para resolver uma ficha formativa




Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 36

O Mundo Saído da Guerra

Para saberes quais as datas dos principais acontecimentos ocorridos durante a Guerra Fria, podes Consultar o friso cronológico disponível no seguinte endereço eletrónico:

http://www.tiki-toki.com/timeline/entry/75216/O-Mundo-Sado-da-Guerra/#vars!date=1945-09-04_17:24:00



Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 37

O Mundo Saído da Guerra

bibliografia

BIBLIOGRAFIA

Amaral, C.; Castro, J. e Alves, B. (2010) Descobrir a História 9, Porto, Porto Editora.4

Barreira, A.; Moreira, M. (2010) Sinais da história 9, Lisboa, Edições Asa.1.

Carl, G. (1969) – História Universal do Mundo, volume 20

WEBGRAFIA

<http://www.youtube.com/watch?v=AnwTEkZ716U>

<http://www.youtube.com/watch?v=FkiMxt2yHzY>

http://www.tiki-toki.com/timeline/entry/75216/O-Mundo-Sado-da-Guerra/#vars!date=1945-09-04_17:24:00



Reconstrução e Política de Blocos Prof. Estagiário: Luis Oliveira 38

Anexo 7 – Ficha formativa utilizada na primeira aula de História

FICHA FORMATIVA “RECONSTRUÇÃO E POLÍTICA DE BLOCOS”	
ANO LETIVO: 2012/2013	DATA: 04/04/2013
DISCIPLINA: HISTÓRIA TEMA: RECONSTRUÇÃO E POLÍTICA DE BLOCOS	
PROFESSOR COOPERANTE: RICARDO FERREIRA	TURMA: 9º B
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: LUÍS OLIVEIRA	
Nome:	Nº:
CLASSIFICAÇÃO:	

Lê com atenção cada questão, e tenta responder com clareza.

I

1. **Carateriza** a situação económica e militar dos EUA no final da 2ª guerra mundial.

2. **Atenta** aos documentos 2B e 2C.

2B. Alarmado com a perspetiva da expansão do comunismo à Europa Ocidental, perante o panorama de destruição e miséria oferecido pelo Velho Continente e também preocupado com as repercussões negativas desta situação na economia americana, o secretário de estado G. Marshall, apresentou uma proposta de solução: o Plano Marshall.

Luís Maria Graça, Nótulas de História Geral contemporânea, Universidade Católica Editora, 2003.

2. O Plano Marshall

LEGENDA DA FIGURA:
Reconstrução de edifícios em Berlim com o financiamento do Plano Marshall, como se pode ver no cartaz da foto.



2C. A nossa política não está dirigida contra nenhum país ou doutrina, mas sim contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos. O seu objetivo deverá ser o restabelecimento de uma economia mundial sã, de forma a permitir a reinstuição de condições políticas e sociais, com base nos quais possam existir instituições livres(...) Quem tentar bloquear a reconstrução de outros países não pode esperar ajuda.

Discurso de George Marshall em Harvard, a 5 de junho de 1947

2.1 Quais eram os objetivos do plano Marshall, segundo os autores das fontes **2B** e **2C**?

3. Lê atentamente o documento **3A** e **3B**.

Conselho Assistência Mútua
(COMECON)

3A. A conferência verificou que os governos dos EUA, da Grã-Bretanha e de alguns países da Europa Ocidental boicotaram as relações comerciais com os países da democracia popular e da URSS, porque estes países se recusavam a submeter-se às obrigações do Plano Marshall, que atingem a soberania dos Estados e os seus interesses económicos. (...)

A Conferência reconhece a necessidade de criar um “Conselho de Assistência Mútua”, formado por um número igual de representantes de cada um dos países participantes (...).

Este conselho assegurará a troca de experiências adquiridas no domínio económico, assistência técnica recíproca, matérias-primas, géneros alimentícios, máquinas, etc..

Agência Tass, Agência de notícias do Estado na URSS, 1949

3B. Em nenhum destes oito países (Polónia, Roménia, Bulgária, Hungria, Checoslováquia, Jugoslávia e RDA), os comunistas chegaram ao poder em resultado de uma consulta livre, pela qual o sufrágio universal lhe tivesse, democraticamente, dado a maioria (...) A União Soviética estabelece com eles laços de subordinação em tudo semelhantes aos que a Europa instaurara com as duas dependências coloniais (...). O Governo soviético começa a integrar (estes países) num sistema unificado politicamente e economicamente – o COMECON

René Rémond, Introdução à História do nosso tempo, Gradiva, 1997.

3.1 Transcreve as frases que descrevem os objetivos do COMECON

4. Completa o seguinte quadro:

Bloco _____	Bloco comunista
Constituído pelos países ocidentais	Constituído pelos países _____
Liderado _____	Liderado _____
Defende o capitalismo	Defende _____
Tem receio _____	Tem receio _____
Principal aliança militar _____	Principal aliança militar _____

V/F

5. Classifica, como verdadeira ou falsa, cada uma das afirmações seguintes:

- 5.1 O Muro de Berlim separava Berlim Oriental de Berlim Ocidental.
- 5.2 O plano Marshall foi implementado em toda a Europa
- 5.3 Churchill construiu uma cortina de ferro, separando os países socialistas dos capitalistas.
- 5.4 Como resposta à NATO, a URSS fundou o COMECON
- 5.5 Quase todos os países de Leste aderiram ao Plano Marshall.

6. O Muro de Berlim dividia a cidade em duas partes. **Quem** o mandou construir e **quais** seriam os seus objetivos?

Cotações										Total
1.	2.1	3.1	4.	5.1	5.2	5.3	5.4	5.5	6.	Valores
15	23	23	9	2	2	2	2	2	20	100



BOM TRABALHO

O professor: Luís Oliveira

Anexo 8 - Correção e respetivos critérios utilizados na ficha formativa

CORREÇÃO DA FICHA FORMATIVA “RECONSTRUÇÃO E POLÍTICA DE BLOCOS”	
ANOLETIVO: 2012/2013	DATA: 04/04/2013
DISCIPLINA: HISTÓRIA TEMA: RECONSTRUÇÃO E POLÍTICA DE BLOCOS	
PROFESSOR COOPERANTE: RICARDO FERREIRA	TURMA: 9º B
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: LUÍS OLIVEIRA	
Nome:	Nº:

Lê com atenção cada questão, e tenta responder com clareza.

I

1. **Carateriza** a situação económica e militar dos EUA no final da 2ª guerra mundial.

R: Antes da 2ª guerra mundial os EUA já eram a maior potência económica, mas a guerra permitiu-lhes reforçar essa posição uma vez que durante o conflito não lidaram diretamente com a guerra no seu território. Com isto no final da II guerra mundial eram de longe a primeira potência industrial, comercial e financeiramente (durante a guerra emprestou dinheiro aos aliados e no final é o principal credor e detentor de 2/3 do ouro mundial). Graças à superioridade dos EUA, o dólar, torna-se na moeda padrão para o comércio e transações internacionais. No entanto, a 2ª guerra mundial trouxe aos EUA uma nova área de superioridade mundial, uma vez que 1945 é também a 1ª potência militar já que possui a maior marinha e aviação do mundo e, até 1949, detém o monopólio das armas atómicas.

2. **Atenta** aos documentos 2B e 2C.

2B. Alarmado com a perspetiva da expansão do comunismo à Europa Ocidental, perante o panorama de destruição e miséria oferecido pelo Velho Continente e também preocupado com as repercussões negativas desta situação na economia americana, o secretário de estado G. Marshall, apresentou uma proposta de solução: o Plano Marshall.

Luís Maria Graça, Nótulas de História Geral contemporânea, Universidade Católica Editora, 2003.

2. O Plano Marshall

LEGENDA: Reconstrução de edifícios em Berlim com o financiamento do Plano Marshall, como se pode ver no cartaz da foto.



2C. A nossa política não está dirigida contra nenhum país ou doutrina, mas sim contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos. O seu objetivo deverá ser o restabelecimento de uma economia mundial sã, de forma a permitir a reinstituição de condições políticas e sociais, com base nos quais possam existir instituições livres(...) Quem tentar bloquear a reconstrução de outros países não pode esperar ajuda.

Discurso de George Marshall em Harvard, a 5 de junho de 1947

2.1 Quais eram os objetivos do plano Marshall, segundo os autores das fontes 2B e 2C?

R: Os objetivos do Plano Marshall, segundo os autores, passavam essencialmente por combater a expansão do comunismo na Europa e as adversidades que isso traria para a América em termos económicos. Isso pode ser constatado na afirmação retirado do doc. A: “Alarmado com a perspectiva da expansão do comunismo à Europa Ocidental, perante o panorama de destruição e miséria oferecido pelo Velho Continente e também preocupado com as repercussões negativas desta situação na economia americana” O documento B retrata que um dos objetivos do plano Marshall era ajudar a Europa. “A nossa política não está dirigida contra nenhum país ou doutrina, mas sim contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos. O seu objetivo deverá ser o restabelecimento de uma economia mundial sã, de forma a permitir a reinstituição de condições políticas e sociais, com base nos quais possam existir instituições livres(...)”.

3. Lê atentamente o documento 3A e 3B.

Conselho Assistência Mútua
(COMECON)

3A. A conferência verificou que os governos dos EUA, da Grã-Bretanha e de alguns países da Europa Ocidental boicotaram as relações comerciais com os países da democracia popular e da URSS, porque estes países se recusavam a submeter-se às obrigações do Plano Marshall, que atingem a soberania dos Estados e os seus interesses económicos. (...)

A Conferência reconhece a necessidade de criar um “Conselho de Assistência Mútua”, formado por um número igual de representantes de cada um dos países participantes (...).

Este conselho assegurará a troca de experiências adquiridas no domínio económico, assistência técnica recíproca, matérias-primas, géneros alimentícios, máquinas, etc..

Agência Tass, Agência de notícias do Estado na URSS, 1949

3B. Em nenhum destes oito países (Polónia, Roménia, Bulgária, Hungria, Checoslováquia, Jugoslávia e RDA), os comunistas chegaram ao poder em resultado de uma consulta livre, pela qual o sufrágio universal lhe tivesse, democraticamente, dado a maioria (...) A União Soviética estabelece com eles laços de subordinação em tudo semelhantes aos que a Europa instaurara com as duas dependências coloniais (...). O Governo soviético começa a integrar (estes países) num sistema unificado politicamente e economicamente – o COMECON

René Rémond, Introdução à História do nosso tempo, Gradiva, 1997.

3.1 Transcreve as frases que descrevem os objetivos do COMECON

R: As frases que transcrevem os objetivos do COMECON são: Documento A – “Este conselho assegurará a troca de experiências adquiridas no domínio económico, assistência técnica recíproca, matérias-primas, géneros alimentícios, máquinas, etc..”

Documento B – “A União Soviética estabelece com eles laços de subordinação em tudo semelhantes aos que a Europa instaurara com as duas dependências coloniais (...). O Governo soviético começa a integrar (estes países) num sistema unificado politicamente e economicamente – o COMECON.

4. **Completa** o seguinte quadro:

4.1 Bloco Capitalista liberal	Bloco comunista
Constituído pelos países ocidentais	4.2 Constituído pelos países do Bloco de Leste
4.3 Liderado pelos EUA	4.4 Liderado pela URSS
Defende o capitalismo	4.5 Defende Socialismo/Comunismo
4.6 Tem receio da URSS e das suas armas (principalmente as atómicas)	4.7 Tem receio dos EUA e das suas armas (principalmente as atómicas)
4.8 Principal aliança militar NATO	4.9 Principal aliança militar PACTO VARSÓVIA

V/F

5. **Classifica**, como verdadeira ou falsa, cada uma das afirmações seguintes:

- 5.1 O Muro de Berlim separava Berlim Oriental de Berlim Ocidental.
- 5.2 O plano Marshall foi implementado em toda a Europa
- 5.3 Churchill construiu uma cortina de ferro, separando os países socialistas dos capitalistas.
- 5.4 Como resposta à NATO, a URSS fundou o COMECON
- 5.5 Quase todos os países de Leste aderiram ao Plano Marshall.

V
F
F
F
V

6.O Muro de Berlim dividia a cidade em duas partes. **Quem** o mandou construir e **quais** seriam os seus objetivos?

R: O Muro de Berlim foi mandado construir pela URSS (Estaline) em 1961. O principal objetivo era separar o Bloco dos Países de Leste da influência dos países associados ao Bloco Ocidental sob o comando dos EUA. Outras das motivações de Estaline era impedir a saída de pessoas e bens da República Democrática Alemã (RDA) para a República Federal Alemã (RFA).

Cotações										Total Valores
1.	2.1	3.1	4.	5.1	5.2	5.3	5.4	5.5	6.	
15	23	23	9	2	2	2	2	2	20	100

BOM TRABALHO

○ professor: Luís Oliveira




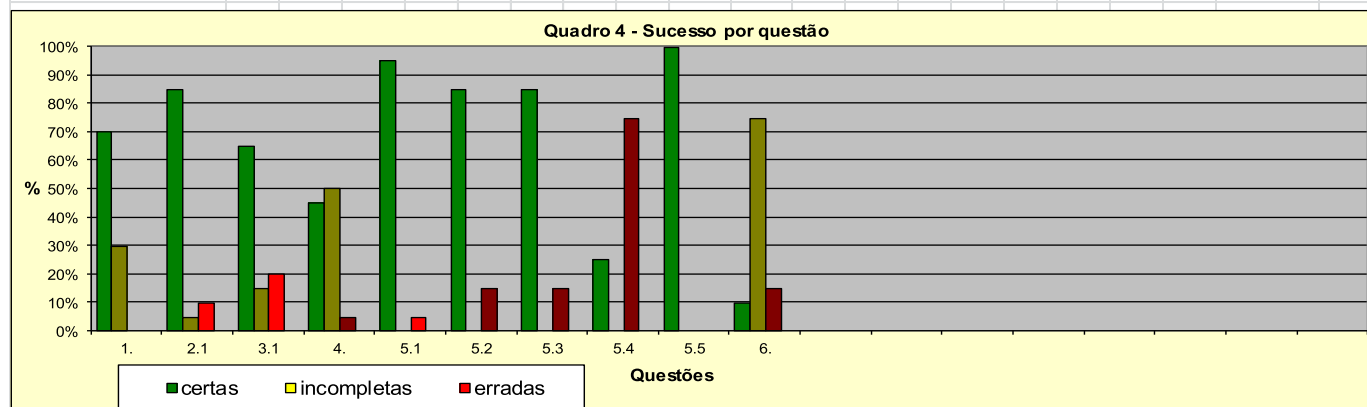
CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO DA FICHA FORMATIVA DE HISTÓRIA

	Crítérios			
Questão 1	<p>15 Valores – Os alunos deverão referir fundamentadamente que final da II guerra mundial os EUA eram a primeira potência a nível industrial, comercial e financeira.</p> <p>10 Valores – Referência fundamentada a dois dos três critérios .</p> <p>5 Valores – Referência bem fundamentada a um dos critérios.</p> <p>0 Valores – Sem referência a nenhum dos critérios/Não respondeu.</p>			
Questão 2.1	<p>23 Valores - Referência clara, em articulação com a interpretação correta do documento 2, de dois dos seguintes objetivos do Plano Marshall:</p> <ul style="list-style-type: none"> – reconstrução económica da Europa Ocidental devastada pela guerra (doc. 2B); – recuperação do importante mercado europeu para os EUA poderem escoar os seus produtos; – consolidação da hegemonia dos EUA na liderança do bloco ocidental; – contenção da expansão do comunismo (Doc 2 A). <p>Utilização rigorosa da terminologia específica da disciplina</p> <p>18 Valores - Referência, em articulação com o documento 2, de um dos objetivos do Plano Marshall OU referência clara de dois dos objetivos do Plano Marshall sem interpretação do documento 2.</p> <p>Utilização adequada da terminologia específica da disciplina</p> <p>8 Valores - Apresentação genérica com incipiente interpretação do documento.</p> <p>Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina</p> <p>0 Valores – Não respondeu/não interpretou o documento e não referiu nenhum dos objetivos do plano Marshall.</p>			
Questão 3.1	<p>23 Valores - Referência clara, às duas frases a destacar nos documentos:</p> <p>As frases que transcrevem os objetivos do COMECON são: Documento A – “Este conselho assegurará a troca de experiências adquiridas no domínio económico, assistência técnica recíproca, matérias-primas, géneros alimentícios, máquinas, etc..”</p> <p>Documento B – “A União Soviética estabelece com eles laços de subordinação em tudo semelhantes aos que a Europa instaurara com as duas dependências coloniais (...). O Governo soviético começa a integrar (estes países) num sistema unificado politicamente e economicamente – o COMECON.</p> <p>11,5 Valores – Referência clara a uma das referidas frases.</p> <p>0 Valores – Não respondeu/não referenciou nenhuma das frases.</p>			
Grupo 4	4.1	1 valor –Capitalista liberal	4.6	1 valor – responde URSS e suas armas
	4.2	1 Valor – Bloco de Leste	4.7	1 valor – responde EUA e suas armas
	4.3	1 valor - responde EUA	4.8	1 valor – responde Nato
	4.4	1 valor – responde URSS	4.9	1 valor – responde Pacto de Varsóvia
	4.5	1 valor – Comunismo		
0 valores – responde outro ou não responde				
Grupo 5	5.1	2 valores – responde Verdadeiro	5.3	2 valores – responde falso
	5.2	2 valores – responde falso	5.4	2 valores – responde falso
	5.3	2 valores – responde falso	5.5	2 valores – responde verdadeiro
	0 valores – responde outro ou não responde			
	<p>20 Valores - Referência clara a quem mandou construir o muro de Berlim e quais as suas intenções, a saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> - URSS (na pessoa de Estaline) mandou edificar o Muro. 			

Questão 6	<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Separar o Bloco dos Países de Leste da influência dos países associados ao Bloco Ocidental sob o comando dos EUA.- Impedir a saída de pessoas e bens da República Democrática Alemã (RDA) para a República Federal Alemã (RFA). <p>Utilização adequada da terminologia específica da disciplina</p> <p>10 Valores – Referência clara a pelo menos um dos critérios (quem mandou construir ou os objetivos da sua construção)</p> <p>Utilização adequada da terminologia específica da disciplina</p> <p>0 Valores – Não respondeu/ não conseguiu identificar quem mandou construir e porquê.</p>
------------------	---

Anexo 9 - Resultados da ficha formativa

Grelha de avaliação da Ficha formativa do 9º																			
Escola		Turma								N.º de alunos		Data							
		B								20		04-04-2013							
Questões nº	1.	2.1	3.1	4.	5.1	5.2	5.3	5.4	5.5	6.								Total	
Cotação	15,00	23,00	23,00	9,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	20,00								100,00	
Alunos																		Nível	
1	15,00	23,00	23,00	6,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	5,00								80,00	4
2	15,00	23,00	23,00	8,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	10,00								87,00	4
3	13,00	23,00	21,00	7,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	3,00								77,00	4
4	15,00	23,00	23,00	0,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	11,00								80,00	4
5	15,00	23,00	23,00	9,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	18,00								98,00	5
6	15,00	23,00	18,00	8,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	17,00								89,00	4
7	15,00	23,00	23,00	9,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	14,00								92,00	5
8	8,00	0,00	0,00	9,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	20,00								45,00	2
9	10,00	23,00	23,00	9,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	11,00								84,00	4
10	13,00	23,00	23,00	9,00	2,00	0,00	0,00	0,00	2,00	20,00								92,00	5
11	15,00	0,00	0,00	8,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	10,00								41,00	2
12	15,00	23,00	15,00	8,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	19,00								90,00	5
13	15,00	23,00	23,00	8,00	2,00	2,00	0,00	0,00	2,00	14,00								89,00	4
14	15,00	23,00	23,00	7,00	2,00	0,00	2,00	2,00	2,00	17,00								93,00	5
15	15,00	23,00	0,00	9,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	13,00								68,00	3
16	15,00	23,00	0,00	9,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	15,00								70,00	4
17	7,00	23,00	23,00	9,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	0,00								70,00	4
18	15,00	23,00	23,00	7,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	8,00								86,00	4
19	5,00	23,00	23,00	8,00	2,00	2,00	2,00	0,00	2,00	0,00								67,00	3
20	15,00	21,00	23,00	9,00	0,00	0,00	0,00	0,00	2,00	0,00								70,00	4
																		0,00	
Respostas Certas	70%	85%	65%	45%	95%	85%	85%	25%	100%	10%									
Respostas Incompletas	30%	5%	15%	50%	0%	0%	0%	0%	0%	75%									
Resp Erradas/Não dadas	0%	10%	20%	5%	5%	15%	15%	75%	0%	15%									



Anexo 10 - Grelha de observação de sala de aula

Data:04/04/2013		Indicadores comportamentais e atitudinais			
9º B Alunos	Pontualidade/Assiduidade	Apresentação e conservação do material	Respeito pelo professor e pelos colegas	Adequação da participação	
1	5	5	5	4	
2	5	4	5	4	
3	4	5	5	4	
4	4	4	5	4	
5	5	4	5	5	
6	4	4	5	5	
7	5	4	5	5	
8	5	5	5	5	
9	5	4	3	3	
10	3	4	4	2	
11	4	4	3	2	
12	3	3	5	5	
13	4	3	3	3	
14	5	5	5	4	
15	5	5	3	2	
16	5	4	4	5	
17	4	5	4	5	
18	5	5	5	3	
19	4	4	5	4	
20	5	3	5	5	

As cores apresentadas correspondem aos seguintes níveis:

Insuficiente

Suficiente

Bom

Muito Bom

Anexo 11 – Ata de reunião pós primeira aula observada de História**Ata número três**

----- Aos quatro dias do mês de abril de dois mil e treze, pelas dezassete horas reuniu o núcleo de estágio de História e Geografia, no âmbito do mestrado em ensino da História e da Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, do Colégio da Trofa, na reunião de observação e avaliação da regência de história do professor estagiário Luís Oliveira, sob a presidência do respetivo orientador cooperante, com a presença dos seguintes elementos:-----

INTERVENIENTES	NOME	ASSINATURAS
Orientador cooperante	Ricardo Ferreira	
Professor estagiário	Luís Oliveira	
Professor estagiário	Alfredo Almeida	

----- Verificada a presença de todos os elementos, deu-se início à reunião com a apresentação da seguinte ordem de trabalhos: reflexão e avaliação da aula lecionada pelo professor em formação. -----

----- O estagiário Luís Oliveira procedeu à reflexão crítica da sua aula de regência na turma B do nono ano de escolaridade do Ensino Básico, sobre o Antagonismo dos dois blocos – A guerra Fria.-----

----- Por sua vez, o professor estagiário Alfredo Almeida considerou que a aula foi bem conseguida e o plano de aula foi cumprido. Destaca como aspetos positivos a seleção dos documentos apresentados e a motivação da aula que captou a atenção dos alunos. Referiu que a aula foi lecionada de forma coerente com os objetivos propostos, cumprindo o plano e recursos definidos. Considerou muito positiva a estratégia adotada para a motivação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.-----

----- O orientador cooperante, Ricardo Ferreira, referiu que se tratou de uma aula com muita substância e corretamente estruturada. Começou por exaltar que o plano de aula apresentado apresenta-se adequado aos objetivos definidos para a aula. Salientou

igualmente que o professor estagiário apresentou conteúdos, metodologias e materiais de ensino diversificados e adequados à turma/alunos.-----

----- Referiu ainda que os alunos, solicitados pelo professor estagiário apresentaram os seus conhecimentos sobre o tema em estudo. Com efeito, foi ainda referido que o professor estagiário baseou a aula num powerpoint que sistematizava os conteúdos a lecionar. Desta forma, conseguiu centralizar os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Destacou positivamente o facto de ter explicitado os objetivos do trabalho, bem como a circulação que efetuou pela sala de aula, acompanhando de forma individualizada o trabalho realizado pelos alunos. -----

----- Outro assunto abordado pelo professor cooperante foi a situação-problema que se revelou motivadora e desafiante, tendo destacado o diálogo orientado que estimulou o desenvolvimento cognitivo dos alunos. -----

-----Durante a apresentação oral das conclusões, o professor cooperante Ricardo referiu que o professor estagiário foi retroagindo no processo, avaliando as aprendizagens dos alunos de forma construtiva e motivadora. Referiu ainda que o professor estagiário Luís oliveira interpretou os sinais verbais e não-verbais dos alunos, intervindo de forma ajustada às suas necessidades. -----

-----Por fim, foi ainda referido que foi através da realização de sínteses, o professor estagiário incentivou a consolidação das aprendizagens, comunicando de forma clara, com uma postura agradável e descontraída, que motivou a participação espontânea dos alunos. -----

----- Apresentou uma linha concetual bem planificada, com os momentos didáticos bem delineados. -----

----- E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada nos termos da lei. -----

O Secretário: _____

O Presidente / Orientador Cooperante: _____

Visto em: ____ / ____ / ____

Anexo 12 – Plano de aula (2ª aula de História)

PLANO DE AULA

Disciplina: História

Unidade Temática K1- O Mundo Saído da Guerra.

Tema: **A recusa da dominação europeia - os primeiros movimentos de independência**

Ano 9º

Turma B

DATA: 09/04/2013

Aula nº: 50

Professor observado: Luís Miguel Oliveira

Professor Cooperante: Ricardo Ferreira

Conceito-chave e situação-problema / desafio

Questão estruturante/desafio: Que motivos levaram as colónias a lutar pela independência das metrópoles europeias e de que forma a conseguiram?

Conceito chave: Descolonização, autodeterminação, luta liberdade nacional

Metas de aprendizagem a desenvolver na aula

Compreensão temporal:

1. O aluno utiliza unidades/convenções de datação para relacionar e problematizar a relevância de personalidades, acontecimentos, processos e interações em diversos tempos.
2. O aluno interpreta cronologias comparadas que sejam significativas para compreender a história da humanidade, relacionando a história nacional com a história europeia e mundial.
3. O aluno reconhece a complexidade das ideias de mudança e continuidade em história, integrando noções sobre diferentes ritmos de evolução (longa, média e curta duração, evolução e rutura) e múltiplas perspetivas sobre sentidos de mudança (progresso, declínio, ciclo) e permanência (estabilidade, inevitabilidade).

Interpretação de Fontes:

6. O aluno interpreta fontes diversificadas para, com base nelas e em conhecimentos prévios, inferir leituras historicamente válidas e abrangentes sobre o passado.

Compreensão Histórica Contextualizada:

7. O aluno apresenta uma síntese sobre acontecimentos, processos e períodos de diversas sociedades do passado, integrando várias causas (motivações de protagonistas individuais ou coletivos, condicionalismos materiais e humanos) e consequências, em diversas dimensões históricas para relacionar a história nacional, europeia e mundial.

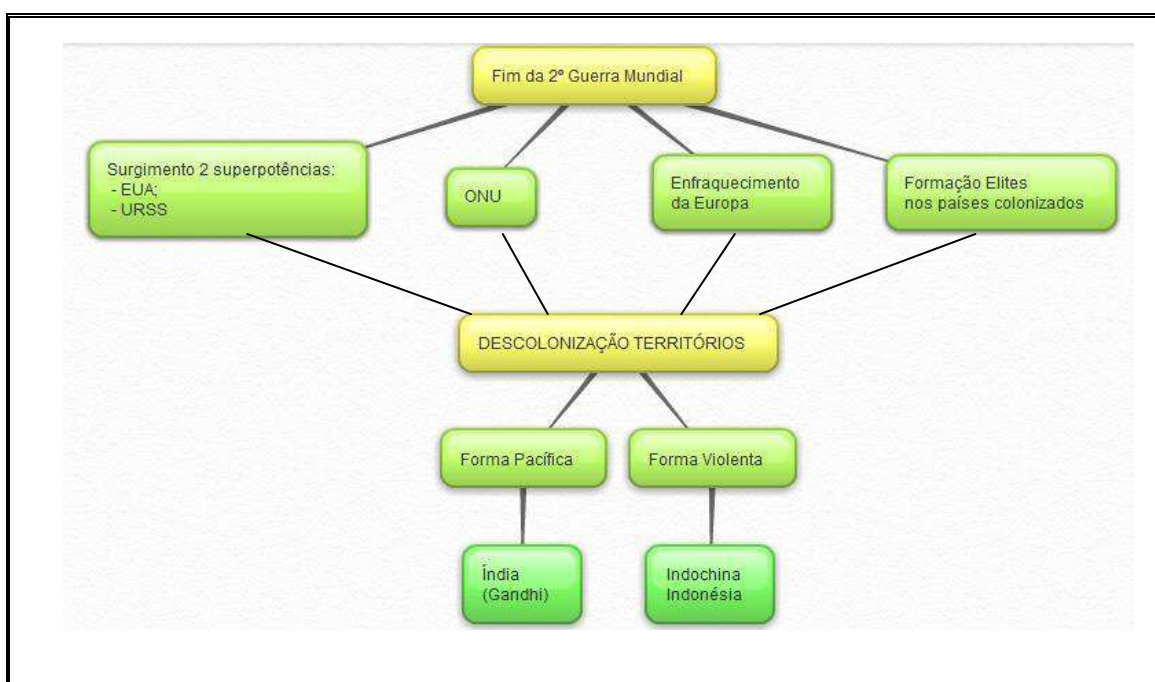
8. O aluno aplica terminologia e conceitos substantivos (essenciais para a compreensão histórica), tornados significativos ao longo da abordagem das temáticas em estudo.

9. O aluno reconhece a diversidade, quer de interesses, culturas e ideologias quer de experiências interculturais, e avalia motivações e razões dos intervenientes em situações históricas (pacíficas, de tensão ou conflituais) e respetivas consequências.

Comunicação em história:

12. O aluno comunica as suas ideias em história, por escrito (em narrativas, relatórios de pesquisa, pequenos ensaios e respostas breves) e oralmente (em debates e diálogos de grande e pequeno grupo).

Esquema conceptual para a aula



Informação nova / conteúdos

<p>Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)</p>	<p>Aferir as ideias prévias dos alunos através de um <i>brainstorming</i> e através da interpretação de um cartoon sobre a colonização. O cartoon utilizado para análise encontra-se em anexo. As ideias prévias dos alunos, segundo matérias abordadas no passado, poderão ir no sentido de os alunos conhecerem a colonização e alguns impérios e saberem que se desencadearam ações nas colónias para a obtenção da liberdade e autodeterminação.</p>
<p>Conceitos novos</p>	<p>Descolonização, autodeterminação, Obtenção da liberdade pela via pacífica e violenta, 1ª e 2ª fase no processo de</p>

	descolonização.
--	-----------------

Objetivos de aprendizagem

- Identificar os territórios coloniais existentes no final da guerra.
- Explicar os fatores que contribuíram para o desenvolvimento do processo de descolonização.
- Identificar os países que se libertaram da dominação colonial na primeira década do pós-guerra.
- Distinguir os diferentes tipos de lutas de libertação levadas a cabo nesses países,
- Identificar os principais líderes dos movimentos de independência.

Sequenciação a dar à aula: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias

Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos:

Método expositivo/dedutivo.

Identificação das ideias prévias: interpretação de quatro imagens e realização de um Brainstorming.

Apresentação dos conteúdos novos através de um Powerpoint.

Durante a apresentação irei recorrer à prática independente; (colocação de questões abertas para aferir a compreensão dos conteúdos)

No powerpoint utilizarei documentos para análise, vídeos, mapas e cartoons que possibilitem uma interiorização mais efetiva dos conhecimentos.

Prática controlada: No final irá ser apresentado um mapa concetual com a estruturação dos conteúdos e será realizado um breve resumo aos conteúdos estruturantes.

Por fim, irá ser proposto a redação de um pequeno texto sobre as questões estruturantes da aula e deste plano, a saber: Que motivos levaram as colónias a lutar pela independência das metrópoles europeias e de que forma a conseguiram?

Estratégias cognitivas:

Contextualização (Identificação do período a ser lecionado);

Relação da informação nova com elementos visuais (Powerpoint: imagens, mapas e documentos escritos para análise);

Registo de notas (professor no quadro/aluno no caderno diário);

Síntese através de um mapa concetual e um breve resumo da matéria lecionada

Recursos / Fontes

Computador, projetor multimédia e colunas;

Manual e caderno diário;

Quadro.

Fontes:

Amaral, C.; Castro, J. e Alves, B. (2010) Descobrir a História 9, Porto, Porto Editora.4

Barreira, A.; Moreira, M. (2010) Sinais da história 9, Lisboa, Edições Asa.1.

Avaliação intercalar

Avaliação empírica;

Conhecimento adquirido na aula – feedback. Estes dados serão recolhidos através de perguntas durante a aula e através da correção da ficha formativa (ver em anexo);

Domínio das atitudes - empenho e interesse. Estes dados serão recolhidos através de grelhas de observação (em anexo).

Diferenciação pedagógica

A diferenciação pedagógica será realizada na atividade em que os alunos deverão redigir um pequeno texto. Para os alunos com mais dificuldades irá ser permitido trabalhar o texto com um colega que revela exatamente o oposto.

Avaliação final

Será pedido aos alunos para realizarem um pequeno texto de 10 linhas sobre os processos de independência. Neste texto os alunos deverão responder às seguintes questões: Que motivos levaram as colónias a lutar pela independência e de que forma a conseguiram? Irão ainda ser utilizadas grelhas de observação. (Ver em anexo)

Por fim, uma pergunta das perguntas referidas anteriormente sairá na ficha de avaliação da disciplina.

Sumário

A recusa da dominação europeia: os primeiros movimentos de independência.

Anexo 13 – Powerpoint utilizado na segunda aula de história



Ano letivo: 2012/2013
 Disciplina: História
 Unidade: K1 – O Mundo Saído da Guerra
 Tema: A Recusa da Dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência
 Escola: Colégio da Trofa
 Turma: 9º B
 Docente estagiário: Luís Oliveira

abril 2013

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência



A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Contextualização



Colonos Portugueses em África
 Franceses nas colónias Do Norte de África
 Domínio inglês em África

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Contextualização



“O álcool e a religião tornam doces as populações africanas, para melhor serem exploradas”

Caricatura alemã do final do séc. XIX

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Contextualização

Exemplo de dois Grandes Impérios Coloniais em África e na Ásia em 1914

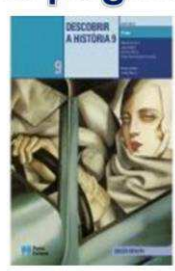
Império Britânico:
 Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Egipto, Sudão, África do Sul, África Oriental, Nigéria, Índia, Malásia

Império Português:
 Guiné, Angola, Moçambique, Macau, Timor



A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Vamos agora abrir o livro na página 150



A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Fim da 2ª Guerra Mundial

Fatores que contribuíram para os processos de descolonização

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Fatores que contribuíram para os processos de descolonização

Influência das novas potências mundiais (URSS e EUA), que condenavam o colonialismo por duas razões:

- ia contra os seus princípios ideológicos;
- viam a formação de novos estados como uma possibilidade de aumentarem as suas áreas de influência;

Ex a Indonésia (colónia holandesa), conseguiu a independência devido à intervenção dos EUA

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Fatores que contribuíram para os processos de descolonização

Posição da ONU, que defende:

- os direitos iguais;
- autodeterminação dos povos;
- ideias de liberdade, igualdade e independência.

A autodeterminação dos povos está consagrado nos arts. 1ª e 55ª da Carta das Nações Unidas.

Sede da ONU, em Nova York (EUA)

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Perda da hegemonia europeia:

As metrópoles estavam empobrecidas tanto economicamente como militarmente, devido à 2ª Guerra Mundial, e estas não conseguiam sufocar os movimentos de libertação das colónias.

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Alguns dos rostos das elites contestatárias

Sukarno (1901-1970)
Chefe para a independência da Indonésia

Gandhi – Mahatma*

Ho CHI Minh (1890-1069)
Dirigente movimento de libertação do Vietname

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

A luta pela liberdade e pela autodeterminação assumiu...

Via Pacífica	Via Violenta
Índia (1947)	Vietname (1954)
Paquistão (1947)	Camboja
Marrocos (1947)	Laos (1954)
Tunísia (1948)	Argélia (1962)

Mahatma Gandhi

Imagens dos conflitos armados na Argélia

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

A vida de Gandhi

Timeline of Gandhi's life:

- 1869: Nascimento
- Estuda direito em Londres
- 1893: Mudou-se para a África do Sul para exercer advocacia e inicia uma luta contra a discriminação racial
- Após a I Guerra Mundial juntou-se ao Congresso Nacional Indiano. (Ficou conhecido por exercer a política da não violência e exprimir-se de várias formas..)
- 1914
- 1939-45: As suas ações intensificaram-se durante a 2ª guerra Mundial
- 1947: Independência. Dois blocos diferentes: Índia e Paquistão
- 1948: Em 1948 foi assassinado por um hindu fanático

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Algumas das frases mais emblemáticas de Gandhi:

“Não existe um caminho para a felicidade, a felicidade é o caminho”

“O fraco jamais perdoa, o perdão é uma das características do forte”

“Aprenda como se você fosse viver para sempre. Viva como se você fosse morrer amanhã.”

Inspirou outras personalidades que lutaram contra a discriminação racial como o Americano Martin Luther King e o Sul Africano Néelson Mandela

As próximas gerações mal acreditarão, que alguém como ele, (Gandhi) jamais realmente andou sobre a terra” Albert Einstein

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Duas fases nos processos de descolonização:

1ª Fase - Mais intensa na Ásia

2ª Fase - África

Map showing the timeline of decolonization:

- Estados independentes em 1945
- Independência entre 1945 e 1954
- Independência entre 1955 e 1965
- Independência depois de 1965
- Guerra de Independência*
- * A vermelho, a data das contras-bélicas

Fonte: Amaral, C.; Castro, J. e Alves, B. (2010) Descobrir a História 9, Porto, Porto Editora 4.p. 151

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Vamos agora fazer um exercício...

A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

Redige um pequeno texto até 10 linhas sobre os primeiros movimentos de independência. Neste texto deverás responder às questões:

Que motivos levaram as colónias a lutar pela independência e de que forma a conseguiram?

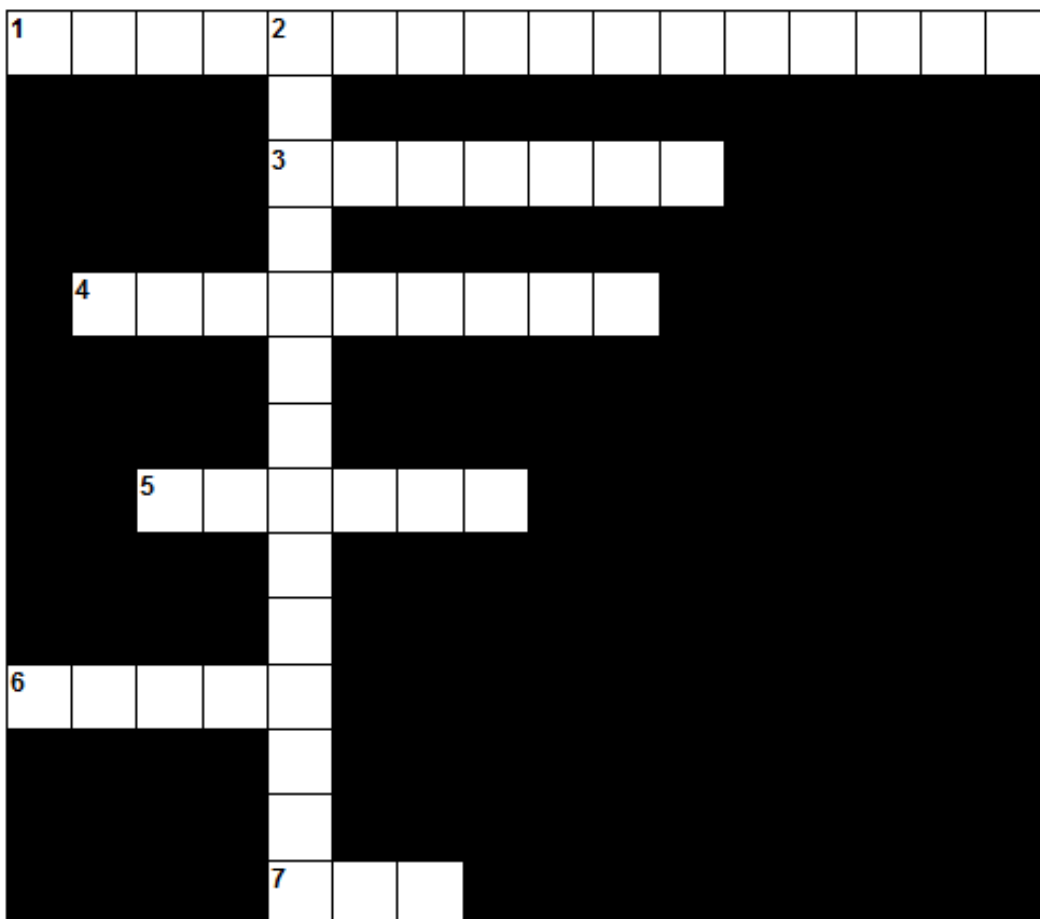
A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência

FIM

O Prof.:
Luís Oliveira

Anexo 14 - Palavras cruzadas utilizadas na segunda aula de História

<i>Palavras Cruzadas "Recusa da dominação europeia: os primeiros movimentos de independência"</i>	
ANO LETIVO: 2012/2013	DATA: 09/04/2013
DISCIPLINA: HISTÓRIA	
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: LUÍS OLIVEIRA	TURMA: 9º B



Horizontais:

- 1 - Ato de independência e afirmação de identidades por parte das nações colonizadas, com o objetivo de escolherem livremente o seu destino político.
- 3 - Líder nacionalista indonésio.
- 4 - Colônia holandesa, libertada em 1949, após quatro anos de lutas chefiadas por Sukarno.
- 5 - Foi um dos fundadores do moderno Estado Indiano. Conhecido por "Grande Alma", marcou o séc. XX, defendendo uma forma de luta não violenta.
- 6 - Colônia inglesa, que conseguiu de forma pacífica, a sua independência em 1947.
- 7 - Organização fundada em 1945 após a Segunda Guerra Mundial. Defendia o direito dos povos à autodeterminação e independência.

Verticais:

- 2- Processo através do qual uma colônia se liberta da dominação da metrópole, passando a governar-se autonomamente.

Anexo 15 - Atividade de avaliação formativa de História

ANO LETIVO: 2012/2013	DATA: 09/04/2013
DISCIPLINA: HISTÓRIA TEMA: A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência	
PROFESSOR COOPERANTE: RICARDO FERREIRA	TURMA: 9º B
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: LUÍS OLIVEIRA	
Nome:	Nº:

Redige um pequeno texto de 10 linhas sobre os primeiros movimentos de independência. Neste texto deverás responder às seguintes questões:

1 - Que motivos levaram as colónias a lutar pela independência e de que forma a conseguiram?

BOM TRABALHO

O professor: Luís Oliveira



Anexo 16 - Correção e respectivos critérios da atividade de avaliação

ANOLETIVO: 2012/2013	DATA: 09/04/2013
DISCIPLINA: HISTÓRIA TEMA: A recusa da dominação Europeia: os primeiros movimentos de independência	
PROFESSOR COOPERANTE: RICARDO FERREIRA	TURMA: 9º B
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: LUÍS OLIVEIRA	
Nome:	Nº:

CORREÇÃO

Redige um pequeno texto de 10 linhas sobre os primeiros movimentos de independência. Neste texto deverás responder às seguintes questões:

1 - Que motivos levaram as colónias a lutar pela independência e de que forma a conseguiram?

Os alunos deverão referir que os movimentos de emancipação se deveram a uma conjugação de diversos fatores, como por exemplo: o apoio dos EUA e URSS no processo de descolonização destes novos países, para com isso, conseguirem alargar as suas respetivas influências a estes locais; a posição da ONU, que favorecia a autodeterminação dos povos; a formação de elites nos países colonizados, como por exemplo Gandhi, e o surgimento de um sentimento cada vez maior e forte de injustiça e revolta nas populações colonizadas contra os impérios coloniais. A obtenção da independência foi obtida de duas formas, a via pacífica, como foi no caso da Índia, ou a via violenta, como foi o caso do Vietname. Neste ultimo caso travaram violentos confrontos na Guerra do Vietname.



BOM TRABALHO

O professor: Luís Oliveira

CRITÉRIOS DE CORREÇÃO


Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa

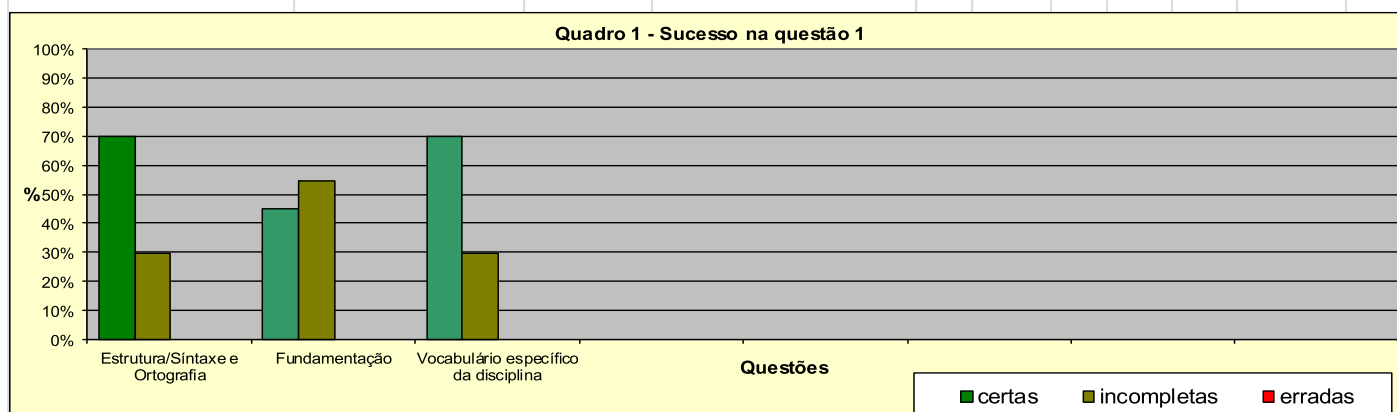
Níveis	descritores
2	Texto bem estruturado, sem erros de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia, ou com erros esporádicos, cuja gravidade não implique perda de inteligibilidade e/ou de sentido.
1	Texto com problemas de estrutura, com erros de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia, cuja gravidade implique alguma perda de inteligibilidade e/ou de sentido.

Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina de História

	Crítérios de correção	1	2
Questão 1	10 Valores – Os alunos deverão referir fundamentadamente que a luta pela independência se deveu essencialmente ao apoio dos EUA, URSS (pretendiam alargar as suas influências) e ONU na independência das colónias; o surgimento de elites nas mesmas que geraram movimentos de insatisfação e de contestação. Deverão ainda referir que a forma de obtenção dessa mesma independência assumiu duas vias distintas, a via pacífica, como por exemplo na Índia e a via violenta, como por exemplo, no Vietname.	9	10
	Nível intercalar	7	8
	5 Valores – Referência bem fundamentada a uma das perguntas.	5	6
	Nível intercalar	3	4
	0 Valores – Sem referência a nenhum dos critérios/Não respondeu.	1	2

Anexo 17 – Resultados do instrumento de avaliação

Grelha de avaliação da Ficha formativa do 9º B									
Escola		Turma	N.º de alunos	Data					
		B	20	09-04-2013					
Questões nº 1	Estrutura/Síntaxe e Ortografia	Fundamentação	Vocabulário específico da disciplina						Total
Cotação	2,00	6,00	2,00						10,00
Alunos									
1	1,00	6,00	2,00						9,00
2	2,00	6,00	2,00						10,00
3	1,00	6,00	2,00						9,00
4	2,00	4,00	2,00						8,00
5	2,00	5,00	2,00						9,00
6	2,00	6,00	2,00						10,00
7	1,00	4,00	2,00						7,00
8	2,00	4,00	1,00						7,00
9	1,00	3,00	2,00						6,00
10	2,00	6,00	2,00						10,00
11	2,00	5,00	2,00						9,00
12	2,00	6,00	2,00						10,00
13	2,00	4,00	1,00						7,00
14	1,00	5,00	2,00						8,00
15	2,00	3,00	1,00						6,00
16	2,00	6,00	2,00						10,00
17	2,00	4,00	1,00						7,00
18	1,00	6,00	1,00						8,00
19	2,00	6,00	2,00						10,00
20	2,00	5,00	1,00						8,00
Respostas Certas	70%	45%	70%						
Respostas Incompletas	30%	55%	30%						
Resp Erradas/Não dadas	0%	0%	0%						



Anexo 18 - Grelha de observação de sala de aula

Data:09/04/2013		Indicadores comportamentais e atitudinais			
9º B	Alunos	Pontualidade/Assiduidade	Apresentação e conservação do material	Respeito pelo professor e pelos colegas	Adequação da participação
1		5	5	5	4
2		5	4	5	4
3		4	5	5	4
4		4	4	5	4
5		5	5	5	5
6		4	4	5	5
7		5	4	5	5
8		5	5	5	5
9		5	4	4	3
10		5	4	4	4
11		4	4	4	4
12		5	3	5	5
13		4	3	3	3
14		5	5	5	4
15		5	5	3	3
16		5	4	4	5
17		4	5	4	5
18		5	5	5	4
19		4	4	5	4
20		5	4	5	5

As cores apresentadas correspondem aos seguintes níveis:

Insuficiente

Suficiente

Bom

Muito Bom

Anexo 19 - Ata de reunião pós segunda aula observada de História**Ata número dez**

----- Aos nove dias do mês de abril de dois mil e treze, pelas dezassete horas reuniu o núcleo de estágio de História e Geografia, no âmbito do mestrado em ensino da História e da Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, do Colégio da Trofa, na reunião de observação e avaliação da regência de história do professor estagiário Luís Oliveira, sob a presidência do respetivo orientador cooperante, com a presença dos seguintes elementos:-----

INTERVENIENTES	NOME	ASSINATURAS
Orientador cooperante	Ricardo Ferreira	
Professor estagiário	Luís Oliveira	
Professor estagiário	Alfredo Almeida	
Professor estagiário	Tiago Canhota	
Professor estagiário	José Luís Oliveira	

----- Verificada a presença de todos os elementos, deu-se início à reunião com a apresentação da seguinte ordem de trabalhos: reflexão e avaliação da aula lecionada pelo professor em formação. -----

----- O estagiário Luís Oliveira procedeu à reflexão crítica da sua aula de regência na turma B do nono ano de escolaridade do Ensino Básico, sobre “As transformações do Mundo Contemporâneo - A recusa da dominação europeia: os primeiros movimentos de independência.”-----

----- O estagiário Alfredo Almeida, referiu que a aula foi lecionada de forma coerente com os objetivos propostos, cumprindo o plano e recursos definidos. Considerou muito positiva a estratégia adotada para a motivação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.-----

----- Por sua vez, o estagiário Tiago Canhota teceu rasgados elogios à aula que presenciou. Na sua opinião a aula estava bem estruturada. Os recursos foram bem concebidos e adaptaram-se na perfeição ao tipo de alunos e suas expectativas e necessidades. -----

----- Já o estagiário José Luís Oliveira aproveitou a sua oportunidade para referir que gostou muito da aula, especialmente da apresentação em powerpoint. Este salientou ainda que o Luís Oliveira utilizou uma linguagem acessível aos alunos e explicou bem os conteúdos. Referiu, no final que o estagiário Luís Oliveira estava de parabéns. -----

----- O orientador cooperante, Ricardo Ferreira, referiu que se tratou de uma aula muito bem estruturada e com muita substância o que permitiu que os alunos adquirissem os conhecimentos. O plano de aula apresentado, mais uma vez, apresenta-se adequado aos objetivos definidos para a aula. Salientou igualmente que o professor estagiário apresentou conteúdos, metodologias e materiais de ensino diversificados e adequados à turma/alunos. -----

----- Começou por realçar a utilização de cartoons que serviram para apresentar a situação-problema e como forma de introduzir o tema da aula. Com efeito, captou a atenção e motivação dos alunos, que ficaram focalizados nos conteúdos abordados. Estas imagens permitiram que os alunos compreendessem a dimensão dos Impérios existentes e o domínio efetivo exercido mas também para introduzir a contestação e o movimento de autonomia. -----

----- Destacou ainda, a boa exploração da situação-problema, mais uma vez, que levou os alunos a refletirem sobre o tema da aula, tendo possibilitado a aferição das suas conceções prévias. -----

----- O professor cooperante realçou ainda a descodificação dos conceitos através do estabelecimento de relações com os diversos documentos, que se mostraram adequados aos objetivos visados. Os documentos selecionados do manual e do PowerPoint revelaram-se diversificados e devidamente articulados com as situações de aprendizagem arquitetadas. Foi ainda referido que a ficha de trabalho apresentada revelou-se essencial para a consolidação dos conteúdos lecionados. -----

----- O professor cooperante referiu ainda que o professor estagiário Luís Oliveira demonstrou domínio dos conteúdos abordados, reorientando a sua prática em função das intervenções dos alunos, de uma forma natural e espontânea. -----

----- Salientou, mais uma vez, a boa gestão do tempo da aula, tendo cumprido o plano de aula apresentado. -----

----- Por fim, o professor Ricardo sugeriu que o professor estagiário incentive os alunos a trabalharem de forma mais autónoma, colocando-os no centro do processo de ensino-aprendizagem. -----

----- E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada nos termos da lei. -----

O Secretário: _____

O Presidente / Orientador Cooperante: _____

Visto em: ____ / ____ / ____

Anexo 20 – Ata da reunião de preparação das regências de Geografia

Núcleo de Estágio de História e Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique
(Colégio da Trofa)

**Ata número cinco**

----- Aos vinte e oito dias do mês de março de dois mil e treze, pelas dezassete horas reuniu o núcleo de estágio de História e Geografia, no âmbito do mestrado em ensino da História e da Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, do Colégio da Trofa, na reunião de preparação das regências de geografia, sob a presidência do respetivo orientador cooperante, com a presença dos seguintes elementos:-----

INTERVENIENTES	NOME	ASSINATURAS
Orientador cooperante	Mónica Costeira	<i>Mónica Costeira</i>
Professor estagiário	Alfredo Almeida	<i>Alfredo Almeida</i>
Professor estagiário	Tiago Canhota	<i>Tiago Canhota</i>
Professor estagiário	José Luís Oliveira	<i>José Luís Oliveira</i>
Professor estagiário	Luís Miguel Oliveira	<i>Luís Miguel Oliveira</i>

----- Verificada a presença de todos os elementos, deu-se início à reunião com a apresentação da seguinte ordem de trabalhos: primeiro ponto – planificação do trabalho a desenvolver; segundo ponto – preparação das regências. -----

----- Em relação ao primeiro ponto foi novamente apresentada, analisada e sujeita a ajustes, a planificação de todas as atividades a desenvolver no presente estágio. -----

----- De seguida, cada um dos professores estagiários apresentou as planificações, materiais e recursos a utilizar nas respetivas aulas, tendo a professora cooperante dado as devidas orientações no que toca às estratégias, métodos e técnicas a utilizar nas mesmas, de forma a tonar eficaz e eficiente todo o processo de ensino e aprendizagem.--

----- Os temas, conteúdos, recursos e demais informações a serem lëcionados e utilizados por cada um dos professores estagiários encontram-se devidamente registados nas planificações e demais instrumentos de trabalho para os quais se remete na íntegra.--

---- E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada nos termos da lei. -----

O Secretário: *Alfredo Almeida*

O Presidente / Orientador Cooperante: *Mónica Costeira*

Visto em: 28/3/13

Anexo 21 – Plano de aula (primeira aula de Geografia)

PLANO DE AULA

Disciplina: Geografia

Unidade Didática: A população como se movimenta e comunica

Tema: Diversidade dos modos de transporte e a desigualdade espacial das redes

Ano 11º Turma B

DATA: 12/04/2013

Aula nº: 1

Professor observado: Luís Miguel Oliveira

Professor Cooperante: Mónica Costeira

Conceito-chave e situação-problema / desafio

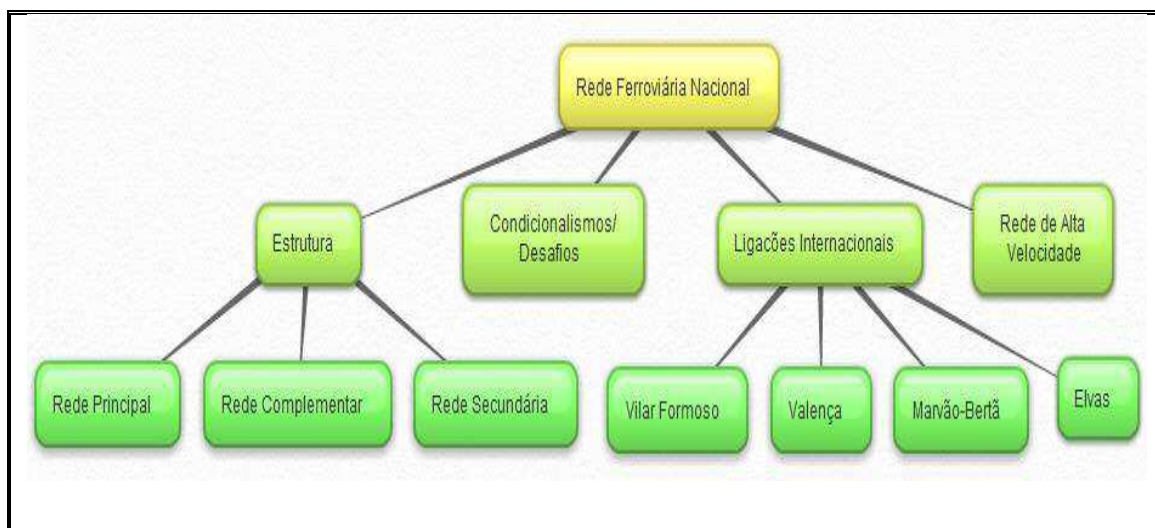
Situação Problema/desafio: Como se encontra distribuída espacialmente a rede de transporte ferroviário no território português?

Conceito chave: Rede Principal, Complementar e Secundária e RAVE.

Metas de aprendizagem a desenvolver na aula

Conhecer a distribuição espacial das redes de transporte ferroviário no território português.

Esquema conceptual para a aula



Informação nova / conteúdos

Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)	Aferir as ideias prévias dos alunos através de um <i>brainstorming</i> . As ideias prévias dos alunos, poderão ir no sentido de os alunos conhecerem a existência de diferentes redes ferroviárias e diferentes serviços.
Conceitos novos	Rede Principal, Rede Complementar, rede secundária, Rede Europeia de Alta Velocidade, RAVE.

Objetivos de aprendizagem

- Utilizar corretamente os conceitos geográficos.
- Descrever e interpretar situações geográficas.
- Identificar situações problemáticas relativas ao espaço geográfico.
- Participar, através da procura e da apresentação de soluções fundamentadas, na resolução de problemas espaciais.

Sequenciação a dar à aula: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias**Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos:****Método expositivo/dedutivo.**

Identificação das ideias prévias: realização de um Brainstorming.

Apresentação dos conteúdos novos através de um Powerpoint.

Durante a apresentação irei recorrer à prática independente; (colocação de questões abertas para aferir a compreensão dos conteúdos)

Nesta fase utilizarei textos, mapas e imagens que possibilitem a consolidação dos conhecimentos e facilitem a localização espacial/temporal.

Prática controlada: No final irá ser apresentado um mapa concetual com a estruturação dos conteúdos e será realizado um resumo aos conteúdos estruturantes.

Estratégias cognitivas:

Contextualização com os conteúdos anteriores;

Relação da informação nova com elementos visuais (Powerpoint: imagens, mapas e documentos escritos para análise);

Registo de notas (professor no quadro/aluno no caderno diário);

A relação da informação nova com os conceitos prévios (elaboração de esquemas no quadro/caderno);

Síntese através de um mapa concetual.

Recursos / Fontes

Recursos:

Computador e projetor multimédia;

Manual e caderno diário;

Quadro.

Fontes:

Lopes, A.; Carvalho, M. (2011) Horizontes, Porto, Porto Editora.4.

www.refer.pttes

http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Bragan%E7a&Concelho=Mirandela&Option=Interior&content_id=983080

Avaliação intercalar

Avaliação empírica;

Conhecimento adquirido na aula – feedback. Estes dados serão recolhidos através de perguntas durante a aula e através da correção da ficha formativa (ver em anexo);

Domínio das atitudes - empenho e interesse. Estes dados serão recolhidos através de grelhas de observação (em anexo).

Diferenciação pedagógica

Esta diferenciação será realizada oralmente, nas questões colocadas aos alunos e na aplicação do Quiz (duas versões).

Avaliação final

Correção do Quiz e grelhas de observação.

Colocação de uma questão na ficha de avaliação de Geografia

Sumário

A Distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária.

Anexo 22 – PowerPoint utilizado na primeira aula de Geografia



Ano letivo: 2012/2013
Disciplina: Geografia
Unidade: A DIVERSIDADE DOS MODOS DE TRANSPORTE E A DESIGUALDADE ESPACIAL DAS REDES
Tema: 2. A distribuição espacial das redes de transporte
Escola: Colégio da Trofa
Turma: 11º B
Docente estagiário: Luís Oliveira
 12 de abril 2013

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária





Estação S. Bento - Porto

Mapa da rede ferroviária

Comboio Alfa Pendular

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

Acidente na Linha do Tua faz um morto e 25 feridos



Doc. 1 Uma mulher de 47 anos morreu e outras 25 pessoas ficaram feridas, na sequência do descarrilamento de uma carruagem na Linha do Tua, próximo da localidade de Brunheda, em Carrizeda de Ansiães.

O último balanço da Autoridade Nacional de Proteção Civil dá conta da existência de uma vítima mortal e de 47 feridos, cinco em estado grave.

Fonte: www.jn.pt Publicado em 2008-08-22

A distribuição espacial da rede ferroviária Prof. Luis Oliveira 3

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

O ano de **1856** marca o arranque do caminho de ferro nacional, com o troço Lisboa-Carregado, numa extensão de 36 Km. Em relação a outros países europeus, tal como a França e a Alemanha, Portugal iniciou a ferrovia com cerca de 30 anos de atraso. **Ainda hoje está atrasado.**



A distribuição espacial da rede ferroviária Prof. Luis Oliveira 4

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

A rede ferroviária nacional

A extensão da rede ferroviária nacional era, em **2007**, de cerca de **3600 Km** e, no seu todo encontra-se ainda **pouco modernizada**. **Fig. 1** Os **melhoramentos** efetuados e previstos visam, **principalmente**, a **modernização das vias de ligação internacional e a circulação Norte-Sul**. A nível regional, a rede ferroviária evidencia desigualdades significativas. **Fig. 2,3 e 4**








Fig. 1: Estrutura da via larga

Fig. 2: Extensão total da via

Fig. 3: Via Dupla ou Superior

Fig. 1 Características da rede ferroviária nacional, em 2006

Fig. 2/3 Extensão e características da rede ferroviária por regiões em 2006

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária



Fig. 4 Rede ferroviária nacional, em 2008

A distribuição espacial da rede ferroviária Prof. Luis Oliveira 6

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

A rede ferroviária nacional

PODEMOS JÁ CONCLUIR ALGO.....



Fig. 5 Estação do Rossio - Lisboa



Fig. 6 Estação de Parada de Gonta (Distrito Viseu)

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

A rede ferroviária nacional...

... apresenta ainda as seguintes características:

- é tipicamente uma rede de penetração, ligando alguns pontos do interior às cidades do litoral;
- privilegia as ligações entre as áreas urbanas litorais (particularmente entre Lisboa e o Porto);
- é uma rede com baixo grau de conectividade (não existem múltiplas ligações entre os vários nós da rede);
- regista em torno de Lisboa e do Porto, uma maior densidade de ligações;
- dois tipos de bitola a Ibérica (1688mm) e métrica (1000mm). A bitola ibérica (Portugal e Espanha) é um dos obstáculos à ligação com a Europa, uma vez que a bitola europeia é diferente (1435mm).

Manual, pág. 221

A distribuição espacial da rede ferroviária Prof. Luis Oliveira 8

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

Estrutura da Rede Ferroviária Nacional

1. Rede Principal
2. Rede Complementar
3. Rede Secundária

1. Rede Principal

Características:
Identifica-se com os eixos de maior procura e com as principais acessibilidades às plataformas logísticas, portos, aeroportos e fronteiras. Possui instalações vocacionadas para padrões superiores de oferta de transporte ferroviário. Ex.: Linha do

A distribuição espacial da rede ferroviária



Fig. 7 Gare do Oriente - Lisboa

Prof. Luis Oliveira 9

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

Estrutura da Rede Ferroviária Nacional

1. A Rede Principal

A distribuição espacial da rede ferroviária Prof. Luis Oliveira



Fig. 8 Rede Principal Ferroviária¹⁰

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

Estrutura da Rede Ferroviária Nacional

2. Rede Complementar

Características
As funções da Rede Ferroviária Complementar são, essencialmente, o fecho de malha e a ligação à rede principal, cobrindo territórios de escalões secundários de procura, em articulação com os territórios adjacentes aos corredores da rede principal. Constitui-se como meio de assegurar a ligação às localidades não servidas diretamente pela rede principal.

A distribuição espacial da rede ferroviária Prof. Luis Oliveira



Fig. 9 Automotora a diesel UDD série 963¹¹

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

Estrutura da Rede Ferroviária Nacional

2. Rede Complementar

A distribuição espacial da rede ferroviária Prof. Luis Oliveira



Fig. 9 Rede Complementar Ferroviária

12

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

Estrutura da Rede Ferroviária Nacional

O que será então a rede secundária?



Fig. 10 Rede ferroviária Principal, Complementar e Secundária

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

Estrutura da Rede Ferroviária Nacional

Qual a razão para a distribuição espacial da rede ferroviária ser muito reduzida a norte do rio Douro?

R: É devido ao relevo que é muito pronunciado na zona. Para além disso, a pouca rede existente é simples, sem circuitos e o nº de ligações é reduzido.



A distribuição espacial da rede ferroviária
Prof. Luis Oliveira

Fig. 11 Atual rede de caminhos de ferro

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

As Ligações internacionais



Linha	Estação Portuguesa	Estação Espanhola
1	Valença	Tuy
2	Vilar Formoso	Fuentes de Oñoro
3	Marvão-Betrã	Valência de Alcântara
4	Elvas	Badajoz

A distribuição espacial da rede ferroviária
Prof. Luis Oliveira

Fig. 12 As ligações internacionais

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

Doc. 2 A extensão da rede ferroviária nacional era, em 2007, de cerca de 3600 Km. (Fonte: Estatística dos transportes 2006, INE, 2008)

Doc. 3 Em 2011, segundo o site da Refer (www.refer.pt) a rede ferroviária era de 2794 Km.

Quais as principais razões para a atual diminuição da extensão da rede de caminho de ferro, em Portugal?

A distribuição espacial da rede ferroviária
Prof. Luis Oliveira

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

DESAFIOS PARA A REDE FERROVIÁRIA: Quais as potencialidades que o comboio em Portugal pode e deve rentabilizar ?

R.: O comboio melhora a mobilidade nas áreas metropolitanas; dinamiza a economia regional; reduz as distâncias; é um meio de transporte sustentável (diminuição da poluição) e seguro.


A distribuição espacial da rede ferroviária
Prof. Luis Oliveira

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

Importância do metro

O metro ligeiro é um meio de transporte **amigo do ambiente**. Enquadra-se numa estratégia de desenvolvimento sustentável (**minimiza os impactes ambientais, sociais e económicos**). Permite um **aumento da mobilidade** na área metropolitana do Porto **ganhos de tempo e a melhoria da qualidade do ar**

Doc. 4 Metro do Porto afasta seis mil carros da cidade



A circulação do Metro do Porto evita todos os dias a entrada de seis mil automóveis no centro da cidade. O relatório de contas de 2006, a que se seguirá a apresentação do primeiro Relatório de Sustentabilidade ainda este ano, refere que desde o início da exploração do sistema, em 2003, foi evitada a emissão de 89 toneladas de monóxido de carbono, 44 toneladas de hidrocarbonetos, 553 toneladas de óxidos de azoto e 33 mil milhões de partículas.

Manual, pág. 223

Fonte: <http://www.ambientonline.pt>, 2007

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

DESAFIOS PARA A REDE FERROVIÁRIA:

- Aumentar a percentagem de linha dupla e diminuir o tempo das viagens;
- Eliminar todas as passagens de nível e rever a localização de algumas estações;



Fig. 13 Uma das 1049 passagens de nível existentes

- Integrar Portugal na Rede Europeia de Alta Velocidade;
- Aumentar a eletrização das vias e continuar com o investimento em novo material circulante;
- Diminuir o elevado nº de estações e modernizar as existentes;

19

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

DESAFIOS PARA A REDE FERROVIÁRIA:

Transporte passageiros:

- Desenvolver ações que promovam e reforcem a existência de interfaces intermodais, em particular nas Áreas Metropolitanas;
- Ações que garantam a articulação com os principais aeroportos



Transporte de mercadorias:

- O caminho de ferro deve desenvolver-se em articulação com a Rede Nacional de Plataformas Logísticas e com outros meios de transporte;
- Garantir a ligação com os principais portos e aeroportos;
- Ligação com os principais polos europeus consumidores/geradores de bens e serviços.



20

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

De acordo com as orientações da política comunitária, a **rede europeia de alta velocidade assume uma grande importância**. Com ela o comboio tornar-se-ia uma verdadeira alternativa ao avião no tráfego inter-regional de passageiros, e ao rodoviário, no tráfego de mercadorias de médio e longo curso. **Fig. 14** A construção da **Rede Ferroviária de Alta Velocidade (RAVE)** é uma das condições necessárias para a integração de Portugal na rede Trans-europeia de transportes, principalmente se contemplar o tráfego de mercadorias.

A rede de Alta Velocidade

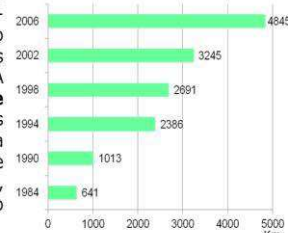


Fig. 14 Evolução da extensão da rede europeia de alta velocidade

A distribuição espacial da rede ferroviária
Prof. Luís Oliveira

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

A Rede de Alta Velocidade

Na cimeira Luso-Espanhola da Figueira da Foz em novembro de 2003, foram acordadas as ligações transfronteiriças: **Fig. 15**

- Porto – Vigo
- Lisboa – Madrid (2h:45 Min)
- Avelro- Salamanca
- Faro - Huelva
- A ligação Lisboa Madrid deveria suportar tráfego de mercadorias;



Fig. 15 Evolução da extensão da rede europeia de alta velocidade

A distribuição espacial da rede ferroviária
Prof. Luís Oliveira

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

TGV: uma oportunidade perdida?

SIM

- Ligação Portugal à Rede Europeia de Alta Velocidade
- Lisboa – Madrid: 2:45
- Serve os aeroportos internacionais de Lisboa, Porto e Faro
- Velocidade: 300-350 Km/h
- Proporciona instalações de alto desempenho

A distribuição espacial da rede ferroviária

Não

- TGV é um transporte adequado a países de dimensão continental, extensos, onde o comboio rápido é, numa perspetiva de tempo de viagem/custo por passageiro, competitivo com o transporte aéreo
- Investimento brutal de 7,5 mil milhões de euros que poderiam ser canalizados para outras áreas

Prof. Luís Oliveira

23

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

TGV: uma oportunidade perdida?

E na vossa opinião...



A distribuição espacial da rede ferroviária
Prof. Luís Oliveira

24

A distribuição espacial das redes de transporte: a rede ferroviária

Vamos agora fazer um exercício...



Quiz

A distribuição espacial da rede ferroviária
Prof. Luis Oliveira

25

Anexo 23 - Quiz utilizado na primeira aula de geografia

CORREÇÃO DO QUIZ	
ANOLETIVO: 2012/2013	DATA: 12/04/2013
DISCIPLINA: GEOGRAFIA TEMA: A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS REDES DE TRANSPORTE: A REDE FERROVIÁRIA	
PROFESSOR COOPERANTE: MÓNICA COSTEIRA	TURMA: 11º B
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: LUÍS OLIVEIRA	
Nome:	Nº:

Tendo em conta as afirmações, escolhe entre as várias opções a correta, colocando uma cruz à volta do número correspondente.

1. Em Portugal, o transporte ferroviário tem a sua máxima utilização...
 1. ... nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto.
 2. ... na deslocação Lisboa-Algarve.
 3. ... na linha da Beira Baixa.
 4. ... no transporte internacional de passageiros.

2. A nível regional a rede ferroviária apresenta desigualdades significativas. Por exemplo, ao nível da extensão total da via, esta é maior....
 1. ... no Norte
 2. ... no Algarve
 3. ... no Centro
 4. ... no Alentejo

3. A rede ferroviária apresenta uma maior extensão, ramificações e qualidade...
 1. ... no sul do país.
 2. ... na zona litoral do país
 3. ... na zona interior do país.
 4. ... na linha de fronteira com Espanha.

4. Uma das razões para a distribuição espacial da rede ferroviária ser reduzida a norte do rio Douro é...
 1. ... devido ao facto das populações serem contra a introdução do comboio na zona.
 2. ... devido ao facto de haver muitas estações e apeadeiros na zona.
 3. ... devido ao facto de haver uma grande densidade populacional na zona.
 4. ... devido ao relevo que é muito sinuoso na zona.

5. Uma das ligações ferroviárias internacionais é...
 1. ... em Faro.
 2. ... em Guimarães.

3. em Vilar Formoso.
4. ... em Barrancos.

6. Algumas das razões para a diminuição da extensão da rede de caminhos de ferro, em Portugal são:
 1. ... a diminuição do nº de passageiros; os custos de manutenção não são cobertos pela procura e a eletrificação insuficiente das linhas.
 2. ... o relevo pronunciado; as velocidades baixas na maior parte dos itinerários, o que resulta em viagens muito demoradas e a reduzida percentagem de troços ferroviários de via dupla.
 3. ... o grande número de passageiros que viajam nos comboios e as boas infraestruturas ferroviárias que o país possui
 4. As respostas A e B estão corretas.

7. A rede ferroviária complementar...
 1. ... é a rede que faz o fecho de malha e a ligação à rede principal, cobrindo territórios de escalões secundários de procura.
 2. ... identifica-se com os eixos de maior procura e com as principais acessibilidades às plataformas logísticas, portos, aeroportos e fronteiras.
 3. ... é associada, essencialmente, a serviços de transporte de baixa procura.
 4. ... é a rede que complementa com Espanha.

8. O que quer dizer a sigla RAVE?
 1. Rede Anti veículos Especiais.
 2. Rede de Velocidade
 3. Rede Ferroviária de Alta Velocidade
 4. Rede Ferroviária de Portugal

9. Que potencialidades evidencia o comboio em Portugal para o futuro?
 1. O comboio melhora a mobilidade nas áreas metropolitanas; dinamiza a economia regional e reduz as distâncias.
 2. O comboio reduz as distâncias; no entanto é um meio de transporte pouco sustentável (muito poluente).
 3. O comboio não tem futuro em Portugal, está próximo o seu fim.
 4. Nenhuma das opções está correta.

- 10 A rede ferroviária nacional é
 1. ... uma rede com alto grau de conetividade e bem distribuída no território.
 2. ... uma rede com baixo grau de conetividade (não existem múltiplas ligações entre os vários nós da rede).
 3. ... uma rede com alto grau de conetividade.
 4. ... nenhuma opção está correta



Cotações										
1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	Total Valores
2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20

Anexo 24 - Correção do Quiz

CORREÇÃO DO QUIZ	
ANOLETIVO: 2012/2013	DATA: 12/04/2013
DISCIPLINA: GEOGRAFIA TEMA: A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS REDES DE TRANSPORTE: A REDE FERROVIÁRIA	
PROFESSOR COOPERANTE: MÓNICA COSTEIRA	TURMA: 11º B
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: LUÍS OLIVEIRA	
Nome:	Nº:

Tendo em conta as afirmações, escolhe entre as várias opções a correta, colocando uma cruz à volta do número correspondente.

10. Em Portugal, o transporte ferroviário tem a sua máxima utilização...

1. ... nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto.
2. ... na deslocação Lisboa-Algarve.
3. ... na linha da Beira Baixa.
4. ... no transporte internacional de passageiros.

11. A nível regional a rede ferroviária apresenta desigualdades significativas. Por exemplo, ao nível da extensão total da via, esta é maior....

1. ... no Norte
2. ... no Algarve
3. ... no Centro
4. ... no Alentejo

12. A rede ferroviária apresenta uma maior extensão, ramificações e qualidade...

1. ... no sul do país.
2. ... na zona litoral do país
3. ... na zona interior do país.
4. ... na linha de fronteira com Espanha.

13. Uma das razões para a distribuição espacial da rede ferroviária ser reduzida a norte do rio Douro é...

1. ... devido ao facto das populações serem contra a introdução do comboio na zona.
2. ... devido ao facto de haver muitas estações e apeadeiros na zona.
3. ... devido ao facto de haver uma grande densidade populacional na zona.
4. ... devido ao relevo que é muito sinuoso na zona.

14. Uma das ligações ferroviárias internacionais é...

1. ... em Faro.

2. ... em Guimarães.
 3. ... em Vilar Formoso.
 4. ... em Barrancos.
15. Algumas das razões para a diminuição da extensão da rede de caminhos de ferro, em Portugal são:
1. ... a diminuição do nº de passageiros; os custos de manutenção não são cobertos pela procura e a eletrificação insuficiente das linhas.
 2. ... o relevo pronunciado; as velocidades baixas na maior parte dos itinerários, o que resulta em viagens muito demoradas e a reduzida percentagem de troços ferroviários de via dupla.
 3. ... o grande número de passageiros que viajam nos comboios e as boas infraestruturas ferroviárias que o país possui
 4. As respostas A e B estão corretas.
16. A rede ferroviária complementar...
1. ... é a rede que faz o fecho de malha e a ligação à rede principal, cobrindo territórios de escalões secundários de procura.
 2. ... identifica-se com os eixos de maior procura e com as principais acessibilidades às plataformas logísticas, portos, aeroportos e fronteiras.
 3. ... é associada, essencialmente, a serviços de transporte de baixa procura.
 4. ... é a rede que complementa com Espanha.
17. O que quer dizer a sigla RAVE?
1. Rede Anti veículos Especiais.
 2. Rede de Velocidade
 3. Rede Ferroviária de Alta Velocidade
 4. Rede Ferroviária de Portugal
18. Que potencialidades evidencia o comboio em Portugal para o futuro?
1. O comboio melhora a mobilidade nas áreas metropolitanas; dinamiza a economia regional e reduz as distâncias.
 2. O comboio reduz as distâncias; no entanto é um meio de transporte pouco sustentável (muito poluente).
 3. O comboio não tem futuro em Portugal, está próximo o seu fim.
 4. Nenhuma das opções está correta.
19. A rede ferroviária nacional é
1. ... uma rede com alto grau de conetividade e bem distribuída no território.
 2. ... uma rede com baixo grau de conetividade (não existem múltiplas ligações entre os vários nós da rede).
 3. ... uma rede com alto grau de conetividade.
 4. ... nenhuma opção está correta.

Cotações										
1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	Total Valores
20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Anexo 26 - Grelha de observação de sala de aula

12/04/2013		Indicadores comportamentais e atitudinais			
11º B	Alunos	Pontualidade/Assiduidade	Apresentação e conservação do material	Respeito pelo professor e pelos colegas	Adequação da participação
1		5	5	5	5
2		5	4	5	5
3		5	5	5	5
4		3	5	5	4
5		5	5	5	5
6		4	4	5	5
7		5	5	5	5
8		5	5	5	5
9		5	4	3	5
10		3	5	4	5
11		4	4	3	4
12		3	5	5	5
13		4	5	3	5
14		5	5	5	5
15		5	5	3	5
16		5	5	5	5
17		3	5	4	5
18		5	5	5	5
19		4	4	5	5
20		5	5	5	5

As cores apresentadas correspondem aos seguintes níveis:

Insuficiente

Suficiente

Bom

Muito Bom

Anexo 27 – Ata da Reunião pós primeira aula observada de Geografia**Ata número um**

----- Aos doze dias do mês de abril de dois mil e treze, pelas dezassete horas reuniu o núcleo de estágio de História e Geografia, no âmbito do mestrado em ensino da História e da Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, do Colégio da Trofa, na reunião de observação e avaliação da regência de geografia do professor estagiário Luís Oliveira, sob a presidência da respetiva orientadora cooperante, com a presença dos seguintes elementos:-----

INTERVENIENTES	NOME	ASSINATURAS
Orientador cooperante	Mónica Costeira	
Professor estagiário	Luís oliveira	
Professor estagiário	Alfredo Almeida	
Professor estagiário	José Luís Oliveira	

----- Verificada a presença de todos os elementos, deu-se início à reunião com a apresentação da seguinte ordem de trabalhos: reflexão e avaliação da aula lecionada pelo professor em formação. -----

----- O estagiário Luís Oliveira procedeu à reflexão crítica da sua aula de regência na turma B do décimo primeiro ano de escolaridade do Ensino Secundário, sobre a rede a distribuição da rede ferroviária.-----

----- O estagiário Alfredo Almeida considerou que a aula foi bem conseguida e o plano de aula foi cumprido. Destaca como aspetos positivos a seleção dos documentos apresentados e a motivação da aula que captou a atenção dos alunos. -----

----- Por sua vez o estagiário José Luís Oliveira, referiu que a aula foi lecionada de forma coerente com os objetivos propostos, cumprindo o plano e recursos definidos. Considerou muito positiva a estratégia adotada para a motivação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.-----

----- De seguida, a orientadora cooperante, Mónica Costeira, referiu que se tratou de uma aula com muita substância. Começou por referir que a aula correu muito bem,

tendo destacado a boa organização de cada um dos momentos didáticos. Com efeito, foi referido que o professor estagiário começou por explicar aos alunos como iria decorrer a aula, o que se considerou muito positivo pois cativou o interesse dos mesmos.

Salientou a excelente qualidade gráfica do powerpoint apresentado, com documentos interessantes e bem adequados aos conteúdos. A elevada qualidade dos documentos motivou a curiosidade, reflexão e participação espontânea dos alunos, a partir de um diálogo que se desenvolveu de forma clara e eficaz.-----

----- A professora cooperante destacou ainda a discussão acerca do TGV. Esta discussão permitiu a criação de um diálogo mais efervescente, pelo que podia ter lançado um debate de ideias. Por outro lado, foi ainda referido que em muito outros momentos da aula o professor demonstrou reorientar a sua prática, em função do feedback obtido a partir de momentos avaliação oral por questionamento.

----- O plano de aula foi cumprido na íntegra, tendo aproveitando os contributos dos alunos para dar cumprimento aos objetivos propostos.-----

----- Por fim, destacou-se ainda a ficha de trabalho em formato de um Quiz, utilizando o programa informático Hotpotatoes. Este recurso cativou o interesse dos alunos. Por outro lado, o facto de o professor ter convidado os alunos a deslocarem-se ao computador para a corrigirem a ficha proporcionou um momento muito agradável e dinâmico, em que os alunos assumiram claramente o papel central no processo de ensino-aprendizagem.

----- E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada nos termos da lei. -----

O Secretário: _____

O Presidente / Orientador Cooperante: _____

Visto em: ____ / ____ / ____

Anexo 28 - Plano de aula (segunda aula de Geografia)

PLANO DE AULA

Disciplina: Geografia

Unidade Didática: A população como se movimenta e comunica

Tema: Diversidade dos modos de transporte e a desigualdade espacial das redes

Ano 11º Turma B

DATA: 19/04/2013

Aula nº: 2

Professor observado: Luís Miguel Oliveira

Professor Cooperante: Mónica Costeira

Conceito-chave e situação-problema / desafio

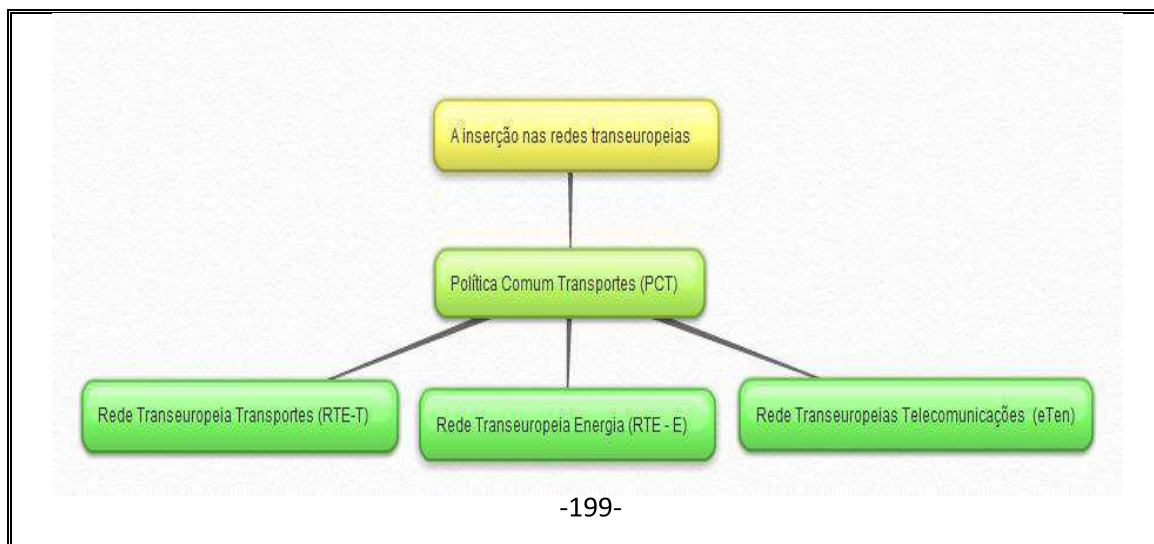
Situação Problema/desafio: Quais as possibilidades e desafios para Portugal tendo em conta a sua participação nas Redes Transeuropeias?

Conceito chave: Política Comum de Transportes, Redes Transeuropeias, Multimodalidade.

Aprendizagens a desenvolver na aula

- Utilizar corretamente os conceitos geográficos.
- Descrever e interpretar situações geográficas.
- Identificar situações problemáticas relativas ao espaço geográfico.
- Participar, através da procura e da apresentação de soluções fundamentadas, na resolução de problemas espaciais.

Esquema conceptual para a aula



Informação nova / conteúdos

Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)	Aferir as ideias prévias dos alunos através de um <i>brainstorming</i> . As ideias prévias dos alunos, poderão ir no sentido de saberem a distribuição espacial dos diferentes meios de transportes em Portugal e terem alguns conhecimentos da realidade europeia.
Conceitos novos	Política Comum de Transportes, Livro Branco, Redes Transeuropeias, Roteiro Transportes 2050.

Objetivos de aprendizagem

- Discutir a inserção das redes de transporte nacionais nas redes europeias;
- Referir as vantagens do uso do transporte multimodal.

Sequenciação a dar à aula: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias**Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos:****Método expositivo/dedutivo.**

Identificação das ideias prévias: realização de um Brainstorming.

Apresentação dos conteúdos novos através de um Powerpoint.

Durante a apresentação irei recorrer à prática independente; (colocação de questões abertas para aferir a compreensão dos conteúdos)

Nesta fase utilizarei textos, mapas e imagens que possibilitem a consolidação dos conhecimentos e facilitem a localização espacial/temporal.

Prática controlada: No final irá ser apresentado um mapa concetual com a estruturação dos conteúdos e será realizado um resumo aos conteúdos estruturantes.

Estratégias cognitivas:

Contextualização com os conteúdos anteriores;

Relação da informação nova com elementos visuais (Powerpoint: imagens, mapas e documentos escritos para análise);

Registo de notas (professor no quadro/aluno no caderno diário);

A relação da informação nova com os conceitos prévios (elaboração de esquemas no quadro/caderno);

Síntese através de um mapa concetual.

Recursos / Fontes

Recursos:

Computador e projetor multimédia;

Manual e caderno diário;

Quadro.

Fontes:

Lopes, A.; Carvalho, M. (2011) Horizontes, Porto, Porto Editora.4.

www.refer.pttes

http://ec.europa.eu/news/transport/110328_pt.htm

www.qren.pt

www.stcp.pt

<http://www.transportesemrevista.com>

Avaliação intercalar

Avaliação empírica;

Conhecimento adquirido na aula – feedback. Estes dados serão recolhidos através de perguntas durante a aula e através da correção de uma ficha formativa/quiz (ver em anexo);

Domínio das atitudes - empenho e interesse. Estes dados serão recolhidos através de grelhas de observação (em anexo).

Diferenciação pedagógica

Esta diferenciação será realizada oralmente, nas questões colocadas aos alunos e na aplicação da ficha formativa (duas versões).

Uma pergunta da ficha formativa será colocada na ficha de avaliação da disciplina.

Avaliação final

Correção da ficha formativa e grelhas de observação.

Sumário

A inserção nas redes transeuropeias.

Anexo 29 - PowerPoint utilizado na segunda aula de geografia



Ano letivo: 2012/2013
 Disciplina: **Geografia**
 Unidade: A diversidade dos modos de Transporte e a desigualdade espacial das redes
 Tema: A inserção nas redes transeuropeias
 Escola: **Colégio da Trofa**
 Turma: **11º B**
 Docente estagiário: **Luís Oliveira**


19 de abril 2013

1.3. A inserção nas redes transeuropeias



1.3. A inserção nas redes transeuropeias

O fenómeno da **globalização** das economias tem provocado um forte impacto nas exigências de transporte e de logística. Para além disso, razões de congestionamento, de ambiente e competitividade apontam para o reforço das redes de transporte a nível ibérico e europeu.



A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 3

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A nível ibérico



A nível europeu



1.3. A inserção nas redes transeuropeias

Nível Ibérico

Fig. 1

Importações/Exportações

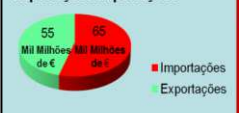


Fig. 1 Exportações Portuguesas em 2010

Fig. 2

Exportações Portuguesas




Fig. 2 Exportações Portuguesas em 2010

Fig. 3

Principais países importadores




Fig. 3 Principais países importadores

Fonte: <http://www.online24.pt/> 5

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

Nível Ibérico

O **combate à perifericidade** do território nacional terá que passar por uma estreita ligação com o território ibérico e, conseqüentemente, com o "coração" da Europa. O estabelecimento de redes ibéricas de transporte rodoviário é indispensável para o bom funcionamento da economia.



A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 6

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

Nível Ibérico



Fig. 4 Distribuição de transportes de mercadorias, segundo corredores preferenciais.
Fonte: Manual Horizontes, Porto Editora, pág. 243

A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 7

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

Nível Ibérico

Como complemento às redes rodoviárias, e de acordo com as diretrizes comunitárias, surge a necessidade de reforçar a mobilidade e a coesão territorial através do transporte ferroviário de alta velocidade.



A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 8

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

Nível Ibérico



Fig. 5 Rede Ibérica de alta velocidade
Fonte: Manual Horizontes, Porto Editora, pág. 243

A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 9

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: A PCT

O Tratado de Roma instituiu a livre circulação de pessoas e mercadorias como fatores essenciais para o funcionamento e desenvolvimento dos mercados, para o desenvolvimento económico e para o fortalecimento da coesão económica e social. Decorrente destes aspetos, o Tratado preconizou a institucionalização de uma Política Comum de Transportes (PCT)



Fig. 6 Tratado de Roma Instituído em 25 de março de 1957

A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 10

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: A PCT



Fig. 7 O Tratado de Maastricht, também conhecido como Tratado da União Europeia (TUE) foi assinado a 7 de Fevereiro de 1992 na cidade holandesa de Maastricht.

Em 1992 o Tratado de Maastricht reforçou as bases políticas, institucionais e orçamentais da PCT, bem como o conceito de rede Transeuropeia (TEN em inglês).

As redes transeuropeias permitem ligar as regiões europeias e as redes nacionais através de infraestruturas modernas e eficazes.

A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 11

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: A PCT

Quais serão os problemas que Política Comum dos Transportes tenta solucionar?

A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 12

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: A PCT

- reduzir o congestionamento de determinados eixos europeus, tais como acessos a aeroportos e centros urbanos.

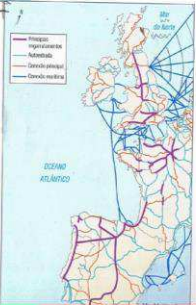


Fig. 8 Congestionamento do tráfego em alguns eixos europeus em 2001
Fonte: Manual Horizontes, Porto Editora, pág. 244

A inserção nas redes transeuropeias

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: A PCT

- Inverter a tendência do aumento dos danos causados pelo congestionamento (modo rodoviário responsável por 84% das emissões do Co2) **Ex.: Metro**




A inserção nas redes transeuropeias

Prof. Luis Oliveira 14

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: A PCT

Problemas que a PCT tenta solucionar:

- Dependência do petróleo;
- Disparidades no crescimento dos diferentes modos de transporte. (revitalizar o transporte ferroviário)




Fig. 9 Autocarro dos STCP (Porto) movido a hidrogénio
Fonte: www.stcp.pt

A inserção nas redes transeuropeias

Prof. Luis Oliveira 15

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: A PCT

Problemas que a PCT tenta solucionar:

- Combater as assimetrias geográficas nas tecnologias utilizadas, nas infraestruturas construídas, no material circulante e nas técnicas de gestão nas empresas de transporte;

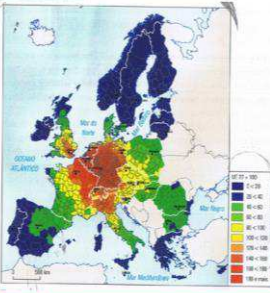


Fig. 10 Índice de acessibilidade na U.E. a 27 por modo rodoviário
Fonte: Manual Horizontes, Porto Editora, pág. 245

A inserção nas redes transeuropeias

Prof. Luis Oliveira

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: O LIVRO BRANCO

Na versão atualizada do Livro Branco são apresentadas medidas que assentam nas seguintes orientações para a PCT:

- revitalizar o caminho de ferro,
- reforçar a qualidade do transporte rodoviário;
- Promover o maior uso dos transportes marítimo e fluvial;
- conciliar o revisto crescimento do transporte aéreo com o meio ambiental

O que são os livros brancos da UE?
Os Livros Brancos publicados pela Comissão Europeia são documentos que contêm propostas de ação comunitária em domínios específicos.

A inserção nas redes transeuropeias

Prof. Luis Oliveira 17

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: O LIVRO BRANCO

Na versão atualizada do Livro Branco são apresentadas medidas que assentam nas seguintes orientações para a PCT:

- apostar no desenvolvimento da intermodalidade (combater os congestionamentos);
- desenvolver transportes urbanos de qualidade;
- desenvolver a investigação aplicada à tecnologia do transporte;

A inserção nas redes transeuropeias

Prof. Luis Oliveira 18

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: AS RTE

As Redes Transeuropeias (RTE) estão presentes em 3 setores de atividade:

RTE – Transportes (RTE – T)
 RTE – Energia (RTE – E)
 RTE – Telecomunicações



A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 19

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: AS RTE

RTE – Transportes (RTE – T)

Abrem simultaneamente, o transporte rodoviário, as vias navegáveis e os portos marítimos, bem como a rede ferroviária europeia de alta velocidade.

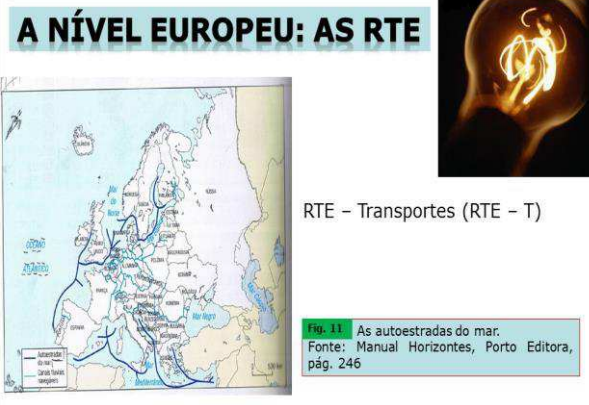
Em Portugal:
 - promover as autoestradas do mar (AEM). (Programa Marco Polo II)



A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 20

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: AS RTE



RTE – Transportes (RTE – T)

Fig. 11. As autoestradas do mar.
 Fonte: Manual Horizontes, Porto Editora, pág. 246

A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 21

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: AS RTE

RTE – Transportes (RTE – E)

Dizem respeito aos setores da eletricidade e do gás natural. Visam a criação de um mercado único de energia e de segurança dos aprovisionamentos.




Fig. 12. A rede europeia de gasodutos
 Fonte: Manual Horizontes, Porto Editora, pág. 247

A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 22

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: AS RTE

RTE – E tem por objetivo o desenvolvimento de serviços eletrónicos baseados nas redes de telecomunicações com grande destaque para os serviços públicos. A grande premissa é:

eEurope: uma sociedade de informações para todos.



Fig. 13. A rede terrestre europeia de ligação à internet.
 Fonte: Manual Horizontes, Porto Editora, pág. 247

A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 24

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: TRANSPORTES 2050

Para existir competitividade na Europa é fundamental haver ligações multimodais entre os países membros.

O roteiro «Transportes 2050» propõe-se ligar as redes rodoviárias, ferroviárias, aéreas, marítimas e fluviais da UE e ainda melhorar a mobilidade investindo em grandes infraestruturas para alterar a forma de transportar pessoas e mercadorias, estimulando assim a competitividade e criar emprego.

A inserção nas redes transeuropeias Prof. Luís Oliveira 24

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: TRANSPORTES 2050

O plano, fixa os seguintes objetivos para 2050:

- banir gradualmente das cidades os veículos a gasolina;
- deslocar para o comboio ou o barco 50% dos passageiros ou mercadorias atualmente transportados por estrada entre cidades que distem mais de 300 km entre si;
- reduzir em 40% as emissões de carbono do transporte marítimo.
- criação de sistemas inteligentes de gestão do transporte e motores mais ecológicos

A inserção nas redes transeuropeias

Prof. Luis Oliveira 25

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

A NÍVEL EUROPEU: TRANSPORTES 2050

Para existir competitividade na Europa é fundamental haver ligações multimodais entre os países membros.

**Vamos agora
visualizar
um pequeno
vídeo**



http://ec.europa.eu/news/transport/110328_pt.htm

A inserção nas redes transeuropeias

Prof. Luis Oliveira 26

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

Vamos agora fazer um exercício...



A inserção nas redes transeuropeias

Prof. Luis Oliveira 27

1.3. A inserção nas redes transeuropeias

FIM

O Prof.:
Luis Oliveira



A inserção nas redes transeuropeias

28

Anexo 30 - Ficha formativa utilizada na segunda aula de Geografia

FICHA FORMATIVA “A INSERÇÃO NAS REDES DE TRANSPORTES TRANSEUROPEIAS”	
ANO LETIVO: 2012/2013	DATA: 19/04/2013
DISCIPLINA: GEOGRAFIA TEMA: A Diversidade dos meios de Transportes e a desigualdade espacial das Redes	
PROFESSOR COOPERANTE: MÓNICA COSTEIRA	TURMA: 11º B
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: LUÍS OLIVEIRA	
Nome:	Nº:
CLASSIFICAÇÃO:	

Lê com atenção cada questão, e tenta responder com clareza.

I

1.A Figura 1 representa a percentagem de mercadorias transportadas por estrada, nos países europeus, em 2007, relativamente ao total de mercadorias transportadas pelos modos rodoviário, ferroviário e fluvial.

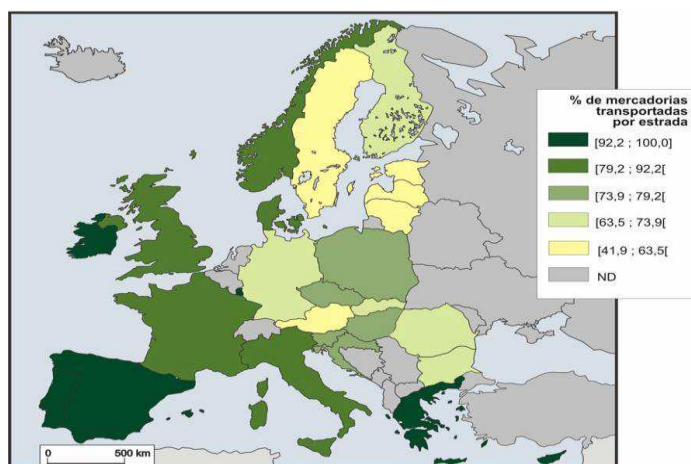


Fig 1 – Percentagem de mercadorias transportadas por estrada

Fonte: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>

Seleciona a opção correta entre as várias hipóteses fornecidas.

1.1 No transporte de mercadorias, a principal vantagem do modo rodoviário, relativamente aos outros modos de transporte, é...

- (A) O baixo custo unitário.
- (B) A grande capacidade de carga
- (C) O baixo consumo de combustível
- (D) A grande flexibilidade

1.2 Várias cidades da União Europeia, com o objetivo de reduzir o tráfego no seu interior, implementaram medidas como...

- (A) A criação de multas para quem utilizar o automóvel privado nos bairros periféricos
- (B) a oferta de transportes públicos coletivos mais eficientes
- (C) o incentivo à construção de parques de estacionamento nas áreas centrais
- (D) o apoio à utilização de veículos menos poluentes, movidos a energia solar

1.3 A política de transportes da União Europeia visa, entre outros aspetos,...

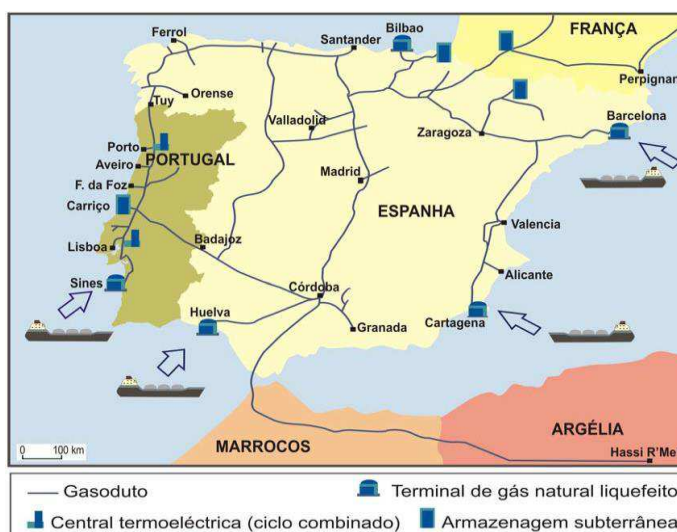
- (A) reduzir o congestionamento das infraestruturas rodoviárias e minimizar o impacto ambiental do sistema de transportes.
- (B) aumentar a importação de mercadorias transportadas por modo rodoviário e minimizar o impacto ambiental do sistema de transportes.
- (C) reduzir o congestionamento das infraestruturas rodoviárias e diminuir a quantidade de mercadorias a transportar por cada modo.
- (D) aumentar a importação de mercadorias transportadas por modo aéreo e diminuir a quantidade de mercadorias a transportar por modo ferroviário.

1.4 Na União Europeia o setor dos transportes origina cerca de 28% das emissões de dióxido de carbono. Este facto obrigou a modificações da legislação comunitária, para dar cumprimento ao estabelecido no...

- (A) Protocolo de Montreal.
- (B) Protocolo de Quioto.
- (C) Programa STAR.
- (D) Programa Polis.

2. A figura 2 mostra a rede de gasodutos na Península Ibérica.

Fig. 2 – Rede de gasodutos na Península Ibérica
Fonte: www.galpenenergia.com



2.1 A introdução do gás natural em Portugal permitiu a...

- (A) utilização de uma fonte de energia renovável.
- (B) diversificação das fontes de abastecimento de energia.
- (C) valorização de uma fonte de energia endógena.
- (D) diminuição da importação de combustíveis fósseis.

2.2 Em Portugal Continental, de acordo com a figura 2, a rede de gasodutos apresenta uma distribuição espacial que...

- (A) serve as regiões com maior concentração de população e de atividades.
- (B) coloca todo o país em condições de igualdade de acesso a rede de distribuição.
- (C) favorece o acesso das indústrias do sul do país a uma energia alternativa.
- (D) diminui a nossa dependência energética relativamente aos países do Magreb.

2.3 O porto de Sines desempenha um papel importante na rede de gasodutos portuguesa, porque...

- (A) o gás natural que importamos por via marítima abastece a rede espanhola.
- (B) grande parte do gás natural importado por Portugal chega por via marítima.
- (C) a central termoelétrica localizada junto ao porto funciona a gás natural.
- (D) possibilita o abastecimento direto de gás natural ao sul do país.

2.4 Portugal, além da aposta nas energias renováveis, deve promover uma maior eficiência energética, isto é, uma utilização mais racional da energia. Para atingir este objetivo, é importante que se...

- (A) incremente o uso de aparelhos de ar condicionado.
- (B) desloquem as indústrias que consomem mais energia.
- (C) promova a dispersão das áreas construídas.
- (D) incentive o uso do transporte público coletivo.

2.5 O setor dos transportes é o principal consumidor de energia final e aquele em que o consumo de energia mais cresceu. Para o país, este facto é...

- (A) positivo, porque o número de automóveis por habitante tem vindo a diminuir.
- (B) negativo, porque contribui para aumentar a fatura energética do país.
- (C) positivo, porque favorece a exportação de produtos agropecuários.
- (D) negativo, porque diminui a quantidade de energia disponível para os outros setores.

Anexo 31 - Correção e respetivos critérios utilizados na ficha formativa

CORREÇÃO FICHA FORMATIVA “A INSERÇÃO NAS REDES DE TRANSPORTES TRANSEUROPEIAS”	
ANO LETIVO: 2012/2013	DATA: 19/04/2013
DISCIPLINA: GEOGRAFIA TEMA: A Diversidade dos meios de Transportes e a desigualdade espacial das Redes	
PROFESSOR COOPERANTE: MÓNICA COSTEIRA	TURMA: 11º B
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: LUÍS OLIVEIRA	
Nome:	Nº:
CLASSIFICAÇÃO:	

Lê com atenção cada questão, e tenta responder com clareza

I

1.A **Figura 1** representa a percentagem de mercadorias transportadas por estrada, nos países europeus, em 2007, relativamente ao total de mercadorias transportadas pelos modos rodoviário, ferroviário e fluvial.

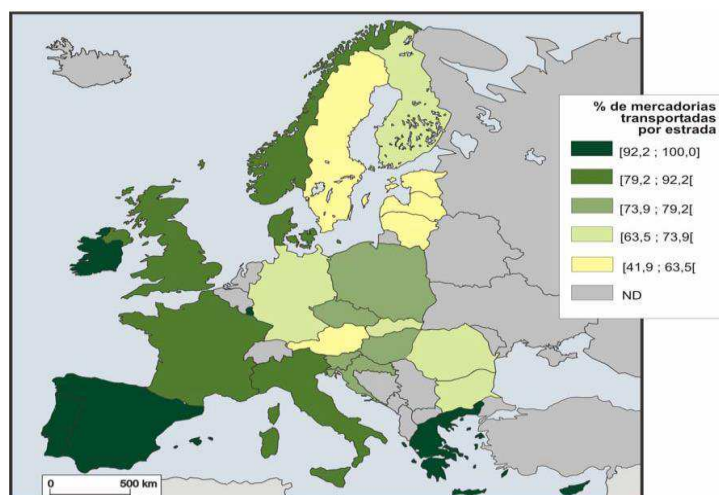


Fig 1 – Percentagem de mercadorias transportadas por estrada

Fonte: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>

Seleciona a opção correta entre as várias hipóteses fornecidas.

1.1 No transporte de mercadorias, a principal vantagem do modo rodoviário, relativamente aos outros modos de transporte, é...

- (E) O baixo custo unitário.
- (F) A grande capacidade de carga
- (G) O baixo consumo de combustível
- (H) A grande flexibilidade**

1.2 Várias cidades da União Europeia, com o objetivo de reduzirem o tráfego no seu interior, implementaram medidas como...

- (A) A criação de multas para quem utilizar o automóvel privado nos bairros periféricos
- (B) a oferta de transportes públicos coletivos mais eficientes**
- (C) o incentivo à construção de parques de estacionamento nas áreas centrais
- (D) o apoio à utilização de veículos menos poluentes, movidos a energia solar

1.3 A política de transportes da União Europeia visa, entre outros aspetos,...

- (A) aumentar o congestionamento das infraestruturas rodoviárias e minimizar o impacto ambiental do sistema de transportes.
- (B) reduzir o congestionamento das infraestruturas rodoviárias e minimizar o impacto ambiental do sistema de transportes.**
- (C) reduzir o congestionamento das infraestruturas rodoviárias e diminuir a quantidade de mercadorias a transportar por cada modo.
- (D) aumentar a importação de mercadorias transportadas por modo aéreo e diminuir a quantidade de mercadorias a transportar por modo ferroviário.

1.4 Na União Europeia o setor dos transportes origina cerca de 28% das emissões de dióxido de carbono. Este facto obrigou a modificações da legislação comunitária, para dar cumprimento ao estabelecido no...

- (A) Protocolo de Montreal.
- (B) Programa STAR
- (C) Protocolo de Quioto.**
- (D) Programa Polis.

2. A figura 2 mostra a rede de gasodutos na Península Iberica.

Fig. 2 – Rede de gasodutos na Península Iberica
 Fonte: www.galpenenergia.com



2.1 A introdução do gás natural em Portugal permitiu a...

- (A) utilização de uma fonte de energia renovável.
- (B) diversificação das fontes de abastecimento de energia.**
- (C) valorização de uma fonte de energia endógena.
- (D) diminuição da importação de combustíveis fósseis.

2.2 Em Portugal Continental, de acordo com a figura 2, a rede de gasodutos apresenta uma distribuição espacial que...

- (A) serve as regiões com maior concentração de população e de atividades.**
- (B) coloca todo o país em condições de igualdade de acesso a rede de distribuição.
- (C) favorece o acesso das indústrias do sul do país a uma energia alternativa.
- (D) diminui a nossa dependência energética relativamente aos países do Magreb.

2.3 O porto de Sines desempenha um papel importante na rede de gasodutos portuguesa, porque...

- (A) o gás natural que importamos por via marítima abastece a rede espanhola.
- (B) grande parte do gás natural importado por Portugal chega por via marítima.**
- (C) a central termoelétrica localizada junto ao porto funciona a gás natural.
- (D) possibilita o abastecimento direto de gás natural ao sul do país.

2.4 Portugal, além da aposta nas energias renováveis, deve promover uma maior eficiência energética, isto é, uma utilização mais racional da energia. Para atingir este objetivo, é importante que se...

- (A) incremente o uso de aparelhos de ar condicionado.
- (B) desloquem as indústrias que consomem mais energia.
- (C) promova a dispersão das áreas construídas.
- (D) incentive o uso do transporte público coletivo.**

2.5 O setor dos transportes é o principal consumidor de energia final e aquele em que o consumo de energia mais cresceu. Para o país, este facto é...

- (A) positivo, porque o número de automóveis por habitante tem vindo a diminuir.
- (B) negativo, porque contribui para aumentar a fatura energética do país.**
- (C) positivo, porque favorece a exportação de produtos agropecuários.
- (D) negativo, porque diminui a quantidade de energia disponível para os outros setores.

3. **Explique** o incremento do transporte marítimo proposto pela EU, considerando:

- as desvantagens do transporte rodoviário;
- As vantagens da multimodalidade

A resposta deve mencionar dois dos seguintes objetivos da política comunitária de transportes que a levam a privilegiar o transporte de mercadorias por via marítima, ou outros considerados relevantes:

- descongestionamento da rede rodoviária;
- redução das emissões de gases poluentes;
- melhoria do acesso às ilhas e aos Estados-Membros periféricos;
- redução dos custos de transporte.

4. Explique a importância que o porto de Sines poderá vir a ter, direta ou indiretamente:

- na economia regional;
- na economia internacional.

A resposta deve explicar a importância que o porto de Sines poderá vir a ter, direta ou indiretamente:

- na economia regional, destacando o impacto positivo resultante da criação de infraestruturas, como, por exemplo, as redes de transporte e as redes de distribuição de energia e de água, que, ao criarem condições para a fixação de grandes e médias empresas geram novos postos de trabalho e contribuem para melhorar o grau de desenvolvimento da região. Além dos empregos ligados diretamente ao funcionamento regular do porto e das empresas industriais, surgirão oportunidades de emprego ligadas às necessidades de aquisição de bens e de serviços complementares da atividade do porto, como, por exemplo, bancos, companhias de seguros e/ou restauração, ajudando, assim, a fixar a população residente, ou mesmo, a permitir a atração de novos trabalhadores, com eventual reflexo no crescimento da população residente;

- na economia internacional, pois permitirá, por um lado, receber matérias-primas energéticas (petróleo, carvão e gás natural), que irão diminuir a dependência energética da Europa relativamente à Rússia, e, por outro lado, a criação de reservas energéticas estratégicas, ao nível europeu. O porto de Sines poderá, ainda, contribuir para a afirmação geoeconómica do nosso país na Europa e no Mundo, dado que poderá constituir uma alternativa aos grandes portos europeus, já muito congestionados, e ser um porto que sirva as rotas marítimas alternativas às rotas do Mediterrâneo. A ligação ferroviária do porto de Sines a Sevilha-Madrid poderá

contribuir para reforçar a economia nacional, tanto ao nível regional como ao nível internacional.

Criar-se-ão, assim, condições para a internacionalização e para a globalização da economia portuguesa.

Cotações													
1.	1.1	1.2	1.3	1.4	2	2.1	2.2	2.3	2.4	2.5	3.	4	Total Valores
	10	10	10	10		10	10	10	10	10	50	60	200



BOM TRABALHO

O professor: Luís Oliveira

Critérios de correção

Grupo 1 e 2.

90 pontos

As perguntas de escolha múltipla do grupo 1 e do grupo 2. Serão corrigidas da seguinte maneira:

- 1 – Escolha da opção correta: 10 valores
 2 – Escolha de outra opção que não a correta: 0 valores

Níveis	Descritores
3	Composição bem estruturada, sem erros de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia, ou com erros esporádicos, cuja gravidade não implique perda de inteligibilidade e/ou de sentido.
2	Composição razoavelmente estruturada, com alguns erros de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia, cuja gravidade não implique perda de inteligibilidade e/ou de sentido.
1	Composição sem estruturação aparente, com erros graves de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia, cuja gravidade implique perda frequente de inteligibilidade e/ou de sentido.

3.**40 pontos**

Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina		Pontuação	
Níveis	2	A resposta deve mencionar dois dos seguintes objetivos da política comunitária de transportes que a levam a privilegiar o transporte de mercadorias por via marítima, ou outros considerados relevantes: <ul style="list-style-type: none"> • descongestionamento da rede rodoviária, sobretudo na parte continental da chamada «banana europeia»; • redução das emissões de gases poluentes; • melhoria do acesso às ilhas e aos Estados-Membros periféricos; • redução dos custos de transporte. 	25
	1	Menciona um objetivo correto e o outro incorreto, mas que não contradiz o correto. OU Menciona um objetivo correto.	25

4.....60 pontos

Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa		Níveis*			
		1	2	3	
Níveis**	5	<p>A resposta deve explicar a importância que o porto de Sines poderá vir a ter, direta ou indiretamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> na economia regional, destacando o impacto positivo resultante da criação de infraestruturas, como, por exemplo, as redes de transporte e as redes de distribuição de energia e de água, que, ao criarem condições para a fixação de grandes e médias empresas geram novos postos de trabalho e contribuem para melhorar o grau de desenvolvimento da região. Além dos empregos ligados diretamente ao funcionamento regular do porto e das empresas industriais, surgirão oportunidades de emprego ligadas às necessidades de aquisição de bens e de serviços complementares da atividade do porto, como, por exemplo, bancos, companhias de seguros e/ou restauração, ajudando, assim, a fixar a população residente, ou mesmo, a permitir a atração de novos trabalhadores, com eventual reflexo no crescimento da população residente; na economia internacional, pois permitirá, por um lado, receber matérias-primas energéticas (petróleo, carvão e gás natural), que irão diminuir a dependência energética da Europa relativamente à Rússia, e, por outro lado, a criação de reservas energéticas estratégicas, ao nível europeu. O porto de Sines poderá, ainda, contribuir para a afirmação geo-económica do nosso país na Europa e no Mundo, dado que poderá constituir uma alternativa aos grandes portos europeus, já muito congestionados, e ser um porto que sirva as rotas marítimas alternativas às rotas do Mediterrâneo. A ligação ferro-rodoviária do porto de Sines a Sevilha-Madrid poderá contribuir para reforçar a economia nacional, tanto ao nível regional como ao nível internacional. Criar-se-ão, assim, condições para a internacionalização e para a globalização da economia portuguesa. 	52	56	60
	4	<p>Explica a importância que o porto de Sines poderá vir a ter, recorrendo aos dois pontos considerados de forma menos completa, em termos de conteúdo.</p> <p style="text-align: center;">OU</p> <p>Explica a importância que o porto de Sines poderá vir a ter, recorrendo a um dos pontos considerados de forma completa, em termos de conteúdo, e referindo o outro.</p>	40	44	48
	3	<p>Explica a importância que o porto de Sines poderá vir a ter, recorrendo a um dos pontos considerados de forma completa, em termos de conteúdo.</p>	28	32	36
	2	<p>Explica a importância que o porto de Sines poderá vir a ter, recorrendo a um dos pontos considerados de forma menos completa, em termos de conteúdo.</p> <p style="text-align: center;">OU</p> <p>Refere os dois pontos considerados.</p>	16	20	24
	1	<p>Refere apenas um dos pontos considerados.</p>	4	8	12

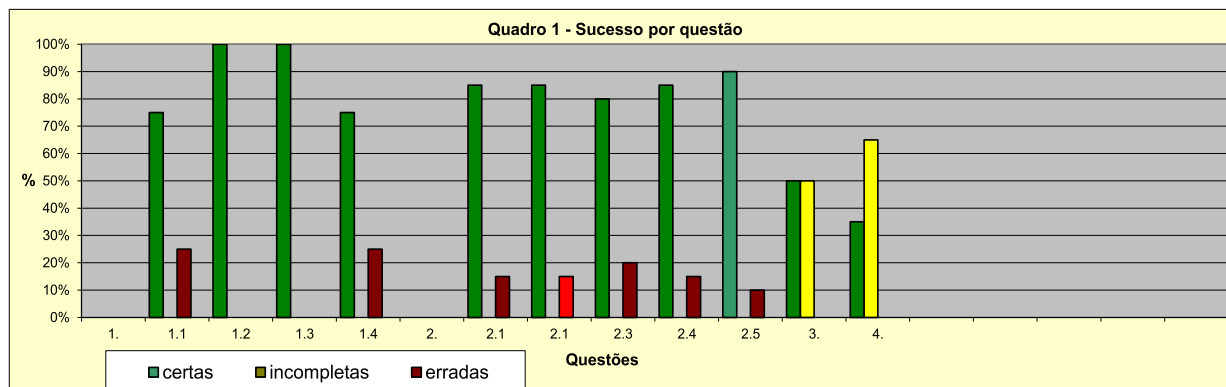
Anexo 32 – Resultados da ficha formativa

Grelha de avaliação Ficha Formativa11º B			
Escola	Turma	N.º de alunos	Data
Colégio da Trofa	B	20	19-04-2013

Questões nº	1.	1.1	1.2	1.3	1.4	2.	2.1	2.1	2.3	2.4	2.5	3.	4.					Total
Cotação		10,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	50,00	60,00					200,00

Alunos																			
1		10,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	50,00	20,00						160,00
2		10,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	0,00	10,00	10,00	30,00	50,00						160,00
3		10,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	50,00	60,00						200,00
4		10,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	60,00						160,00
5		10,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	10,00	0,00	10,00	50,00	30,00						160,00
6		0,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	35,00	20,00						135,00
7		10,00	10,00	10,00	10,00		10,00	0,00	10,00	10,00	10,00	50,00	10,00						140,00
8		10,00	10,00	10,00	0,00		10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	50,00	60,00						190,00
9		10,00	10,00	10,00	10,00		0,00	10,00	10,00	10,00	0,00	30,00	55,00						155,00
10		0,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	50,00	20,00						150,00
11		10,00	10,00	10,00	0,00		10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	25,00	20,00						125,00
12		0,00	10,00	10,00	10,00		0,00	10,00	10,00	10,00	10,00	35,00	40,00						145,00
13		0,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	0,00	10,00	10,00	50,00	60,00						180,00
14		10,00	10,00	10,00	0,00		10,00	10,00	0,00	10,00	10,00	12,50	60,00						142,50
15		0,00	10,00	10,00	10,00		10,00	0,00	10,00	10,00	10,00	40,00	60,00						170,00
16		10,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	40,00	15,00						145,00
17		10,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	10,00	0,00	10,00	12,50	60,00						152,50
18		10,00	10,00	10,00	0,00		0,00	0,00	10,00	10,00	10,00	50,00	30,00						140,00
19		10,00	10,00	10,00	0,00		10,00	10,00	0,00	10,00	10,00	50,00	30,00						150,00
20		10,00	10,00	10,00	10,00		10,00	10,00	10,00	0,00	0,00	50,00	25,00						145,00
																			0,00

Respostas Certas		75%	100%	100%	75%		85%	85%	80%	85%	90%	50%	35%						
Respostas Incompletas		0%	0%	0%	0%		0%	0%	0%	0%	0%	50%	65%						
Resp Erradas/Não dadas		25%	0%	0%	25%		15%	15%	20%	15%	10%	0%	0%						



Anexo 33 – Grelha de observação de sala de aula

Data:19/04/2013		Indicadores comportamentais e atitudinais			
11º B Alunos	Pontualidade/Assiduidade	Apresentação e conservação do material	Respeito pelo professor e pelos colegas	Adequação da participação	
1	5	5	5	5	
2	5	4	5	5	
3	5	5	5	5	
4	3	5	5	4	
5	5	5	5	5	
6	4	4	5	5	
7	5	5	5	5	
8	5	5	5	5	
9	5	4	3	5	
10	3	5	4	5	
11	4	4	3	4	
12	3	5	5	5	
13	4	5	3	5	
14	5	5	5	5	
15	5	5	3	5	
16	5	5	5	5	
17	3	5	4	5	
18	5	5	5	5	
19	4	4	5	5	
20	5	5	5	5	

As cores apresentadas correspondem aos seguintes níveis:

Insuficiente

Suficiente

Bom

Muito Bom

Anexo 34 – Ata da Reunião pós segunda aula observada de Geografia**Ata número dois**

----- Aos dezanove dias do mês de abril de dois mil e treze, pelas dezassete horas reuniu o núcleo de estágio de História e Geografia, no âmbito do mestrado em ensino da História e da Geografia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, do Colégio da Trofa, na reunião de observação e avaliação da regência de geografia do professor estagiário Alfredo Almeida, sob a presidência da respetiva orientadora cooperante, com a presença dos seguintes elementos:-----

INTERVENIENTES	NOME	ASSINATURAS
Orientador cooperante	Mónica Costeira	
Professor estagiário	Luís Oliveira	
Professor estagiário	José Luís Oliveira	

----- Verificada a presença de todos os elementos, deu-se início à reunião com a apresentação da seguinte ordem de trabalhos: reflexão e avaliação da aula lecionada pelo professor em formação. -----

----- O estagiário Luís oliveira procedeu à reflexão crítica da sua aula de regência na turma B do décimo primeiro ano de escolaridade do Ensino Secundário, sobre as vantagens e desvantagens dos transportes.-----

----- O professor estagiário José Luís considerou que a aula foi bem conseguida e o plano de aula foi cumprido. Destaca como aspetos positivos a seleção dos documentos apresentados e a motivação da aula que captou a atenção dos alunos. Referiu que a aula foi lecionada de forma coerente com os objetivos propostos, cumprindo o plano e recursos definidos. Considerou muito positiva a estratégia adotada para a motivação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.-----

----- A orientadora cooperante, Mónica Costeira, referiu que se tratou de uma aula muito bem estruturada. Com efeito, A professora cooperante começou por destacar a rigorosa seleção dos documentos apresentados, bem como a

excelente qualidade gráfica do powerpoint. Apesar do diaporama ser bastante extenso, não impossibilitou o professor de efetuar a leitura e interpretação profunda dos documentos apresentados, tendo incentivado a participação espontânea dos alunos. Destaca-se particularmente a utilização de curiosidades que despertaram a sua atenção, como por exemplo, notícia da limitação de veículos no centro de Londres, bem como a informação relacionada com os autocarros movidos a hidrogénio no Porto.-----

----- Para além destes documentos, destacam-se as outras estratégias utilizadas pelo professor que tiveram o mesmo efeito motivador nos alunos, nomeadamente o vídeo apresentado.-----

----- A forma como o professor iniciou a aula foi outro dos aspetos a reter. Com efeito, a recuperação oral dos temas abordados anteriormente permitiu-lhes efetuar a ponte com os temas da presente aula, o que foi muito positivo para uma aprendizagem que se pretenda verdadeiramente significativa.-----

----- A professora cooperante referiu ainda que o professor estagiário Luís Oliveira demonstrou domínio dos conteúdos abordados, reorientando a sua prática em função das intervenções dos alunos, de uma forma natural e espontânea. A comunicação decorreu ainda de forma clara, correta e eficaz com os alunos.-----

----- Mais uma vez a professora Mónica destacou a preocupação na utilizar exercícios com a tipologia de exame nacional, seguindo as orientações do Ministério da Educação.-----

----- À semelhança da aula anterior, apresentou uma linha concetual bem planificada, com os momentos didáticos bem delineados.-----

----- E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada nos termos da lei. -----

O Secretário: _____

O Presidente / Orientador Cooperante: _____

Visto em: ____ / ____ / ____

Anexo 35 - Alguns dos materiais utilizados na Exposição “Semana da Europa”



Cartaz utilizado para promover a exposição



Exemplar de um certificado de participação



Panfleto utilizado para promover a exposição

Anexo 36 - Parte do PeddyPaper utilizado na exposição

Dia da Europa 2013

Dia da Europa 2013

CONCURSO EUROPA SEM

CONCURSO EUROPA SEM

BARREIRAS



BARREIRAS



NOME

NOME

Nº _____ Ano _____ Turma _____

Nº _____ Ano _____ Turma _____

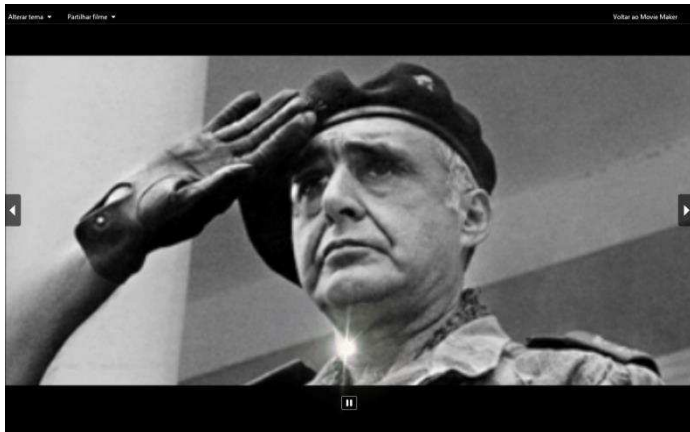
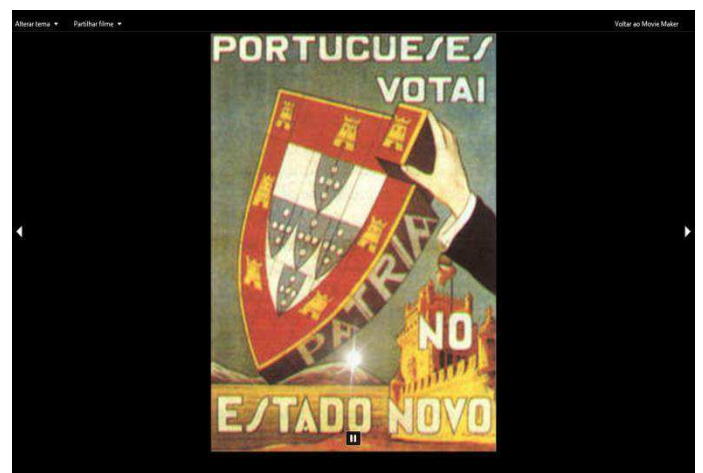
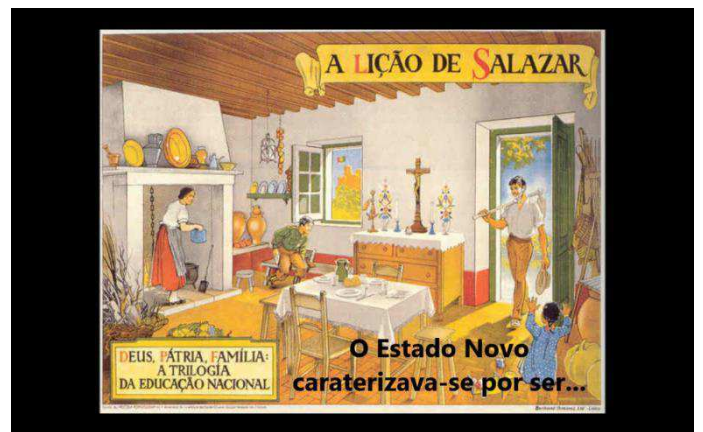
QUESTÕES	RESPOSTAS
1. Refere quantos habitantes tem Portugal.	
2. Quais são as cores da bandeira da República Checa.	
3. Menciona a que países pertencem as Bandeiras que se encontram na portaria.	
4. Descobre duas características de cada um desses países que identificaste na portaria.	
5. Indica o nome dos países que entraram na UE em 2004.	
6. Refere o nome da capital da Roménia.	
7. Menciona o nome do Tratado que fundou a CEE.	
8. Indica em que ano Portugal aderiu a esta comunidade.	
9. Refere o nome de dois países europeus que não façam parte da UE.	

QUESTÕES	RESPOSTAS
1. Refere quantos habitantes tem Portugal.	
2. Quais são as cores da bandeira da República Checa.	
3. Menciona a que países pertencem as Bandeiras que se encontram na portaria.	
4. Descobre duas características de cada um desses países que identificaste na portaria.	
5. Indica o nome dos países que entraram na UE em 2004.	
6. Refere o nome da capital da Roménia.	
7. Menciona o nome do Tratado que fundou a CEE.	
8. Indica em que ano Portugal aderiu a esta comunidade.	
9. Refere o nome de dois países europeus que não façam parte da UE.	

Anexo 37 - Fotos tiradas num dos dias da exposição



Anexo 38 - Imagens do documentário editado pelos estagiários e exibido no âmbito do 25 de abril.



Anexo 39 - Teste de Avaliação Sumativa de História

	HISTÓRIA	
	TESTE DE AVALIAÇÃO	– 9º ANO
ALUNO: _____ Nº _____ Data: 2013 - 05 - 21		

1. Lê com atenção o documento 1.**Carta das Nações Unidas**

Nós, os povos das Nações Unidas, decididos a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra que por duas vezes, no espaço de uma vida humana, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade; a reafirmar a nossa fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres, assim como das nações, grandes e pequenas (...)

1.1. Refere os objetivos que presidiram à fundação da ONU.

1.2. Indica três instituições especializadas da ONU.

1. Presta atenção aos documentos 2 e 3 e à Imagem 1

2. Alarmado com a perspetiva da expansão do comunismo à Europa Ocidental, perante o panorama de destruição e miséria oferecido pelo Velho Continente e também preocupado com as repercussões negativas desta situação na economia americana, o secretário de estado G. Marshall, apresentou uma proposta de solução: o Plano Marshall.

Luís Maria Graça, Nótulas de História Geral contemporânea, Universidade

Imagem 1: O Plano Marshall

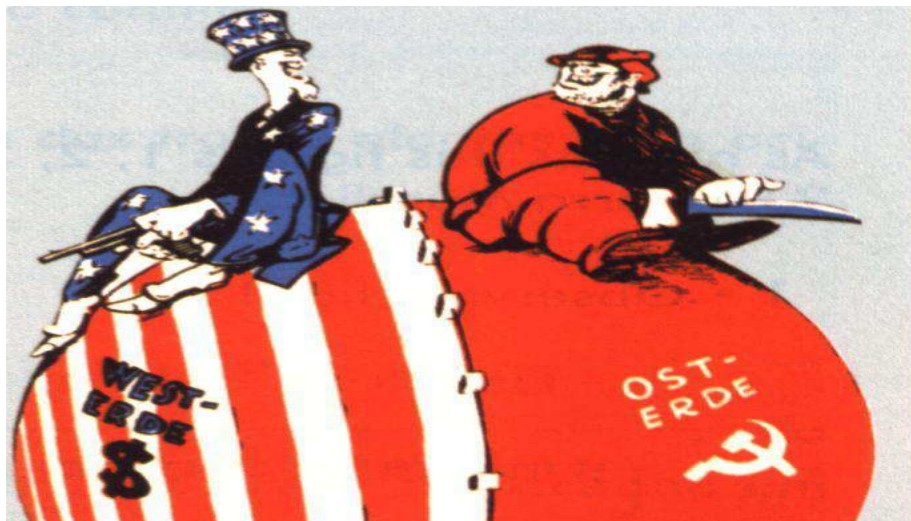
LEGENDA: Reconstrução de edifícios em Berlim com o financiamento do Plano Marshall, como se pode ver no cartaz da foto.



3. A nossa política não está dirigida contra nenhum país ou doutrina, mas sim contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos. O seu objetivo deverá ser o restabelecimento de uma economia mundial sã, de forma a permitir a reinstituição de condições políticas e sociais, com base nos quais possam existir instituições livres(...) Quem tentar bloquear a reconstrução de outros países não pode esperar ajuda.

2.1. Fazendo referência aos autores e respectivos textos das fontes 2 e 3, refere quais eram os principais objetivos do plano Marshall?

3. Observa a Imagem 2.



O mundo durante a Guerra Fria

3.1. Identifica os dois grandes blocos criados no pós-guerra.

3.2. Expõe as principais ideias defendidas por cada um dos blocos que se defrontaram durante a Guerra Fria.

3.3. Refere os principais momentos em que a paz esteve ameaçada durante a Guerra Fria.

4. Observa a imagem 3 e lê o documento 4.



Na luta justa que estalou, desejamos combater segundo o costume antigo. Que se lute com palavras, que só se combata com palavras.

Mahatma Gandhi

4.1. Integra os movimentos de descolonização no contexto político do pós-2ª guerra Mundial.

4.2. Distingue as diferentes formas dos processos de descolonização.

5. Atenta no documento 5 e na tabela 1

Documento 5

O poderio económico americano

A indústria americana produz sozinha duas vezes mais que as indústrias europeias no seu conjunto (Mercado Comum e Grã-Bretanha). Esta capacidade de produção é duas vezes e meia superior à União Soviética

Servan Schreiber, «O desafio americano», em 1967

Tabela 1

Produto Nacional Bruto dos EUA

Ano	Dólares (milhares de milhões)
1945	213,6
1950	284,8
1955	398
1960	503,7
1965	684,9
1970	977,1

Entre o final da II Guerra Mundial e a década de 1970, a economia americana conheceu um crescimento em todos os setores de atividade.

5.1. O crescimento da economia americana baseou-se em vários fatores. Identifica-os e explica-os.

6. Assinala com um V as afirmações verdadeiras e com um F as afirmações falsas sobre “a rápida recuperação do Japão”.

- _____ No final da 2ª Guerra Mundial o Japão foi dividido e ocupado pelos 3 vencedores.
- _____ O Japão beneficiou de um processo de democratização após perder a guerra.
- _____ Os EUA implementaram o Plano Marshall para auxiliar economicamente o Japão.
- _____ A mão de obra japonesa era numerosa, disciplinada e dedicada ao trabalho.
- _____ O milagre japonês resultou do desenvolvimento do setor primário da economia.
- _____ A indústria automóvel e a robótica foram setores-chave na rápida recuperação do Japão no pós guerra.

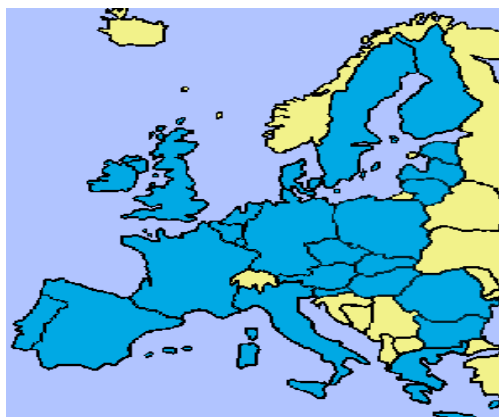
7. Lê atentamente o documento 6 e observa o mapa 1.

A construção europeia

As provações comuns de invasões e ocupações, as ruínas causadas pelos bombardeamentos e pelos combates, a divisão da Europa devida aos acordos de falta, a ameaça do império estalinista, a dependência absoluta em relação aos créditos americanos para iniciar a obra de reconstrução, todos estes elementos contribuíram, no período que se seguiu à 2ª Guerra Mundial, para aproximar os países da Europa Ocidental e para os levar a procurar meios de conseguirem uma cooperação orgânica, nos domínios económico, militar e político.

Miche Mourre, *Dicionário de História Universal*, vol. 1 art.
«Europeias», ASA, 1998

A Europa dos 27



7.1. Identifica, no documento 4, os motivos que estiveram na origem da formação de uma Europa unida.

7.2. Refere a data de adesão de Portugal à União Europeiaia.

8. Observa a imagem 4 e lê o documento 7.



Promessas de abertura do regime

Em 5 de outubro de 1945 é publicado um decreto que dissolve a Assembleia Nacional e marca novas eleições de deputados para o dia 19 de dezembro. (...) Anuncia uma liberdade de imprensa suficiente para que possam ser apreciados sem restrição os atos do Governo”, promete amnistia para crimes políticos e afirma que será defendida a liberdade efetiva dos cidadão contra prisões arbitrárias. Ao mesmo tempo, previne que a solução ao regresso do governo dos partidos políticos esteja fora de causa. Mas prevê as candidaturas da oposição.

8.1. Refere os principais momentos de oposição política ao Estado Novo.

8.2. Como explicas que, apesar do entusiasmo popular evidenciado na imagem 4, a oposição não conseguisse eleger os seus candidatos?

Boa Sorte e Bom Trabalho!!!

Anexo 40 – Classificações obtidas no Teste Sumativo de História (9ºB)

Pergunta	1.1	1.2.	2.1.	3.1.	3.2.	3.3.	4.1.	4.2.	5.1.	6.	7.1.	7.2.	8.1.	8.2.	
Aluno/Cotação	8	3	10	6	12	8	10	6	8	6	8	3	6	6	Total
1	8	3	10	6	12	6	10	6	8	6	3	3	6	5	92
3	8	3	10	6	12	8	9	6	6	5	5	3	6	2	90
4	4	0	4	6	8	6	10	6	0	5	3	0	0	4	52
5	8	3	8	6	6	6	10	6	0	4	0	3	0	0	60
6	7	0	7	6	2	2	0	0	2	6	2	3	0	4	41
7	8	3	10	6	12	7	10	6	8	5	8	3	6	6	98
8	8	3	10	6	12	6	10	6	3	4	6	3	6	5	88
9	8	3	10	6	12	8	10	6	8	6	8	3	6	6	100
10	4	3	10	6	12	6	8	6	3	6	3	0	4	4	75
11	5	3	8	6	11	7	10	6	6	4	5	3	6	4	84
12	6	3	7	6	7	6	0	0	8	4	2	3	0	2	54
13	8	3	6	5	2	5	0	2	0	6	4	3	2	4	52
14	8	1	8	6	12	0	0	6	0	4	2	3	0	0	51
15	8	3	8	4	6	5	7	6	5	3	3	3	4	5	70
16	6	3	10	6	10	6	10	6	2	5	4	3	6	6	83
17	4	1	10	6	6	5	7	6	6	6	4	3	2	5	72
18	8	3	10	4	12	8	10	5	8	6	7	3	6	5	95
19	6	3	6	6	5	4	4	6	2	5	2	3	0	0	52
20	8	0	5	6	9	6	3	6	2	4	4	0	6	4	65

Anexo 41 - Teste de Avaliação Sumativa de Geografia

Teste de avaliação

Geografia A 11º ano

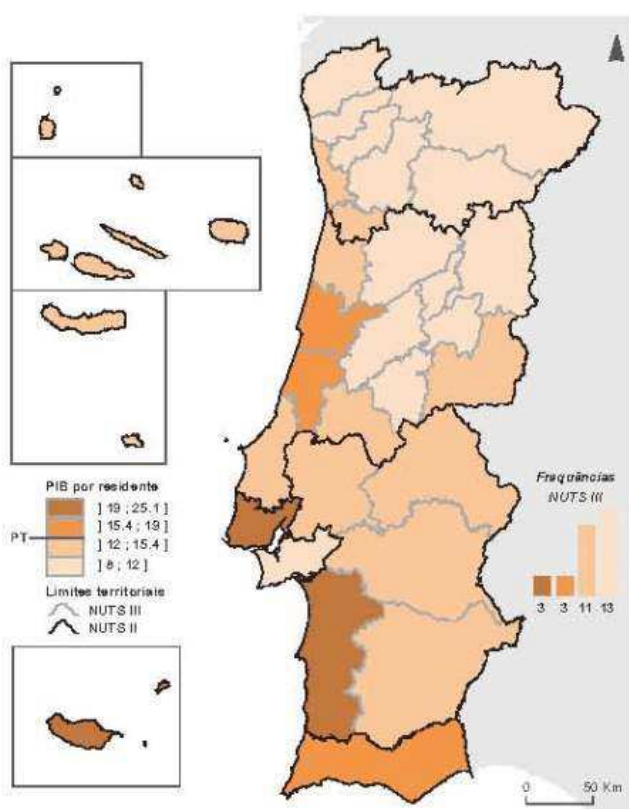


Ano letivo 2012 – 2013

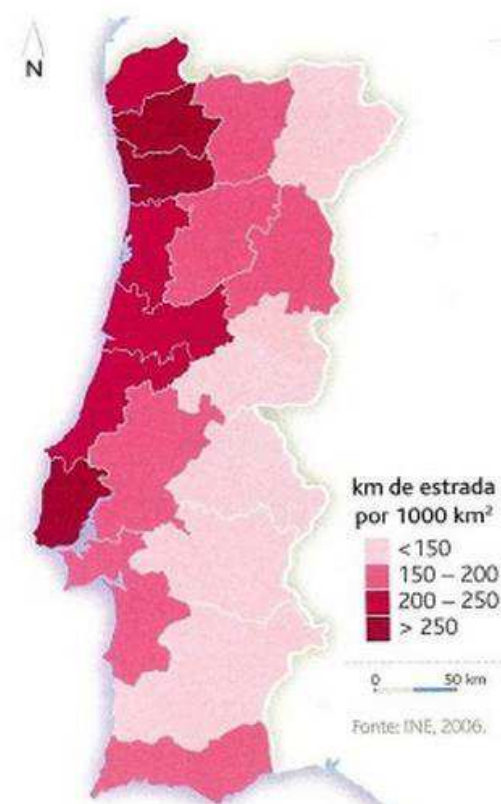
17 de maio de 2013

GRUPO I

1. Observe atentamente os documentos 1 e 2.



Doc. 1 PIB per capita



Doc. 2 Densidade de estradas

1.1 Caraterize, partir do mapa 1, a densidade da rede rodoviária.

1.2 A partir dos mapas 1 e 2, estabeleça a comparação entre a densidade da rede rodoviária e o PIB per capita.

GRUPO II**2. O transporte marítimo reveste-se de múltiplas potencialidades para o desenvolvimento do nosso país.**

1.1.Explique o incremento do transporte marítimo proposto pela UE, considerando:

- as desvantagens do transporte rodoviário;
- as vantagens da multimodalidade.

2.2 Explícite a importância que o porto de Sines poderá vir a ter, direta ou indiretamente:

- na economia regional;
- na economia internacional.

BOM TRABALHO!

QUESTÕES	COTAÇÃO
Grupo I	
1.	10 pontos
2.	10 pontos
Grupo II	
1.	14 pontos
2.	14 pontos
Total	48 pontos

Anexo 42 – Classificações obtidas no Teste de Avaliação Sumativo de Geografia



DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Correcção do teste 5-11ºB - MINI TESTE

Questão	1	2	1	2										Total
Cotação	10	10	14	14										48
Alunos														
1	10	8	8	6										32
2	6	8	8	6										28
3	4	8	10	12										34
4	8	8	12	10										38
5	4	8	6	6										24
6	10	8	10	10										38
7	4	8	6	4										22
9	10	0	4	8										22
10	7	8	10	6										31
12	8	6	10	10										34
13	6	8	12	14										40
14	4	5	10	10										29
15	6	8	10	10										34
16	2	8	4	4										18
17	7	8	10	6										31
18	8	8	10	10										36

Anexo 43 - Questionário de História aplicado a duas turmas**QUESTIONÁRIO**

Caro (a) aluno (a),

somos uma Equipa do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense e pretendemos obter indicadores sobre metodologias de ensino que os alunos de História (3.º ciclo e secundário) mais valorizam no contexto das suas aprendizagens. Pedimos a tua colaboração através do preenchimento do questionário que se segue. Não há respostas corretas ou incorretas, todas são válidas, desde que traduzam a tua forma de pensar e de agir. Toda a informação fornecida é estritamente confidencial, não sendo possível fazer a tua identificação individual. Todavia, caso estejas interessado, serás informado sobre os resultados alcançados.

Desde já agradecemos a tua disponibilidade e colaboração.

PARTE I – CARATERIZAÇÃO PESSOAL

1 – Idade anos

2 – Sexo:

▪ Feminino

▪ Masculino

3- Frequentas que ano de escolaridade?

7º ano de escolaridade

10º ano de escolaridade

8º ano de escolaridade

11º ano de escolaridade

9º ano de escolaridade

12º ano de escolaridade

4 – Agregado Familiar

Parentesco	Idade	Habilitação académica	Profissão	Empregado ou Desempregado
Pai				
Mãe				
Outros (Quem?)				

Com quem vives? _____

5 – Percurso Escolar (Assinala com um x e, depois, responde brevemente)

	Sim	Não	
Ficaste retido algum ano?			Qual(is)?
Estudas História todos os dias?			Quanto tempo?
Estudas habitualmente em casa?			Em que local?
Alguém te ajuda a estudar?			Quem?
Tiveste negativas no ano anterior?			Em que disciplina(s)?
Tiveste notas muito boas no ano anterior?			Indica quais e que notas tiraste.

PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS NO ENSINO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA**6. Gostas de História?**

Sim (responde às questões 6.1 e 6.2) Não (responde às questões 6.3 e 6.4)

6.1. Gosto de História porque: (seleciona três opções)

- Descubro temas de interesse atual
 - Valorizo o que aconteceu no passado
 - Compreendo melhor a presença de alguns monumentos na nossa região
 - Conheço homens e mulheres importantes
 - Gosto de conhecer o quotidiano dos Homens da História
 - Consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente
 - Gosto de batalhas e das suas descrições
 - A história faz-me pensar
 - Gosto de ler documentos antigos
- Outras quais?
-

6.2. Que temas de História te despertam mais interesse: (seleciona três opções)

- Pré-história e arqueologia
- Sociedades recolectoras
- Civilização greco-romana
- Idade Média
- Renascimento
- Temas de arte
- Descobrimientos
- Liberalismo

- Revolução Industrial
Outros, quais?

6.3. Não gosto de História porque: **(seleciona três opções)**

- Os temas abordados não são interessantes
 Não valorizo o passado
 Não me interessa conhecer o quotidiano dos Homens da História
 Os temas são muito teóricos e pouco úteis
 Não consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente
 Não gosto de batalhas e das suas descrições
 A história obriga a muita memorização
 Não gosto de ler documentos antigos
 Outras quais?

6.4. Que temas de História gostas menos: **(seleciona três opções)**

- Pré-história e arqueologia
 Sociedades recolectoras
 Civilização greco-romana
 Idade Média
 Renascimento
 Temas de arte
 Descobrimientos
 Liberalismo
 Revolução Industrial
 Outros, quais?

7. Com base nas aulas do teu professor de História , preenche a seguinte tabela.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas	Muitas vezes
▪ Já desenhaste e analisaste mapas?				
▪ Já tocaste em objetos arqueológicos?				
▪ Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?				
▪ Realizas trabalhos individuais de pesquisa?				
▪ Costumas fazer a análise de documentos?				
▪ Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias?				
▪ Já trabalhaste em grupo?				

▪ Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.?				
▪ Fazes representações teatrais na sala de aula?				
▪ É habitual veres imagens/ objetos antigos?				
▪ Discutes assuntos nas aulas?				
▪ Realizas debates à volta de uma mesa?				
▪ Já descreveste a vida de personalidades?				
▪ Já fizestes um trabalho com professores de várias disciplinas?				
▪ Já elaboraste e analisaste gráficos?				
▪ Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?				
▪ Já construístes um dicionário de conceitos/ glossário?				
▪ É habitual fazeres resumos?				
▪ Já fizeste visitas de estudo através da internet?				
▪ Já elaborastes trabalhos usando as tecnologias?				
▪ O professor costuma expor a matéria?				
▪ Fazes <i>Portfolio</i> ?				
▪ <i>O teu professor anota as tuas ideias no quadro?</i>				
▪ Fazes trabalhos com um objetivo específico?				
▪ Resolves situações-problema?				
▪ Já simulaste situações históricas?				
▪ Constróis esquemas?				
▪ <i>Recebes convidados nas tuas aulas?</i>				
▪ Participas em conferências sobre temas?				

8. O professor usa tecnologias na sala de aula?

Sim

Não

8.1. Se sim, quais?

PowerPoint

Internet

Quiz

Webquest

Prezi

Outras? Quais? _____

Obrigada pela tua colaboração e disponibilidade.

Anexo 44 - Questionário de Geografia aplicado a três turmas**QUESTIONÁRIO**

Caro (a) aluno (a),

somos uma Equipa do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense e pretendemos obter indicadores sobre metodologias de ensino que os alunos de Geografia (3.º ciclo e secundário) mais valorizam no contexto das suas aprendizagens. Pedimos a tua colaboração através do preenchimento do questionário que se segue. Não há respostas corretas ou incorretas, todas são válidas, desde que traduzam a tua forma de pensar e de agir. Toda a informação fornecida é estritamente confidencial, não sendo possível fazer a tua identificação individual. Todavia, caso estejas interessado, serás informado sobre os resultados alcançados.

Desde já agradecemos a tua disponibilidade e colaboração.

PARTE I – CARATERIZAÇÃO PESSOAL

1 – Idade anos

2 – Sexo:

▪ Feminino

▪ Masculino

3- Frequentas que ano de escolaridade?

7º ano de escolaridade

10º ano de escolaridade

8º ano de escolaridade

11º ano de escolaridade

9º ano de escolaridade

12º ano de escolaridade

4 – Agregado Familiar

Parentesco	Idade	Habilitação académica	Profissão	Empregado ou Desempregado
Pai				
Mãe				
Outros (Quem?)				

Com quem vives? _____

5 – Percorso Escolar (Assinala com um x e, depois, responde brevemente)

	Sim	Não	
Ficaste retido algum ano?			Qual(is)?
Estudas Geografia todos os dias?			Quanto tempo?
Estudas habitualmente em casa?			Em que local?
Alguém te ajuda a estudar?			Quem?
Tiveste negativas no ano anterior?			Em que disciplina(s)?
Tiveste notas muito boas no ano anterior?			Indica quais e que notas tiraste.

PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS NO ENSINO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

6. Gostas de Geografia?

Sim (responde às questões 6.1 e 6.3) Não (responde às questões 6.2 e 6.3)

6.1. Gosto de Geografia porque: (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo **1 o de maior concordância** e o algarismo **4 o de menor concordância**)

- Descubro temas de interesse atual
 - Valorizo o que acontece a nível local, regional e no mundo
 - Conheço melhor o espaço físico e natural
 - Compreendo melhor a relação entre o Homem e o Meio
- Outras quais?

6.2. Não gosto de Geografia porque: (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo **1 o de maior concordância** e o algarismo **4 o de menor concordância**)

- Os temas abordados não são interessantes
 - Os temas são muito abstratos e pouco úteis
 - Não gosto de analisar e construir gráficos e mapas
 - Tem alguma Matemática
- Outras quais?

6.3. Que temas de Geografia te despertam mais interesse: (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo **1 o de maior concordância** e o algarismo **8 o de menor concordância**)

- Relevo
- Clima e estado do tempo
- Rios
- Vegetação

- Cidades
 - População
 - Agricultura e pescas
 - Ambiente e Recursos Naturais
- Outros, quais?

7. Com base nas aulas do teu professor de Geografia , preenche a seguinte tabela.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas	Muitas vezes
▪ Já desenhaste e analisaste mapas?				
▪ Já desenhaste e analisaste gráficos?				
▪ Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?				
▪ Realizas trabalhos individuais de pesquisa?				
▪ Já trabalhaste em grupo?				
▪ Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?				
▪ Discutes assuntos nas aulas?				
▪ Realizas debates à volta de uma mesa?				
▪ Já fizestes um trabalho com professores de várias disciplinas?				
▪ Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?				
▪ É habitual fazeres resumos?				
▪ Já fizeste visitas de estudo através da internet?				
▪ Já elaborastes trabalhos usando as tecnologias?				
▪ O professor costuma expor a matéria?				
▪ Fazes <i>Portfolio</i> ?				
▪ <i>O teu professor anota as tuas ideias no quadro?</i>				
▪ Fazes trabalhos com um objetivo específico?				
▪ Resolves situações-problema?				
▪ Já saídas de campo?				
▪ Constróis esquemas?				
▪ <i>Recebes convidados nas tuas aulas?</i>				
▪ Participas em conferências sobre temas?				

8. O professor usa tecnologias na sala de aula?

Sim

Não

8.1. Se sim, quais?

PowerPoint

Internet

Quiz

Webquest

Prezi

Outras? Quais? _____

Obrigada pela tua colaboração e disponibilidade.